"Os Vingadores encontram The Walking Dead, em uma batalha épica."

Ernest Cline, autor do best-seller *Jogador nº 1*.

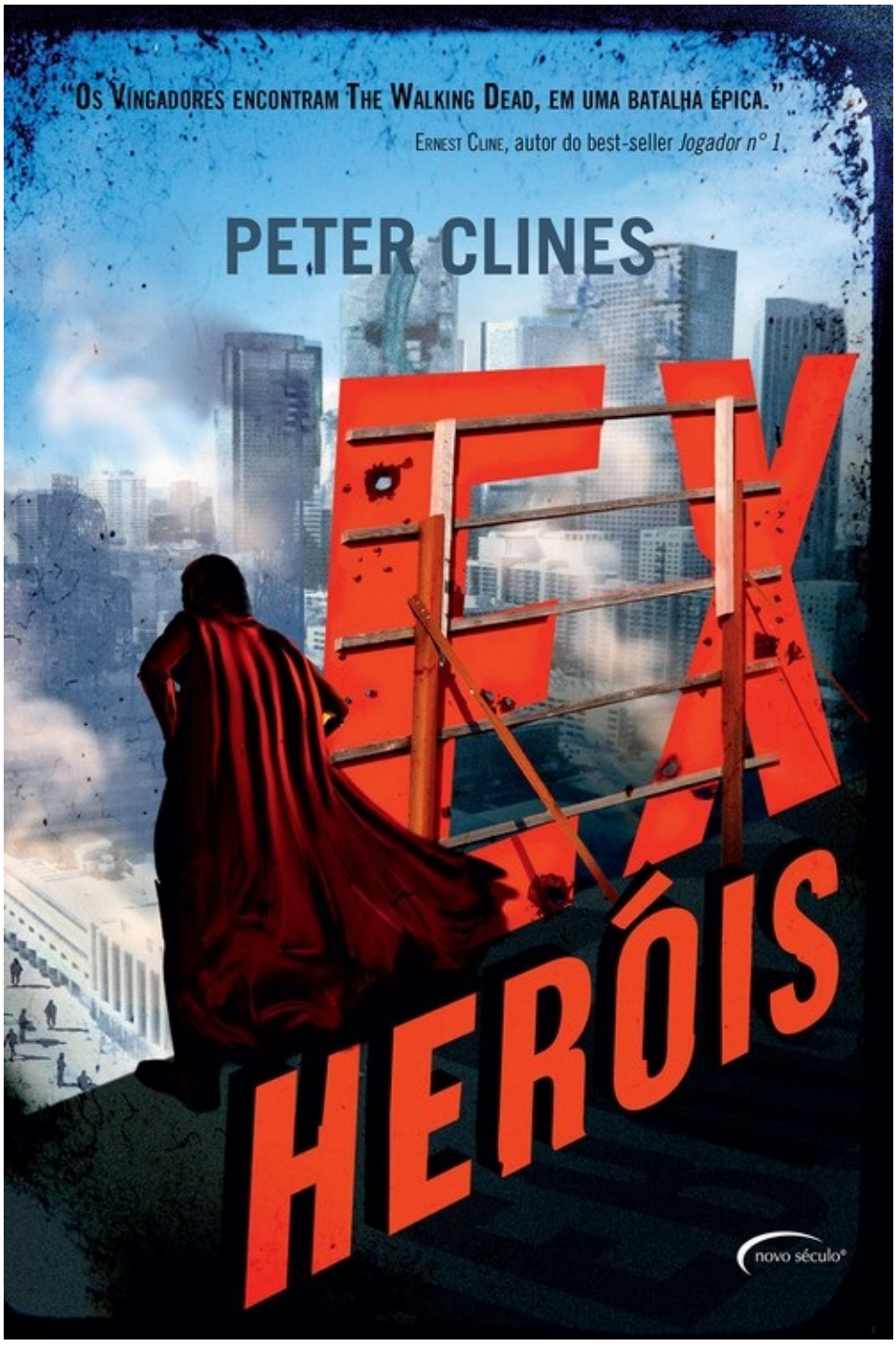
PETER CLINES



EX

HERÓIS

novo século®


"Os Vingadores encontram The Walking Dead, em uma batalha épica."
Ernest Cline, autor do best-seller *Jogador nº 1*
PETER CLINES
EX
HERÓIS
novo século

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


EX-HERÓIS

Ex-heroes
Copyright © 2010 by Peter Clines
Copyright © 2013 by Novo Século Editora Ltda.
All rights reserved.
This translation published by arrangement with Broadway Books, an imprint of the Crown Publishing Group, a division of Random House, Inc.
Coordenação Editorial – Mateus Duque Erthal
Editor assistente – Daniel Lameira
Tradução – Caco Ishak
Preparação – Jonathan Busato
Diagramação – Project Nine
Design de Capa – Christopher Brand
Ilustração de Capa – Jonathan Barlett
Montagem de Capa – Monalisa Morato
Revisão – Fernanda Guerriero Antunes
Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Clines, Peter
Ex-heróis / Peter Clines ; [tradução Caco Ishak]. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.
Título original: Ex-heroes
1. Ficção norte-americana I. Título.
e-ISBN: 978-85-428-0160-6
13-09981 CDD-813
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813
Edição digital 2013
Todos os direitos reservados à Novo Século Editora Ltda.
CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar
Bloco A – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP
Tel./Fax: (11) 3699-7107

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Ficha Catalográfica

Prólogo

Que Entre o Dragão
Dois
Três
Ampliando a Visão das Coisas
Cinco
Seis
Poder ao Povo
Oito
Nove
Beleza Sutil
Onze
Doze
A Garota Mais Sortuda do Mundo
Quatorze
Quinze
O que Conta é o Interior
Dezessete
Dezoito
Pegue uma Carta. Qualquer Carta.
Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Como é que eu Posso Viver Sem Você?
Vinte e Quatro

Vinte e Cinco
Vinte e Seis
São Jorge Mata o Poderoso Dragão

Epílogo

Agradecimentos
Sobre o Autor



Katie estava de prontidão nas muralhas do Monte havia duas horas, inclinada sobre todo um mundo, quando St. George se precipitou dos céus vestindo uma jaqueta de aviador.

Ela estendeu o punho sem erguer os olhos e ele a cumprimentou, batendo sua mão fechada contra a dela. Não falaram nada por seis minutos, e ela aproveitou o tempo para terminar de limpar seu rifle. O motivo de ter se voluntariado a ficar nas muralhas estava em parte no fato de não ter que conversar com ninguém, e ele sabia bem disso. Ao concluir a limpeza, ela recarregou a arma e ajeitou seus óculos escuros. Posicionou o rifle em seu ombro e finalmente olhou para ele.

St. George tinha uns trinta e poucos anos, músculos firmes no alto de seu metro e oitenta de altura e olhos claros, pálidos, por trás de lentes coloridas. Como muitos no Monte, ele era magro, com um corpo mais acostumado à sobrevivência do que a uma boa alimentação. Ao contrário da maioria, porém, ele tinha cabelos castanhos com fios

grossos, longos, que passavam dos ombros. Era custoso demais cortá-los, ela sabia, e, de todo modo, não parecia nada que o colocasse em um risco maior.

— Você chegou cedo — ela disse enfim.

Ele deu de ombros. — O dia está demorando pra passar. Estou fazendo as rondas no sentido contrário.

— Ela não vai gostar nada disso. É o tipo de coisa que vai lhe trazer problemas.

— Talvez.

Ela atirou uma pedra pela beirada do muro e tentou acompanhar sua queda até o burburinho da calçada lá embaixo. — Você ainda vai sair amanhã?

Acenou com a cabeça uma única vez. — A gente vai pro norte de novo. Tentar dar umas batidas em alguns apartamentos e lojinhas em Los Feliz. — Baixou os olhos rumo aos ex's se digladiando nas ruas e calçadas. — Temos um bom público hoje.

— Você devia ter visto como estava no portão Van Ness ontem. Quase o dobro disso.

— Aconteceu algum problema?

Ela sacudiu a cabeça. — Stealth autorizou dez rondas. A gente teve uma baixa só.

— Uma é mais do que o suficiente pra que ela fique puta da vida.

— Sim, e foi mesmo. — Katie vislumbrou os vultos em movimento. Contou duas dúzias de ex's na rua Gower. Nove homens e quinze mulheres. Na noite anterior, ela tinha travado uma calorosa discussão pós-sexo com Derek sobre se os ex's ainda podiam ser classificados por gênero.

— Eles não transam — Derek tinha dito. — Eles não usam os órgãos sexuais pra nada, então não faz sentido dividir em macho ou fêmea. Eles são todos apenas "coisas".

— Quer dizer que, se você não transa, você é uma coisa?

— Bem, não se você fez a opção por não transar, aí não. Mas as rochas não fodem. Nem cadeiras ou cobertores ou os ex's. Então eles são coisas.

Katie se perguntou se St. George estava fodendo alguém ou se tinha optado pelo celibato. Ou se era uma coisa. Os heróis ainda guardavam uma certa tendência a ficarem entre si, mesmo os mais amigáveis. Ainda assim, ela ficava imaginando que ele devia ser uma coisa e tanto na cama.

— Isso é tudo?

Ela passou seus binóculos para ele. — Olhe aquele letreiro lá no alto. — Apontou da rua Gower para as colinas, onde o sinal imobiliário mais famoso do mundo ainda permanecia.

Ele passou um bom tempo observando. Perto do “H”, havia uma pequena mancha oval de escuridão pura, talvez com quase dois metros de largura e uns três de altura. Era como um ponto cego na lente, fazendo a letra branca e castigada pelo tempo parecer mais com um quatro invertido.

— Midknight? — Katie perguntou.

— É... — o herói disse. Suspirou, soltando fumaça pelo nariz. — É ele mesmo.

— O que você quer fazer?

Ele devolveu os binóculos a ela. — Siga seu rastro. Ele não é perigoso no alto das colinas, mas, se descer à cidade, pode tocar o terror pra cima de nossas defesas noturnas.

— Por que você não cuida dele logo de uma vez?

— Dificilmente valeria a pena, você não acha?

Foi a vez de ela dar de ombros. — Um ex morto é menos um ex.

St. George respirou fundo, longa e lentamente. — Como eu disse, ele não representa perigo algum lá em cima. Se ele for à cidade, a gente se livra dele. Qualquer outra medida seria um desperdício de tempo e munição.

— Desculpe. Ele era seu amigo?

Seu nariz chiou ao soltar ainda mais fumaça. — Só nos encontramos duas ou três vezes. Mas ele era um cara decente.

— Vê se não vai amolecer. Ou Stealth vai querer sua cabeça.

Um sorriso irônico torceu seus lábios. — Não seria a primeira vez.

Katie bufou e levou os olhos de volta à rua. Logo abaixo deles, um dos ex's, um cara em um terno ordinário e coberto de sangue, batia o rosto contra a muralha do Monte, tentando atravessar o concreto. — Você está indo pra Melrose daqui?

— Isso. Algum recado pro Derek?

— Diga só que ele é um idiota e que ainda está errado.

— Diria isso de um jeito ou de outro, mas, claro, sem problemas.

Ela prestou continência de leve. St. George deu alguns passos ligeiros pelo revestimento de piche do telhado e se lançou de novo pelos ares. Partiu ao longo da muralha em direção ao portão a poucos quarteirões ao leste.

Katie se inclinou de volta sobre o globo de dimensões gigantescas e observou os corpos cambaleantes lá embaixo. O ex, animado, conseguiu se virar de lado. Foi arrastando seu ombro contra a muralha, e cada passo lançava outra vez seu rosto contra o concreto, enquanto ele cambaleava pela calçada.

— Vivendo o sonho hollywoodiano — ela suspirou, apoiando a arma novamente no ombro.



Dizem que a gente nunca se esquece da primeira vez.

Tinham-se passado cerca de três meses desde o Incidente no laboratório. “Incidente” foi como eles continuaram se referindo ao ocorrido na imprensa e nas sessões de terapia, e a palavra fora martelada na minha cabeça pelo uso constante. Teve uma enorme publicidade em torno da minha figura como o único sobrevivente da explosão, mas o noticiário logo mudou o foco para as doze pessoas que tinham morrido, e o escândalo do armazenamento químico precário. Claro, quem poderia culpar a Universidade por não ter projetado seu prédio para resistir a uma chuva de meteoros?

Das doze vítimas, sete levaram algumas horas para morrer. Uma delas levou um dia inteiro. Muito se disse nos jornais sobre a onda de produtos químicos a que tínhamos sido expostos. Substâncias que poderiam envenená-lo, retorcer sua química corporal ou contaminar seu sangue. Mesmo danificar seu DNA, de acordo com algumas pessoas.

Também li muitos artigos sobre aquele meteorito e as ondas estranhas de energia eletromagnética que ele lançou. Um monte de coisas sobre o assunto nas notícias da Wired por algumas semanas. Acho que a Nasa acabou tomando conta da situação, despachou uma tonelada de trabalho ao MIT e meio que sumiu do mapa.

Estava de quarentena havia um mês. Três outras semanas se passaram, e acabei caindo igualmente na obscuridade. Bem, George Bailey caiu, pelo menos.

Sim, George Bailey. Meu nome tem sido minha maldição a vida toda. Até hoje não tenho ideia de por que meus pais foram tão cruéis. E, sim, eu tenho a edição de luxo em DVD e prefiro assistir ao filme em preto e branco no original.

De qualquer forma, tinham-se passado três meses quando enfim percebi o poder. Ainda no começo. A fisioterapia após a explosão parecia um tanto fácil, e sentia os pesos um pouco mais leves na academia, mas nada surpreendente. Um dia, estava correndo para bater em uns arruaceiros (se você mora na área de Koreatown como eu, a arruaça governa sua vida na madrugada) e, de alguma forma, consegui derrubar as chaves, chutando-as pra debaixo do carro. Estava esticado, tentando alcançá-las, quando meu ombro empurrou o chassi e levantou meu Hyundai a meio metro do chão, pra cima da calçada.

Estranho, sim, mas é incrível o que você consegue justificar quando a fiscalização de trânsito está no seu encalço. Apenas alguns dias depois, já de volta ao trabalho, foi que aconteceu uma coisa, algo que eu simplesmente não podia ignorar. Fiquei puto, perdi minha paciência com um container de lixo com a tampa emperrada e o chutei para a lateral do prédio de Física Aplicada. Até que a multidão se reunisse e a segurança aparecesse, as pessoas já tinham assumido que algum bêbado havia batido o carro.

Mesmo aquilo provavelmente podia ser racionalizado de alguma forma, mas uma semana depois eu estava tomando banho e senti algo arranhando minha garganta. Uma dessas coceirinhas que são um pouco ásperas demais, como se você tivesse regurgitado uma pequena porção de ácido estomacal, sem chegar a atingir sua boca. Pigarreei pra soltá-lo e acabei arrotando uma nuvem de fogo um pouco maior do que uma bola de basquete, que derreteu parte da cortina do chuveiro.

Eu era inteligente o suficiente pra começar a testar meus limites fora de vista.

As pessoas tendem a ficar surpresas com o tanto de espaços vazios que existem em Los Angeles. Você pode sair andando por algumas áreas do Griffith Park e nunca se dar conta de que ainda está em uma das maiores cidades do país.

Levantar pedras maiores do que eu não era lá muito esforço. Se conseguisse alavancá-los da maneira correta, podia levantar do chão a maioria dos carros. Ergui o Hyundai acima da minha cabeça por duas vezes.

Esse era o tipo de coisa que me distraía. Ficava pensando em suspender pedregulhos e tossindo como um lança-chamas. Isso tomava conta de meus pensamentos o dia todo no trabalho, a cada refeição e quando me esticava em meu futon barato à noite. Conseguiu me distrair o bastante pra que, bela manhã, eu acabasse tropeçando e caindo pelas escadas.

Ao menos, a maioria das pessoas teria caído. Escorreguei por toda a escadaria, flutuando até o chão. Da feita que me certifiquei de que não tinha mais ninguém no salão, eu me atirei pra baixo nas três revoadas seguintes. Cada vez que escutava um zumbido estranho e baixo, algo como uma torção entre os meus ombros, eu me sentia mais leve. Impelia-me pra baixo e pousava com um toque suave dos meus pés no chão.

O voo foi uma espécie de gota d’água, no bom sentido. Talvez eu tenha lido muitas revistinhas em quadrinhos quando era criança, ou assisti a muitos filmes de super-heróis já adulto. Não sei. Podia ser que eu fosse simplesmente estúpido o suficiente pra pensar que, se isso tinha acontecido com alguém como eu, em uma cidade como essa, devia ter sido por alguma razão. Que um homem poderia mudar as coisas.

Passei outras três semanas em Hollywood Hills. Eu me esgueirava pelo Runyon Canyon durante a noite e me atirava de encostas e penhascos. Tem uma saliência bem no fim de uma trilha que acabou se mostrando uma plataforma formidável. Tem também algumas ótimas em Malibu, assim como todas aquelas rochas no final de Zuma Beach. Eu só precisava ter cuidado com os surfistas noturnos.

Não se trata de um voo de verdade, como o Super-Homem ou o cara de *Heroes*. É mais como uma asa-delta, eu acho, em que você tem sustentação, mas não uma propulsão real. Posso pairar por uma distância muito grande e de forma muito rápida graças aos meus músculos trabalhados, mas sempre acabo descendo.

Algumas colisões atestaram que eu também estava muito mais resistente. Minha pele, meus ossos, até mesmo meu cabelo. Não diria invulnerável, mas na época cheguei a sentir a segurança de ser “à prova de balas”. Passei um fim de semana tentando romper a minha pele com agulhas de costura, uma faca X-Acto e até mesmo uma furadeira sem fio. Pô, o fogareiro esfriou na minha mão enquanto eu observava.

O detalhe final era a fantasia. O traje de esqui do Chalet Sports já era estampado pra se parecer com escamas vermelhas, e as luvas e as botas eram todas negras. A máscara era feita de duas ou três coisas diferentes de uma loja de artigos para festas, misturadas o bastante para que eu não encarasse um processo por violação de direitos autorais. Tive que reforçar a capa de Halloween com os braços dobráveis de um par de guarda-chuvas — até que funcionou muito bem, levando-se tudo em consideração. A ideia era aumentar meu tempo de viagem, por assim dizer. Nem todo mundo possui uma empresa multibilionária com um laboratório de pesquisa e desenvolvimento no porão, sabe?!

Minha primeira saída noturna foi no dia 17 de junho de 2008. Uma terça-feira. Na época, já tinha se passado mais de meio ano desde o Incidente. Sem cobertura jornalística alguma em três meses. Seria difícil que alguém ligasse minha nova identidade a ele.

Levei toda a bagunça em uma sacola de mão até o telhado do meu prédio. Não quis correr o risco de que algum dos meus vizinhos me visse. Troquei de roupa na sombra da torre do elevador e escondi a sacola atrás de uma das saídas de ventilação. Nunca usaria aquela fantasia por baixo de uma camisa e um par de jeans, isso é certo.

Do telhado daquele velho edifício, era possível ver toda Los Angeles. O Observatório do Griffith Park. O letreiro de Hollywood. O centro da cidade. Century City. Wilshire Center. E o fosso a céu aberto em que minha parte da cidade tinha se transformado. Não precisava virar a cabeça pra ver o equivalente a três ou quatro latas de grafite e sinais de gangues espalhados pelo caminho. XV3s. Seventeens. Todos lutando

por uma área onde as pessoas só queriam viver em paz.

Lembro que meu coração batia forte e uma centena de coisas passava pela minha cabeça. Ser à prova de balas ainda era só uma ideia naquele momento, e eu sabia o suficiente por causa do GTA pra entender que armas de fogo não são fabricadas de maneira idêntica. Porra, olhando pra trás, não teria sido tão surreal assim topar com uma AK-47 pelo caminho.

Após dez minutos dizendo pra mim mesmo o quão estúpido aquilo era, o quão ridículo eu parecia e que estava provavelmente indo de encontro à minha morte, dei uma corridinha e pulei do telhado. Eu me concentrei e senti a leve torção entre os ombros. A capa tremulou ao vento, os braços do guarda-chuva se abriram.

E eu estava voando.

Cruzei a Beverly com a Oakwood, segui pela colina e caí sobre o telhado de uma lavanderia na Melrose, logo passando a Normandie, seis quarteirões ao norte do meu ponto de partida. Até onde sei, ninguém chegou a me ver. Lancei-me de volta ao vento e, dessa vez, arranquei um poste de telefone quando comecei a perder a impulsão, voando logo acima da autoestrada 101. Exercendo pressão sobre a capa, dei meia-volta em direção a Hollywood.

Fiquei brincando assim por uma hora pra testar meus limites, depois ouvi o grito. Soou como uma mulher. Levei um minuto pra me virar e, então, um outro pra subir alto o bastante a fim de que que eu pudesse observar a área.

Três caras a perseguiam por uma das travessas. Quer dizer, nem estavam perseguindo de fato. Era mais uma correria de um lado pro outro, apenas para provocá-la. Um deles a agarrava sem parar e ela se sacudia toda pra se libertar. Mesmo a uns vinte metros de altura, eu podia ver que ela estava com medo e correndo às cegas.

Apertei bem a capa contra o corpo, dei um mergulho e deixei que o vento a abrisse no último instante, pra que eu ficasse pairando em volta. Tropecei um pouco no pouso, mas eles ficaram todos tão assustados em me ver caindo do céu que ninguém notou nada. Um dos caras xingou em espanhol. Assim como a garota.

Enquanto eu estava voando, até consegui ter umas boas sacadas ao

bolar frases de efeito e algumas linhas de abertura, mas na hora deu um branco total. Naquele ponto, porém, eu já vinha me preparando psicologicamente por quase um mês. Apenas comecei a caminhar em direção a eles, sem pensar. Acho que soltei um “Deixa ela em paz”, sem sequer tentar disfarçar minha voz. As palavras mal saíram da minha boca e dois deles já tinham sacado suas pistolas. Dispararam dois ou três tiros cada. A garota gritou. Assim como eu.

Nem é preciso dizer como dói levar um tiro. Mas nem foi tão ruim quanto podia ter sido; foi como levar um murro, quando você sente a dor, mas sabe que não teve danos mais graves, bem ou mal. Cambaleei um pouco, mas não caí.

Eles xingaram um pouco mais. O sujeito sem pistola partiu fora correndo. Um dos outros esvaziou sua arma em mim. Doeu pra diabo, mas eu já estava preparado pra isso. Não me mexi dessa vez e as balas tamborilaram no chão aos meus pés. O terceiro sujeito parecia estar em estado de choque.

Respirei fundo, tentei relaxar a língua, senti aquele mesmo comichão na parte de trás da garganta. Outra tomada de fôlego encheu meu peito, e ouvi a leve chiadeira de produtos químicos se misturando. Botei tudo pra fora.

Foi a maior labareda que eu já tinha produzido e, até hoje, ainda acho que foi uma das mais impressionantes. Uns bons cinco metros de bafo incandescente e dourado iluminaram toda a rua, atingindo o chão bem entre os dois últimos homens. Nem mesmo homens. Adolescentes. Garotos com bandanas verdes que gritavam como criancinhas enquanto as bainhas dos seus jeans pegavam fogo. Tossi assim que meus pulmões se esvaziaram e arrotei uma pequena bola de softball em chamas com um pouco de fumaça negra. Eles saíram correndo.

A garota ficou me encarando e sussurrando orações repetidas vezes. Ela tinha acabado de sair da adolescência. Acho que eu a apavorei tanto quanto fiz com os outros caras.

Fiquei em dúvida se perseguia os bandidos ou tentava acalmá-la, mas, até decidir, qualquer uma das opções tinha se tornado causa perdida. Então passei mais alguns segundos decidindo se deveria dizer alguma coisa ou optar pela personagem sombria e silenciosa. Tantas coisas sobre as quais não tinha pensado. No fim das contas, quando a

última das chamas suspirou na calçada, dei um sorriso, acenei com a cabeça e me atirei ao alto. Um empurrão ligeiro contra um poste me deu um vigor extra e voei noite adentro. Em menos de três segundos, estava a uns trinta metros de altura.

Olhei de relance pra baixo e a vi ainda de pé no meio da rua. Ela simplesmente olhava de volta com espanto. Abri a capa, fui arrebatado por uma brisa leve e comecei a planar para cada vez mais longe. E então seu grito ecoou até mim.

— Obrigada!

Foi assim que me tornei Mighty Dragon.



St. George se equilibrou sobre a ponta da torre da caixa d’água, o ponto mais alto do loteamento, e levou os olhos à cidade de mentira.

Eram apenas uns dois edifícios e um par de estradas curtas, e por aquele ângulo suas fachadas eram óbvias. Mas, comparada ao resto do Monte, a New York Street parecia normal. Normal e em paz. Não era nada raro encontrar pessoas vagando por lá, onde podiam andar dois quarteirões pela calçada e fingir que o mundo ainda era seguro e fazia sentido.

Ele tinha visitado o Monte duas vezes. Antes, quando era apenas um estúdio de cinema. Um amigo de um amigo o encontrou por acaso anos atrás e passaram uma tarde caminhando pelas ruas lotadas e pelos becos. Na época, parecia ser o lugar mais incrível do mundo. A lembrança que tinha da cidade de mentira era a daquela visita.

A segunda vez foi durante a noite, vestido em seu traje. Estava

naquele mesmo lugar no topo da torre da caixa-d'água, e observou para bem além das paredes do estúdio por toda a extensão resplandecente de Hollywood enquanto o vento açoitava sua capa. Ele se sentiu como um genuíno super-herói.

Tudo parecia ter acontecido havia muito tempo.

Logo acima de West Building, dava para ver a área residencial da zona Norte à Noroeste. Perto de mil pessoas amontoadas em menos de um quarteirão da cidade. O Estúdio Quinze, do outro lado da New York Street, tinha um grande aglomerado de tendas montadas no telhado. Os demais eram cobertos por painéis solares, barris d'água e jardins.

Levou dois meses desde que se mudaram para o Monte, mas a maioria dos estúdios de filmagem tinha sido transformada em moradias populares. No momento, havia duas dezenas de famílias vivendo em cada um deles. O lado positivo era que todos tinham muito espaço e enormes telhados para seus jardins particulares. A desvantagem eram duas dezenas de vizinhos diretos e a falta de privacidade.

Como todos descobriram rapidamente, a falta de privacidade era o que matava. Mais de cem brigas se desencadearam na primeira semana. Duas delas terminaram em mortes. Stealth jogou os assassinos por cima da cerca no portão North Gower. Seus gritos não duraram muito; a lição durou.

Ele olhou por cima do ombro esquerdo. Ao longe, no meio do caminho para o oceano, ele pôde ver as torres do Century City. Filmaram lá um dos *Planeta dos Macacos* originais. Logo à esquerda, pôde ver algumas linhas delgadas dos caminhos traçados pela fumaça escura no céu de um azul nítido.

As pessoas podem dizer um monte de coisas negativas sobre o apocalipse, mas não havia como discutir que a qualidade do ar em Los Angeles tinha de fato melhorado.

Tão logo uma rajada de vento veio do oeste, ele deu as costas aos sets de filmagem e se atirou da torre. Planou sobre o que antes tinha sido um estacionamento e a piscina para os filmes aquáticos. Tinham levado dois meses para preenchê-la com todo o solo fertilizado e lodo que puderam varrer da Home Depot no alto da Sunset Boulevard, afora algumas farmácias, mas agora tinham pouco menos da metade de um

acre de terra no coração do loteamento. Mais de dez pessoas perambulavam entre fileiras de soja, espinafre e batata com suas regadeiras. Seus olhos cansados miravam o herói enquanto ele os sobrevoava.

Passou por outro telhado e se deixou cair entre os edifícios. Pôde se ver refletido nas janelas espelhadas do Zukor antes de pousar no comprimento estreito da Avenue L. Um dos guardas na frente do hospital acenou bruscamente com a cabeça; o outro fez uma saudação preguiçosa. O terceiro homem baixou sua fronte descomunal.

Gorgon tinha marcado St. George por sua astúcia e dissimulação desde o dia em que se conheceram, provavelmente porque seus olhos estavam sempre escondidos. Ele fazia isso pelo bem de todos, mas ainda assim incomodava as pessoas. Um imenso par mecânico de óculos de proteção cobria metade do rosto de Gorgon. Uma íris giratória de plástico negro compunha as lentes, montadas em aros do tamanho de uma lata de atum cada. Ninguém tinha sido tão bom em pentear o cabelo ou fazer a barba desde que Banzai morrera — usando seu sobretudo de couro, ele se parecia com um personagem dos desenhos animados japoneses.

Um distintivo de xerife de sete pontas se firmava no alto da lapela do sobretudo. Alguém o tinha desenterrado de um dos trailers de apoio ou figurino. Após a lição de Stealth no portão, Gorgon tinha tomado para si a função de patrulhar as ruas, os salões e os telhados do Monte. Ele ostentava a estrela de prata com um orgulho sombrio.

— Bom dia — ele disse.

— Gorgon. Estou surpreso de ver você aqui.

— Tive que dar um saída. Briga na fazenda de cogumelos.

— De novo?

— O grandalhão, Mikkelson — um dos guardas disse —, estava esparramando a sua gordura outra vez, berrando de fome.

— Acalmei-o — disse Gorgon. Inclinou um pouco sua cabeça, contraiu os músculos e deixou que as lentes captassem luz. — Ele bateu com a cabeça em uma das banheiras e cortou a testa.

— Ainda assim, é estranho ver você aqui — disse St. George, com um meio sorriso.

Gorgon tossiu. — Eu era o único que poderia carregá-lo pela maldita escada acima. Você sabe como as fazendas do Estúdio Cinco são.

Todos concordaram.

Ele varreu as laterais de seu sobretudo e deu uma escovada ligeira no distintivo de xerife. — De qualquer forma, tenho turnos a cumprir e estou atrasado. — Inclinou a cabeça em direção a St. George. — Tome cuidado lá fora hoje à tarde.

— Sim, pode deixar — o outro guarda disse. Virou o rosto, acompanhando Gorgon. — A chefe disse que todos vocês vão sair hoje?

St. George confirmou: — As fichas de inscrição estão espalhadas por aí faz uns dias. Você não viu?

O sujeito sacudiu a cabeça. Tinha uma barba grisalha que lhe conferia uns dez anos a mais.

— Se seu turno terminar até as onze, vá pra Melrose — disse o herói. — A gente dá um jeito de botar você pra dentro.

— Estarei lá. — O guarda mudou a posição do rifle em seu ombro.

Outro guarda ficou do lado de dentro da porta e acenou com a cabeça. Zukor era o edifício mais fortemente protegido no loteamento. Se uma revolta acontecesse no interior das muralhas, começaria por lá. Cada sala de emergência tinha três guardas armados, e toda a equipe médica tinha uma arma no coldre. Se alguém morresse, meter uma bala em seu cérebro seria prioridade máxima.

St. George parou diante do enorme aviso que tomava a parede à sua direita. Cada uma das letras tinha dez centímetros de comprimento. Ele já o tinha memorizado àquela altura, mas toda a sua dimensão o fazia voltar os olhos ao letreiro a todo momento.

SINAIS DE ALERTA

FEBRE - TONTURA - RESFRIADOS - FRAQUEZA - DORES DE CABEÇA - VISÃO TURVA OU DUPLA - DIARREIA - NÁUSEA - CONGESTÃO - PALIDEZ - PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS

PESSOAS EXIBINDO ALGUM DESSES SINTOMAS DEVEM SE APRESENTAR PARA TESTES E QUARENTENA IMEDIATAMENTE

O Adolph Zukor Building não tinha sido o hospital do Monte desde o começo, mas Stealth assinalou sobre a necessidade de encontrarem algo mais central e mais bem equipado do que o pequeno escritório de primeiros socorros ao largo da Avenue P. Mais ao fundo do lobby encontrava-se uma estátua do homem em pessoa. St. George a tinha retirado do caminho no dia em que eles colocaram o aviso.

Encontrou a doutora Connolly em seu escritório. Roger Mikkelson estava esparramado sobre a mesa de exame, com a cabeça imobilizada por duas toalhas enroladas. Ela deu um nó e apertou o quarto e último ponto na testa do sujeito, limpando um pouco do sangue com um pedaço de gaze.

— Você não devia usar anestésico ou algo do tipo pra fazer isso?

Algumas mechas prateadas realçavam os cabelos carmesins da doutora Connolly, e rugas discretas marcavam as bordas de seus olhos. Ela trabalhava como pesquisadora quando a encontraram nos escombros do Hollywood Presbyterian Medical Center. Agora, estava no comando de sua pequena equipe médica. — Anestesia é um recurso limitado, e Gorgon falou que eu tinha pelo menos meia hora antes de ele recuperar a consciência. — Ela sorriu e tirou as luvas. — A que devo a honra?

Ele apontou para as luzes com o queixo. — Vamos ter que deixar você com energia solar por um tempo. Barry vai sair conosco.

— Por quanto tempo?

— Quatro ou cinco horas, no máximo. Tem alguma situação crítica por aqui?

Ela sacudiu a cabeça. — Semana devagar. — Acenou com a cabeça em direção a Mikkelson. — Ele vai sair assim que acordar. Pernoitando aqui, só temos uma perna quebrada, uma concussão e um ferimento à bala.

— Quem foi baleado por quem?

— Zekiel Reid, irmão de Luke. Ele cochilou no telhado do Marathon com o dedo no gatilho. O ricochete o pegou na panturrilha.

— Idiota.

— Idiota de sorte. Àquela distância, ele podia ter estourado o pé. Se a bala tivesse pegado na coxa, ele teria sangrado aos jorros.

— Você não parece muito surpresa.

Ela deu de ombros. — Estamos observando mais e mais acidentes nas muralhas.

— Você acha que eles estão tentando sair do serviço de guarda?

— Acho que eles estão completamente entediados.

— É... Quem poderia imaginar que sobreviver seria tão enfadonho?

— Pro inferno com isso — ela bufou. — Quem poderia imaginar que viver em um estúdio de cinema seria tão enfadonho?

— Quando eu voltar, vou tratar de escalar turnos mais curtos. Acho que Gorgon tem algumas pessoas prontas pro serviço de guarda.

— Posso dar uma ideia? É algo sobre o qual estive pensando.

— Claro.

Ela se recostou contra a parede. — Bem antes do 11 de Setembro, passei um semestre fora, no Egito. Cairo American College. Eles já estavam paranoicos com a questão da segurança naquela época. Dava um trabalho danado pra ir a qualquer lugar e não entrar no campo de visão de algum soldado ou policial. Acontece que eles estavam padecendo do mesmo problema. Todos aqueles homens em pé por horas e horas todos os dias sem que nada acontecesse. Eles estavam ficando cada vez mais descuidados e causando uma quantidade enorme de acidentes. Os soldados estavam atirando em si mesmos, na perna ou no pé. Se estivessem em uma torre, podiam até atirar em pessoas lá embaixo.

St. George assentiu. — Como eles resolveram isso?

— Pararam de recarregar as armas.

Ele sorriu. — Não acho que Stealth iria embarcar nessa.

Connolly sacudiu a cabeça. — Eles receberam munição. Só não deixaram que eles ficassem zanzando por aí com ela. Grudaram dois pentes com fita isolante, um pra cima, outro pra baixo. Dessa forma, as armas não ficavam carregadas, mas tudo o que tinham a fazer era virar os pentes ao contrário e estariam prontos pra agir.

— E você simplesmente se deu conta disso tudo?

— Eu era quinze anos mais jovem, vinte quilos mais leve e estava viajando sozinha. — Ela sorriu. — Os homens falavam comigo sobre qualquer coisa que lhes viesse à cabeça.

Logo à frente deles, Mikkelson gemeu e se contorceu. Um calafrio passou por seu corpo, e ele levou sua mão vagarosamente à cabeça para sentir os pontos.

— Ouvi dizer que é como ter uma das piores ressacas de sua vida — disse o herói, acenando com a cabeça ao sujeito estremecendo.

— Isso é. Alguma outra novidade?

— Acho que fizemos um pequeno avanço com o ex-vírus. Nada inovador, sob um ponto de vista prático, mas vou saber com certeza quando terminar alguns testes esta tarde.

Ele concordou.

Mikkelson quase caiu da mesa e bufou alguns xingamentos. Ficou de pé com as pernas bambas, tomou fôlego para começar a gritar e viu St. George. O herói acenou devagar com a cabeça. — Algum problema, Roger?

— Só queria uns dois cogumelos extras — murmurou. — Eu estava com fome. Qual é a porra do problema?

— Acho que, quando você pega uma coisa que não é sua, isso se chama roubo.

— Eram a porra de uns cogumelos.

— Era comida. Se você quer mais ração, leve a questão à sua reunião distrital.

— Tanto faz. O que você sabe sobre isso? Você nem mesmo come. — Esfregou os pontos e passou pelos dois rumo ao corredor.

— É melhor você deixar esses pontos em paz — disse a médica. — Volte em alguns dias pra que eu os retire.

Ele abanou um braço com desdém em direção a ela.

— Roger! — St. George exclamou em direção ao corredor. — Essa é sua segunda advertência. Da próxima vez, não serei eu ou Gorgon. Você vai ter que lidar com Stealth.

O grandalhão lançou outro olhar em direção a eles, mas seus olhos tinham se suavizado. Enfiou as mãos nos bolsos e desceu as escadas fazendo barulho.

Connolly encarou St. George. — Você se alimenta, não é mesmo?

— Ô, e como... Sonhei com os melhores cheeseburgers do mundo na noite passada. Uma grande pilha deles, todos quentinhos e embrulhados pra viagem. Seria capaz de matar por um pouco de carne nos dias de hoje.

Ela riu. — Posso pedir uma outra coisa?

— Claro.

— Você pode falar com Josh? Acho que isso significaria muito pra ele.

— Por quê?

— Ele está ficando deprimido de novo.

— O que quis dizer foi: por que algo vindo de mim significaria alguma coisa? Pô, a uma altura dessas, você provavelmente o conhece melhor do que eu.

— Conheço mesmo — ela disse, com um aceno de cabeça. — E é por isso que eu acho que ele ainda se relaciona melhor com você do que comigo. Não que eu queira inflar seu ego nem nada, mas ele costumava ser um de vocês, e agora ele é apenas um de nós.

— Uau. Quão superfóbico da sua parte.

Ela sorriu. — Você inventou isso agora?

— Não, escutei Ty O'Neill dizer uma vez. Você sabe que essa porra toda tem a ver com muito mais do que ele simplesmente perder seus poderes, né?

— Eu sei. Mas não tenho como lidar com mais do que já faço. A esposa morta, a perda dos poderes divinos... — Ela deu de ombros.

Ele suspirou. — Tá certo, tudo bem. Onde ele está?

— Na enfermaria. Fazendo suas rondas.

— Ah... — disse George. — Contagiando todos os pacientes com sua alegria e boa vontade.

X X X

O homem outrora conhecido como Regenerator estava próximo a uma cama de hospital, verificando o quadro de seu paciente. Sua mão direita repousava no bolso largo de seu jaleco, e um estetoscópio lilás encontrava-se pendurado em seu pescoço. O jovem deitado estava gelado, a parte inferior de sua perna firmemente enfaixada com gaze branca.

St. George limpou a garganta. — E aí, doutor?

Josh Garcetti olhou por cima de sua tabela. — Opa. — ele disse. Sem tirar a mão do bolso, pendurou a prancheta ao pé da cama e estendeu a mão esquerda. — Faz tempo que não o vejo. O que tem feito?

St. George apertou a mão desajeitada e a sacudiu. — Tentando sobreviver ao fim do mundo. E você?

— A mesma coisa, em menor escala — não esboçou tentativa alguma de um sorriso. Os dois homens tinham quase a mesma idade, a mesma altura, mas, mesmo caídos, os ombros de Josh eram mais largos. Como tantas pessoas hoje em dia, seu cabelo tinha ficado grisalho muito antes do esperado, e algumas mechas de um branco puro se destacavam na cabeleira. Com maquiagem branca, ele poderia se passar por uma estátua grega sombria. Em seu jaleco, então, estava quase espectral. Caminharam de volta ao corredor. — Ouvi dizer que vocês vão sair mais tarde.

— Por volta das onze.

— Quem vai?

— Cerberus e Barry. Só vim dizer a Connolly que vocês vão ficar à base de energia solar durante toda a tarde.

O médico concordou e se encostou contra um conjunto de ficheiros. Uma patrulha passou. Logo em seguida, uma outra.

— Você tem que sair qualquer dia desses.

Josh sacudiu a cabeça. — Não. Obrigado pela proposta, mas não.

— Acho que ia fazer bem pra você.

— Como?

— Você nunca saiu nem sequer uma vez. Caramba, você por acaso chegou a ficar perto de um ex desde...? — St. George parou novamente antes de acenar meio sem jeito à mão no bolso.

— Na verdade, não.

— A gente pode se valer de você lá fora. Você tem experiência.

— Tenho experiência em hospitais de campanha — ele disse, sacudindo a cabeça. — Nunca fui muito bom de briga. Apenas o bastante pra não me machucar.

— Você era bom em garantir que ninguém se machucasse também.

— Não — ele disse. Sua expressão fechou. — Não, eu não era.

— Porra. Você sabe que eu não quis dizer isso nesse sentido.

Ele fechou os olhos. — Eu sei. Desculpa.

— Já vai completar dois anos, não é?

— Isso. Mais onze dias.

— Sabe... — St. George disse, superando a fina camada emocional de gelo — ano passado, as coisas ainda estavam bastante agitadas. Você quer sair pra beber ou algo assim? Conversar? A gente podia chamar Barry, Gorgon, talvez até convencer Danielle a tirar sua maldita armadura.

Josh se virou de frente para o armário atrás do balcão e examinou o conteúdo com interesse repentino. — Mais uma vez, obrigado, mas não. Vou ficar em casa mesmo. Além do que, Gorgon não ia gostar muito de me ver.

— Não foi culpa sua.

— Vamos esquecer isso, ok? — Massageou uma das têmporas com dois dedos.

— Você realmente devia sair, apesar de tudo.

Josh abriu os olhos. — Olha, é um pensamento até agradável, mas vamos encarar a verdade. Eu sou uma atração e tanto lá fora. — Retirou a outra mão do bolso largo de seu jaleco. — Todo mundo só vai ficar olhando pra maldita mordida em vez de cuidar dos seus próprios rabos.

Quando ele levantou a mão, a manga escorregou um pouco e revelou parte de seu antebraço mirrado. A pele estava pálida e com manchas

acinzentadas. Veias escuras corriam pela palma da mão até as unhas encardidas. As marcas de dentes ainda eram visíveis, um semicírculo de furos irregulares logo abaixo de seu pulso.

Durante os primeiros meses de sua carreira de super-herói, Josh Garcetti se autoproclamava Immortal. Podia se curar de feridas em menos tempo do que tinham levado para abri-las. Fogo, balas, membros quebrados — ele ria de tudo isso. Não demorou, descobriu como compartilhar seu fator de cura com os outros, e se tornou Regenerator.

Então, sua esposa morreu. E, em seguida, o mundo virou um inferno. E, logo depois, um ex mordeu sua mão direita. Em um dos últimos hospitais de campanha, enquanto todo mundo caía fora e todos os planos emergenciais de última hora entravam em cena, um policial morto saiu rolando pela laje e cravou seus dentes em Regenerator. Ficou em coma por três semanas, mas não morreu e nem se transformou. Durante os últimos quatorze meses, seu fator de cura não fez nada além de evitar que a infecção se espalhasse por seu bíceps.

St. George tentou não fitar a mão. — Você não pode se esconder aqui pra sempre, Josh.

— Claro que posso. O que você acha que todos nós estamos fazendo?

Eles se entreolharam por um instante. O herói soltou um ruído que pareceu um suspiro mais forte, quase uma baforada, seguido de uma fumaça negra.

— Olha só — o médico disse. — Eu tenho algumas vacinas pra preparar e um inventário pra fazer. Foi bom ver você, George. Toma cuidado lá fora, ok?

Tratou de colocar a mão de volta em seu bolso, baixou de leve a cabeça e foi embora.

X X X

St. George seguiu de volta rumo ao ar livre. — Ei — o herói exclamou ao guarda de cabelos grisalhos —, qual é seu nome, por sinal?

— Jarvis — ele disse, arreganhando os dentes. O guarda fez uma

saudação brusca com seus três dedos. — Prazer em conhecê-lo.

— Idem. Portão Melrose. Onze.

— Nos vemos às onze — o guarda barbudo ecoou.

St. George acenou com a cabeça e se lançou ao telhado do hospital. Outro impulso o atirou ao alto e sobre os estúdios de filmagem ao leste e em direção ao Quatro.

O Quatro tinha sido um estúdio antes. Eles tinham encontrado algumas placas e uma papelada comprovando que séries como e foram filmadas lá. Depenaram todas as salas de operação do lugar em nome de Zukor, usaram as paredes já erguidas como divisórias entre os alojamentos e conectaram o prédio a uma das casas de força próximas ao Monte com um cabo robusto que encontraram no armazém de materiais de iluminação das proximidades. O estúdio então cheirava a ozônio, e o ar bailava pela pele de St. George.

Bem no centro do Quatro encontrava-se a cadeira elétrica. Era um conjunto de três círculos interligados, formando uma esfera irregular, mas o apelido acabou pegando. Cada anel estava envolto por fios de cobre descascados na ponta de um quilômetro de cabo. Cinco pessoas levaram um mês para construí-la. St. George achava que se parecia exatamente com um enorme brinquedo giroscópio.

Flutuando dentro da esfera, encontrava-se o esboço ofuscante de um homem. Era uma sombra ao contrário, como olhar para o sol através de um recorte em forma de homem. Arcos de energia disparavam da figura fulgurante para estalarem e estourarem contra os anéis de cobre.

— Bom dia, Barry — o herói gritou por cima da energia crepitante.

A figura incandescente se moveu dentro da esfera. Não tinha olhos, mas St. George sabia que seu amigo estava olhando para ele. Uma voz de pura estática ecoou sobre o ruído elétrico. , ele zuniu.

St. George sacudiu a cabeça. — Ainda não, mas pedi a todos que se desconectassem mais cedo. Imaginei que você fosse gostar de algo pra beliscar e uma soneca.

, a aparição brilhante suspirou. Mudou novamente de posição e analisou o lugar.

— Passando a porta.

O contorno assentiu. , ele zuniu.

Os clarões se retorceram e ele saiu da esfera. Tombou no chão e o concreto começou a esfumaçar. O corpo passou a obscurecer, o aspecto se abrandou e um homem nu e esquelético caiu por terra assim que a chama se apagou.

— Deus do céu! — ele gritou. — Está muito frio aqui. Onde estão minhas roupas?

— Na cadeira — St. George o suspendeu, carregando o homem de pele escura em um dos braços, como uma criança.

— Me leva logo pra lá, pelo amor de Cristo.

— Mulherzinha.

— O homenzarrão tirando um sarro com o aleijadinho pelado. Vê se me dá logo minhas malditas calças.

Atravessaram a sala e St. George colocou seu amigo na cadeira de rodas. Barry vasculhou uma trouxa de roupas e desbravou seu caminho moletom adentro. Estava acostumado a se vestir na cadeira por quase toda a sua vida, então nem se demorou tanto. Puxou uma camiseta sobre sua cabeça careca e se cobriu com um casaco de lã. — Sem sapatos?

— Pra que você precisa de sapatos?

— Meus pés estão frios.

— Então coloque outro par de meias.

— Ainda estão servindo o café da manhã?

— Estão. E peguei algo pra você comer no caminho. — Jogou um muffin murcho no colo do sujeito.

— Obrigado. Em qual caminhão vamos sair?

— No , eu acho.

— Beleza — disse Barry, com a boca cheia de bolo. — Os choques do são tão escrotos que eu posso senti-los atravessando bunda. Quer saber?

— Diga.

— Acho que esse é o melhor muffin de cereja que já comi em toda a minha vida.

— Tenho certeza de que Mary vai ficar feliz de saber que alguém gostou.

— E não estou dizendo isso só porque faz quatro dias que não como. Esse muffin é espetacular.

St. George girou seu walkie-talkie na mão. — Você sabe o que vai querer? Posso ligar com antecedência e pedir que preparem algo.

— Vou querer... — ele disse, demorando-se em sua decisão — uma pilha de pelo menos cinco panquecas. Muita calda e tudo mais o que estiver levando manteiga nos dias de hoje. Algumas batatas. E qualquer um desses ovos em pó que ainda existem por aí.

— Só isso?

— Conversamos mais tarde sobre o que vou levar pro almoço. Mas, então, o que está acontecendo?

— Como assim?

— Você é transparente demais, meu bom rapaz.

St. George deu de ombros. — Acabei de falar com Josh.

— Que beleza. Como foi?

— O mesmo de sempre. Autopiedade, um pouco de autoaversão, determinado a terminar sua vida como um mártir solitário.

Barry enfiou outro pedaço de muffin na boca.

— Uma coisa não se pode deixar de dizer sobre nosso admirável mundo novo. É dos mais coerentes.

N N N

O estava estacionado ao lado da guarita. Era um caminhão de uns oito metros de comprimento que tinha sido usado para transportar o figurino das filmagens quando o Monte ainda estava no ramo do cinema. Os novos moradores o tinham canibalizado e personalizado para operações de vasculha. Cortaram fora a maior parte do cargueiro e construíram uma nova carcaça para ele, transformando-o em uma camionete gigantesca. Possuía um tanque-reserva de gasolina, um guincho e um guarda-calhas que tinha servido como aríete, uma ou duas vezes. A

cabine dupla dava para quatro pessoas sentadas, outros seis iam na caçamba, e uma grade de aço acomodava mais dois no topo da cabine. Uma mulher miúda com listras amarelas e pretas em seu cabelo curto já se encontrava lá, sentada em uma velha almofada de sofá. Lady Bee tinha uma M-16 pendurada em seu ombro e um coldre tático amarrado a uma das coxas. Certa vez, alguém disse a St. George que ela tinha sido figurinista nos velhos tempos. Ela lhe mandou um beijo quando ele passou pelo caminhão.

Luke Reid estava ao volante, como sempre. Era loiro, caminhoneiro de ombros largos, que costumava transportar cargas para sobreviver antes que tudo fosse para o buraco. St. George viu Jarvis na traseira do , junto com Ty O'Neill, Billie Carter, Ilya e alguns outros que ele mal pôde reconhecer. Todos lhe prestaram continência ou acenaram com determinação. Barry já estava dormindo na caçamba gigante do caminhão, estendido sobre uma espessa pilha de mantas com sua cadeira de rodas amarrada à lateral próxima a ele.

St. George caminhou até o Portão Melrose e parou a poucos metros de distância das dezenas de mãos afoitas que tentavam alcançá-lo e arrebatá-lo por entre as barras. Os ex's se amontoavam no portão, como sempre faziam. Era o único lugar do qual ainda podiam ver o Monte, vislumbrar todas as pessoas suculentas e saborosas que estavam do lado de dentro.

Embora ninguém soubesse ao certo se os ex's ainda podiam enxergar ou não.

Quase ninguém usou a palavra "zumbi". Foram chamados de "ex" desde a primeira conferência de imprensa presidencial. Isso fez com que a situação se tornasse mais fácil de ser aceita, de alguma forma. Os ex-vivos. Ex-pessoas. A maioria ainda se parecia com humanos. Normalmente, os não lesionados e os mais novos que ainda não tinham se alimentado.

Os antigos cidadãos de Los Angeles tentavam alcançar St. George com dedos apodrecidos e sem cor. Ele podia ouvir as juntas estalando quando eles se moviam. Dezenas de mandíbulas abriam e fechavam de maneira articulada, estalando seus dentes pretos uns nos outros.

Uma loira de cabelos encaracolados, cuja boca estava coberta de sangue. Um homem calvo, escalpelado e com uma orelha só. Em lados

opostos do portão, havia um homem e uma mulher em trajes de corrida. Próximo à dobradiça esquerda, ao lado da corredora, encontrava-se um sujeito com o rosto tão esfolado que seu osso estava exposto. Um adolescente com uma camisa dos e um toco com sangue coagulado onde deveria estar sua mão esquerda. Uma mulher com jeitão de avó em um terno enrijecido pelo sangue. Um homem negro na divisão do portão, que permanecia parado e encarando St. George com olhos vazios.

Suas peles estavam em algum lugar na escala entre o cinza e o branco, às vezes coloridas com hematomas roxos e escuros. Seus olhos eram sem brilho e desbotados, feito vidro embaçado. Muitos deles estavam simplesmente exaustos. Couros secos e rachados por conta de meses ao sol. Cobertos de lesões que nunca cicatrizariam, mas jamais seriam capazes de matá-los.

St. George não conseguia reconhecer nenhum deles. O que sempre tornou as coisas mais fáceis.

Uma imensa estátua azul e platinada se prostrou a seu lado em um baque surdo. A cabeça dele não chegava nem às estrelas e listras estampadas em seus bíceps blindados. As linhas andróginas da titã tornavam um tanto mais difícil imaginá-la como qualquer outra coisa senão “aquilo”, gênero indefinido, mesmo sabendo que havia uma mulher ali dentro. Ela baixou a cabeça para encarar o herói, lentes brilhantes do tamanho de bolas de tênis cobrindo seus olhos. — Você sabe que eu odeio fazer isso, não sabe?

Ele acenou, confirmando:

— Você chegou a mencionar.

Cerberus voltou seu olhar à multidão de ex’s:

— Só pra me certificar de que você vai se lembrar no dia em que eu, enfim, desmoronar emocionalmente. Onde está Barry?

— Dormindo no caminhão. E você, recarregou suas baterias?

A figura blindada respondeu com um meneio nada sutil de sua cabeça. O Sistema Blindado de Combate de Cerberus não tinha sido construído tendo em vista maiores sutilezas. E, é claro, nem ela própria o construíra com maiores sutilezas em mente. Mesmo sem os M-2s acoplados a seus braços, Cerberus poderia dar conta de quase tudo o que tinha restado

no mundo. St. George já tinha visto o traje de batalha de três metros de altura rasgar a porta de um caixa-forte como quem descasca uma fruta, suspender uma betoneira e atravessar um enxame de ex's sem sequer ter a pintura arranhada.

Os guardas já tinham destravado os quatro trincos de reforço do portão, e Derek e Carl ficaram esperando cada qual em uma das extremidades do ferrolho comprido que perpassava todo o Portão Melrose.

— Estão todos prontos? — St. George gritou. — Torre? Luke? Guardas?

Todos assentiram.

Ele saltou pelos ares e planou sobre a arcada. Assim que afundou de volta ao nível da rua e já do lado de fora do portão, deu um chute e um ex saindo voando para trás. Agarrou mais dois pelo pescoço e os arremessou ao outro lado da rua de seis pistas.

Os ex's sentiram o cheiro de carne fresca e a turba fechou o cerco contra ele. Mãos o agarraram. Braços ossudos em volta de seu pescoço. Uma coisa sem rosto que algum dia podia ter sido uma mulher chegou a morder seu braço, e perdeu dois dentes.

St. George segurou firme em um dos pulsos, girou a coisa morta em uma ampla circunferência e derrubou mais uma dezena deles antes de lançá-la ao vento até retinir no semáforo do cruzamento. Deu uma espalmada no peito de um ex, que voou de volta por entre alguns arbustos e de encontro a uma parede. Outro tentou agarrar seu calcanhar, arrastando-se em direção a seus pés, e sua bota partiu a espinha do ex ao meio.

— Ainda me dá arrepios ver uma coisa dessas — disse Derek.

Carl estava com os olhos fixos no combate. — Ver os ex's se amontoando sobre ele?

— Ver os ex's não conseguirem fazer nada com ele.

— Abram o portão — vociferou a armadura. Cerberus cerrou suas mãos, que, apesar de possuírem apenas três dedos, formavam punhos tão grandes quanto bolas de futebol.

Os guardas suspenderam o ferrolho dos suportes e trotaram para fora

do caminho. Os portões se abriram e Cerberus deu um passo adiante. Alguns dos ex's mais afoitos foram arrastados com os braços enroscados aos portões. Ela levou o punho blindado em volta como uma bola de demolição e despedaçou seus crânios. Outro soco esmagou o peito de um ex mesmo ele tendo voado para trás com o choque.

St. George se livrou de um homem morto que lhe roía os ombros. O ex se chocou contra uma velhinha e ambos tombaram para longe do portão. Um outro tentou alcançá-lo, e o herói agarrou seu cotovelo e o rodopiou no ar. O ex, esperneando, ainda derrubou mais três ex's antes de ter o braço arrancado, despencar e sair quicando pelas pedras. — Abra caminho — ele gritou.

Cerberus esticou os dedos e criou um campo de efeito moral. Suas luvas provocaram faíscas e linhas brancas explodiram. A titã deu um forte pisão adiante e os ex's foram arremessados com o impacto. Deixou um caminho de corpos se contorcendo no chão por trás dela. — Venham! — gritou, acenando com a mão.

O motor do roncou e Luke avançou com o automóvel pelo portão. Os pneus pesados esmagaram pernas, braços, crânios e o que mais estivesse embaixo deles. Alguns ex's se debatiam contra a cabine e caçamba do caminhão. Nenhum deles poderia chegar tão alto, mas, de qualquer maneira, homens e mulheres na parte de trás os empurravam com varas e lanças, para garantir. O sujeito grisalho estoqueou sua arma através do crânio de uma mulher rechonchuda, que se estatelou no chão.

Os guardas começaram a fechar o portão logo atrás deles, e os dois lados se encontraram assim que o caminhão passou. Houve um estrondo quando o ferrolho foi jogado de volta ao lugar, seguido pelo clique das travas retornando a seus descansos. Derek levantou o polegar por entre as grades.

— Saímos — St. George berrou. — Cerberus, sobe aí. — Girou os braços e atirou dois ex's de encontro à multidão como um par de bolas de boliche se chocando contra uma mata fechada de pinos. Mais umas cinco ou seis dezenas deles já tinham aparecido por todos os lados, bamboleando pela rua em direção ao portão, atraídos pelo movimento e pelo barulho.

A porta levadiça suspendeu a armadura até a caçamba e logo se

fechou por trás dela. Cerberus deu meia-volta para cuidar da retaguarda, e o caminhão trepidou a cada passo. Ela virou a cabeça e fez sinal ao motorista.

— Zarpando fora — Luke exclamou. roncou, dobrou à esquerda e tomou velocidade enquanto descia a Melrose Avenue. Os ex's pelo caminho foram arremessados de lado pelo para-choque ou ficaram por baixo das rodas. St. George esvoaçou e pousou no bagageiro reforçado por cima da cabine, ao lado de Lady Bee.

Os guardas acenaram por trás das muralhas do Monte e das torres de observação enquanto eles se embrenhavam no terreno baldio que outrora tinha sido Los Angeles, o destino dos sonhos de dezenas de milhares a cada ano.



St. George escorregou para dentro da cabine. — Você ainda quer seguir pela Vermont e em frente?

O motorista fez que sim. — Agradável e sem trânsito por todo o caminho até Hollywood Boulevard. Era por aí que você queria começar, né?

O herói concordou.

Big Red desceu a Melrose. St. George e Cerberus tinham passado semanas limpando as estradas que circundavam o Monte. Aqui e acolá, os ex's coxeavam para fora de portas abertas ou por trás de carros destruídos. Cambaleavam em direção ao caminhão com braços afoitos, e logo depois se esqueciam dele assim que ficava a um quarteirão de distância.

— Estive pensando — Lady Bee disse, quando St. George se suspendeu de volta ao bagageiro. — Aposto que o Homem-Aranha daria

umas porradas em você.

Ele a encarou por cima de seus óculos escuros. — Como é?

— O Homem-Aranha. Se vocês dois lutassem, ele iria encher você de porrada.

— O Homem-Aranha não existe, tá ligada, né? É só um personagem de histórias em quadrinhos.

— Olha quem está falando.

— Nunca tive uma história em quadrinhos.

Lady Bee balançou sua cabeça e seu rifle para frente e para trás, observando as beiras da estrada. Ela estava vestindo uma camisa bem menor do que seu tamanho por baixo da jaqueta de motociclista e, sempre que se virava à esquerda, ele podia vislumbrar por entre os botões o sutiã vermelho-fogo que ela usava. — Teve um filme em que ele aguentou toda a parede de um depósito — ressaltou. — Para salvar sua namorada.

— Era apenas um filme. Efeitos especiais. Faziam isso com computadores e coisas do tipo.

Ela arreganhou os dentes. — Você pode fazer isso?

— Posso fazer o quê? Suspender uma parede?

— Isso.

— Acho que depende da mulher. — Ele sacudiu a cabeça. — Provavelmente não. O máximo que posso levantar são umas três toneladas e meia. Talvez quatro, se eu estiver em forma.

— Então o Homem-Aranha daria sim umas porradas em você.

— Tudo bem, sem problemas. Se o Homem-Aranha fosse real e a gente decidisse lutar por alguma razão, sim, ele provavelmente me daria porrada.

Bee concordou. — Está vendo? Você não é tão formidável assim.

— Tanto faz. — Ele mirou o horizonte em direção a Melrose. — É isso que você chama de flertar?

— Talvez.

— Não acho que você esteja fazendo direito.

— Talvez. — A cabeça de Bee balançou para frente e para trás

novamente. — Sabe, o Super-Homem esfregaria o chão com você. Não daria nem mesmo pra considerar uma luta.

X X X

Próximo a Cerberus, uma magricela de cabelos negros estava agarrada à vara que tinha tomado para si. Em uma das extremidades, havia um ponta de lança reluzente, retirada de uma loja de artigos gerais ou do topo de um mastro. Seus ombros se levantavam cada vez que um novo ex aparecia, e as juntas de seus dedos estavam pálidas do tanto que se apertavam em torno do cabo de madeira.

— Você não costuma sair muito, não é mesmo? — perguntou a titã de metal.

Ela sacudiu a cabeça. — É minha segunda vez desde que cheguei ao Monte.

— Quando foi isso?

— Quase um ano atrás.

Cerberus afundou o queixo blindado no peito. — Apenas se lembre de que você é mais rápida e inteligente do que eles. Mantenha-se calma, não faça nada estúpido, e será quase impossível que alguma coisa dê errado.

A menina concordou, balançando a cabeça. — Me chamo Lynne.

— Cerberus.

— Sim, eu sei.

Atravessaram a avenida Western sem incidente algum. Os heróis tinham varrido a rua alguns meses atrás, movendo os carros em direção à calçada enquanto as pesquisas avançavam cada vez mais do Monte. Assim que *Big Red* chegou ao topo de uma colina, revelando o viaduto que dava para a Hollywood Freeway, Luke tirou o pé do acelerador.

— Vocês estão vendo o que eu estou vendo? — perguntou aos que estavam na cabine.

St. George se suspendeu para ter uma visão melhor da estrada à frente.

Ambos os lados do viaduto estavam obstruídos por automóveis. Carros e caminhões estavam empilhados uns aos outros e entalados por baixo da ponte de concreto. St. George conseguiu distinguir um táxi verde-claro, uma viatura policial da LAPD e duas motos na pilha.

Lady Bee tirou um par de binóculos da enorme sacola de carteiro que usava. — Contei, pelo menos, uns doze ex's. Todos no chão.

Lucke estacionou *Big Red* a poucos quarteirões, em frente a um posto de gasolina. Lançou os olhos ao herói no topo da cabine. — Você é quem manda — ele disse, encolhendo os ombros. — Quais são as ordens?

St. George saltou do caminhão. — Dedo no gatilho, todo mundo — ele gritou. — Fiquem atentos até termos certeza da situação.

As portas traseiras da cabine se abriram e os guardas escorregaram para fora com armas em mãos. Lady Bee ficou em cima da cabine, varrendo a área com vista afiada. Logo atrás dela, varas tamborilavam na caçamba do caminhão enquanto cada vez mais rifles eram brandidos. Cerberus se virou e foi até a frente do caminhão, ficando na mesma altura de Bee. Baixou os olhos em direção a Barry, ainda dormindo em seu ninho de cobertores.

St. George deu alguns passos e, logo em seguida, um salto que o levou pelos três quarteirões adiante rumo ao bloqueio. Uma ex estava deitada sobre uma das pilhas de carros, uma latina robusta. Havia um buraco de bala em sua testa, acima do olho esquerdo, e outra bala em sua bochecha direita tinha feito metade de seu rosto despencar.

Ele estendeu a mão, agarrou o eixo de um Civic e o puxou. Ele se preparou e deu outro forte puxão. O Civic se moveu por menos de meio metro, com um som agudo de metal. — Eles estão bem apertados aqui dentro — gritou por cima do ombro.

Foi de volta até *Big Red* e conferiu os ex's no chão. Dois tinham sido decapitados. Um grandalhão teve o crânio despedaçado. Ferimentos de bala decoravam o resto.

— Estão todos mortos? — Lady Bee perguntou, enquanto examinava os corpos.

Ele fez que sim. — A gente tem alguma rota alternativa a partir desse ponto, Luke?

O motorista olhou a rua transversal. — Podemos tentar subir a Normandie. Mas faz tempo que não passo por ela. É uma rua estreita. Se bloquearam essa, podem muito bem ter bloqueado a outra, fácil.

— Além disso, parece que é exatamente o que esperam que a gente faça — disse Cerberus. Aumentou o volume de seus alto-falantes e sua voz ecoou.

— Então, vamos passar por aqui mesmo. — St. George a encarou. — Você pode dar um jeito nisso?

A cabeça de aço se virou em direção ao viaduto. — Você quer que seja feito de forma rápida ou quieta?

— Um pouco dos dois, talvez?

Ela assentiu. — Me dá dez minutos. — *Big Red* estremeceu quando ela se pôs de volta à porta levadiça.

— Uns dois ex's estão vindo pela estrada atrás de nós — Luke disse, fitando o retrovisor. — Um deles está bem perto.

— Vocês dão conta deles?

Os dois homens que desciam pela porta levadiça, vestindo suas armaduras, deram um breve sinal positivo a St. George. — Sem problemas — disse Jarvis.

Cerberus foi pisoteando pela estrada liberada até o viaduto. Um braço blindado se ergueu, agarrou o eixo do Civic e deu um puxão. O carro compactado voou para fora da pilha e foi deslizando até o outro lado da rua. Seus dedos de metal se prenderam na extremidade traseira de uma viatura e a arrastaram para fora do emaranhado de veículos.

— Você acha que foram os Seventeens? — Luke perguntou.

— Não consigo pensar em ninguém mais que poderia ter feito isso — o herói disse. — Muito embora seja a coisa mais grandiosa que eu já vi eles tentarem fazer até hoje.

— Perigo à vista — alguém gritou. Um rifle foi disparado da traseira do caminhão. Pela metade do quarteirão, um ex se estatelou no chão.

Cerberus arrastou outro carro, provocando um som agudo de metal contra metal. Girou os braços e o arremessou para a beira da estrada, onde se espatifou. Já tinha desobstruído metade do bloqueio.

— Movimentação — Lady Bee disse. — Localizei mais três ex's vindo

do sul e dois do norte.

— Temos mais dois bem atrás de nós também — Jarvis disse.

Lady Bee fez outra varredura com seus binóculos. — Já contei nove, todos à distância de, no máximo, dois quarteirões. Mais outros depois deles. Temos, quando muito, cinco minutos.

— Vamos partir em menos de cinco — disse St. George. — Tentem não desperdiçar munição ainda.

O motor do *Big Red* roncou.

Cerberus empurrou um Prius azul para cima da calçada e chutou a última motocicleta para longe, deixando um rastro de faíscas. Algumas piscadelas dentro de seu capacete ligaram as extensões de visão noturna da armadura, e ela pôde examinar por entre as sombras no interior do viaduto. Alguns grafites esverdeados e pontiagudos diziam PEASY COMANDA. Nada mais.

Seus passos ecoavam pelos pilares de concreto. Outra série de piscadelas armou as lentes de longo alcance. Analisou a Melrose o mais distante que pôde atrás de sinais de vida ou ex-vida.

Nada.

Caminhou aos trancos por debaixo da ponte e rumo à luz do sol novamente.

— O tempo está passando — St. George gritou do caminhão. — Tudo bem por aí?

Ela fez um sinal lento e pesado com a cabeça. — Que tal a vista? — berrou de volta, acenando em direção ao viaduto.

Luke ergueu o polegar de dentro da cabine e *Big Red* seguiu adiante. St. George acompanhou caminhando pela lateral do veículo até chegarem ao viaduto. Cerberus ainda estava mirando a Melrose. Ele deu um toque leve no braço dela. — Algum problema?

Ela sacudiu a cabeça. — Não sei. Algo parece errado.

— Como assim?

A armadura varreu o viaduto de ponta a ponta. — Não tenho certeza — disse, dando de ombros.

— Vamos embarcar, por enquanto. A gente pensa nisso depois. — Ele

deu um pequeno salto por cima de Cerberus enquanto ela subia de volta ao caminhão pela porta levadiça. — Como está sua bateria?

— Tenho mais 91 minutos na potência máxima, três horas na moderada. — Baixou a cabeça em direção a Barry, uma bola fetal em meio aos cobertores. — Deixe-o dormir. Nada a que ele esteja assim tão acostumado.

A porta levadiça travou e St. George saltou rumo ao telhado da cabine. Lady Bee lhe deu uma piscadela e se acomodou em seu travesseiro.

Havia um posto de gasolina na Vermont, esvaziado até a última gota três meses atrás por uma expedição anterior. Estavam dobrando para entrar na avenida quando Lynne, a adolescente, apareceu do nada na dianteira do caminhão trepidante. — Posso perguntar uma coisa?

— Sim, claro.

— Vocês são os únicos heróis que ainda existem, certo? Quero dizer, você e os que ficaram no Monte.

— Até onde a gente sabe, sim. Temos notícia de que alguns estão mortos e uns poucos se tornaram ex's.

— Existiam supervilões? Sabe, que nem no cinema?

— Não que a gente saiba.

— Então quem empilhou os carros assim?

— Achamos que foi a SS. Os South Seventeens. Eles eram uma das gangues da área de Koreatown, como os XV3s. Existem outros sobreviventes em Los Angeles, mas eles não são assim tão civilizados quanto nós.

— Não — ela disse, sacudindo a cabeça. — O que eu quero dizer é: como eles foram capazes de fazer isso? Como entulharam todos esses carros debaixo da ponte?



O terceiro punk deu de encontro com meus olhos e congelou no ar. Mantive-o sob minha mira, paralisando-o até que ele soltasse o bastão de beisebol, então deixei que meus óculos se fechassem. O merdinha caiu no chão e se contraiu, gemendo que nem um cachorro ferido.

Logo que meus olhos começaram a mudar, alguns dias depois que recebi a transfusão de sangue daquela velha assustadora na Grécia, pensei que fosse um tanto inútil perto dos demais superpoderes. Então, dei-me conta de que as pessoas não podiam lutar contra mim sem me olhar. E isso mudou meu ponto de vista sobre as coisas.

Depois que caí de paraquedas nesse trabalho noturno há cerca de sete meses, passei a ter uma rotina pesada. Trabalho na agência durante o dia. Descolo um jantar ou vou malhar na academia, socializo um pouco e deixo todo mundo convencido de que tenho uma vida fora do trabalho. Saio mais cedo com a desculpa de que estou trabalhando em um roteiro, como metade das pessoas na cidade. Volto pra casa e

durmo até as onze. Patrulho como Gorgon por quatro ou cinco horas. Duas horas de cochilo e depois volto ao trabalho. Passo o fim de semana todo tirando o atraso do sono perdido e tento ser visto o mínimo possível, pra evitar que as pessoas se perguntem por que Nikolai passou a usar óculos escuros pra seus olhos sensíveis por volta da mesma época em que um super-herói com supervisão apareceu por aí.

É claro que uns cinco ou seis esquisitões surgiram direto dos quadrinhos por todo o país nos últimos meses, alguns até na Europa, e todos eles são muito mais interessantes do que eu. Alguém ligou um interruptor e *zás*, superpoderes começaram a aparecer por toda parte. O Mighty Dragon foi o primeiro, mas acho que, na manhã seguinte à minha primeira noite fora, a grande história era a de um sujeito feito de eletricidade em Boston. O Awesome Ape fica em Chicago. Aqui em Los Angeles, além do Dragon, há algum tipo de monstro aterrorizando os traficantes em Venice Beach, e um tipo ninja dominatrix fazendo uma faxina no distrito de Rampart. Em Beverly Hills, existe um cara imortal que se cura instantaneamente de tudo. Uma noite dessas até ouvi histórias sobre um garoto em Koreatown que veste um quimono com as listras do arco-íris e fica saltitando feito uma bola de borracha.

Vestir spandex ou cores brilhantes não era muito minha praia. Existem coisas tão mais práticas que você pode arrumar quando trabalha em uma agência que representa celebridades. A armadura? Um presente pra Colin; ele está representando um tira da SWAT e quer se acostumar com o peso. Sei que é contra as regras, obrigado por lembrar. Casaco de couro reforçado? Ei, você-sabe-quem tinha um fetiche estranho, o que mais posso dizer? Escaninho com um nome falso? A sra. Lohan tem algumas coisinhas que gostaria de manter fora de vista, mas não quer se livrar delas. Apreciamos sua discrição, obrigado. Capacete de motociclista customizado? Um cinto de utilidades em estilo militar? Luvas Kevlar? As pessoas enchem suas mãos de coisas pra que elas possam dizer aos amigos que alguém famoso as tocou.

Era o fim de minha folga natalina, e o início de meu trabalho noturno.

Aqueles três Seventeens estavam zanzando havia pelo menos uma hora. Uns merdas idiotas, mal tinham entrado no ensino médio e já estavam jogando suas vidas no lixo. Eu os virei de costas e tomei suas carteiras. Em seguida, arrastei-os até uma placa de trânsito e amarrei

seus braços pra trás. Levei suas carteiras de motorista e seu dinheiro (o combate ao crime não é barato).

— Estão vendo? — rosnei, erguendo as identidades. — Agora, eu sei quem vocês são. Sei seus nomes. Sei onde vocês moram. Dentro de uma hora, vou conhecer suas famílias, seus cães, suas namoradas. O que fiz com vocês posso fazer com todos eles. E ainda pior. — As habilitações desapareceram em um bolso de meu cinto.

Sim, roubei toda a fala do *Clube da Luta*. Que me processem. Se eu fosse tão criativo assim, realmente estaria escrevendo um roteiro, e não teria que financiar tudo isso com dinheiro do tráfico de drogas.

Os óculos de proteção eram a parte mais difícil. Sabia bem do que precisava, mas não tinha ideia de como fazê-los. Através do amigo de um amigo, encontrei um designer de objetos cenográficos aposentado no bairro de Van Nuys. O cara costumava projetar e construir coisas pra todos os tipos de filmes de ficção científica antes que tudo se tornasse digital. Eu lhe disse que os óculos eram pra um filme que estava sendo rodado em algum lugar da Hungria. Ele se queixou durante meia hora sobre os serviços cinematográficos estarem cada vez mais escassos em Hollywood e, em seguida, perguntou até quando eu precisava deles. Construiu os óculos de proteção a partir de um par de íris de câmeras fotográficas antigas e de óculos escuros com lentes espelhadas, fez três pares deles para que eu pudesse repô-los, caso necessário. Também guardei as plantas e as anotações quanto ao design, caso precisasse fazer reparos por conta própria. No set de filmagens, claro.

Caminhei de volta até minha motocicleta e tirei um sinalizador de um dos alforjes. Acertou o chão a poucos metros dos punks, projetando uma luz vermelha tremulante sobre tudo em volta. As pessoas ignoram tiroteios, gritos e tráfico de drogas, mas, por alguma razão, todos chamam a polícia se há uma labareda ardendo no meio da rua.

Dei partida no motor, uns cavalos de pau e estourei um último flash, abrindo e fechando os óculos feito uma câmera. Já me disseram que meu contato visual se parece muito com ser atingido na nuca por um taco de beisebol, só que sem a dor real. Em seguida vem o medo, quando a pessoa percebe que está presa. Quando alguém está sob minha mira, não dá nem pra piscar ou desviar os olhos.

— Caiam fora. Nem sonhem em cair nas minhas mãos de novo. — E

soltei um rugido no que esperei ter sido uma aterrorizante demonstração de escrotidão fria e seca. Tem funcionado até agora. Metade de um ano no trabalho noturno e ouço dizer que o índice de criminalidade caiu seis pontos no meu território.

Claro, isso não significa tanto. Sempre tem duas ou três gangues brigando por esta parte da cidade. Às vezes, só pra demarcar território. Às vezes, são tiroteios. A Câmara Municipal se gaba nos jornais a respeito das gangues, dos traficantes de drogas e dos moradores de rua, todos expulsos do meu bairro ou de outro qualquer. Ninguém jamais discutiu o fato de que eles todos tinham apenas se mudado pra algum outro lugar.

Sendo assim, minha meta não era mandá-los embora, mas eliminá-los. Pra fazer com que todos os membros atuais e em potencial dos South Seventeens, uma gangue que se autorreferia com orgulho como a “SS”, fugissem aterrorizados só de verem um lenço verde de pescoço ou uma bandana.

A moto disparou rua abaixo, deslizando por cruzamentos e esquinas. Tentava cobrir a maior área possível todas as noites. O segredo era ser visto no maior número possível de lugares, mas nunca me movendo tão rápido, de modo que as pessoas pensassem que eu pararia caso necessário. Há uma razão pra que as viaturas policiais pareçam estar quase sempre se locomovendo em um ritmo de “rolê” por aí.

Também aprendi que alvos móveis são mais difíceis de se acertar. Meu capacete está lascado onde alguém tentou explodir minha cabeça com um rifle. Conseguiu me derrubar da moto, e foi aí que aprendi que minha energia é capaz de sugar alguém a uma distância de um quarteirão e meio.

Eu estava na Pico Boulevard quando o sedan se enfiou atrás de mim. Dei uma boa olhada nele por meio dos retrovisores. Um velho Caddy com um monte de potência, um monte de espaço e um monte de merda sentado à janela do passageiro com uma espingarda.

Meti bala no acelerador e me afastei deles. Tomaram velocidade. O carro deu uma leve guinada e pude ouvi-los uivando e gargalhando. Bêbados ou drogados pra aflorar a coragem.

Um pouco mais de velocidade da moto. Muito mais do Caddy. Eles

estavam se aproximando rapidamente. Meu *timing* precisaria ser muito bom pra que o meu próximo truque funcionasse, mas eles estavam tão ligados que não julguei necessário ser tão perfeito.

Deixei minha velocidade diminuir e joguei a moto à esquerda, seguindo rumo a um beco logo à frente. O sedan deu uma guinada para me cortar, roncando o motor, e apertei com tudo nos freios. A moto cantou pneu e rodopiou.

Deram um cavalo de pau e passaram ventando por mim. O cara da janela descarregou uma rajada de balas enquanto outro sujeito no banco de trás disparava repetidas vezes com uma pistola. Mal estavam mirando, e nenhum dos dois nem chegou perto de acertar.

Bateram na quina do edifício, bem logo onde a alameda começava.

Uma colisão a oitenta quilômetros por hora, sem airbags.

Puxei a moto de volta pro lugar e deixei que os óculos de proteção se abrissem com um estalido. Não quis sugar muito da energia deles; todos esses idiotas teriam muito tempo pela frente no hospital. Especialmente o atirador, que tinha sido expelido do carro e acabou deixando um senhor amassado em uma caixa de correspondências azul. Verifiquei seu pulso. Clavícula e braço esquerdo quebrados, mas ele ainda estava vivo, aquele filho da puta de sorte.

O motorista gemeu quando eu o atraí pra fora da janela. Tinha se chocado contra o volante com muita força, acabou fraturando algumas costelas, e seu rosto estava um pouco cortado por conta de alguns pedaços de vidro do para-brisa. Ficou berrando e xingando em espanhol até que a sua cabeça bateu pela terceira vez contra o porta-malas do carro. — Eu não sei de nada, mano — ele cuspiu entre os dentes. — Me deixa em paz.

— Você não sabe de nada? — repeti, amassando outra vez o capô com sua cabeça. — Vocês estavam atrás de mim, não estavam?

— Não, cara, eu juro — ele tentou girar e se livrar da minha mão, mas já tinha visto meus olhos. Ele era tão forte quanto um garoto de dez anos, e eu tinha a energia de quatro pessoas. Eu o revirei de volta e pressionei sua cabeça contra o porta-malas.

— A qualquer momento, eu vou acabar ficando cansado de bater sua cara contra esse carro e vamos passar pra calçada. Vocês estavam

atrás de mim?

— Sim — ele admitiu. — Sim, a gente estava.

— Foi Rodney quem mandou vocês? Ele ainda é covarde demais pra me enfrentar pessoalmente de novo?

Se minha vida como Gorgon fosse uma história em quadrinhos, Rodney Casares seria meu arqui-inimigo. Ele teria sido exposto a raios gama, encontrado um artefato alienígena, talvez se teletransportado com uma mosca ou algo do tipo. Em seguida, arrumaria uma fantasia, roubaria alguns bancos, tentaria conquistar a cidade uma ou duas vezes. Nós lutaríamos muito, ele ficaria frustrado e fugiria no último minuto, esse disparate todo.

Ao invés disso, aqui no mundo real, ele era o que alguns veriam como o melhor exemplo de autoridade dentro da SS. Tinham algum título estúpido para ele, que fiz questão de não usar. Já esteve nos tribunais, uma vez acusado de homicídio, quatro ou cinco outras por assalto e agressão. E me odiava por ter paralisado seu irmão mais novo, enquanto o moleque estúpido tentava entrar na gangue por meio de algum roubo menor e de puro vandalismo. Da feita que seu irmão se viu livre, os dois vieram atrás de mim com alguns outros moleques e despachei todos eles. Rodney é um cara durão, mas não pode lutar com os olhos fechados. E não existe ofensa muito mais grave naquela comunidade do que fazer alguém parecer fraco na frente dos familiares e amigos.

A expressão do Seventeen mudou ao escutar o nome, e ele escancarou um sorriso. — Cê não tá ligado?

— No quê?

— Porra, mano, Rodney levou o farelo. Tá no hospital. Provavelmente já deve estar morto.

— Quem fez isso?

O motorista sacudiu a cabeça. — Não tinha ninguém lá, só uma puta sequelada. Ela pulou em cima dele do lado de fora do cinema na sexta à noite. Ficou mordendo e o caralho. Ela rasgou o pescoço dele, mastigou uma das orelhas. O Tommy Loco disse que ela engoliu até.

— O que aconteceu com ela?

— O que cê acha que aconteceu, cara? — Uma mão mofina limpou o

excesso de sangue nos olhos. — Atiraram na vagaba sem dó nem piedade. Dizem que ela tava tão ligada que levou uns vinte pipoco.

Tinha corrido à boca miúda, havia poucos dias, a notícia de uma mulher com vários ferimentos à bala. Caso relacionado às gangues. Nunca chegou a me interessar até aquele momento.

Um dos Seventeens deu um gemido no banco de trás do carro e abriu a porta com seu peso. Fechei-a de volta com um chute, martelando sua cabeça. Ele se afundou de volta no assento. O idiota encostado no porta-malas tentou escapulir novamente e, dessa vez, deixei que os óculos ficassem abertos.

— Então, quem mandou vocês atrás de mim?

Ele choramingou, e seus olhos arregalados começaram a lagrimar. Aproximei as lentes e o sacudi.

— Todo mundo — ele disse, choroso.

— O quê?

— Tá todo mundo doido pra te pegar — ele esboçou um sorriso. — Você é o cara que fez o Rodney de palhaço. Quem te der um sumiço, leva como recompensa ser o novo fodão da parada, agora que ele não tá mais por aqui.

Eu o virei de costas e puxei sua carteira. Passamos por uma breve lenga-lenga, embolsei sua habilitação, o dinheiro e logo o nocauteei, dando com sua testa de encontro ao porta-malas. Dez minutos depois, ele e seus dois amigos estavam bem amarrados uns de costas pros outros, com os braços atados aos pés. Prendi o braço ainda intacto do motorista à caixa de correspondências e mandei brasa.

Com a explosão súbita de luz, pude ver alguma coisa do outro lado da rua. Uma mulher em cima do telhado. Me olhando.

A primeira coisa que me veio à cabeça foram as dançarinas do clube. Daquelas gostosas, as mais sacanas, mais sem limites, que fazem carreira como a garota que todos querem tirar para dançar, comprar bebidas e levar pra casa. Ou, pelo menos, pro carro. Algumas delas costumavam pintar o corpo com látex líquido ao invés de usar roupas.

Já a mulher no telhado, seu traje era tão apertado quanto, e mostrava do mesmo tanto. E ela tinha um monte a mostrar. E digo como alguém

que lida com algumas das mulheres mais gostosas da Terra toda semana, como parte do meu trabalho diurno. Cintas pretas e correias cruzavam seu corpo, acentuando suas curvas. Muito parecidas com o cinto de utilidades que eu usava, mas o meu era industrializado, e não acho que houvesse nem meio centímetro sequer do material dela que não devesse estar lá. Pendurado sobre os ombros, um manto empoeirado e parecido com aqueles do Oriente Médio, com um capuz largo e franjeado. As listras negras e cinzas eram camuflagem urbana.

A ninja dominatrix.

Um dos Seventeens soltou um gemido e tirei os olhos dela por um segundo. Quando olhei de volta, ela tinha sumido.

Eu ainda era pouco experiente, nível três, por assim dizer, mas o suficiente pra que um salto de dois andares fosse possível com um pouco de esforço. Tomei velocidade, atingi a linha no centro da rua e saltei.

Pousei no revestimento de piche do telhado. Os óculos de proteção estavam abertos, sugando quem quer que cruzasse minha vista, mas não tinha ninguém lá. Procurei por trás de algumas saídas de ventilação e por uma porta de acesso. Ela tinha desaparecido, feito uma jovem adepta da discrição ninja.

Grande coisa. Todos os tipos de herói deviam estar ouvindo coisas uns sobre os outros. Eu mesmo estava bem curioso a respeito do monstro em Venice. A dominatrix provavelmente tinha descido a esta parte da cidade à minha procura. Talvez na esperança de que ela pudesse ser minha fiel companheira ou algo do tipo.

Meu casaco tremulou ao vento quando caí de volta ao nível da rua. Estava sem tempo pra brincar de gato e rato com outro herói. Se a porra do moleque estivesse certo e houvesse mesmo um vácuo de poder na SS, toda essa parte de LA se transformaria em um inferno na Terra até o fim da semana.



Los Feliz era uma comunidade ao nordeste do distrito de Hollywood. Com as árvores, casas de tijolinhos e o letreiro antigo de cinema, não era tão difícil assim de imaginar que aquela área fosse parte de alguma cidade pequena do interior por aí.

Big Red foi desacelerando até parar debaixo das árvores. Os batedores saltaram do caminhão e se espalharam para vasculhar o perímetro. A porta levadiça desceu e Cerberus saltou meio desajeitada na calçada. Lady Bee escorregou de cima da cabine, aterrissando com um forte baque de suas solas. Abriu a caixa térmica embaixo do caminhão e tirou uma trouxa de sacolas de lona.

— Prestem atenção, todos vocês — disse St. George, acenando para Lynne. — Ok, para aqueles que não estão acostumados a fazer isso e também pro resto de vocês que já ouviu a mesma coisa umas trinta ou quarenta vezes, aqui estão as regras. Grupos de três. Controle a cada meia hora. Ninguém deve ficar sozinho. Ninguém faz nada sozinho, não

importa o quê. Se algum de vocês perceber alguma coisa, deve dizer ao resto do grupo. Se algum de vocês quiser averiguar alguma coisa, deve ir com o resto do grupo. Se algum de vocês precisar mijar, espero que goste de companhia.

Jarvis descarregou sua arma para derrubar a ex obesa que vinha vagando pelo beco, na altura de uma livraria. A mulher pálida caiu de cara na calçada. Eles puderam escutar o estalido do nariz se quebrando no asfalto.

— E, como Jarvis acabou de demonstrar — St. George acrescentou, com ironia —, não atire a menos que você precise. O barulho os atrai.

O sujeito grisalho se retraiu e baixou o rifle.

— Se vocês ouvirem um tiro, ou tiros, não entrem em pânico. Não corram. Isso só faz com que as pessoas se machuquem. Um dos segredos mais fáceis pra sobreviver aqui é andar. Usem seus cérebros, usem seus walkie-talkies, apurem o que está acontecendo primeiro. Não corram a menos que tenham certeza de que vocês precisam correr.

Ele os encarou até que todos assentissem.

— Tudo certo, então. Ty, David, Billie, verifiquem os apartamentos lá em cima. Marcos, Bee, peguem Lynne e vasculhem todos desse lado. Andy, Jarvis, Lee, vocês ficam com as casas. Luke e Ilya, permaneçam no caminhão. Vou me ocupar com esse cruzamento aqui. Cerberus, aquele cruzamento lá em cima é seu. Perguntas?

— E Barry?

— Barry continua dormindo a menos que precisemos dele.

Ty retorceu um par de sacolas de lona até formar uma corda comprida e a prendeu em seu cinturão. — Quanto tempo você quer passar aqui?

— Espero que a gente consiga matar esse quarteirão em duas horas. Sigam pelo leste, depois rumo ao norte. Dessa forma, a gente consegue vasculhar a maioria dessas lojinhas.

— Acho que tem uma Ralph Lauren, uma DVF ou algo assim a três quarteirões naquela direção — Lynne disse, acenando com a cabeça.

Cerberus sacudiu a cabeça com um leve gemido de servomotor. — As lojas de atacado foram os primeiros lugares depredados pelas pessoas. Qualquer estabelecimento com seu próprio estacionamento foi saqueado

há, pelo menos, um ano.

— Espero que a gente consiga dar conta dessa rua e do quarteirão ao leste ainda hoje — St. George disse. — O sol se põe às sete e doze. Meia hora pra voltar. O caminhão tem que estar carregado e pronto pra zarpar até as seis, no mais tardar.

Billie deu um tapa no coldre tático amarrado à sua coxa. — Vamos lá.

X X X

Mark deu três pontapés na porta da escada enquanto Lady Bee retirava o extintor de incêndio do soquete. Lynne vigiava a retaguarda com seu rifle. Ela apontou para a porta cinza. — Por que você continua batendo?

Ele empurrou a porta com o pé e esperou. A escadaria estava iluminada por feixes aleatórios de raios solares. — Você não tem saído muito, né?

— Na verdade, não. Era muito jovem antes.

— O barulho atrai os ex's, como St. George disse — Bee explicou. — Antes de abrir qualquer coisa, portas, armários, o que seja, você faz um pouco de barulho. Se tiver algum ex do outro lado, ele vai tentar atravessar a porta pra seguir o som, e você vai conseguir escutá-lo.

Mark concordou. — Ou isso ou eles estarão longe o bastante pra que você tenha tempo de matá-los. — Deu um passo adiante na escadaria e espiou rapidamente os andares inferiores e superiores. — Parece tranquilo. Lá embaixo, só tem a saída de emergência.

— Cheira a merda aqui — Lynne disse.

— Muitas coisas mortas nesse tipo de lugar — Bee retrucou.

— Ex's?

— Muitos estão apenas mortos.

— Ei — Mark disse —, mais atenção e menos conversa.

— Ah, você adora — Bee disse. Inclinou o corpo para trás e seus olhos e seu rifle seguiram escada acima. — Que tipo de homem não gostaria de ter um pouco de tempo sozinho com duas gostosas, livres e

desimpedidas?

— O tipo que sabe que não teria tempo suficiente pra desfrutar delas. — Fez sinal de positivo e ela logo subiu ao patamar seguinte.

— Um corpo. Já era.

— Certeza?

— Ô. E bem comido. Não sobrou o suficiente pra que ele chegue a se mover.

Ele fez sinal para que Lynne subisse as escadas, e ela se juntou a Bee no patamar ensanguentado. O cadáver era um troço mirrado, um esqueleto ainda reunido por tiras de carne seca humana. Estava faltando a maioria dos dedos das mãos e dos pés. Uns poucos trapos manchados o cercavam. Lynne não sabia dizer se era um homem ou uma mulher.

Mark seguiu acima logo atrás delas e dobrou na pequena plataforma.

— Pelo que parece, tudo limpo pro próximo voo — Bee disse.

Ele acenou com a cabeça e abriu caminho ao nível seguinte. — Segundo andar — gritou. Bateu três vezes na porta.

Lynne subiu os degraus. — Os ex's são mesmo tão estúpidos quanto todo mundo diz, certo?

— Burros que nem formigas.

— Então onde é que está o ex que comeu esse cara? Ou essa mulher. Seja lá o que fosse. Não teria como sair daqui, certo?

Os dois batedores se entreolharam. — Primeira bola dentro da pivete — Mark disse. Ele esticou o pescoço por cima do corrimão e perscrutou de cima abaixo.

— Encontrou alguma coisa?

— Nada ainda — ele esgueirou seu corpanzil até a próxima parada, com seu rifle apontado ao patamar seguinte. — Ahhhhh. Tem uma goteira aqui.

Bee fez sinal para que Lynne subisse as escadas.

Mark apontou para uma poça escura encrostada no chão do terceiro andar. Deu mais alguns passos e virou o rosto em direção ao patamar. — Outro corpo — disse. Sua mão livre foi para cima e desceu de volta,

traçando um círculo no ar. — Ex. Está morto.

Lynne ficou na ponta dos pés e se inclinou para ver o corpo. — Você tem certeza?

— Opa. Parece que ele tentou subir até o quarto andar e caiu de jeito pra trás. O crânio está completamente rachado ao meio.

— Mas como?

— Já tinha visto isso antes — Bee disse. — Um corpo pode despencar com uma força danada quando não faz nada pra evitar a queda.

— Voltem ao segundo andar — Mark disse, com um aceno de mão. — Temos um prédio inteiro pra vasculhar e já estamos ficando pra trás.

W W W

St. George saltou o mais alto que pôde, atropelando as folhas secas das árvores no caminho. Mantendo o foco na leve torção entre os ombros, conseguia chegar a quase uns vinte metros, ligeiramente mais alto do que a maioria dos edifícios. Mas ainda não era o que dava para se chamar de um verdadeiro voo, mesmo com três anos de prática.

Ficou estancado no ar por uns instantes, passando a vista sobre os telhados. Havia uma dezena de painéis solares sobre o quarteirão seguinte. Algumas camisas e shorts desbotados pelo sol em um varal improvisado. A três ou quatro quarteirões de distância, um par de ex’s se espremia contra a grade de um pátio no terraço.

Afundou de volta e se lançou de novo. As células solares mais próximas a ele estavam cheias de rachaduras. Podiam até não funcionar.

O herói se virou, fatiando o vento com seus braços, e lançou os olhos a Vermont. Da altura em que estava, podia enxergar a quilômetros de distância até a autoestrada 10. Se focasse um pouco a vista, seria capaz de detectar movimentos cambaleantes e lentos por todos os lugares. Mais de cinco milhões de ex’s no condado de Los Angeles, se as estimativas de Stealth estivessem corretas.

Ao flutuar de volta ao chão, viu o vulto se arrastando rua acima. Uma jovem de cabelos negros vestindo jeans e camiseta. Tinha apenas um

olho, e seu braço esquerdo terminava no cotovelo. Alguma coisa se contorcia e se revirava no asfalto por trás dela.

Ele girou as pernas e deslizou pelo vento, pousando no cruzamento logo após as árvores. O ex virou seu olho na direção dele e estalou sua mandíbula enquanto coxeava adiante. Seu braço direito permanecia o tempo todo para trás, com o pulso ligado àquela coisa pequena por um cordão colorido. St. George conseguiu vislumbrar o velcro de um vermelho-vivo, e se deu conta do que a criatura estava arrastando.

Era uma criança. Dois anos de idade, no máximo, encoleirada àquela coisa que já tinha sido sua mãe. Suas roupas estavam esfarrapadas. A maior parte de seu rosto estava em carne viva e ensanguentada por ter sido arrastada por quilômetros e quilômetros de asfalto, e ele podia ver ossos e dentes por todos os cantos. A mãe fazia uma breve pausa entre um passo e outro, a criança rolava retorcida e, então, era novamente arrancada de seu repouso quando a ex maior resolvia prosseguir.

As botas de St. George tocaram o asfalto e a ex levantou o braço decepado em sua direção. Ela fez força para puxar o outro e a criança morta rolou pelo chão. Daquela distância, ele podia ver o rastro umedecido que a pequena ex deixava ao ser arrastada.

O herói estendeu a mão e a mulher aproximou a boca de seus dedos. Ela lhe lembrou um filhote de cachorro quando tenta dar uma mordida, sem força o suficiente para romper a pele. As mandíbulas insignificantes percorriam de cima a baixo, tentando perfurar sua pele petrificada. Sua língua era como um pedaço áspero de couro esfarrapado contra as pontas dos dedos dele. Um dente caiu e quicou no asfalto.

Ilya gritou do caminhão: — Problemas, chefe?

— Não — ele disse, com um olhar por cima do ombro. Apoiou a mão livre na testa da ex e deslizou seus dedos para fora da boca. Outro dente caiu. A mulher morta deu uma patada em seu braço, como uma criança lidando com o valentão da escola, enquanto ele estalava os dedos para se livrar daquela saliva gosmenta. Em seguida, deu com o lado da mão para atravessar a espinha dorsal da coisa, decepando sua cabeça. O corpo desabou e a cabeça saiu quicando.

A pequena ex ficou a seus pés. Foi cambaleando até ele com pernas atarracadas, rangendo os dentes de leite em sua boca miúda. Ele não

sabia dizer se aquilo tinha sido um menino ou uma menina. Aos trancos, deixou o cadáver sem cabeça de sua ex-mãe para trás, e seus dedos rechonchudos se estenderam para um abraço esfomeado.

St. George suspirou, levou a perna para trás e deu um pontapé no peito do ex. Ossos mirrados se partiram aos pedaços contra sua bota e a coleira vermelha arrebentou, lançando a criança morta pelos ares. Foi subindo até passar dos telhados dos prédios e despencou a uns dez quarteirões de distância, esparramando ossos e nacos de carne por todos os lados.

Levou os olhos de volta ao carro e raspou a ponta da bota pelo asfalto. Ilya estava de pé na porta levadiça, retribuindo o olhar.

— Odeio esses pequeninos.

W W W

Uma das enormes janelas do restaurante tinha sido estraçalhada. Um corpo estava debruçado sobre o peitoril. Suas pernas tinham sido mastigadas até a cartilagem. Lee deu dois fortes chutes para se certificar de que ele estava morto mesmo.

Do lado de dentro estava um tanto bagunçado, mas não destruído. Umas poucas cadeiras derrubadas, alguns estilhaços de vidro. Lee bateu o pé algumas vezes no chão e se agachou para ter certeza de que nada estava escondido por baixo das mesas. Jarvis manteve seu rifle apontado na direção da porta para a cozinha.

— Parece estar tudo limpo.

Andy pendurou o rifle no ombro e arrastou o cadáver para dentro do restaurante. Uma das pernas ficou para trás ao bater no peitoril, fazendo cair alguns ossos para o lado de fora, na calçada. Jarvis piscou incrédulo para ele. — O que é que cê tá fazendo?

— Só demonstrando um mínimo de respeito aos mortos. Imagino que mal não faça. — Deitou o corpo no chão, desempoeirou as luvas e cruzou as mãos de dedos delgados.

— Quando tiver acabado, pegue todos aqueles saleiros — Lee disse. — E cheque também na despensa.

— Sim, sim, tanto faz. — Andy ficou de pé e pegou os temperos da mesa mais próxima.

Lee e Jarvis contornaram o balcão principal, ambos os rifles apontados para baixo. Outro corpo estava estendido no vão estreito, seu rosto e seu torso corroídos. O chão estava escuro, com pegadas antigas sobre sangue velho. Jarvis chutou em um dos pés. — Morto.

Alguma coisa estava brilhando no fundo do vão logo abaixo da caixa registradora. Lee revirou algumas caixas debaixo do balcão e uma espingarda de cano duplo das mais polidas acabou aparecendo. — Puta merda!

— Qual foi?

— Alguém não estava mais sendo assaltado, é o que dá pra perceber. — Lee pegou a escopeta e a colocou sobre o balcão. Vasculhou em volta e encontrou duas caixas de balas.

— Uau — Andy disse. — Nunca me pareceu que fosse esse tipo de vizinhança.

— Aparentemente ninguém lhes contou. — Jarvis soltou um riso entre dentes.

Lee espiou a cozinha. A área de serviço era ao ar livre, dividida apenas por uma estante cromada de rodinhas com prateleiras vazadas. Vislumbrou a porta dos fundos e um freezer enorme. — Você fica com a cozinha, eu fico de guarda?

— Você está me dando uma opção?

— Que nada. Só sendo educado.

Lee pressionou as costas contra a armação da porta de modo que conseguisse observar os dois cômodos. Jarvis se esgueirou pela porta, mantendo-se abaixado. Esticou o braço para tocar o cano de seu rifle em uma prateleira e o metal vazado ressoou, fazendo barulho. Seu dedo tocou no gatilho umas cinco vezes antes de prosseguir rumo à porta dos fundos. Era maciça, com um ferrolho pesado preso à armação.

— Está tudo bem — Jarvis disse. Pendurou o rifle no ombro e averiguou as prateleiras empoeiradas.

Lee virou a cabeça e viu que Andy já tinha terminado de vasculhar a estante e se embrenhava no cubículo que era a despensa. Jogou uma

caixa com pacotes de açúcar em sua sacola, junto com mais saleiros.

Na cozinha, Jarvis deu um chute fraco em uma grande caixa de plástico. — Isso tudo é farinha. Ainda boa, selado apertado. Tenho uma lata de tamanho industrial de fermento em pó e alguns grandes frascos de especiarias, também. Ainda não verifiquei aquele kit de primeiros socorros ou o extintor de incêndio — apontou para os armários de aço montados na parede. — A gente tem até um carrinho.

— Maravilha. Traga-o pra cá e vamos levar tudo pro caminhão.

W W W

Meio quarteirão atrás de Cerberus, *Big Red* roncou de volta à vida e passou a avançar vagarosamente pela rua em sua direção. Ela trouxe todos os seus sensores até o nível completo e esquadrinhou a área. Perscrutando norte, leste e oeste, conseguiu capturar sete ex's em seu campo de visão. O mais próximo estava a três quarteirões ao norte, no cruzamento da Vermont com a Franklin.

Outra pessoa morta tropeçou para fora de um beco atrás da 7-Eleven e ganhou a rua. Pouco mais de trinta metros a separavam do cruzamento onde Cerberus estava de prontidão. Os sensores da armadura detectaram os alvos e os ampliaram.

Era uma mulher. Parecia ter uns trinta, no máximo, e isso depois de ter se transformado. Cabelos longos e castanhos, rosto pontiagudo, muito fino. Sua camisa aberta revelava um sutiã preto e um rastro de sangue corria de seu pescoço por seu torso, acentuando seus seios miúdos. Sua cabeça pendia em um ângulo estranho — o pescoço provavelmente estava quebrado, mas seus lábios ainda permaneciam molhados de uma presa fresquinha.

Cerberus esticou um braço, alinhando uma arma fantasma ao crânio da ex. Apesar de as luzes de alerta estarem piscando em seu visor, a armadura ainda se movia como se uma Browning M2 maciça estivesse acoplada a suas costas. Fazia mais de um ano desde que Stealth a confiscou deles, insistindo que a munição tinha de ser guardada para uma emergência real.

A ex percebeu a movimentação. Braços finos e enrijecidos se

ergueram com um rangido, mãos afoitas, e a mudança repentina de posição a fez perder seu equilíbrio e vacilar por um instante. Logo arrastou seu pé esquerdo adiante e saiu cambaleando pelo asfalto.

Se ela ainda tivesse seus canhões, poderia ter transformado aquela cabeça em fumacinha. O mesmo valia para o segundo ex a dois quarteirões e meio ao norte. Mesmo os três que tinha visto subindo ao topo da colina em Los Feliz, a mais de um quilômetro de distância. Tinha construído o traje já pensando nessa precisão toda. Cinco tiros, cinco ex's sem cabeça.

Se ela ao menos tivesse seus canhões. Como um aleijado sentindo falta de seus membros amputados, seus braços coçavam por eles.

A ex afoita já tinha percorrido metade do caminho entre elas. Suas mandíbulas não paravam quietas, e os microfones da armadura captaram o clique-clique-clique de dentes.

Sem os canhões, tudo o que restava a Cerberus era chegar perto e partir para o corpo a corpo. Tinha que deixar os ex's caminharem até lá, aglutinarem-se sobre ela, arranharem-na enquanto tentavam encontrar uma maneira de atravessar a armadura. Mesmo desligado, o traje era páreo duro para os dedos e dentes dos mortos-vivos. Mas eles poderiam passar horas, dias e semanas tentando, pois simplesmente não entendiam que não eram capazes de atravessá-lo.

Da primeira vez em que a energia acabou, ficaram amontoados ao redor dela durante dois dias. Trinta e uma horas e meia dentro da armadura enquanto cinquenta ex's a apalpavam e a agarravam e a encaravam com olhos vazios. Trinta e uma horas e meia depois, Dragon e Zzzap a encontraram.

A ex estava a menos de três metros de distância. Cerberus percebeu que a mulher não estava usando um sutiã preto, mas todo um conjunto de lingerie por baixo de sua roupa. Um corpete, ou um espartilho, ou qualquer coisa que ela nunca se preocupou em saber o nome. Sua boca estava brilhando com o batom vermelho.

— Alguém guardava esperanças pra sua última noite. — O traje de combate imponente tossiu uma risada sombria. — Acho que você não foi comida do jeito que queria, hein?

Ela estendeu o braço e pôs uma luva blindada no ombro da ex. A outra

caiu sobre sua cabeça loira, envolvendo-a com os dedos imensos. Seus pulsos dobraram, o crânio da ex se desprendeu do pescoço encurvado com um som feito madeira seca se partindo, e o corpo caiu no chão.

Cerberus segurou a cabeça loira com o braço esticado, deixando o líquido negro escoar enquanto as mandíbulas continuavam a estalar. Quando ela parou de vazar, foi jogada estrada abaixo. Seu software de mira rastreou cada salto, revirada e giro.

— Tudo limpo — exclamou no rádio. — Tragam o caminhão, logo dobrando a esquina.

X X X

David abriu a porta do apartamento com o pé e contou até cinco. Bateu o pé algumas vezes no chão e contou até cinco novamente. Rifle em mãos, ele os escoltou até o terceiro apartamento. Billie estava logo atrás dele com sua espingarda e Ty protegia a retaguarda após reconfirmar que o corredor estava livre.

Espreitaram a cozinha pelo canto da parede. Billie esmurrou a porta do banheiro algumas vezes e Ty fez o mesmo com a do quarto.

Alguma coisa deu um baque de volta contra a porta do quarto.

— Tem um aqui — ele gritou.

— Estou a postos logo atrás de você — David disse.

— Eu te dou cobertura — Billie ergueu a espingarda.

Ty chutou a porta com força e a sentiu de encontro ao peso morto quando o trinco estourou. Deu outro chutão e ela se escancarou. O ex era um senhor de idade com uma camisa havaiana. Suas calças pretas e cueca listrada se amontoavam em seus tornozelos. Cambaleou para trás por um instante e logo se contorceu de volta em direção a eles.

— Ai, caramba — Billie disse, reprimindo uma risada. Apontou para o criado-mudo, onde um par de dentaduras descansava em um copo d’água turva. — O velho é desdentado.

Ty estendeu o rifle com o braço esticado e apertou o cano contra a testa do ex. Os pés calçados em meias tentaram se arrastar para fora da mira e o ex acabou escorregando para o chão. Tão logo passou a se

contorcer, Ty se aproximou e enfiou uma bala em sua têmpora. O cadáver enfim parou.

Cerberus vociferou nos walkie-talkies: — Quem atirou?

— Ty na escuta. Tivemos um ex pela frente. Foi abatido.

— Copiado.

A voz de David ecoou pela sala. — Tudo limpo agora?

Seus parceiros assentiram. — Tudo limpo — Ty concordou. Lançou seu olhar do ex para Billie. — Pobre coitado, morreu enquanto se vestia.

— Já é ruim o bastante ser um morto-vivo — ela sorriu e estendeu o punho fechado na direção dele. — Voltando ou não voltando dos mortos, prometa que você vai vestir minhas calças.

Ele bateu de leve contra os nós dos dedos dela. — Vamos ver.

Billie escancarou as gavetas do banheiro com sua mão desocupada. Ty voltou à cozinha e abriu o primeiro conjunto de armários. — Ponto pra gente! — exultou. — Logo na primeira porta aberta, sem esforço nenhum... — Ele se inclinou pela porta da cozinha e estendeu meia garrafa de rum Captain Morgan.

— Maravilha.

— Qual foi? — Billie perguntou do banheiro.

— Manguaça — David disse.

— Lindeza pura. Os sais de banho da Epsom são medicinais, certo?

— Pode crer — David disse. — Pega tudo.

— Algumas latas de sopa — Ty disse —, alguns miojos, metade de uma caixa de panquecas Bisquick. Não muito mais. — Suspendeu a sacola de lona já cheia pela metade.

David observou a caixa. — Essas panquecas não podem acabar fazendo mal?

— Nem sei. A data ainda é boa.

X X X

St. George torceu outro parafuso para fora do concreto. A ferrugem e

pintura faziam com que eles escorregassem muito, mas se ele apertasse com força o bastante seria capaz de afrouxá-los. Quando ficou solto o suficiente para que ele conseguisse passar os dedos por baixo, ele o desprendeu do telhado com um puxão. O último painel solar ainda estremeceu por um instante quando ele jogou o parafuso pela saída de ventilação.

Ele fez uma pausa para dar uma ligeira espiada pelo buraco. A rua ainda estava tranquila. Ilya estava atando o painel que tinha descido dez minutos mais cedo. *Big Red* já carregava sete deles até agora, espremidos ao lado de cestos e caixas de plástico recolhidos.

O herói desatarraxou o último parafuso e um minuto depois o painel solar virou para trás feito um bêbado. — O próximo está indo. Tudo certo aí embaixo?

— Só te esperando — exclamou Ilya. Puxou a correia com que estava amarrando apertada a pilha de painéis, empurrou seu rifle um pouco mais para o meio das costas e mandou um polegar rente rumo ao telhado.

O herói suspendeu o painel acima de sua cabeça com as duas mãos e deu um salto da cobertura. Planou até a caçamba do caminhão, onde Ilya mantinha a pilha equilibrada, e acomodaram o último painel. Barry se revirou em seu monte de cobertores e murmurou na direção deles.

— Mais dois no topo do próximo telhado — disse St. George.

Ilya concordou. — Alguma ideia de quem esteja cuidando desses?

Ele sacudiu a cabeça. — Acho que um dos estúdios do East Central. Tenho certeza de que Stealth tem tudo planejado.

— É claro que ela tem. — Ilya esticou outra correia adaptada e a enganchou em um suporte.

St. George olhou em direção à rua. — Tudo limpo ainda?

— Sim, sim. Nada em um raio de quatro ou cinco quarteirões.

Jarvis e Andy foram caminhando até o caminhão, cada um segurando uma caixa de papelão cheia de latas, enquanto Lee os cobria. — Parece que o avô de alguém se preparou pra Terceira Guerra Mundial. Um monte de coisas da Guerra da Coreia, e pelo menos mais o dobro de tudo isso que a gente está carregando naquela cobertura. Alguns cases

de espingardas também.

— Só vocês estão encontrando as coisas mais legais hoje — disse Ilya.

St. George virou uma lata de peru apimentado em sua mão e a botou de volta na caixa. — Algum sinal do que aconteceu com o avô?

Andy sacudiu a cabeça enquanto deslizava as caixas para dentro da caçamba do caminhão. — A porta dos fundos está sem as dobradiças, um pouco de sangue pela garagem. Nenhum corpo. Ou eles comeram cada centímetro dele ou ele conseguiu fugir.

— De um jeito ou de outro — Lee acrescentou.

— Peguem tudo — o herói disse. — E se apressem. Ele pode estar vagando por aí.

— Ele e alguns milhares de outros — zombou Jarvis.

— Mais uma razão pra ter cuidado — disse St. George. Olhou para o relógio. — Eu adoraria terminar este quarteirão ainda hoje.

— Deixa com a gente — Lee disse. Os três homens enviaram acenos e continências e marcharam de volta à cobertura.

O herói deu um pontapé na porta levadiça e voou de volta ao telhado.

X X X

— Último apartamento neste piso — Lady Bee disse. Colocou sua sacola lotada de compras no chão e esmurrou a porta.

Lynne agarrou seu rifle. — Então... aquilo foram eles matando um ex?

Mark confirmou. — Você os encontra presos nos quartos, banheiros, coisas do tipo. Eles não sabem como manusear uma maçaneta e acabam ficando presos em alguns lugares. Já vi um monte em armários. Algumas pessoas simplesmente se arrastam até lá para se esconderem e abotoam o paletó.

— Eles não sentem nada — Bee disse. — Sem atividade cerebral, sem sentimentos, nada. São apenas cadáveres ambulantes. Tudo limpo — ela disse a Mark.

Ele deu três chutões contra a porta e o ferrolho arrebentou da

armação. Fixou os olhos no apartamento escuro por três segundos e entrou. Estava abarrotado com móveis empoeirados da IKEA e travesseiros. — A Avon chama! — ele berrou.

— Isso deixou de ser engraçado antes mesmo de eu nascer — Bee disse, complementando com um chute suave na bunda dele ao passar rumo à cozinha.

— Isso *nunca* vai deixar de ser engraçado — ele assegurou. — Lynne, dê cobertura a ela. Eu cuido da porta.

Deram umas batidas em um armário pequeno e descobriram uma lixeira de plástico cheia de lodo e mofo. — A cozinha está limpa — Bee disse. Olhou para Lynne. — Quartos e banheiro agora.

Eles bateu nas portas. O quarto estava tão abarrotado quanto a sala. Nada fora toalhas pretas desbotadas no banheiro. A cortina escura do chuveiro esvoaçava próxima a uma janela aberta e uma corda pendurada bateu o código Morse no peitoril. — Acho que já vi esse banheiro em um catálogo — Lynne disse.

Bee lhe deu uma piscadela. — Chegou sua grande oportunidade de possuí-lo.

— Sim, claro, mas não, obrigada — Lynne retrucou. Voltou-se ao armário de remédios e um ex caiu através da cortina do chuveiro.

Era uma mulher nua, inchada, mexicana ou indiana, com montes de banhas acinzentadas balançando. A coisa morta tropeçou na borda da banheira, derrubando Lynne no chão com toda a sua gordura e quicando da pia para cair em cima dela, que gritou e jogou os braços para cima a tempo de bloquear o pescoço e manter a boca afastada. Os dentes estalavam sem parar, banhando Lynne com minúsculos flocos de marfim enquanto seu cabelo lhe varria o rosto. As mãos carnudas se estenderam para apalpá-la.

— Filha da puta! — Bee deu meia-volta. — Mark!

— Tira isso de mim! Socorro!

Tinham caído pelo meio da passagem da porta, e o corpanzil gordo da ex bloqueou a entrada. Mark partiu, saltando sobre o cadáver e se esgueirando por baixo atrás dele. Passou o braço em volta do pescoço grosso da ex e puxou. Ela levantou alguns centímetros, e Lynne desferiu socos, debatendo-se e esperneando-se para sair debaixo dela rumo ao

corredor.

— Bee!

— Fica parada!

O pescoço da ex estalou quando ela torceu a cabeça para trás. Com as mandíbulas escancaradas, afundou seus dentes no braço de Mark, mastigando por cima da manga. O tecido escureceu em torno de seus lábios quebradiços. Mark soltou um gemido de dor e a deixou cair.

Lady Bee deu uma pancada com sua pistola no cocuruto da ex. Disparou três vezes e ela estatelou no tapete.

Mark caiu sobre o cadáver, segurando seu braço ensanguentado. — Não estou me sentindo muito bem.



St. George ergueu os olhos da Vermont Avenue à direção de onde o barulho dos tiros tinha vindo. Ilya fez o mesmo na parte de trás do caminhão. Cerberus ecoou no ponto em seu ouvido. — Quem atirou?

Houve uma longa pausa.

— Quem atirou?

Lee, Andy e Jarvis empurravam um carrinho cheio de suprimentos pela rua. Pararam e olharam ao redor.

Logo acima deles, uma janela foi estraçalhada. — Aqui! — Lynne gritou, agitando um braço.

St. George se lançou pelos ares.

X X X

Os últimos cacos de vidro caíram da janela quando ele passou pairando por ela. — O que aconteceu?

Lynne tinha tirado de sua bolsa um pouco de peróxido de hidrogênio e esvaziou a garrafa marrom sobre o braço de Mark.

— Essa coisa estava em cima dela — ele disse, cerrando os dentes. — Quebrou seu próprio pescoço pra me morder.

— Fica calmo — Lady Bee disse. Deu um tapa na cabeça dele. — Se você se agitar, isso vai se espalhar mais depressa.

Lynne rasgou a manga encharcada de sangue, afastando-a da mordida. A camisa tinha sugado a maior parte, mas ainda havia valas de sangue escavadas em seu antebraço. A pele estava empalidecendo.

Mark viu a cor de sua pele desaparecer aos poucos. — Puta merda — murmurou. — Merda, Merda, mer...

Lady Bee encarou o herói. — A gente tem que fazer alguma coisa.

Antes que ela terminasse, St. George já estava inclinado para fora do que sobrou da janela. — BARRY!

X X X

Na caçamba do caminhão, os olhos de Barry se abriram de repente e logo se apertaram de volta. Mergulhou profundamente em seu eu interior, encontrou o estopim fundido a seu DNA e o acendeu.

Tudo ficou branco.

Os cobertores por baixo dele explodiram em chamas e suas roupas incineraram.

Arcos de energia em estado bruto foram cuspidos e tomaram toda e qualquer superfície de metal. Ilya sentiu sua pele queimando e fazendo bolhas, e se jogou da porta levadiça. Protegeu os olhos enquanto a pintura do *Big Red* escorria derretida pela carroceria, as pranchas de madeira que revestiam a caçamba do caminhão já enegrecidas pelas chamas. Dois dos painéis solares começaram a pegar fogo e explodiram.

Um segundo sol se atirou pelos ares.

X X X

A parede desmoronou em cinzas quando o fantasma flamejante passou por ela. As sombras sumiram da sala. — Mordida — St. George disse. — Braço esquerdo.

Zzzap assentiu. *Entendido. Onde ele está?*

Os olhos de Lynne estavam arregalados e encharcados. — O que vocês vão fazer?

St. George carregou Mark pelos ombros e o estirou no chão. Lady Bee agarrou seu pulso e esticou bem o braço.

— O que vocês vão fazer?! — Lynne tentou afastar St. George com um empurrão. Acabou sendo empurrada de costas para a parede com uma só mão.

Foi mal, velho, Zzzap zuniu. *Isso vai doer pra diabo*.

Mark contraiu o maxilar, apertou os olhos e fez sinal com a cabeça.

O contorno incandescente baixou sua mão. Os dedos foram descendo e passaram pelo bíceps do sujeito. Escutaram um assobio, formou-se uma nuvem de fumaça, e Lady Bee caiu para trás, ainda segurando o braço. Mark deu um grito no momento em que um cheiro de churrasco preencheu a sala.

Bee largou o braço. Uma de suas luvas saiu e ela a enfiou na boca do sujeito amputado. — Morde — ela disse. — Morde e tenta se acalmar. — Passou os braços ao redor dele.

Ouviu-se um estalo de estática quando St. George ligou o walkie-talkie. — Atenção, todos vocês, temos uma mordida. Peguem tudo o que tiverem e tragam pro caminhão, imediatamente. Acabou por hoje, vamos cair fora em cinco minutos. — Olhou para Zzzap. — Volta pro Monte. Fala pra Connolly que a gente tem um ferido a caminho.

É pra já.

X X X

Big Red roncou ao sul da Vermont.

Estenderam Mark por cima do painel sobre a cabine, amarrando-o por segurança. Lady Bee se manteve a seus pés. Jarvis estava agachado ao lado dele com um lenço molhado e umedecia de vez em quando o coto cauterizado do parceiro. — Ei, tenta não dormir.

— Eu estou acordado — Mark sussurrou entre os dentes. O suor escorria por seu rosto. — Me dá outra dose de rum.

— Top cinco das celebridades assassinadas. Diz aí.

Mark segurou a garrafa com sua mão trêmula e tomou dois goles com dificuldade. — Paula Abdul. Charlie Sheen. Frasier. Qual que é o nome... o cylon asiático de *Battlestar Galactica...* — Suas pálpebras tremularam.

— Ei! — Jarvis pegou a garrafa e o sacudiu. — Vamos lá, você tem que permanecer comigo. Você só disse quatro nomes.

Mark piscou algumas vezes. — Na primeira posição — ele disse. — Trebek.

— O quê? Você está mentindo.

— Nem.

— Você está delirando — disse Jarvis. Limpou a testa de seu amigo.

Mark sacudiu a cabeça e tossiu.

St. George se suspendeu de dentro da cabine. — Como ele está?

— O choque foi pra valer — Lady Bee disse. — Algum sangue perdido. Sua temperatura está subindo. Não estou cem por cento certa de que Zzzap amputou o braço a tempo.

— Ele vai ficar bem — St. George disse. — A gente vai estar em casa em menos de dez minutos. Barry já está lá a uma hora dessas, deixando todo mundo avisado.

Big Red fez uma curva fechada no cruzamento para enfatizar o recado.

As juntas dos dedos de Lynne estavam brancas, tamanha era a força que ela fazia ao segurar seu rifle. — Por que ela simplesmente não atirou?

Cerberus baixou os olhou para ela. — Eles estão cheios de doença. Você estava embaixo dela. Se ela tivesse estourado a cabeça da ex e uma gota sequer dos fluidos te contaminasse, você é quem estaria

morrendo agora.

Ela se retraiu. — Ele está morrendo? Você tem certeza?

A titã blindada deu de ombros. — Provavelmente.

— PARA!

Lady Bee deu um tapa no teto da cabine.

Luke afundou o pé no freio e puxou o breque de emergência. Os pneus do *Big Red* cantaram no asfalto, deixando um rastro de borracha queimada. Jarvis se jogou sobre Mark e firmou o sujeito ferido no chão. Cerberus cambaleou. Bee foi arremessada do topo da cabine e St. George se arremeteu pelos ares para agarrá-la.

Ambos os pneus dianteiros explodiram. A cabine do caminhão despencou e foi quicando até que os pneus traseiros acabaram estourando ao mesmo tempo. *Big Red* seguiu trepidando por alguns metros, com as rodas murchas estapeando o asfalto, e só foi parar logo após o cruzamento da Melrose com a New Hampshire.

— Filho da PUTA! — Luke gritou. Deu um murro no volante e abriu a porta.

St. George colocou Bee de volta ao chão. — Obrigada pela bela pegada.

Ele acenou com a cabeça. — Estão todos bem? Como está Mark?

Cabeças acenaram e polegares foram estendidos.

Luke examinou o pneu. — Arruinado. Sem recauchutagem possível.

St. George bateu na roda gigante. — Você não teria seis estepes escondidos em algum lugar, teria?

— Sim, claro, vou já puxá-los pra fora da minha bunda. — Luke deu um chute com sua bota no pneu murcho.

Cerberus vislumbrou a estrada. — O quão longe estamos do Monte?

— Pouco mais de um quilômetro. Longe demais pra caminhar até lá antes de escurecer — Lady Bee disse. — Um monte de explosões e um belo e estridente guincho de freio numa tarde tranquila. Todo e qualquer ex num raio de seis ou sete quarteirões está vindo pra cá.

— Alguma estimativa de quantos seriam isso?

Ela deu de ombros e levantou seu walkie-talkie acima de sua cabeça.

— Uns quinhentos, talvez seiscentos. Ainda estamos longe demais pra captar um sinal de walkie.

— Estamos com o sinal bloqueado — retumbou a titã. — Algum tipo de ruído branco de amplo espectro sendo transmitido nas proximidades.

Andy e Lee estavam atrás do caminhão, seus pés fazendo uma varredura no chão enquanto os demais passageiros os cobriam. Alguma coisa tilintou no chão e Lee se abaixou. — Merda. Chefe, vem dar uma olhada nisso.

— Boa visão, Lee — disse Andy.

Era uma corrente grossa, do mesmo tamanho das utilizadas em reboques. Um par de pregos tinha sido soldado em cada elo, uma fileira de espinhos se estendia por todo o caminho. A corrente tinha sido pintada de preto com spray e alguns jornais velhos completavam a camuflagem.

— Bloqueados e avariados — Andy murmurou. — Isso soa como uma armadilha pra mim.

— Pior ainda — Lee disse. — Uma armadilha que alguém preparou depois que passamos por aqui mais cedo.

Ty olhou em volta. — Seventeens?

— Bem, os ex's é que não foram — Lee respondeu.

Lynne agarrou seu rifle. — Então qual diabos é o propósito disso tudo?

— A gente abandonado aqui — Luke disse, com outro olhar em direção aos pneus destruídos do *Big Red.* — Na melhor das hipóteses, do ponto de vista deles, a gente fica aqui, os ex's matam todo mundo e eles ficam com um caminhão cheio pela metade de suprimentos logo de manhãzinha. Na pior das hipóteses, a gente foge, os ex's matam um ou outro e eles ficam com um caminhão cheio pela metade de suprimentos logo de manhãzinha.

— Por que não matam a gente e levam tudo de uma vez?

St. George deu um puxão na corrente e arrancou um poste do outro lado da estrada. — Eu não acho que eles tenham alguma coisa que seja capaz de eliminar Cerberus. E eu não acho que exista alguma coisa que seja capaz de machucar Barry quando ele está ligadão. Melhor só fazer o estrago e deixar que o mundo cuide do resto.

Lynne olhou para o caminhão. — Eles não vão perder tudo, então?

Lee sacudiu a cabeça. — Ex's não comem suprimentos. Alguém pode simplesmente vir amanhã de manhã, lidar com quem de nós sobreviver essa noite e se servir à vontade de tudo aqui.

— Todo mundo vai sobreviver — St. George retrucou. — Temos que tirar todos daqui primeiro. Os suprimentos vêm em segundo lugar. Alguém precisa voltar e pegar um dos outros caminhões.

Cerberus fez o chão tremer quando saltou da caçamba do caminhão — Esse alguém quer dizer você — rosnou. O tom de sua voz baixou com um zunido.

— Se você tem escondido da gente umas botas a jato, agora é a hora de mostrar.

— Eu posso calçá-las sem risco nenhum.

— E eu posso voar centenas de vezes mais rápido.

— Por que a gente não espera pelo Zzzap? — Ty perguntou. — Ele tá voltando, não tá? E ele é bem mais rápido do que qualquer um de vocês aí.

— A gente não sabe quando ele vai voltar — St. George disse. — Não era o que estava planejado. Até onde ele sabe, devemos dar as caras no portão em quinze minutos. Talvez leve mais uns cinco antes de vir verificar. Então, deve chegar em vinte, vinte e cinco, e um outro caminhão não ficaria pronto pra sair e chegar até aqui em menos de meia hora. Eu poderia economizar vinte minutos se saísse agora.

Lynne tossiu. — Você quer dizer... sair de perto da gente? Daqui?

— É o único jeito. Eu posso me afastar do bloqueador de sinal, usar o rádio e estar lá pra ajudá-los a preparar outro caminhão. Cerberus vai ficar com vocês.

A jovem tremeu. — Mas... mas Lady Bee disse que tinha centenas de ex's se aproximando.

Bee revirou os olhos. — Talvez...

— A gente não consegue lutar contra tantos assim. Você vai deixar a gente pra morrer aqui.

— Você não vai morrer. Você vai ficar no caminhão. Eles não conseguem te pegar.

— Então por que você está indo embora? Vamos todos esperar no carro!

— Você não tem nada a temer. Eles não podem te machucar no caminhão.

— Eles não podem machucar VOCÊ! — Lynne estava ofegante. — Você não está com medo porque você não pode se machucar, mas eles vão rasgar a gente ao meio.

— Querida — Jarvis disse. — Tenta relaxar por um minuto.

Ela se virou para ele. — Como é que eu vou...

Ele jogou a cabeça para a frente, acertando-lhe a testa.

Ela caiu em seus braços.

— Que porra é essa?! — Luke exclamou.

— Não deixa de ser uma arte — Jarvis disse, esfregando o couro cabeludo grisalho com a mão desocupada. — Ela vai ficar apagada por dez ou quinze minutos.

— No que diabos você estava pensando?

Ele acenou com a cabeça em direção à rua. — Eu estava pensando que o sol está se pondo e quero chegar em casa bem mais do que ficar discutindo sobre como fazer isso. Se todos vocês quiserem arrancar um pedaço de mim quando a gente estiver de volta em casa, serão mais do que bem-vindos.

— Não gostei da atitude — Cerberus murmurou —, mas devo concordar com ele.

St. George assentiu. — Você consegue ver alguma coisa?

A titã blindada garimpou ao redor com seu olhar. — Bastante movimentação. Nada muito perto. Calor nenhum. Somos as únicas pessoas vivas num raio de dois quarteirões. Não consigo achar o maldito bloqueador de sinal.

— Três se aproximando pelo sul — Bee exclamou. — Dois pelo oeste. — Ela puxou o gatilho e Andy ecoou o barulho com seu próprio rifle.

Jarvis suspendeu o corpo inerte de Lynne até Lee e Ty. Eles montaram na traseira do *Big Red* e a porta levadiça chiou ao subir. St. George tirou a pesada jaqueta de couro. — Não vou demorar. — Jogou o casaco na

cabine do *Big Red*.

— É melhor que não demore, mesmo — Cerberus disse.

— Assim que chegar lá, posso enviar Barry de volta. Ele vai manter vocês seguros até voltarmos com outro caminhão. — Seu cinto de utilidades acompanhou o casaco no banco de trás. Ele respirou fundo e deu alguns passos ligeiros, preparando-se para um salto.

O vento assobiou, a escuridão desapareceu e Zzzap pairou sobre eles.

E aí, ele zuniu. *Não estou interrompendo nada, estou?*

St. George cambaleou até conseguir parar meio desajeitado. — Filho da mãe.

Vi uma nuvem quando estava seguindo rumo ao Monte e pensei que deveria voltar pra averiguar o que era.

Ty olhou para o contorno brilhante. — Que nuvem?

— Ele consegue ver as ondas de rádio — Cerberus disse.

Ei, vocês sabiam que tem um bloqueador de sinais naquele carro bem ali?



Voar nunca foi algo estranho pra mim. A maioria das pessoas não percebe quando estou no estado de energia em que não posso tocar em nada, por isso fico simplesmente no ar o tempo todo. Minha vida inteira foi assim. Ou estou em uma cadeira de rodas ou posso sair voando.

Uma mulher me ligou essa tarde. Não disse seu nome, mas tive certeza na hora de que era quem eles chamam de Stealth. Não tenho a menor ideia de como ela conseguiu o número de meu celular. Porra, ela me chamou de Barry e sabia que eu estava em casa. Aconteceu algum tipo de contaminação em Los Angeles e ela precisava da minha ajuda pra manter o controle sobre a situação. Ser capaz de voar como o Mach 5 era seu principal interesse em mim (apesar do que foi dito na *Time*, na *People* e naquele especial do Learning Channel, minha velocidade máxima não chega nem perto da velocidade da luz). O fato de que meu estado de energia era imune a toda e qualquer doença ficou pra depois.

Levei meia hora pra chegar a Los Angeles, partindo de Amherst. Ela

estava me esperando no telhado do edifício da Capitol Records, um ponto de referência fácil e bem visível, conforme ela tinha prometido.

Pelo visto, uma coisa que ela não sabia era o efeito que seu traje provocava nos homens. Ou, se sabia, não dava a mínima. Se fosse só um pouquinho mais apertado, eu seria capaz de dizer se ela tinha raspado as pernas ou não. Meu bom Deus, eu era de fato capaz de ver seus mamilos através daquele traje, e podia jurar que todas as cintas e correias foram colocadas nos devidos lugares pra acentuar seus peitos e quadris.

Ela me deu todo o serviço que eu estava procurando. Pessoas com palidez, falta de coordenação motora e capacidade oral nenhuma, alta resistência a danos e um certo grau de agressividade. Algumas delas podiam cheirar a carne podre.

Não tenho sentido olfativo algum uma vez transformado em Zzzap.

Parece que você está enfrentando um problema com zumbis, eu disse, imaginando como suas curvas ficariam quando ela desse uma risada.

Ela não riu. Sei que, às vezes, as pessoas têm certa dificuldade em me entender quando estou falando no estado de energia. Jerry me disse que pareço estar gargarejando uma colmeia. Mas não acho que esse tenha sido o problema nesse caso.

E, então, quantos você já viu até agora?

Stealth desdobrou um mapa. Apontou para três cruzes pequenas, espalhadas pela cidade.

Três? Só isso?

— Em uma cidade com a densidade populacional de Los Angeles, uma doença agressiva dessas pode se espalhar pra milhares de pessoas em questão de poucas horas. Eu só vi três pessoas infectadas. Mas não dá pra dizer quantas já são portadoras sem que manifestem os sintomas ainda.

Meu Deus.

— Você conhece alguma coisa de Los Angeles?

Na verdade, não. Mas sou bom com pontos de referência.

Ela me entregou o mapa. — Analise esse aqui. Preciso que você

passe as próximas seis horas vasculhando a cidade, o máximo que puder. Cada rua, cada travessa, cada beco sem saída. — Ela apontou pra uma zona. — Cuidado com Hollywood Hills. Existem vários desfiladeiros e ruas escondidas.

Nos oito meses desde que me tornei Zzzap, acabei ficando muito bom em memorizar as coisas. Não ser capaz de segurar uma agenda ou um post-it meio que tornou isso uma necessidade. Eu lhe dei um sinal de positivo com a cabeça depois de analisar o mapa por cinco minutos. *Por que o Centro de Controle e Prevenção de Doenças não está envolvido nisso?*

— No momento, eles acreditam que não passa de um boato. Todas as três vítimas estavam inanimadas quando foram examinadas.

Mortas?

Novamente, não houve resposta. Ela era uma bandida sem coração. Dobrou o mapa e desapareceu por trás de seu manto. — Você consegue fazer isso?

A primeira ronda pode me levar algumas horas. Vou pegando velocidade conforme for entendendo a cidade.

— Vá em frente. Encontro você aqui de novo em seis horas. — Ela agitou a capa em volta de si mesma, tendo o espírito de porco de esconder suas curvas, e foi embora. Pai do Céu, se já não tivesse dado pra sacá-la tanto, poderia ter jurado que toda aquela camuflagem militar urbana era realmente de propósito pra realçar sua bunda de alguma forma.

Movendo-me na altura do chão por uma cidade estranha, a melhor velocidade que consegui atingir foi cerca de 130 quilômetros por hora. Mais do que isso, poderia causar sérios problemas de temperatura, pra não mencionar os estrondos supersônicos (que podem quebrar janelas, para-brisas, letreiros de néon e muitas outras coisas caras). Comecei a circundar os edifícios, verificando cada pessoa por quem eu passava em busca de sinais da infecção.

Travessas. Estradas. Estacionamentos. Estações do metrô. Em qualquer lugar que as pessoas pudessem estar. Espiei através das janelas onde me era permitido, e através das paredes onde não me era tão permitido assim. Em minha primeira ronda, diria que vi três quintos

da população da cidade. Mas nenhum sinal da doença misteriosa, muito embora eu tenha impedido dois assaltos e dado cabo de um racha em alta velocidade ao derreter os pneus de ambos os carros. Julguei ainda ter tempo pra fazer pelo menos mais uma ronda antes da hora marcada com Stealth, na esperança de que acabasse agarrando um bom pedaço de carne no fim das contas.

Ruela. Rua. Avenida. Estrada. Estava havia uma hora em minha segunda corrida quando eu o vi.

Era um cara velho. Suas roupas estavam escuras e um pouco esfarrapadas. Provavelmente um sem-teto, cambaleando por um beco. Sua pele estava meio acinzentada, e seu rosto sem expressão alguma. Não que estivesse sem emoção; só parecia que ele tinha esquecido de como se expressar de qualquer maneira. Uma verificação rápida em ambas as extremidades da rua me mostrou que estávamos ao norte da Beverly, entre La Brea e Detroit.

Fiz uma curva fechada de volta para pairar sobre ele, e um minuto inteiro se passou antes que virasse a cabeça pra me olhar. Geralmente, não demora tanto pra que as pessoas notem a presença incandescente de alguma coisa com a forma de um homem zumbindo como um buscapé.

Seus olhos estavam turvos. Pensei que ele pudesse estar cego. Ele estava olhando diretamente para mim e nem piscava. Algo parecia estar muito errado com ele, e eu não conseguia descobrir o quê.

Boa noite, cidadão, eu disse, tendo o cuidado de enunciar cada palavra. *Você está bem?*

Ainda com os olhos arregalados. Ainda sem piscar. Não sabia dizer se já o tinha visto piscar uma vez sequer.

Senhor? O senhor está se sentindo bem? O senhor precisa de alguma ajuda?

Sua boca se abriu, mostrando uma impressionante coleção de dentes meio podres, e então ele os estalou juntos de novo e de novo e de novo. O som se parecia com o daquelas coisas de madeira que os dançarinos mexicanos usam em suas mãos.

Um segredo dos mais divertidos que as revistas e os programas de televisão ainda não descobriram: consigo enxergar toda a energia

eletromagnética no ar, incluindo as ondas de rádio, programas de televisão e as transmissões via satélite. Sabia, por exemplo, que havia dezessete dispositivos GPS no raio de três quarteirões de onde eu estava, e bem poderia dizer os códigos de cada um. E, se eu tivesse que fazer isso, com um pouco de concentração poderia duplicá-los ou até substituí-los.

Motivo pelo qual consegui enxergar de forma tão natural o celular por baixo do capuz de Stealth e memorizar seu número.

Se focasse nisso, poderia sentir o sinal que um telefone traduziria em um toque audível.

— Quem é que está falando?

— Sou eu, Zzzap.

— Sua voz não se parece com a dele.

— Estou transmitindo pro seu telefone. Você está ouvindo minha voz como eu a escutaria, e não como você normalmente a escuta.

— Onde foi mesmo que a gente se viu pela primeira vez?

— No topo do edifício da Capital Records, algumas horas atrás. Olhe, acho que encontrei uma de suas pessoas infectadas aqui.

— Onde está você?

Descrevi o beco e ela disse que estaria lá em seis minutos, antes de desligar. O velho estava tentando me alcançar, com as mãos agarrando o vento. Aquilo me fez lembrar de uma missão no Brasil, quando todas as pessoas achavam que eu era uma espécie de anjo ou algo assim.

Eu me estabeleci a poucos metros dele, centímetros acima do chão. *Existe a possibilidade de que o senhor esteja com uma doença contagiosa*. *Alguém está vindo pra ajudá-lo, mas eu preciso que o senhor fique aqui.*

Assim que pousei, ele passou a se arrastar em minha direção, com os braços ainda pra cima. Esvoacei pra trás e soltei uma explosão suave de luz e calor, apenas o suficiente pra ser sentida. Seus dentes ainda estavam batendo boca.

É perigoso tocar em mim. O senhor deve se manter distante.

Então lembrei-me do que Stealth tinha dito sobre a linguagem e os danos. Ele provavelmente não tinha sentido o calor ou me entendido.

Mais estalos de dentes surgiram por trás de mim. Era uma senhora idosa com roupas aos frangalhos, demonstrando todos os sinais da infecção. Ela estava a uns cinco metros de distância, também vindo em minha direção. Ao vislumbrá-la melhor, percebi por que ela e o velho me pareciam tão estranhos.

Como já mencionei, posso ver todos os espectros óticos. Tento não abusar pra que eu não fique sobrecarregado, mas há um monte de coisas que estou acostumado a sempre observar, como infravermelho. Nenhum deles estava quente. Eles pareciam estranhos porque estavam com a mesma temperatura ambiente, como que se misturando aos tijolos e ao asfalto. Além disso, as pessoas normais têm um campo eletromagnético; em ambos, era só um brilhinho dos mais fracos.

Foi por isso que não tinha notado a mulher até que ela fez um barulho. Eu não a vi porque, a meus olhos, ela não se parecia com uma pessoa. Mas que inferno, quantos mais eu não tinha percebido enquanto estava voando pela cidade? E como diabos essas pessoas ainda estavam andando se eram cadáveres gelados?

Claro, levou apenas alguns segundos para que tudo isso passasse por minha cabeça, mas acabou me distraindo. Por tempo suficiente pra que o homem tentasse agarrar meu braço e cravar os dentes em meu bíceps. Ou o que fazia as vezes de um bíceps.

Muitos de meus amigos são físicos, foi como eu tive uma ajuda sobre como lidar com essa coisa de Zzzap quando aconteceu comigo. Quando estou no estado de energia, não tenho forma física. Sou apenas uma grande bola de energia eletromagnética atroz cujas forma e cujo movimento são atribuídos por minha força de vontade e minha consciência. Em termos mais simples, muito embora não sejam assim tão precisos, sou uma estrela minúscula da classe G que pode pensar. Jerry acha que, se fosse possível adormecer nesse estado, eu simplesmente acabaria perdendo toda a coesão e explodiria como uma bomba.

O resultado final, como já mencionei: é um perigo tocar em mim.

A mão do zumbi carbonizou até os ossos em menos de um segundo. Escutei um estalido horrível quando seus dentes superaqueceram, ferveram por dentro e se despedaçaram. Toda uma boca cheia de

dentes estourando de uma só vez, tipo do som que você não esquece tão cedo. Saltei pra longe dele, enviei uma transmissão pro 911 e tentei fazer um levantamento dos danos.

O velho estava todo queimado. Sua boca estava arruinada, apenas um buraco que mais se parecia com um bacon estorricado em seu rosto cheio de lascas de ossos e sangue escuro. E ele nem pareceu ter notado. O que restou de sua mandíbula ainda estava se movendo para cima e para baixo. Ele e a mulher permaneciam com os braços esticados, tentando me alcançar, como se nenhum deles tivesse acabado de ver o dano que podia ser feito ao me tocar.

Que porra era aquela em que Stealth tinha me enfiado?

No fim do beco, um rapaz de preto puxou sua namorada gótica da calçada e a empurrou contra a parede. Ela o xingava e envolveu suas pernas nos quadris dele. Eles nem sequer me notaram. Ou as duas pessoas infectadas. Nada como um amasso entre uma boate e outra.

A velha os encarava. Ela baixou os braços da minha direção e começou a cambalear até eles. Ao passar pelo velho, ele se virou e foi se arrastando logo atrás dela. Eles eram lentos, lentos como dois bisavós, e não foi nada difícil me colocar entre eles e o casal em um piscar de olhos.

Deixei que a luz e o calor se acendessem em torno de mim, e pude ouvir o suspiro dos dois jovens. Os moradores de rua continuaram a se arrastar adiante. A mulher batia os dentes como se estivesse morrendo de frio.

Mantenham-se afastados. *A ajuda médica está a caminho*.

Por trás de mim, escutei o casal gótico em disparada.

Os dois continuavam se movendo desajeitadamente em minha direção. Voei por cima e pra trás deles. Eles seguiram, torcendo suas cabeças e braços até quase caírem. Já tinha visto aquele tipo de comportamento antes. *Creature Double Feature*, em Boston. Filmes de fim de noite no canal de ficção científica.

Tudo bem, agora basta, eu gritei. *Eu quero os dois no chão agora!* Eu levantei minha mão e deixei a energia crescer. Faíscas dispararam dos meus dedos, e eu sabia que olhar pra palma da minha mão era como olhar pro sol. As sombras sumiram do beco. Eles nem piscaram. Eu

acho que ainda não os tinha visto piscar.

Pro chão! Esse é o meu último aviso.

O homem chocou os dentes estragados uns nos outros com um barulho de vidro triturado.

No espaço em frente à minha mão, o ar superaqueceu, e fiz um truque de que qualquer pessoa na Terra precisaria de um supercolisor e uma garrafa magnética pra escapar. Um arco de plasma em estado bruto foi ardendo por todo o beco, um milímetro de largura, mas que inflamava tudo pelo caminho dentro de quatro ou cinco vezes essa amplitude. Podia queimar através do concreto feito a proverbial faca quente na manteiga, então tostar a coxa do velho até o osso não seria desafio nenhum. Acabei perdendo, mas, se aquele fosse um homem normal, eu o teria matado ou deixado o sujeito aleijado pro resto da vida, na melhor das hipóteses.

Seja como for, ele nem percebeu. Passou a cambalear um pouco mais pra esquerda, mas continuou se movendo na minha direção. Não sei por que pensei que uma perna queimada o deixaria mais lento, já que ter seus dentes e sua língua queimados e pra fora da boca não o tinha deixado.

Eles ainda não haviam piscado. Seus olhos estavam cinza e sem brilho nenhum. Achei que eles podiam estar cegos. Eu não sei até hoje.

Mas, naquele exato momento, eu soube bem quem eles eram. Tinha dito isso pra Stealth como uma piada, mas lá estavam eles bem na minha frente. Sem brincadeira, sem graça nenhuma, sem dúvidas sobre no que aquelas pessoas tinham se transformado. Eu não sei como, mas não era possível negar.

Flexionei meus dedos de novo. O ar ferveu, a noite virou dia e a cabeça do homem desapareceu em uma nuvem de cinzas. Foi tão rápido que seu corpo ainda ficou parado lá por um tempo, com nada acima dos ombros, só um toco cauterizado. E então desmoronou, com um vapor flutuando do seu pescoço e da sua perna.

A mulher escancarou sua mandíbula e foi com os dentes pra cima de mim, estalando forte.

Prestei atenção no estrondo se repetindo, senti o pico de calor, tracei o caminho das duas balas enquanto elas riscaram o beco e se chocaram

contra a cabeça da velha. Seu rosto estourou feito um balão, e ela caiu como um saco vazio.

Stealth desmontou de sua moto e guardou a pistola. — Esses foram os únicos que você viu?

Mas que diabos é isso?

Ela me ignorou e verificou os dois corpos. — Não temos tempo a perder. Esses foram os únicos que você viu?

Eram zumbis! Eu gritei. *Verdadeiros zumbis ao vivo!*

— Por definição — ela disse —, eles não estão mais vivos.

Mas onde foi que eles...

— Você viu outros?!

Eu respirei fundo mentalmente e tentei me acalmar. *Eu não sei.*

— Você estava procurando, não?

Eu estava procurando por pessoas doentes, rebati. *Não enxergo as coisas do jeito que vocês enxergam. Aos meus olhos, eles não parecem vivos, eles se parecem mobília. Então, sim, existe uma grande chance de eu ter deixado passar um ou outro se eles não estivessem se movendo ou fazendo barulho como esses estavam.*

Ela pensou sobre o assunto por um instante. — Você é capaz de identificá-los agora?

Vai ser bem mais difícil. Vai levar mais tempo.

— Continue. Agora que você já sabe, mate todos que você encontrar o mais rápido possível. Destruir o cérebro parece ser a única forma segura. — Ela caminhou de volta pra moto. Seus quadris balançando por baixo daquele manto todo não me pareceram tão sedutores assim.

Não há nada que possamos fazer por eles?

Ela sacudiu a cabeça. — Eles estão mortos. É um vírus fazendo com que os músculos se contraiam em um cadáver. Nada mais.

Você tem certeza? E o Regenerator?

— Ele tentou. — Ela montou na moto e o motor roncou. — Você pode me achar da mesma maneira, se houver mais problemas.

Ela partiu roncando pra fora do beco. E eu me atirei aos céus e deixei um rastro flamejante pelo ar, de volta à estaca zero.



Zzzap recarregou as baterias de Cerberus em sua potência máxima enquanto St. George esmagava o bloqueador. Quinze segundos depois, Zzzap estava de volta ao Monte dizendo às sentinelas do portão para agilizarem uma missão de resgate em conjunto.

Na parte de trás do caminhão, os batedores cobriam todos os lados com seus rifles prontos para o ataque. Lee e Ty estavam em caixas plásticas observando da porta levadiça. St. George estava abaixo deles, a alguns metros do engate de reboque do *Big Red*, com seu sobretudo de couro bem afivelado. — Só precisamos resistir por talvez uma meia hora até que o outro caminhão chegue aqui. Tenham paciência e deem as cartas. Isso não é um concurso, e vocês não vão querer desperdiçar munição de que precisarão mais tarde. Se alguma coisa chegar a menos de quatro metros do *Big Red*, Cerberus e eu vamos cuidar dela, portanto nada de pistolas.

A titã blindada ficou em frente ao caminhão e flexionou os dedos uma,

duas vezes, enquanto observava o sol poente. Lady Bee permaneceu em cima da cabine, resguardando o horizonte e Mark.

Jarvis se empoleirou no capô do caminhão. Levou os olhos à Melrose e gritou: — Um milico! — Apertou o gatilho e, a alguns metros, um ex de cabeça raspada em trajes camuflados e sujos caiu de joelhos, batendo o rosto contra a calçada.

— Carequinha — Andy disse, mandando bala. Um ex jogou sua cabeça para trás e caiu entre sombras compridas.

— Camisa amarela — Ilya exclamou.

— Ciclista — Ty acrescentou.

Eles trocaram descrições ligeiras por alguns minutos e os ex's foram caindo. — Mais outros vindo de todas as direções — Bee disse. — Eles estão ouvindo os tiros.

Lee se virou para ver o pôr do sol. Ergueu a mão e olhou para seus dedos com um olho semicerrado. — Ainda temos uns cinco minutos até o sol cair. Provavelmente, uns vinte até anoitecer.

— Eles estarão aqui em vinte — Cerberus disse.

Billie apontou a espingarda. — Uma policial.

Luke tirou o olho de sua mira. — Chefe — ele gritou, virando-se à traseira do caminhão —, temos três, talvez quatro rapazes mortos vindo ao norte. Parecem ser da SWAT, talvez. Cabeças protegidas por capacetes.

St. George fitou Lee e Ty. — Vocês cobrem a traseira?

Eles assentiram e o herói se lançou rumo ao norte.

Um quarteto de policiais aposentados. Ex-policiais, ele pensou com um sorriso. Seus olhos estavam pálidos por trás das viseiras empoeiradas, e seus uniformes escuros quase escondiam as manchas de sangue. Um deles estava sem um braço, outro tinha uma perna retorcida. Ao cair do céu, ele percebeu que todos tinham plaquetas de identificação, e as mãos com luvas pretas se estenderam em sua direção.

Arrancou o braço do primeiro, Davis, e o desferiu contra um sargento chamado Hale ou Hall. A plaqueta estava manchada demais de sangue para que ele pudesse ter certeza. O impacto fez com que ambos os ex's

se estatelassem no chão, e St. George se virou para um homem morto que se chamava Webster. Pegou o capacete do policial e o torceu de revés. Escutou um estalo e torceu o resto do giro só para ter certeza. Webster caiu no chão.

O último o agarrou por trás e afundou os dentes em seu ombro. Deu para ouvir alguns deles se partindo. O ex ficou mastigando o couro enquanto St. George levou sua mão às costas, segurou o ex pela nuca e o atirou por cima de sua cabeça rumo a Davis esparramado sobre Hale-ou-Hall.

Ele torceu as cabeças deles, uma por uma. O último sujeito se chamava Carabas. St. George empilhou os corpos no centro da rua e tentou ignorar os dentes batendo. Será que eles se conheciam, ele se perguntou, ou trabalhavam juntos? Ou tinha sido apenas coincidência encontrá-los todos aqui?

Luke gritou do caminhão: — Bom trabalho, chefe.

O herói acrescentou mais dois ou três corpos à pilha e, em seguida, pulou de volta para o caminhão sem olhar para trás. — Como estamos indo?

— Mel na chupeta — Ty disse. — Estudante. — Seu rifle deu um coice e outra ex caiu.

Uma grande multidão cambaleava em direção à frente do caminhão, batendo os dentes. Bee e Jarvis se revezavam para derrubá-los. — Ei — disse o cara barbudo. Apontou para uma ex se arrastando para fora das sombras em direção a eles. — Aquela é a Sandra Oh?

O servomotor chiou quando Cerberus se virou para encará-lo. — Quem?

— Aquela ali. — Ele pressionou o polegar contra seu rifle e um ponto vermelho apareceu em um dos ex's, uma mulher asiática com o cabelo todo embaraçado. — É a Sandra Oh?

— Eu acho que não — Bee disse, preparando-se para outro tiro. — Camisa de brim. — Seu rifle fez um barulho cortante ao mesmo tempo que o ex enrijeceu e caiu.

— Quem diabos é Sandra Oh?

— De *Grey's Anatomy* — Jarvis disse. — A mal-humorada asiática.

A titã sacudiu a cabeça. — Eu nunca fui de assistir muito à televisão.

— Você viu *Sideways*?

— Eu acabei de dizer que não assisto à televisão.

— Foi um filme.

— Atira nessa porra logo!

— Se é uma celebridade, quero os pontos extras.

Cerberus provocou um estrondo ao bater o pé no chão para dar um salto e levar seu punho de aço em cheio no meio do rosto da ex. O crânio ficou todo amassado, provocando um ruído feito o de um saco de batatas fritas, e a criatura deu uma pirueta de volta às sombras. — Os pontos ficam pra quando estivermos nas muralhas — ela rosnou. O outro punho deu com as costas da mão em uma mulher morta vestida com um uniforme da polícia de Los Angeles, que saiu voando de encontro à lateral de um prédio do outro lado da rua. — Isso aqui é uma questão de sobrevivência. Volte ao tiroteio.

— Vagabunda de azul — ele murmurou.

Cerberus encarou Jarvis e a ex caiu quando a bala explodiu sua cabeça.

X X X

Na caçamba do caminhão, Lynne gemeu e se escorou sobre os cotovelos. — Que porra é essa? — Tocou seu nariz e seus dedos voltaram manchados de vermelho. Ela se encolheu quando uma nova saraivada de balas foi disparada. — O que está acontecendo?

— Nós não temos tempo pra discutir — Lee disse. — Ainda não. Pega seu rifle e chega mais. — Puxou o pente esvaziado de sua própria arma e recarregou com um novo em folha.

Ela limpou o sangue de seu nariz e pegou o M-1 reluzente, acomodado a seu lado. Checou a cartucho e fitou as dezenas de ex's cambaleando rumo ao *Big Red*. — Vou dar um chute nos bagos desse cuzão quando a gente chegar em casa.

— Ele já disse que deixa, se isso te faz sentir melhor. Macacão preto.

— Regata apertada — Billie exclamou.

Algo fulgurou feito a aurora ao longe na Melrose Avenue. — Acho que estou vendo Zzzap — Bee disse. — Ele está quase chegando.

A luz piscou duas vezes e fulgurou novamente. E então, ecoando pela estrada vazia, escutaram um murmurinho em meio ao estalido interminável de dentes.

— Merda — Jarvis disse. — Isso foi um tiro?

— Isso foi um *monte* de tiros — Ilya corrigiu.

— Ex's?

Billie sacudiu a cabeça. — Não estamos sozinhos. Alguém está atirando de volta.

St. George surgiu saltando sobre o caminhão. Bateu o ponto em seu fone de ouvido. — Portão Melrose, na escuta?

O rádio chiou.

— Portão Melrose, é Dragon falando do *Big Red*, vocês estão na escuta?

Mais estática.

Cerberus olhou para ele enquanto levantava um ex pelo pescoço.

— Outro bloqueador?

— Faria sentido. — Chutou um ex para longe e Jarvis meteu uma bala em seu crânio.

Houve outro surto de luz e alguns rádios chiaram em volta do caminhão. — *Big Red*, Melrose na escuta — uma voz murmurou nos walkie-talkies. — Vocês ainda estão aí fora?

Cerberus lançou um ex pelo para-brisa de um carro enquanto St. George ligava seu microfone. — Ainda aqui. É você, Derek?

— Eles foram atrás de vocês. Tempo de chegada estimado em doze minutos.

— Entendido — St. George disse. Deu uma espiada por cima do ombro e viu Lady Bee erguer o polegar. — Que barulho todo é esse?

— Seventeens. Conseguiram se superar um pouco. Se o portão tivesse ficado aberto, eles teriam nos pegado.

— Está tudo bem?

Houve um estalo de estática. — Gorgon estava esperando por eles.

— Bem no portão?

— Isso aí. Ele tá ligadão agora.

— Como assim?

— Stealth nos disse que seria divertido ficar preso do lado de fora. Capturamos uns cinco ou seis. Os outros continuam fugindo. Zzzap está atrás deles. Como vocês estão segurando as pontas?

St. George plantou seu pé contra outro ex e o lançou voando pelos ares. Voltou os olhos de novo para o caminhão e os batedores deram toda uma variedade de sinais. Ele acrescentou punhos e dedos. — Um terço da nossa munição acabou. Ameaça imediata de umas duas centenas de ex's. Ainda temos um homem caído e ele...

Levou os olhos ao vulto caído de Mark e Lady Bee sacudiu a cabeça.

— Ele não está nada melhor — o herói concluiu —, por assim dizer.

— Copiado — Derek disse. — Você deve ver os faróis deles em breve.

St. George respirou fundo e saltou sobre o caminhão, caindo em cima de uma idosa asiática em uma blusa florida. Ele a agarrou pelos cabelos e a atirou rua abaixo, em um guarda de segurança branco feito giz.

Os ex's formavam uma multidão àquela altura. Um enxame de dezenas deles de cada lado, todos cambaleando em direção ao caminhão avariado. A noite ecoava com inúmeros dentes se batendo e membros se arrastando.

— Camiseta de show — Ilya exclamou.

— Garota hippie — Lee disse.

— Médico — Lynne berrou. Teve que recarregar e soltou um grito agudo quando a culatra da M1 estalou em seu polegar.

Cerberus agarrou dois ex's e esmagou seus crânios, um de encontro ao outro. Largou os cadáveres sem cabeça e desabou seu punho feito uma marreta em um homem de terno esfarrapado. Deu um chute nos corpos e eles próprios foram passando rasteiras em mais um punhado de ex's enquanto rodopiavam por todo o chão. Lady Bee e Jarvis se certificaram de que nenhum deles levantasse de volta.

— Chefe — Luke gritou. — Um ajudinha aqui.

St. George foi andando até o lado do passageiro e um trio de ex's caiu em cima dele. Uma adolescente vestindo um uniforme da Jack in the Box jogou os braços sobre o herói e tentou afundar os dentes em seu pescoço. Outro ex envolveu os braços ao redor de seus ombros assim que ele se virou, e tentou morder seu couro cabeludo para acabar se engasgando com um bocado de cabelos que nunca seria capaz de romper para se ver livre. O último, uma criança, ficou atracado a sua perna feito uma sanguessuga, mastigando a dobra de seu joelho.

Ele fitou Luke. — Cuide da porta levadiça para mim.

— Pode deixar.

Caminhou com certa dificuldade até ficar a alguns metros de distância do caminhão, arrastando os ex's com ele. Enfiou suas mãos entre ele e a adolescente enquanto ela rangia os dentes em sua garganta, sentiu um deles cair da boca, sentiu os seios murchos nas palmas de suas mãos e a empurrou. Ela saiu voando e desapareceu na escuridão da noite. Entre um tiro e outro, escutou ao longe algo batendo no chão e se quebrando todo.

Seus dedos se fecharam sobre o pescoço da criança. Dois puxões sacudiram a coisa de sua perna e ele a segurou com o braço esticado para observá-la por um instante. Estava coberto de sangue fresco e coagulado. St. George o arremessou contra um sujeito morto e assistiu aos dois voarem de encontro a uma árvore perto da estrada. Eles se contraíram por um instante, tentando se mover com as espinhas estraçalhadas.

Outro ex coxeou em sua direção, um homem careca e pesado com um cavanhaque escuro. Havia dois buracos de bala em sua camisa. St. George tentou dar um passo adiante e o ex tentando engolir seus cabelos o desequilibrou.

— Filho da puta — ele murmurou. Jogou o pescoço para frente e sentiu seus cabelos deslizarem para fora da boca e estalarem em suas costas.

O ex de cavanhaque levantou seus braços, estalou seus dentes duas vezes e seu olho esquerdo desapareceu em um jato de sangue negro. Caiu no chão.

— Obrigado — St. George gritou.

— Relaxa — Billie gritou do caminhão —, Pastor.

St. George enfiou a mão no fundo da garganta do papa-cabelo e sentiu os ossos esmigalharem. Segurou a coisa pelo pescoço mole e a girou, derrubando mais dois ex's. Lançou o peso morto de encontro à pilha movediça embaixo da árvore.

— Faróis — Cerberus berrou. Apontou para o brilho ainda tímido no outro lado do viaduto.

— Já não era sem tempo, porra — Ty resmungou, preparando-se para atirar. — Milico-wannabe.

— Fiquem todos preparados pra ir embora — St. George disse, enquanto caminhava de volta ao *Big Red.* — Todos os seus pertences, todos os suprimentos que encontramos, qualquer coisa que estava no caminhão. Nós não vamos deixar nada pra trás. Nem um pedaço de corda, nem um Band-Aid, nada.

O caminhão de resgate era o *Big Blue*, um gêmeo idêntico ao veículo deles. Despontou por cima do morro, com o motor roncando, e esmagou os ex's por baixo de seus pneus. Os homens na caçamba juntaram suas armas à saraivada de tiros que derrubavam ex's.

— Fuzileiros navais — Ilya urrou —, vamos zarpar!

Big Blue cantou pneu até parar a poucos metros de distância. — Alguém chamou o guincho? — o motorista gritou. Johnny K. botou a cabeça para fora da janela e arreganhou os dentes — Pode carregar.

Luke saltou sobre a cabine, escorregando para dentro e ao lado de Jarvis. — Porta com porta — ele gritou. — Temos feridos e suprimentos. Ex's demais em volta pra gente descarregar a pé.

Johnny K. fez um sinal e engatou a primeira. *Big Blue* estacionou perto de St. George e o herói baixou ambas as portas levadiças para criar uma passarela entre as caçambas. Os batedores arrastaram sacos e caixotes de um caminhão ao outro. Lady Bee e Ty carregaram Mark.

Luke escorregou janela adentro rumo à cabine do *Big Red* e foi passando todas as coisas que estavam lá. Extintores de incêndio. Kits de primeiros socorros. Caixas de munição. Sinalizadores. Jarvis e Lee transportaram tudo ao outro caminhão. Luke se arrastou para fora,

segurando um rádio da polícia contra o peito. — Tudo pronto — gritou para a titã blindada.

Cerberus esmagou um crânio na palma da mão e acenou com a cabeça. Desferiu uma pancada contra outros e desbravou caminho através do enxame. Arranharam sua armadura e lascaram os dentes nas placas de metal. Seguiu em marcha, arrastando-os com ela à medida que apareciam em suas telas.

— Larguem a porta — St. George gritou. Desferiu alguns golpes, abrindo caminho até Cerberus. Jarvis, Lee e Lynne dispararam contra a multidão, enquanto os outros avançavam suas lanças.

Cerberus balançou os braços, sacudindo os mortos-vivos de cima dela, e as lanças terminaram o serviço. St. George os desgrudou da armadura, arremessando-os de volta ao enxame. Os corpos sumiram por baixo da horda claudicante.

Ela deu um pisão na porta levadiça de metal e Luke apertou o botão, suspendendo-a com um ganido da parte hidráulica. — Pula dentro — gritou para St. George.

O herói rachou a mandíbula de um ex de ponta a ponta e sacudiu a cabeça. — Meu peso vai diminuir a velocidade do elevador. Embarquem Cerberus primeiro.

— Porra, chefe...

— Me passem uma lança!

Alguém lhe jogou o mastro e ele o girou feito um bastão, destroçando os crânios de uns cinco ou seis ex’s. Tomou distância e girou de novo, derrubando outro punhado antes que a haste se partisse ao meio. Enfiou o pedaço da lança pelo crânio de um ex e deu um chute no cadáver.

Cerberus subiu na caçamba do *Big Blue* e a porta levadiça suspirou aliviada. Luke alternou a chave e a placa de metal se fechou, travando-os por dentro. — Todos a bordo! — ele gritou.

Johnny K. acelerou o motor e deu a volta com o caminhão, esmagando os ex’s pelo caminho ao fazer uma curva bem aberta.

Dezenas de mãos apalparam St. George, agarraram suas roupas, seus cabelos, seus membros. Ele saiu desferindo golpes e os sentiu cair um por um, mesmo com novas mãos tentando agarrá-lo. Uma enorme

quantidade deles acabou prendendo o herói ao chão, e ele pôde sentir um enxame de dentes por todo o seu corpo.

Esse seria um bom final, ele pensou. Soterrado ao salvar minha equipe. Uma boa maneira de ser lembrado.

Escutou uma rajada de armas automáticas e crânios explodiram a seu redor. Balas ricocheteavam feito granizo em sua cabeça e seus ombros. Seus óculos escuros se estilhaçaram e seu fone de ouvido ficou todo retorcido em uma sucata plástica. As armas ladraram de novo, e ex's jorraram sangue e carne sobre ele ao se estatelarem no chão.

Na traseira do *Big Blue*, Lady Bee dava apoio a Jarvis, Luke e Ilya. Suas armas cuspiam fogo. Jarvis jogou fora sua cartucheira vazia e recarregou seu rifle.

St. George limpou o sangue coagulado de seu rosto. As balas tinham aberto um amplo clarão em volta dele. — O que diabos vocês estão fazendo?!

— Você é à prova de balas — Bee gritou, escancarando os dentes. — Vê se para de choramingar e entra logo no caminhão.

Ele pousou perto da mulher com cabelo listrado. — Vocês acabaram de desperdiçar uma tonelada de munição.

— Talvez a gente quisesse só uma boa desculpa pra atirar em você — Ilya disse com um sorriso.

— Obrigado.

— Relaxa, chefe.



O portão travou e os mortos reassumiram sua avidez eterna por entre as grades. O matraquear de seus dentes vibrava pelo ar.

St. George se levantou e observou em volta. *Big Blue* estava sendo descarregado logo atrás dele. Lynne tinha acabado de dar um soco em cheio no cocuruto de Jarvis. Mark já estava a meio caminho do hospital.

— Ela quer falar com você — Gorgon disse. — Prioridade máxima.

— Estou coberto de merda — o outro herói retrucou sem olhar para trás. — Sangue infectado. Carne podre. Acho até que um pouco de merda de verdade.

— Sim, sim, deu pra notar.

St. George analisou um ex, um homem de barba áspera, enrijecido tanto pelo sangue quanto pela sujeira. Tinha um dente de ouro que lampejava cada vez que sua mandíbula se abria. — O que aconteceu com os Seventeens?

Gorgon deu de ombros. — Eram uns cinquenta. Só fiz ficar na muralha e derrubar metade desses imbecis.

— Você está se sentindo muito bem, pelo visto.

— Como não me sentia havia anos. — Estalou os dedos. — Nível cinco, fácil. Quer fazer algumas rondas por aí?

— Eu quero é queimar essas roupas. E, em seguida, ficar no chuveiro até amanhã.

— Ela disse prioridade máxima — Derek fez coro da guarita.

Ele suspirou e cuspiu uma labareda de fogo no chão.

X X X

Foi uma caminhada de uns cinco minutos até a “prefeitura”. Ele podia ter percorrido o trajeto com um único e bom salto da Melrose, mas não estava com pressa alguma. Ao contrário, tirou o casaco e tentou limpar um pouco do sangue seco.

O prédio foi batizado de Roddenberry, em homenagem ao sujeito que tinha criado *Star Trek*. Como a maioria das estruturas mais recentes no Monte, foi construído sem qualquer consideração pelo que estava em volta. Aqueles encanamentos e janelas mereciam estar em um *campus* universitário, não espremidos entre oficinas que mais pareciam depósitos e a antiga torre da caixa-d’água.

Os elevadores estavam funcionando, mas subir pelas escadas levaria ainda mais tempo, e ele poderia sentir que estava pegando leve com Barry. Suas botas ecoaram pelas escadarias vazias.

Stealth tinha reivindicado todo o quarto piso executivo para ela. A maioria das pessoas no Monte pensou que tivesse a ver com *status*. St. George, porém, sabia que tinha sido por causa de sua localização central, do melhor campo de visão e por já estar com toda a fiação necessária para a comunicação em massa. Ela não era do tipo que se preocupava com *status*.

Deu umas batidas na porta lustrada e entrou. Existia uma mesa grande onde antes as pessoas costumavam se sentar para discutir os seriados corporativos de televisão e as coleções em DVD. Agora já não

havia mais cadeiras ali, e a mesa estava coberta de mapas e relatórios vindos de todo o loteamento. Ela já tinha instalado mais de vinte telas na sala, que mostravam cada rua e cada entrada do Monte. As cortinas eram mantidas fechadas e as luzes eram fracas, isso se algum dia foram ligadas.

Em algum lugar ali em cima, passando pela porta discreta na extremidade oposta do quarto, chegava-se a uma pequena suíte onde ela morava. Ou, pelo menos, onde ela dormia, comia e tomava banho. O escritório de algum produtor do primeiro escalão que só queria um banheiro todo seu e um lugar para tirar um cochilo. St. George nunca tinha visto o quarto, e só sabia de sua existência porque ela deixou escapar uma vez, havia sete meses. Sabia bem que ela ficava puta da vida só de pensarem que ela tinha admitido qualquer tipo de necessidade ou fraqueza.

— Você está com um cheiro horrível.

Stealth estava oculta em meio à sombra da porta aberta por trás dele. Como sempre, usava o uniforme completo, incluindo a máscara. Seu rosto era uma superfície firme e negra, com traços vagos, escondido ainda mais pelo capuz cinza-escuro e disforme encobrindo sua cabeça. Até onde St. George sabia, ninguém nunca tinha visto seu rosto.

— Gorgon disse que minha prioridade máxima era procurar você — ele disse. — Pois bem, aqui estou vestindo quatro ou cinco ex’s liquefeitos.

— Você podia ter tomado um banho.

— Não foi o que eles entenderam você dizer.

Ela era um ou dois centímetros menor do que ele, mas seu manto e seu capuz tornavam um tanto difícil ter certeza do quanto. Os panos a envolviam como uma toga fina, mal disfarçando seu contorno. Seu uniforme cinza e carvão poderia bem passar por uma pintura corporal. — Você prefere se limpar e conversar mais tarde?

— Você está realmente me dando uma escolha?

Ela o encarou por um longo tempo. — Não — ela disse. — Mas eu sei que você gosta de pensar que tem uma.

Ele sorriu. — O que aconteceu com os Seventeens?

— Você primeiro, por favor. Mark Larsen. Como ele foi atacado?

— Pura falta de sorte. Um ex preso em um chuveiro. Eles não o viram ou o escutaram até que ele estivesse em cima de uma novata.

— Lynne Vines?

— Isso. Mark tentou puxá-lo de cima dela, mas o ex acabou quebrando seu próprio pescoço para mordê-lo.

— Nada que eles pudessem ter feito de maneira diferente?

— Não pelo que eu entendi.

— Será que ele vai sobreviver?

St. George olhou para suas botas. — Eu não apostaria nisso, mas tudo é possível.

Ela concordou. — Agora, a armadilha.

— Não há muito o que dizer. Eles sabiam que a gente estaria voltando por aquele caminho. Largaram um bloqueador de sinais por lá e uma corrente com pregos atravessando a estrada. — Ele descreveu cada detalhe que foi capaz de se lembrar sobre a estrada, a hora, até mesmo a própria corrente. Ela lhe deu uma ou outra cutucada. Ele falou sobre a espera pela carona e a matança dos ex's.

— Então vocês ficaram se protegendo por vinte e cinco minutos e, em seguida, sua equipe saiu disparando uma rajada atrás da outra para salvá-lo.

— Eu não precisava ser salvo.

— Eles pensaram que você precisasse e agiram em conformidade, isso é o que importa. Quanta munição?

— No total? — Ele fez algumas contas de cabeça. — Trezentas e cinquenta, talvez quatrocentas balas.

— O caminhão?

— É uma preocupação no momento. Precisa de pneus totalmente novos, provavelmente novas rodas. Se a gente conseguir levar uma equipe até lá pela manhã, antes de os Seventeens o depenarem, deve ter salvação.

Sua expressão mudou por trás da máscara. Ela afastou o capuz alguns centímetros para trás e pressionou seus dedos delgados contra

as têmporas, voltando os olhos ao teto e estufando o peito de forma sutil. Depois de um ano e meio, St. George enfim conseguia conversar com ela sem que seus olhos desviassem toda vez em que ela fazia uma pose. O fato de terem desviado agora não passou de uma escolha deliberada.

— Diga que valeu a pena.

Ele se debruçou sobre a mesa. — Temos uns duzentos quilos de comida. Um terço disso é uma grande caixa de farinha de trigo. Alguns medicamentos básicos e kits de primeiros socorros. Lee e Andy encontraram uma escopeta com cerca de trinta cartuchos e um monte de espingardas. — Seus dedos tamborilaram rapidamente sobre a mesa. — A gente teve só dois terços do nosso tempo de costume.

— Entendo.

— Mas, então, o que aconteceu aqui?

— Eles tentaram invadir o portão. Eu contei vinte e três deles.

— Gorgon disse cinquenta.

— Gorgon aprecia um certo grau de exagero quando suas próprias façanhas estão em jogo.

St. George quase se engasgou com a risada. — E o que fez com que eles desistissem? O fato de que a gente era uma isca?

— Sua situação não fazia o menor sentido tático — ela disse. Bateu o dedo no mapa, percorrendo o mesmo trecho ao longo da Vermont em que eles estiveram mais cedo. — Se eles soubessem o que tinha ou não em seu caminhão, ou eles teriam atacado quando vocês estavam mais longe do Monte, ou simplesmente não teriam atacado. Se não sabiam, foi tolice armar uma arapuca, uma vez que eles sabem que você acompanha quase todas as missões, muitas vezes com um outro herói. Já que um possível roubo não foi o motivo, a próxima opção seria apenas o que eles conseguiram de fato — deixar você, Cerberus e Zzzap encalhados.

— Tirando a gente do caminho pra um ataque contra o Monte — ele concluiu. — Você é incrível, minha cara Holmes.

Stealth apontou para uma zona no mapa ao sul de Century City, circulando vagarosamente onde ela tinha marcado várias ruas e

quarteirões com tinta verde. — Eles estão ficando cada vez mais agressivos e frequentes em seus ataques. Talvez precisemos tomar medidas mais ofensivas.

— Você quer dizer ir atrás deles?

— Quero dizer localizá-los e eliminá-los.

Ele franziu a testa. — Em que sentido?

— No sentido de eliminá-los.

— Nós não somos assassinos. Pode ter certeza de que a gente não vai salvar humanidade nenhuma se sair por aí matando uns duzentos humanos.

— Pelas minhas estimativas, os Seventeens têm crescido muito bem e aos milhares. E, ao contrário do nosso grupo, a maior parte deles sabe brigar.

— Isso não importa.

— Mas vai importar.

Ele bateu com a mão no mapa e sentiu a mesa estalar. — Nós não vamos nos rebaixar a isso. Nós somos os mocinhos da história. A ideia é salvar todo mundo, e não apenas as pessoas de que gostamos.

Houve uma enxurrada de movimentos em um dos monitores. Portão Van Ness. Um pequeno ex, um menino, tinha se espremido pelo meio da barricada de caminhões e foi cambaleando em direção aos guardas do portão. Eles o fizeram tropeçar com uma vara e o prenderam ao chão com as baionetas de seus fuzis. Uma mulher apareceu na tela, correndo com uma marreta nas mãos, e esmagou a pequena cabeça.

St. George e Stealth observaram em silêncio enquanto eles envolveram o pequeno vulto com plástico e passaram a lavar o chão.

— Se isso é o que você pensa sobre o assunto — ela disse —, podemos continuar nessa direção, por enquanto. Você sabe que eu valorizo sua opinião.

O herói soltou um suspiro e duas nuvens de vapor condensado subiram de seu nariz. — Um ano e meio atrás, eu estava fazendo a manutenção na UCLA. — Olhou para o mapa, para as dezenas de cruzes verdes e as demarcações ao sul da Wilshire. — Você vê filmes em que a sociedade é destruída em um minuto e você só ri deles.

Imagina que a polícia está aí, os militares, os agentes federais... Quer dizer, eles não poderiam perder todos de uma vez, certo?

Stealth o encarou. Mesmo através da máscara, ele podia sentir seu olhar cético. — Mas perderam.

— Mas nem todo mundo perde ao mesmo tempo — ele insistiu. — Você pensaria que as pessoas se ajudariam umas às outras, tentariam esperar pra ver como tudo se resolveria.

— Katrina, você se lembra?

O nome ficou zanzando pela cabeça dele. — Qual delas? A gente perdeu duas ou três, eu acho.

— O furacão Katrina, que dizimou New Orleans em 2005. As barragens entraram em colapso, trouxeram as enchentes, e o que aconteceu? Ninguém foi lá pra ajudar, e a cidade mergulhou no caos em poucos dias. Saques. Gangues. Milícias. Centenas de milhares de cidadãos que passaram anos acreditando que seu governo não se importava com eles e finalmente estavam tendo a prova disso. Então o mesmo governo que os deixou afogados por uma semana resolveu aparecer decretando a lei marcial, e ordenou que eles fossem todos pro que eram essencialmente campos de concentração, sem comida ou água.

Ele sacudiu a cabeça. — Sim, mas isso foi...

— E agora os mortos estão andando. Ex’s, zumbi, mortos-vivos, como você quiser chamar. Tinha avisos sobre a epidemia e equipes de intervenção por todos os cantos, as pessoas mortas se levantando pra atacarem seus amigos. A polícia não foi capaz de detê-los. Os militares não foram capazes de detê-los. Nós não fomos capazes de detê-los. — Ela percorreu o dedo ao longo de todos os códigos postais de Los Angeles. — Se as pessoas de uma cidade reagiram daquela forma à água subindo, não é nenhuma surpresa que tudo entre em colapso durante uma crise mundial como essa.

Ele respirou fundo e estalou a mandíbula.

Ela se voltou para os monitores. — Você tem mais alguma coisa pra relatar?

— Não.

— Vá tomar um banho.

Ele passou os olhos pela sala em direção à discreta porta. A cabeça dela se inclinou por baixo do capuz.

— Vá pra *casa* e tome um banho.

X X X

St. George lavou seu cabelo, esfregou seu corpo, e em seguida lavou seu cabelo de novo. Mesmo com todo aquele vapor e o cheiro do sabão, ele podia sentir o fedor da morte. Esfregou e ensaboou e enxaguou e repetiu tudo outra vez até que a água quente acabasse, e depois ficou no frio por mais dez minutos.

Seu apartamento no Monte era uma cobertura em comparação com o último lugar em que ele tinha ficado, de volta aos tempos em que o mundo ainda estava vivo e ele tinha que pagar aluguel. Como a maioria dos alojamentos, era um escritório grande transformado em um apartamento razoável. Uma sala com um sofá e uma poltrona estofada, uma cozinha decente e um quarto separado. Ele tinha até suas próprias roupas e alguns pertences, não eram apenas coisas que vinha catando desde que todos se mudaram para o Monte. Ser um super-herói tinha algumas regalias, mesmo após o Zumbocalipse. Ele era capaz, por exemplo, de voar para casa e assim ir aos poucos mobiliando sua pequena quitinete.

Estava seminu quando alguém bateu na porta. Conhecia aquela batida.

— E aí — Lady Bee disse. Ergueu uma caixa surrada de Cheez-Its. — Pensei em dar uma passada e ver como você estava. Trouxe comida.

— Obrigado.

— Você estava um lixo quando a gente voltou.

— Bem — ele disse com um sorriso —, já fui a uma ou duas missões em que as coisas correram de uma maneira melhor.

Ela deixou seu casaco escorregar pelos ombros. Ainda estava vestindo a camisa um tanto apertada demais. Ele podia ver seu sutiã vermelho-vivo. — Você vai me convidar pra entrar?

Ele examinou seus pés descalços. — Acho que não estou de muito bom humor, Bee.

— Você sabe que você diz isso quase todas as vezes, né?

— Eu estou falando sério.

— Sei.

— As pessoas confiaram em mim pra que eu as trouxesse de volta pra casa em segurança.

— Eu sei. Eu estava segurando o braço dele, lembra?

Ele suspirou e se afastou da porta. Ela jogou o casaco na cadeira antes de cair no sofá. — Você quer alguns biscoitos?

— Não estou com tanta fome. Vai em frente.

Ela abriu o zíper de suas botas e as chutou contra a porta. — Nem. É um daqueles sabores estranhos de que ninguém gostava. — Ficou de pé, cinco centímetros mais baixa sem os saltos. — Quer ver um filme ou algo do tipo?

— Não tenho nada de novo.

— E daí? A gente nunca viu mais do que a primeira meia hora, de qualquer jeito. — Ela puxou o rosto dele para baixo e o beijou.

Ele se afastou. — Como é que eu vou relaxar?

— Bem, geralmente a gente tira a roupa, encontra um móvel acessível e fica mais ou menos uma meia hora pensando em coisas impróprias e inadequadas. — Ela deu um puxão na barra de sua camisa e dois botões se abriram. Deu uma piscadela e puxou o outro lado.

— Sério. — Ele passou os dedos por seus longos cabelos. — Foi um desastre da porra. O que as pessoas vão pensar?

Ela suspirou e desabotoou ainda mais a camisa. — Elas vão pensar que você é humano.

— Eu não sou humano. Eu não posso ser.

— Confia em mim, eu já chequei. Você é igual a gente. Só que com muito mais vigor.

— Somos ícones. Todos os heróis. As pessoas olham pra nós e acham que ainda podemos dar um jeito em tudo.

— Você é um ícone, claro. Mas ainda é só um cara. Um cara que só

teve um dia de merda e precisa se lembrar de que existem mais coisas na vida do que apenas isso. Se você quiser ficar se lamentando toda a noite, bem, essa é a sua escolha. Vamos comer Cheez-Its vencido e ver um filme e não falar nada. Pessoalmente, eu gostaria de superar o dia de hoje com uma trepada rápida e hardcore, talvez seguida por uma mais longa e lenta.

— Eu ainda não tenho certeza se estou no clima.

Com um derradeiro puxão, ela abriu o resto da camisa. O sutiã vermelho era decotado e bordado com pequenas franjas de cetim. — Me dá cinco minutos e eu consigo fazer você mudar de ideia.

— Bee...

— Dois minutos se você me deixar tirar suas calças — ela disse e passou a língua por toda a borda do lábio superior. — Se você quisesse eu poderia até usar uma capa e uma fronha preta sobre a minha cabeça.

— Engraçadinha.

— Pelo menos você não está dizendo que não.

Bee o empurrou sentado na cadeira e ficou por cima dele. St. George pôde sentir as coisas ficarem agitadas em suas calças, a despeito dele, e friccionou as palmas de suas mãos ao longo das costas quentes e macias dela. — Você sabe que a gente vai passar a noite toda acordados — ele disse, enquanto beijava o pescoço dela. — Vamos estar exaustos durante todo o dia amanhã.

— É melhor que a gente esteja mesmo se você sabe o que é bom pra tosse.

Ela apertou seu corpo contra o dele, ele a agarrou, e os dois esqueceram o dia.



Chegou a passar pela cabeça do sargento Hall, da SWAT, que me mandasse sair ou talvez algo mais enfático. Eu podia ver isso em seus olhos. Se ele pudesse ver meu rosto, tenho certeza de que teria concordado e ignorado tudo o que eu disse, mesmo que eu tenha salvado sua vida em duas ocasiões distintas. A máscara sobre meu rosto é um alívio. Cobre meus olhos, nariz, bochechas e lábios. Esconde minha maldição e faz discussões como esta mais fáceis.

Eu fiquei conhecida como Stealth, muito embora não seja um nome de minha escolha. Acredito que algumas pessoas consideram que seja um nome “sexy” apropriado para um herói do sexo feminino. Eu sou, de fato, uma bela mulher, e sempre fui por toda a minha vida. Nunca fez diferença para mim e nunca fiz maiores esforços para preservar ou melhorar minha aparência, mas tenho sido lembrada desse fato por todo e qualquer homem que já conheci, e algumas tantas mulheres também. Nesse sentido, a beleza se transformou em algo como uma brotoeja da

qual não consigo me livrar, mas que tampouco vale o esforço de removê-la com alguma medida drástica.

— Não tem como argumentar com eles — eu disse a Hall novamente. — Eles não ficarão intimidados com demonstrações de força ou números. Seus homens devem tomar medidas mais agressivas se você quiser detê-los.

— E com “agressivas” você quer dizer matá-los? — Deu uma espiada no paredão de veículos antimotim esperando para sair. Ao longe podíamos ouvir as advertências no alto-falante e alguns clamores bem baixos. — Eu não posso ordenar que meus homens atirem contra civis doentes.

— Se isso ajuda você e seus homens, por qualquer definição possível, os infectados já estão mortos. Como o presidente disse em seu pronunciamento, eles são ex-humanos, não estão mais vivos. — Dei um breve aceno de onde estava no paredão. Um mosquetão de liberação rápida em um cano de esgoto criou a ilusão de que eu estava agarrada aos tijolos acima dele, outro truque de mágica para me conferir poder e autoridade. — Não tente dar tiros para paralisá-los ou imobilizá-los. Não terão nenhum efeito. Apenas a decapitação ou a destruição total do cérebro.

Ele sacudiu a cabeça. — Eu não preciso ficar ouvindo mais dessa merda toda sobre filmes de zumbi.

— É o método mais eficaz.

— Ótimo. Talvez mais tarde possamos tentar combatê-los com a Força.

O grito de um dos outros oficiais da SWAT se sobressaiu àquele barulho todo. — Os franco-atiradores detectaram movimento a três quarteirões ao sul. Um grupo de infectados vindo pra cá. — Eles olharam para Hall, à espera de uma decisão.

Compreendo más decisões. Quando era caloura no ensino médio, participei de três concursos de beleza sucessivos: *Teen California*, *Teen EUA* e *Teen Universe*. O *Teen Universe* era o único que me interessava, porque vinha com uma bolsa integral para qualquer universidade de minha escolha. Vencer os outros dois era meramente um requisito para atingir o objetivo final. Em retrospecto, essa série de decisões pode ter

sido o pior erro de minha vida.

Nossos olhos se encontraram novamente. — Eu entendo sua frustração, sargento Hall, mas estamos correndo contra o tempo. As chances de conter esse surto já são bem baixas.

— Você sabe o que vai acontecer se eu começar a atirar em civis?

— Eu tenho uma bela ideia do que vai acontecer se você não fizer isso.

Ele sacudiu a cabeça. — O CDC vai estar aqui em...

— Eles não virão. Ocorreram grandes surtos na Costa Leste, nos arredores de Washington. Todos os recursos estão sendo concentrados lá. Cabe a você e a seus homens conter esse aqui. Vou dar toda a ajuda que puder.

Veio outro grito dos veículos. Quando Hall se virou, levei as mãos às costas, liberei o mosquetão e dei um giro à esquerda. O segredo para se mover de forma ligeira em uma escalada está em usar os braços e atenuar o esforço das pernas. Eu me esgueirei pelo canto e subi.

O sargento Hall era destro, ou seja, favorecia o lado direito de modo geral. Eu tinha escolhido de antemão ficar “agachada” no paredão, e isso me permitiu uma saída rápida à sua esquerda. Quando ele se virou de volta das barricadas blindadas, seus olhos passaram primeiro por todo o espaço que eu tinha ocupado. Quando algo desaparece de vista, a natureza humana faz com que olhemos para os lados em primeiro lugar, depois para cima. Uma vez que sua cabeça já estava se movendo para a esquerda, o próximo movimento de seus olhos deveria ser para a direita, dando-me alguns segundos para completar meu “desaparecimento” e aprimorar o ilusionismo.

Nem todo o meu poder reside na destreza de minhas mãos. Eu me formei como a oradora da classe com oito novos recordes ginasiais no atletismo. Também tinha quebrado a maioria dos recordes no levantamento de peso, mas isso acabou sendo ignorado porque minha escola não tinha equipe feminina de levantamento de peso. Apesar de ter recebido ofertas de bolsas integrais tanto do MIT quanto de Yale, meu orientador, Sr. Passili, sugeriu que eu pudesse preferir usar meus prêmios nos concursos de beleza para entrar em alguma das universidades “mais fáceis”; seriam “mais adequadas pra uma jovem

como você”, segundo ele.

Nem ele nem a escola apresentaram queixa por agressão, muito embora tenham me dito anos depois que ainda era bem aparente que seu nariz tinha sido quebrado. Logo em meu primeiro semestre no MIT, recebi menção honrosa por minhas notas. Enviei uma cópia de minhas avaliações ao Sr. Passili, mas nunca obtive uma resposta.

Havia um franco-atirador no canto do telhado, mas ele estava muito ocupado perscrutando as ruas para notar minha chegada. Fui para o canto ao sudeste e me joguei rumo a um prédio menor. Mais dois telhados e acabei chegando ao beco onde minha moto me esperava. Caí direto no assento, cortei a Cahuenga e cruzei toda a cidade pela Sunset.

Passei por onze infectados em três quarteirões e atirei na testa de cada um deles. Na Sunset com Las Palmas, parei para colocar mais uma bala no ouvido de um menino de pele acinzentada com a boca sangrando.

Eu estava revendo minhas estimativas. Talvez as coisas tivessem se espalhado longe demais. A maioria dos civis estava seguindo instruções e ficando dentro de suas casas, muito embora alguns tenham ido tarde demais. Já estavam circulando histórias de infelizes que se trancaram com familiares infectados e acabaram se transformando horas depois. Houve também um número incômodo de pessoas que insistiam em sair para lutar contra a infecção por conta própria. A maioria deles foi morta, e um número considerável acabou se tornando portador. Se a infecção se espalhasse ainda mais, uma zona de segurança precisaria ser estabelecida.

Vários outros “super-heróis” se juntaram nas tentativas de conter o contágio. Regenerator, Banzai e Gorgon estavam tentando manter a ordem nos abrigos de emergência e nos hospitais de campanha. Blockbuster, Midknight e Cairax permaneciam protegendo o setor oeste. Zzzap estava tentando lutar de costa à costa, mas dava para ver que as viagens constantes eram bem desgastantes para ele. As forças armadas tinham implantado o protótipo de um exoesqueleto fortemente armado e blindado, em Washington, para ajudar com a contenção, muito embora eu acreditasse que fosse uma jogada publicitária para elevar a moral, bem mais do que um estratagema sério. Por sugestão minha, Dragon lutava diretamente contra os ex’s, já que ele era um dos poucos capazes

de tanto. Preocupava-me a possibilidade de que ele estivesse começando a desenvolver algum tipo de sentimento por mim.

Na universidade, tive vários amantes de ambos os sexos. Isso surgiu de um desejo de experimentação, muito embora não da maneira como a maioria dos relacionamentos universitários é rotulada. Como eu tinha suspeitado, o sexo acabou se revelando uma diversão passageira, sem maiores recompensas reais. Ainda mais irritante, minhas qualidades na cama muitas vezes eram julgadas em função de minha aparência, desconsiderando quaisquer outras habilidades que agregasse ao arranjo geral. Foi através dessas experiências que percebi que minha beleza seria sempre minha marca registrada, não importando o que uma determinada situação exigisse.

Durante as férias de inverno e verão, do primeiro ao último ano da faculdade, ofereciam-me empregos de modelo para Victoria Secret e Abercrombie & Fitch. Peguei todos e apareci em onze catálogos diferentes e duas campanhas publicitárias. O dinheiro me valeu para pagar os dois anos de estudos no mestrado, em que escrevi uma dissertação inovadora sobre o rastreamento e a identificação de fragmentos de DNA. Apesar do completo apoio do corpo docente, nenhuma revista publicaria um artigo científico escrito por uma modelo de lingerie com vinte e dois anos de idade. Vinte e duas rejeições. Por pura coincidência, naquele mesmo ano também fiquei na vigésima segunda posição da “Hot 100 List”, da revista *Maxim’s*, entre Elisha Cuthbert e Cameron Diaz.

Tenho dois doutorados em bioquímica e biologia, com estudos em psicologia, antropologia e engenharia estrutural. Escrevi um livro sobre estruturas da memória e dispositivos mnemônicos, explicando como alguém poderia triplicar sua capacidade de memorização. Vendeu menos de quatro mil exemplares e agora só pode ser encontrado em sebos com uma etiqueta de “70% de desconto”. Por outro lado, a foto feita por um paparazzi quando eu estava posando em uma passarela em Cannes foi baixada mais de vinte e três milhões de vezes, porque meu top escorregou e há uma visão bem nítida de meu mamilo esquerdo.

Eu era bem ciente de minha habilidade física e mental para causar um efeito direto e positivo sobre a cidade de Los Angeles. Se as pessoas estavam dispostas a me ver apenas como um objeto, porém, então eu

agiria por conta própria e fora do sistema judicial como uma coisa sem nome.

Minha última aparição pública foi em um episódio de *Jeopardy!*, com vinte e seis anos. Ganhei sete episódios seguidos antes de me entediar e parar de tentar. Fui a concorrente do sexo feminino que mais durou na história do programa. Esse dinheiro, U$ 570.400, financiou meu uniforme e meu equipamento.

Um quarteto de ex's apareceu cambaleando sobre Las Palmas, atraídos pelo barulho dos tiros. Três mulheres e um homem. Tinham sangue fresco em suas bocas. Dei partida no motor da moto, cantei pneu e disparei em direção a eles. O quinto e o sexto saíram de um vão entre os edifícios. Parei a uns dez metros deles. Atirando com ambas as mãos, levou três segundos para que todos fossem eliminados.

Enquanto escutava sinais evidentes de problemas, recarreguei as armas. Minhas duas Glocks são variantes militares da 18C, com cartucheira ampliada. Ainda assim, não era uma boa noite para ser pega de surpresa com pouca munição. Levava quatro cartucheiras reserva em minhas bandoleiras, além das duas nas pistolas. Havia mais duzentas balas no alforje da motocicleta. Já tinha usado um quarto da munição em noventa minutos de patrulhamento.

Outros dez minutos e mais vinte e três cabeças estouradas me levaram até La Cienega. Um cruzamento principal. Um carro de polícia estava estacionado perto da calçada, com três das quatro portas escancaradas, a frente amassada contra um caminhão Ford. As marcas de derrapagem indicaram que o motorista pisou no freio, tentou desviar e bateu.

Contei catorze corpos em torno do veículo. Podia ver um policial morto na calçada ao lado da porta do motorista. Um escopeta Mossberg estava a poucos metros de sua mão esquerda. Os demais eram ex's. Além dos tiros fatais na cabeça, todos eles tinham uma coleção de buracos de bala em seus braços e peitos. Um deles estava com os fios encrespados de uma arma de eletrochoque saindo de sua barriga.

Ouvi um gemido do outro lado do carro.

O outro policial, uma mulher, estava sangrando. Ela tinha cabelos pretos, boa parte de seu colete à prova de balas por baixo da camisa e

um conjunto de uma série de etiquetas a identificando como uma veterana com dez anos no posto de oficial Altman. Seu braço esquerdo tinha sido mordido várias vezes. Estavam faltando dois dedos naquela mão, junto com parte de um terceiro, e ela tinha feito um curativo bem mal-arranjado com um lenço. Seu tornozelo direito estava encharcado de sangue. A bochecha esquerda estava pendurada de seu rosto. Ela chorava. Ainda estava viva.

— Faz quanto tempo que você foi mordida?

Ela deu um pulo e tentou levantar sua arma antes de me ver. — Ai, graças a Deus — ela disse.

— Faz quanto tempo? Se foi em menos de duas horas, existe uma remota chance de que você possa se salvar. — Mesmo dizendo isso, porém, não pude deixar de notar a palidez de sua pele ao redor das feridas. Ela estava suando, e seus olhos tinham certa dificuldade em focar a vista.

Altman sacudiu a cabeça. — Eles se amontoaram em cima da gente. Tentamos o eletrochoque, tiros de advertência. Eles só faziam avançar.

— As ordens tinham sido pra que vocês não perdessem tempo com tais medidas. A única maneira de detê-los é matando-os.

Seus olhos endureceram por um instante e ela me encarou. — Eles ainda são pessoas.

— Não, não são. É por isso que seu parceiro está morto e você tem mais um dia de vida, na melhor das hipóteses. Você já passou um rádio pra assistência médica?

Ela sacudiu a cabeça. — Um deles mordeu o fio do meu microfone. Eu não consigo chegar até o rádio do carro.

Dei a volta ao redor do carro, fechando as portas até seu parceiro. Ele se contraiu duas vezes e meti uma bala pela base de seu pescoço. Altman soltou um berro com o som do tiro. A essa altura, as vértebras já tinham explodido. As contrações pararam.

— O carro ainda é um lugar seguro. Eu posso deixar você aqui até a ajuda chegar, ou você pode tentar dirigir.

— Você não vai ficar?

— Não. — Eu a coloquei de pé.

— Vai à merda.

— Tem muitos ex’s à solta por aí. As próximas vinte e quatro horas irão decidir se Los Angeles pode ser contida ou se será caso perdido. O que está acima das necessidades de uma policial que ignorou as ordens de atirar pra matar.

Altman se sentou no banco do motorista e arrastou as pernas para dentro do carro. Puxei a pistola do coldre de seu parceiro, peguei sua munição reserva e recuperei a Mossberg. — Pode levar várias horas antes que a ajuda chegue aqui. Você vai precisar se defender até lá. Tem comida e água?

Ela bufou uma risada. — Tipo o quê, uma caixa de donuts?

— Um kit de primeiros socorros?

Ela confirmou com a cabeça.

— Tome tudo o que tiver agentes antibióticos. Isso pode lhe dar algum tempo extra.

— Você realmente acha que eu tenho alguma chance?

— É difícil dizer. Existem alguns casos de recuperação, se a vítima recebe atendimento médico imediato.

— Quanto tempo é esse imediato?

Fiz uma pausa. — Os ataques aconteceram em um hospital.

— Pois é, foi o que pensei.

Mandei que ela trancasse as portas e a deixei. Se ela morresse, ficaria presa no veículo. Enquanto caminhava de volta à moto, atirei em duas mulheres, ambas vestindo camisas dos funcionários da House of Blues. A moto roncou de volta à vida e retomei meu caminho pela Sunset.

Em um dos primeiros mistérios de Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle (ainda não era Sir) fez uma observação sobre a dedução lógica. Quando você tiver eliminado tudo o que for impossível, aquilo que sobra, ainda que improvável, deve ser a verdade.

Existe, porém, uma falha específica nessa máxima. Ela assume que as pessoas podem reconhecer a diferença entre o que é impossível e o que elas acreditam ser impossível.

Os ex-humanos não paravam de aparecer fazia doze semanas. Três

meses desde a primeira aparição conhecida. Eles foram capturados, estudados e mortos. Há cartazes de advertência, pronunciamentos das autoridades públicas e reportagens. No entanto, as pessoas ainda se apegam à impossibilidade da existência de mortos-vivos, enquanto eles se avultam sobre suas cabeças, atacam suas casas e devoram seus vizinhos. Soldados, policiais e cidadãos se obrigando a acreditar que os ex's estão apenas infectados com alguma doença curável, apesar de todas as evidências, ao invés de tomar as medidas necessárias. Eles não vão aceitar a verdade. Eles não vão reagir a ela.

O surto não será contido. É tarde demais.

O mundo, como nós o conhecemos, acabou.



Nada foi mudado do lugar na sala de conferências no terceiro andar do Zukor quando o edifício foi readaptado para funcionar como um hospital. A mesa era uma tábua larga, negra e lustrosa cercada por cadeiras com espaldares altos e bem acima do preço. Stealth se sentou à cabeceira, tendo St. George vestido de maneira casual à sua direita e Gorgon à sua esquerda, com sua armadura habitual por baixo do sobretudo. Um punhado de civis ocupava os outros assentos, líderes comunitários de todo o Monte e suas equipes. Na extremidade oposta, a doutora Connolly estava de frente para uma grande TV de tela plana, digitando em seu laptop ao comparar notas de última hora com Josh.

Stealth se inclinou para mais perto de St. George. — Quem foi que você enviou?

— Luke com três mecânicos e mais doze guardas. Cerberus está na escolta deles.

— Eles partiram ao amanhecer — Gorgon acrescentou. — O forte vai ficar em contato constante. Eles chegaram ao ponto onde está *Big Red* faz vinte minutos. Nenhum sinal da SS, nem de outras armadilhas. Eles tinham acabado de trocar o primeiro pneu quando entrei na sala.

Connolly acenou para Stealth e a sala ficou em silêncio. — Eu sei que vocês têm obtido atualizações regulares. Então, algumas das coisas que vou dizer poderão não ser novidade alguma pra vocês. Eu só quero passar por cima disso tudo, pois precisamos rever um monte de noções preconcebidas que viemos tendo até agora. Sabemos que é viral. Um vírus que imita na aparência os leucócitos, as células-brancas, de modo que a verificação visual do sangue não adianta pra muita coisa na maior parte das vezes. Sabemos que é altamente infeccioso. Não está no ar, só é transmitido pelo contato com fluidos corporais, mas pode sobreviver por muito tempo fora de um hospedeiro, enquanto permanecer em estado ativo. Assim, um ex morto, roupas manchadas, mesmo um borrão de sangue seco na parede, tudo isso pode transmitir o vírus.

Gorgon se recostou. — Isso implicaria quase todos termos sido expostos ao vírus, uma vez ou outra.

— Exatamente — Connolly disse com um aceno de cabeça. — Essa foi a grande descoberta que nos fez reconsiderar tudo. O ex-vírus é ainda mais agressivo e se reproduz bem mais rápido do que qualquer coisa que conhecemos. Nós ainda nem sequer descobrimos como ele pode se multiplicar e se espalhar tão rapidamente. Ele humilha o vírus de Marburg e o Ebola de tal maneira que eles deveriam ser considerados um completo fracasso como doença. — Ela fez uma pausa.

Uma das mulheres entre os civis, Christian Nguyen, antes vereadora de Los Angeles e ainda mal-humorada, cravou as unhas na mesa. O ruído fez com que várias pessoas se recostassem encolhidas em suas cadeiras. — No entanto...?

— No entanto, não é letal — Josh disse, sem erguer os olhos.

Por baixo de sua máscara, a expressão de Stealth mudou. — Desculpe, acho que não entendi.

— Não é letal — Connolly repetiu. — Fizemos centenas de testes, infectávamos os ratos de laboratório tanto quanto éramos capazes de

procriá-los. O ex-vírus não é um contágio fatal.

Um homem desleixado com barba grisalha, Richard-alguma-coisa, tossiu. — Eu acho que tem umas cinco milhões de ex-pessoas lá fora que iriam discordar de você — ele disse, parecendo estar orgulhoso de si mesmo.

A médica concordou. — É por isso mesmo que levou tanto tempo pra que fosse isolado. Durante o surto, todos estavam agindo de acordo com o pensamento equivocado de que o vírus era letal *e*, de alguma maneira, reanimava as pessoas. Mas não é isso. São duas coisas distintas.

— Espere aí — Gorgon disse. — Como não é fatal? Todo mundo que é mordido acaba morrendo dentro de dois ou três dias.

— Sim, é verdade. — Ela meneou a cabeça. — Chegamos ao ponto em que a coisa fica interessante. Todos vocês já ouviram falar do dragão de Komodo, não é mesmo?

A maioria das cabeças na sala confirmou.

— Pois bem, durante anos as pessoas acreditaram que os Komodos eram venenosos porque sua mordida era muito letal. Acontece que sua saliva é como o ágar numa placa de Petri. É um meio de cultura perfeito, então simplesmente transbordam todos e quaisquer vírus e bactérias presentes nos trópicos. Eles mordem você, rompem sua pele e tudo isso vai direto pra sua corrente sanguínea. De repente, seu corpo está lidando com trinta ou quarenta infecções gravíssimas ao mesmo tempo.

Stealth juntou as pontas dos dedos. — E é isso que os ex’s fazem?

Connolly concordou. — Quando uma pessoa morre, a lividez começa a se estabelecer e todos os fluidos passam a descer pelo corpo. Uma vez que eles ainda estão de pé, os ex’s possuem bastantes substâncias em suas mandíbulas e bochechas. O cérebro recebe um fluxo pesado de sangue, então qualquer coisa na corrente sanguínea termina lá. As glândulas salivares, os seios da face, os dutos lacrimais, tudo acaba escoando, então qualquer coisa no sistema linfático vai pra lá também. Além disso, há todas as bactérias necrófilas que se manifestam em um corpo morto. E, claro, o próprio ex-vírus. Então o ex te morde e despeja tudo isso em sua corrente sanguínea.

— Mas as pessoas estão morrendo tão rápido — Christian disse. Ela falava com o tom de uma pessoa determinada a irritar alguém. Sua

antipatia por todos os super-humanos não era segredo algum. — Como é possível uma pessoa ter tanta doença assim dentro dela?

— Uma pessoa não. Mas isso é um efeito acumulativo. A morde B. Entre a perda de sangue, o choque da mordida, e quais sejam os germes ou vírus que A acaba de injetar, B fica fraco e morre. Agora, B se transforma num ex e morde C; C pega tanto as doenças de A quanto de B. Quando C se transforma num ex, a próxima vítima pega as infecções de A, B e C. É como o esquema da pirâmide reversa, em que toda interação leva tudo que a anterior tinha.

Stealth deu um leve aceno de cabeça. — É por isso que o surto se espalhou mais rápido à medida que crescia.

— Correto. Depois de cinco ou seis gerações de ex's, cada um tinha dezenas, talvez até centenas de doenças. Pensem em Los Angeles há dois anos. Imaginem quantos tipos de bactéria e vírus havia naquela área de uns cento e poucos quilômetros quadrados. O resfriado mais comum. Catapora. Sarampo. Caxumba. Uma ou duas cepas de *influenza*. Algumas dezenas de diferentes doenças sexualmente transmissíveis. Mesmo algum pessoal com febre tifoide, doença de Lyme ou malária. Vocês não seriam capazes de dizer uma doença que não fosse representada em algum canto de LA. Em dois meses, ser mordido por um ex era como ter toda a lista de desejos do CDC injetada direto na veia. Quando você adiciona uma doença de imunodeficiência como o HIV nessa mistura, então... — ela deu de ombros.

Richard-alguma-coisa e uma das mulheres murmuraram entre si. Gorgon praguejou em alto e bom som.

— Se todos no Monte se submetessem a exames de sangue — Connolly continuou —, descobriríamos que a maioria de nós está infectada com o ex-vírus. Ele simplesmente não faz nada até que você morra.

Stealth fechou a mão. — Então, os primeiros casos de pessoas sendo curadas...?

A médica sacudiu a cabeça. — Eles foram curados ou estabilizados no que diz respeito a quaisquer outras doenças que tinham contraído das mordidas, mas... não. Se e quando eles morrerem, eu acho que ainda vão se tornar ex's. Não dá pra ter certeza até que um bando de pessoas

morra em circunstâncias convencionais. Nossos testes preliminares, porém, parecem confirmar isso. — Ela parou por um instante, ponderando sobre algo. — Eu preciso dizer que... esse é o prego final no caixão de até onde nossa esperança por uma cura pode chegar.

Christian inclinou a cabeça. — Como assim?

— Como eu disse, o ex-vírus em si não é fatal. Ele mesmo não matou ninguém. Todo ex aí fora morreu de gripe, sarampo, perda de sangue... alguma outra coisa. Eles morreram por causa dos efeitos secundários da mordida. Eles estão tão mortos quanto qualquer outro que você já tenha ouvido falar que morreu de alguma doença.

Richard-alguma-coisa suspendeu a mão. — Você já sabe por que isso os traz de volta à vida?

Josh estalou os dedos de sua mão boa. — Mesmo depois que uma pessoa morre, muitos elementos do seu corpo permanecem vivos por horas, até mesmo dias. Você já ouviu falar de cabelos e unhas crescendo em um cadáver, assim como as células da pele que continuam a funcionar. Um transplante nada mais é do que retirar os órgãos ainda vivos de um indivíduo que já está morto. Até mesmo no supermercado, o bife ou o frango que você comprou estava fresco porque, a um nível celular, a carne ainda estava viva.

A doutora Connolly assentiu. — O ex-vírus enrijece as células e as torna mais resistentes. Assim, quando a pessoa morre, suas células não são destruídas tão rápido, individualmente falando, e o corpo morto segue em frente como um agregado gigantesco de células vivas unidas pelo vírus.

— Mas como?

— Ainda estou trabalhando nesse caso. Existe uma bela chance de nunca sabermos com certeza. O ex-vírus não se comporta como qualquer outra coisa em nossos registros, e não temos os recursos necessários pra estudá-lo mais a fundo. Parece ter a ver com o sistema nervoso central, como as pessoas suspeitavam desde o início. É por isso que destruir o cérebro é a única coisa que os detém. O vírus está por todo o corpo, mas primordialmente reside no cérebro e envia impulsos ao longo dos nervos. Você ainda vai ter as células aperfeiçoadas, mas nada que as estimule a entrar em ação.

A doutora Connolly se curvou e tocou em sua tela para avançar em seus tópicos. — Além disso, eles estão frios. Parece que um dos processos ativos da infecção é a diminuição da temperatura do corpo pra cerca de uns dez graus após a morte. Isso ajuda a diminuir o grau de decomposição ainda mais.

— Então — Stealth disse —, você consegue estimar quanto tempo eles duram?

— Por tudo o que vimos até agora, dá pra dizer que a média de existência de um ex seria vinte e oito meses antes que a decomposição progrida a um ponto em que já não pode permanecer ativo. Vamos colocar uma margem de erro de dois meses pra mais ou pra menos, sem contar as influências externas. Mais ao norte, com as variações do clima, eles poderiam existir por quatro ou cinco anos. Nos trópicos, com o calor e a umidade constante, por uns meses a menos. Essa onda de ar frio que tivemos em fevereiro provavelmente acrescentou algumas semanas na vida de todos eles. — Ela deu de ombros.

— É difícil chegar a qualquer estimativa mais exata sem conhecer as particularidades do paciente zero — Josh disse. — Como nunca vamos saber exatamente quando ela ou ele se transformou, realizar esses cálculos iniciais é impossível.

Gorgon coçou a orelha pela banda de seus óculos de proteção. — Então, você está dizendo que eles deverão estar todos mortos em um ano, mais ou menos.

— Não — Connolly disse. — Todos aqueles criados durante o surto inicial deverão estar. Os que se transformaram durante a batalha deverão levar mais uns poucos meses. Já os que se transformaram enquanto estávamos nos estabelecendo no Monte, alguns meses mais. Então, ainda haverá todas aquelas mortes aqui e acolá de pessoas que conseguiram sobreviver por algumas semanas ou meses após o fim antes de acabarem morrendo.

— E, por fim, todos nós — disse Stealth.

A médica meneou a cabeça. — Sim. Temos que admitir que boa parte da população do Monte vai se transformar quando morrer. Principalmente qualquer um de vocês que estiveram em contato ativo com ex’s. Mais trinta meses, portanto.

— O que podemos fazer?

Josh passou os dedos pelos cabelos prateados. — No momento, nada. Não existe nenhuma maneira de se imunizar contra o ex-vírus. Não podemos curar a doença uma vez que alguém esteja infectado, supondo que possamos pelo menos detectar a infecção. Tudo o que podemos esperar são anos de mortes assistidas como fazemos hoje. Alguém morre, você mete uma bala em sua cabeça antes que qualquer coisa venha a acontecer.

— No melhor dos cenários possíveis — Connolly disse —, ninguém que esteja vivo hoje jamais verá o fim disso tudo. Estamos falando de, talvez, três gerações de mortes assistidas antes que possamos ter um pouco de certeza de que eliminamos o vírus. Seis, talvez sete décadas.

Outro burburinho correu pela sala de conferência.

— Sinto muito. Eu queria que fosse uma notícia melhor.

Christian tamborilou as unhas na mesa de novo. — Onde é que todos nós ficamos nessa história? Será que algum dia a gente vai chegar a sair do Monte?

— A meu ver, estaremos condenados se fizermos isso, e estaremos condenados se não o fizermos — a médica disse. — Manter todo mundo concentrado aqui nos permite manter o controle, mas isso também significa que o vírus pode se espalhar mais rapidamente, se houver um surto. Por outro lado, deixemos que todos se espalhem por aí e logo os perderemos de vista. Alguém morre durante o sono, tem uma queda feia e quebra o pescoço e, de repente, estamos recomeçando tudo de novo.

— Então, nós somos todos apenas...

— Obrigada pelo seu tempo, doutora — Stealth disse, cortando mais comentários. — Todos vocês podem sair agora.

Christian enrugou a testa, mas fechou a boca. Ficou tamborilando sobre a mesa por alguns instantes antes de se levantar para ir embora.

— Isso foi bem brusco — Gorgon disse. — Até mesmo pra você.

— Há muito o que fazer. Eu não posso perder tempo com questões irrelevantes.

St. George fez que sim. — E agora o quê, então?

— Vá se juntar à equipe de reparo. Sua presença lá vai tranquilizá-los

e acelerar o trabalho.

— Eles estão com Cerberus.

— Você deve ir.

Ele suspirou. — Tudo bem. Vou logo mandar um rádio e dizer que estarei lá em meia hora. Devo chegar a tempo de voltar com eles.

— Obrigada.

Ele acenou para Josh ao sair pela porta.

— Sabe — Gorgon disse —, ficou parecendo que você queria se livrar dele durante a tarde.

— Eu queria. — Ela se voltou para ele. Gorgon não conseguia ver seus olhos, mas, de alguma forma, ela ainda era capaz de lançar aquele típico olhar frio. — Temos prisioneiros. Eu quero que eles sejam interrogados.

Ele deu um sorriso sinistro por trás dos óculos de proteção. — O prazer é todo meu.



O asfalto tremeluzia ao sol. *Mean Green* e *Big Red* estavam emparelhados. Ty, Billie e o resto dos guardas espalhavam-se para lidar com ocasionais ex’s enquanto Luke e os mecânicos trocavam os pneus do caminhão avariado. A parte dianteira estava pronta, e ambas as rodas avariadas tinham sido colocadas no chão do lado do passageiro.

Os guardas se dividiram em quatro grupos de três, observando a estrada em todas as direções. Qualquer ex que chegasse perto demais era despachado por um guarda com uma lança improvisada, enquanto os outros utilizavam seus próprios rifles e baionetas. Tentavam evitar barulho.

Cerberus deu uma volta demorada em torno dos dois caminhões, seguida por Jarvis. Fazia uma pausa a cada ponto cardeal para observar o mais longe possível ao longo da estrada. Seus rádios faziam uma varredura de cima a baixo nos comprimentos de onda, atentos a qualquer tipo de tráfego em meio à estática.

Jarvis suspirou depois de sua quarta volta em torno dos caminhões atrelados:

— Então, Mark pegou o Trebek?

Cerberus baixou os olhos na direção dele. — Pegou sim.

— Onde?

— Culver City, faz nove meses. Alguém disse que eles filmaram *Jeopardy!* ali. Na Sony.

— E você tem certeza de que era ele?

Ela deu de ombros, ombros blindados, e se voltou para a rua. — Era parecido com ele. Nós não paramos para verificar seus documentos nem nada.

— Então você não tem certeza?

Deu de ombros outra vez. — Pra mim, ele se parecia com ele. Quer dizer, a boca dele estava toda ensanguentada e tudo mais, mas ainda se parecia com ele. O formato do seu rosto e tudo mais.

— Merda — Jarvis chutou um amontoado de jornais velhos. — Alex Trebek. Era duro na queda. Ty me disse que ele acertou Sulu e Chekov de *Star Trek*, e isso me pareceu um grande feito. Os originais, não os daquele remake.

Em frente a eles, Billie colocou sua lança entre as pernas de um ex maneta e lhe passou uma rasteira. A coisa morta cambaleou, rodopiou e caiu de lado. Passou a arma através da orelha dele e a ponta de aço retiniu contra o asfalto.

— Eu tenho um monte — Jarvis continuou. — Mas ninguém realmente muito importante. Megan Fox. Chris Rock. Veronica Mars. Scott Bakula. A loirinha de *Smallville*. No mesmo dia, peguei o vilão de *Heroes* e aquele gorducho do *Seinfeld*. Ah, e aquela apresentadora do jornal da manhã, no Channel 11, que sempre estava com o decote de fora. Eu tenho praticamente certeza de que vi a Lindsay Lohan uma vez, mas o caminhão estava andando e não consegui parar pra acertá-la.

— É uma pena — Cerberus disse. Alternou suas lentes e perscrutou ao longo da New Hampshire Avenue, logo por trás de Ty. A quase seis quarteirões subindo a rua, uma ex com cabelos pretos e roupas brancas coxeava em direção a eles.

— Você já pegou algum figurão?

— Acho que não — ela disse sem encará-lo de frente. — Eu nunca prestei atenção em atores.

— Como você mora em LA e não presta atenção em atores?

— Eu não moro em LA. Cresci na Virgínia.

— Então, como você consegue visitar LA e não ficar de olho nas celebridades? Isso é o que todo mundo faz.

Ela virou a cabeça em direção ao leste e a armadura focalizou seus sensores na Melrose, mais abaixo. — Na maioria das vezes, eu nem os reconheço se ninguém me diz quem são. Eles são apenas ex's.

Ty girou e abriu a cabeça de um ex com sua lança, e logo inverteu o giro para varrer as pernas que ainda cambaleavam. Deu um verdadeiro show ao rodopiar a lança e enfiá-la pela boca do ex. Alguns dentes saíram voando quando ele puxou a arma de volta.

— Mas então... você chegou a reconhecer algum dos ex's que já matou?

Cerberus suspirou. Foi um ruído áspero dos alto-falantes. — Algumas pessoas da televisão — ela disse. — Eu não me lembro de nenhum dos nomes deles. O ator principal de *House*. Aparentemente ele era famoso. Assim como aquela mulher do filme de assassinos.

— Qual deles?

— Eu não sei. Aquele com o marido e a mulher. Os dois são assassinos, mas eles não sabem disso. *Os Smiths*?

— *Sr. e Sra. Smi*... puta merda! Você pegou a Angelina Jolie?

— Isso, ela mesma.

— Sem essa! — Ele chutou a lateral do caminhão. — De jeito *nenhum*!

— Ê, rapá! — Luke zombou.

Ele mandou o dedo do meio ao motorista e voltou os olhos à armadura. — Como é que você conseguiu pegar a porra da Angelina Jolie?

— Eu quebrei o pescoço dela. Foi muito simples e sem maiores rodeios.

— Eu tenho que sair mais do Monte — Jarvis murmurou. — Todo

mundo já pegou umas celebridades melhores do que as minhas.

N N N

Gorgon foi marchando pelo loteamento até as celas do Landing Theater. Em outros tempos, os rolos dos arquivos cinematográficos eram guardados naqueles pequenos cômodos. Agora, a porta maciça mantinha as coisas do lado de dentro ao invés de fora.

O herói estava a poucos metros de distância das celas quando vislumbrou as poças. Os entalhes tinham sido feitos nas bases de todas as portas apenas o suficiente para permitir que o ar entrasse, alguma luz ou uma bandeja de comida. Alguma coisa parecida com vinho barato, porém, estava então esparramada por duas das brechas.

Ele escancarou a porta da cela mais próxima. Um Seventeen tinha cortado os pulsos. O bom e velho de lado-a-lado, nada daquele absurdo moderninho de cima abaixo ao-longo-de-todo-o-braço. O corte esquerdo era seco e profundo; já o direito, um pouco irregular. O chão estava molhado e vermelho, e o sangue tinha empapado sua camisa. Uma lâmina de um gume só repousava em sua mão, do tipo que os funcionários dos supermercados usam para abrir caixotes. Do tipo que supostamente tinha ficado difícil de se conseguir depois do 11 de Setembro, pois eram fáceis demais de se esconder.

Gorgon bateu a porta e abriu a cela seguinte. O garoto, um adolescente, tinha começado a cortar sua garganta e acabou se acovardando. A navalha estava em seu colchão e suas mãos estavam pressionadas sobre o corte em seu pescoço. — Eu preciso de um médico — ele disse, apertando os olhos contra a luz do sol. — Por favor, eu estou muito machucado. — O sangue em suas mãos estava diluído em lágrimas.

— Você não está morto — o herói retrucou. — Vai ficar bem sozinho por mais meia hora. — Ele estendeu a mão e pegou a lâmina.

— Não, por favor! Por favor, eu preciso de um médico. Acho que estou morrendo!

Gorgon trancou a cela e passou à seguinte. O terceiro tinha cortado os dois pulsos também, mas ainda estava de pé. *Não*, Gorgon pensou. Não

estava ainda de pé. Já estava de volta a seus pés. A doutora Connolly estava certa sobre os portadores do vírus.

O ex girou de leve a cintura e seus pés se arrastaram na tentativa de acompanhá-la. Seus membros ainda estavam frescos e flexíveis. O morto-vivo o encarou com olhos acinzentados e arreganhou os dentes. Em um dos incisivos centrais, havia um pentagrama gravado.

Trinta segundos se passaram antes que Gorgon pulasse fora da cela e batesse a porta. Verificou duas vezes para ter certeza de que o ex estava trancado enquanto apertava seu walkie-talkie. — Stealth, eu sei que você está sempre na escuta. Preciso de você aqui embaixo nas celas. Agora.

X X X

— Cerberus — Luke chamou. — Outra mãozinha aqui?

Ela foi pisoteando até *Big Red* e agarrou o chassi. Luke deu alguns tapinhas nos dedos de aço e fez sinal de positivo. O exoesqueleto da armadura chiou ao levantar o lado do passageiro do caminhão a quase meio metro de altura. Dois dos mecânicos arrastaram os suportes pesados pelo asfalto, fixando-os com marretas. Luke fez outro sinal e *Big Red* foi acomodado sobre os macacos.

— Obrigado — ele disse, enquanto os mecânicos trabalhavam nos pneus duplos.

— Sem problemas.

— A gente deve estar pronto pra partir em cerca de meia hora.

Cerberus concordou e olhou por cima do caminhão. O ex de branco estava a pouco mais de um quarteirão de distância, perto o bastante para ser visto sem zoom. Era uma garota asiática que usava uma longa trança e um uniforme de karatê com um bordado de arco-íris, manchado de sangue.

— Ty — Cerberus chamou. — Olha só.

— Estou vendo — ele disse. Agradeceu à titã e, tão logo se voltou à rua, a ex já estava bem na cola dele.

Ela atacou, mas ele conseguir sacar a lança a tempo.

Andy a cutucou com a ponta cega de sua própria lança, afastando-a. A ex rodopiou, retorceu-se e logo se reestabeleceu, tentando alcançar Ty. Ele investiu sua lança e a criatura deu uma mordida no cabo enquanto partia para atacá-lo. Ele se lembrou dos filmes de terror e daquelas coisas bizarras que se moviam rápido demais.

— Que porra é essa?

Ty deu um empurrão e derrubou a ex a alguns metros de distância. Ela logo recuperou seu equilíbrio. Então esticou a lança para fazer com que a ex tropeçasse em sua investida. A haste de madeira passou por entre os joelhos da mulher morta e ele puxou a arma para a esquerda.

A ex tropicou, reequilibrou-se e deu mais um passo na direção dele.

Ele recuou a passos ligeiros e se precipitou novamente para dar-lhe outra rasteira, afastando um do outro os pés da mulher no meio de um passo. A ex vacilou por um breve momento antes de firmar o pé de volta e tentar uma nova investida.

— Merda — Ty resmungou. Ele escutou os atiradores prepararem as armas. Sabia que os rifles estavam sendo apontados e sentiu seu coração palpitando. — Sem tiros, eu tenho a situação sob controle.

A lança se alinhou à boca frouxa da ex e ele atacou, pronto para quebrar os dentes e sair rasgando o céu da boca. Suas mãos escorregaram pelo cabo de madeira imobilizado até acabarem em três lascas farpadas. A mão blindada de Cerberus segurava a traseira da lança.

— Não faça isso.

— Por que não?

Ela se adiantou e segurou a ex pelo ombro. Sua mão era enorme se comparada à menina morta.

— Porque Gorgon mataria você se ele descobrisse.

Os dedos da criatura se atracavam aos dedos de aço enquanto ela tentava atravessar a armadura com suas mordidas.

— Por que ele iria... — Ty expremeu seus olhos e suspirou. — Merda, é ela, né?

— É.

— Ágil pra cacete, hein, pra um zumbi — Andy disse.

— Você devia ter visto quando ela ainda estava viva. Era como assistir a uma bolinha de borracha pula-pula quicando em um armário.

Cerberus sacudiu a cabeça. A ex se debatia em sua mão como um espantalho ao vento.

— A última notícia que tive dela era que estava vagando pelo Griffith Park. É uma merda que ela tenha conseguido chegar até aqui de novo.

Andy deu de ombros.

— Então, o que vamos fazer com ela? Quer dizer, se não dá pra matar, você só vai ficar parada aí até o caminhão ficar pronto?

—Tive uma ideia. Algo que eu escutei alguém dizer uma vez.

A armadura esticou sua mão e envolveu a cabeça da ex feito uma aranha. Por um segundo, ela considerou esmagar o crânio. Ainda podia ver um dos olhos a encarando por entre seus dedos gigantes de metal, os dentes resvalando a ponta de um deles. Ela então suspendeu a coisa morta e a virou de costas, de cara para o asfalto.

— Fique quieta por um minuto que seja.

A ex ainda se debateu algumas vezes contra o amasso, tornando-se mais e mais letárgica a cada segundo. Seus braços enfim se baixaram bambos no chão.

— O que os olhos não veem o coração não sente — a titã sussurrou. Seus dedos se abriram com o leve zumbido dos motores e a mulher asiática cambaleou adiante. Todos se mantiveram em silêncio até que ela estivesse na metade do quarteirão, exceto pelo retrincado de Billie perfurando outro ex com sua lança.

— Então, Mark pegou o Trebek e você pegou a Angelina Jolie — Jarvis deu uma cusparada. — Minha única esperança agora entre essas estrelas é a Jessica Alba.

Cerberus sacudiu a cabeça.

— Essa já era. Cairax a matou. St. George me contou a história.

— O cara demônio? Eu pensei que ele agora fosse um ex.

— Ele é, mas não era na época. Foi ela quem o mordeu. A morte dela foi uma das últimas coisas que o viram fazer.

— Mas, só pra saber, como é que ela mordeu o cara? Eu pensei que

ele fosse todo escamado ou coisa assim. Tipo um lagarto.

— Ele era à prova de fogo. E forte o bastante pra resistir a eletrochoques e balas.

— Então como ela o mordeu?

Cerberus inclinou sua cabeça, encarando-o nos olhos.

— Ele não é totalmente escamado.

— O que isso quer di… Não!

— Pois é.

— Você quer dizer que eles... ele... com ela *morta*?

— Eu nunca cheguei a conhecê-lo, mas Zzzap e St. George dizem que ele estava meio pirado da cabeça com toda aquela coisa de mágico-feiticeiro. Personalidade múltipla e tal. Não era muito de tomar as melhores decisões.

— Porra, não, ele…

Ela jogou a mão para cima, fazendo com que ele ficasse em silêncio. Luke olhou para cima da cabine e os dois mecânicos pararam de girar suas chaves soquetes. Passou um tempo até que o capacete de aço girasse ao sul.

— Você está escutando?

Luke levou as mãos em forma de concha por trás das orelhas.

— Alguma coisa grande — Cerberus disse. — Vindo nessa direção.

Jarvis sacudiu a cabeça e logo parou:

— Espere um segundo.

Todos eles puderam escutar o ronco dos motores e os gritos que o acompanhavam ao longe. Na acústica ímpar da cidade sem vida, os sons ecoavam rosnando. Luke permaneceu do lado de Cerberus, com os ouvidos ainda bem abertos. Os mecânicos estavam apertando as porcas do último conjunto de pneus. Ty, Billie e todo o resto jogaram suas lanças na caçamba do caminhão e acomodaram seus rifles nos ombros.

De dentro da armadura, ela observou os sensores de movimento a longa distância começarem a piscar. Seus braços coçaram, sentindo a falta dos canhões.

— Cerberus falando — ela vociferou ao microfone. — Nós temos inimigos a caminho, solicitamos reforço imediato. Zzzap, Gordon, Dragon — ela olhou para os mecânicos. — Estaremos prontos a tempo?

— A gente só precisa de mais um minuto.

— Subam, todos! Zzzap! — ela berrou ao microfone. — Droga, Barry, eu sei que você pode me ouvir!

Luke se atirou de volta à cabine e *Big Red* roncou.

— Outro bloqueador de sinais?

— Não.

— Era pra ele ser de carne?

— Não, é claro que não — ela pisoteou até a porta levadiça. O motor do *Mean Green* roncou enquanto os mecânicos jogaram suas ferramentas na traseira. — Tudo pronto?

— Vai dar pra chegar em casa.

Descendo a Melrose, as camionetes despontaram na esquina. Eram duas picapes enormes e um caminhão de lixo com barras de aço sobre o largo para-brisas. Alguma coisa grande e roxa estava esticada sobre a grade frontal. Seventeens em polvorosa urravam em cada um dos veículos.

— Suspendam a porta — Cerberus disse.

A mão de Billie ficou paralisada sobre o botão, e Jarvis saiu correndo rumo à lateral da caçamba.

— Como você vai…

— Não temos tempo. Suspendam a porta e caiam fora daqui.

— Você a escutou — Harry, o motorista gorducho do *Mean Green*, gritou. — Ela vai deter os caras. É isso o que ela faz, certo?

Os automóveis dos Seventeens roncavam cada vez mais perto. A coisa acorrentada à dianteira do caminhão de lixo se movia, debatendo-se contra as amarras. As lentes da armadura se projetaram adiante, ampliando a imagem em sua vista.

— Merda — Cerberus chiou, reconhecendo a coisa. — Vão!

Mean Green engatou a primeira e saiu em disparada rua abaixo. *Big Red* foi logo atrás. As balas retiniram contra a porta levadiça de aço. Um

de seus novos pneus estourou, e o caminhão seguiu com apenas uma das rodas duplas.

Alguns tiros ricochetearam na armadura enquanto ela foi pisoteando até um poste telefônico. Ela o agarrou, deu um puxão e sentiu a madeira lascar sob seus dedos. A viga espessa se espatifou pela rua. Ela então alcançou um Honda Accord perto da calçada e também o arremessou contra a rua.

Mean Green já estava fora de vista. *Big Red* estava quase chegando ao viaduto e os Seventeens, a um quarteirão de distância.

Ela jogou suas pernas adiante e saiu correndo.

X X X

— Por que eu tenho que ver isso? — Stealth perguntou.

Gorgon estava parado em frente às portas das celas.

— Porque você não vai acreditar se eu só te contar.

— O que poderia ser tão impossível de acreditar?

— Só venha até aqui de uma vez.

O olhar dela se voltou às poças de sangue.

— Suicídio.

— Dois. Eles contrabandearam lâminas de barbear, mas só dois tiveram coragem de ir até o fim.

— Lamentável. Chame uma equipe de limpeza.

— Esse não é o problema — ele apontou para a última porta.

— Eles se levantaram? Tenho certeza de que você consegue lidar com um de cada vez, e a doutora Connolly provavelmente irá gostar de vê-los. Eu tenho mais coisas a fazer.

— Não mais importantes do que isso.

Ela o encarou. Gorgon destrancou a porta e abriu a cela.

X X X

A armadura definitivamente corria bem. Podia alcançar setenta quilômetros por hora no asfalto, um pouco menos em estrada de terra, cascalho ou areia. Ela detestava ter que chegar àquele ponto, pois seus níveis de energia diminuíam a cada pernada. Não era moleza fazer com que cinco toneladas de blindagem e componentes eletrônicos se movimentassem com rapidez.

Ela pôde sentir uma colisão logo atrás de si. Um breve piscar mudou sua tela para a câmera traseira da armadura. O caminhão de lixo tinha lançado seus dois braços enormes, que geralmente se afixavam e suspendiam os contêineres de lixo, atirando de lado o poste telefônico. Perfuraram o carro feito um par de presas metálicas, mal conseguindo desacelerar o caminhão gigante.

Ela mudou de volta à visão principal. A armadura tinha alcançado *Big Red*. Quarenta por cento de sua bateria estavam esgotados. Era capaz de ver os carros abandonados estremecerem ao longo do caminho enquanto corria. Um ex cambaleou em sua direção e ela o atropelou, reduzindo-o a uma massa disforme.

— Vira — ela gritou para Luke. — Siga pela Western. Nós podemos cortar caminho pela Santa Monica e contorná-la até a Gower.

— Mas e quanto a Harry e ao *Mean Green*?

— Aquele gordo miserável provavelmente já está de volta ao Monte — ela exclamou. — Eles estão bem.

Luke girou o volante e *Big Red* deu uma guinada na Western, atravessando as carcaças dos carros pelo caminho. Ela seguiu pisoteando atrás deles, rachando o asfalto a cada impacto. A ladeira da autopista estava logo à frente, e a Sunset poucos quarteirões depois.

— MERDA! — Luke contraiu os músculos e se ergueu no assento. *Big Red* cantou pneu, soltando fumaça pelos dez metros seguintes até parar. Os guardas na traseira soltaram gritos ao serem arremessados para frente.

Cerberus tentou desviar e esmagou seu ombro contra o lado do motorista. *Big Red* trepidou, as laterais de fibra de vidro se racharam e a armadura saiu girando, tropeçou em um carro esporte e desabou na calçada, bem em cima de um ex que rastejava pelo chão. Suas telas ficaram chuviscadas por alguns instantes enquanto os computadores

tentavam reestabelecer a transmissão das imagens.

Dentro de Cerberus, Danielle tentava clarear seus pensamentos. Mesmo com a armadura, tinha sido uma batida e tanto. Ela piscou algumas vezes e a armadura tentou interpretar a sutileza dos comandos, processando meia dúzia de imagens e relatórios operacionais enquanto tentava recuperar a conexão com as câmeras. As telas cintilando não ajudavam em nada sua dor de cabeça.

— Correntes — Luke gritou. — Eles botaram armadilhas em toda a rua!

Os pneus do *Big Red* soltavam uma fumaça branca enquanto o caminhão girava em torno do eixo. Cerberus se levantou com o apoio de um parquímetro, rachando-o durante o processo.

— Onde?

— Na rua transversal — Luke gritou.

Ela tratou de chacoalhar seus membros eletrônicos e passou correndo pelo caminhão. Podia ouvir os Seventeens se aproximando. Sua visão percorreu a Marathon e suas miras localizaram a fileira de pregos.

— Espera! — Ela agarrou a corrente e, com um puxão, desvencilhou-a de um pino ao norte da rua.

O caminhão fez uma manobra brusca logo atrás dela.

— Tudo limpo?

— Tudo limpo.

Havia uma kombi clássica da Volkswagen estacionada em uma pista. Ela estava com os olhos fixos em seu nível de energia quando *Big Red* passou por ela e ficou na dúvida se arremessava ou não a kombi no caminhão de lixo. Ao invés disso, chicoteou a corrente em direção à Western no exato momento em que as picapes roncaram à vista. Os elos cravados de pregos acertaram um dos Seventeens na cabeça e o atiraram da traseira do caminhão, com um dilúvio de sangue.

O motor roncou e a picape saiu em disparada. Ela avançou e desferiu o punho cerrado através da grade frontal. A proteção do motor ficou completamente destruída com o soco, que continuou seu caminho até a cabine da camionete. O Ford se retorceu em um monte de sucata ao redor da titã, sendo carregado pelo braço por conta de seu próprio

impulso. Duas teias-de-aranha mais avermelhadas ao centro despontaram no para-brisa contra o qual motorista e passageiro se chocaram. Um dos passageiros que estavam na caçamba passou voando por cima do ombro dela.

O caminhão de lixo cantou pneu até parar na Western, e mais algumas balas ricochetearam em sua armadura. Ela se livrou do Ford arruinado com um chute e prosseguiu rumo a oeste atrás do *Big Red*. Às suas costas, escutou as presas de aço do caminhão de lixo atingirem a camionete.

Luke cortou caminho pela St. Andrews Place. Pelo retrovisor, pôde vislumbrar a titã azul-prateada retumbando pela rua enquanto o seguia.

À frente deles, a camionete Dodge apareceu cantando pneu, triturou um ex sob suas rodas e bloqueou o fim da rua.

Luke pisou no freio e engatou a ré.

Cerberus derrapou até conseguir parar, soltando faíscas de seus pés. Seus sensores de mira se fecharam sobre o Dodge. Uma bala ressoou em seu ombro. A armadura computou as armas inimigas e os recursos humanos. Ela se condoeu pela falta de seus canhões, imaginando como seria o caminhão explodindo pelos ares.

Por trás deles, o caminhão de lixo deslizou pelo extremo norte da rua. Em sua grade frontal, a criatura morta se contorcia e repuxava, com o olhar fixo em Cerberus. Ela tentou não retribuir.

Uma enxurrada de tiros foi disparada. O pescoço de Ty explodiu em sangue e ele desabou com um baque surdo. Jarvis se jogou à esquerda bem na hora em que um segundo tiro fez o sangue jorrar de seu ombro na traseira do caminhão. Billie e os demais se esconderam atrás da porta levadiça de aço. Cerberus pôde ouvi-los engatilhando os rifles.

Ela pisoteou adiante e estendeu os braços. Logo atrás dela, Luke deu partida no motor, fazendo *Big Red* estremecer.

Um homem pálido e careca, de cavanhaque, arrastou-se da traseira do caminhão de lixo para cima da cabine. Metade de seu rosto era tatuado e ele estava vestindo as cores dos Seventeens, com uma camisa verde e um lenço amarrado em um dos braços. Segurava sua AK afastada do corpo. Em torno de seus pés, os outros Seventeens mantinham suas armas apontadas para Cerberus e *Big Red*.

— Ei, grandalhona — ele gritou, arreganhando os dentes. Lançou-lhe uma saudação desleixada por trás dos óculos escuros. — Se você já estiver cansada de correr, será que a gente podia trocar uma ideia rapidinho?

X X X

O ex com o dente gravado estava estirado na cama dobrável. Quando os raios de sol do meio-dia invadiram o pequeno espaço, ele virou sua cabeça em direção à porta. Ficou lá deitado com seus olhos vazios encarando o brilho intenso.

Gorgon recuou e Stealth o observou por um instante.

— Por que ele não está atacando? — ela perguntou ao outro herói. — Tem alguma coisa errada com ele?

— Stealth, é você? É difícil enxergar com essa luz. Vocês não passam de um pequeno amontoado quente de sombras.

Pela primeira vez desde que tinha se encontrado com Gorgon, a mulher de preto ficou paralisada. Tinha acontecido o mesmo com ele, dez minutos antes.

A coisa morta arrastou-se, com movimentos lentos e deliberados. Em seguida, levantou-se do colchão e curvou-se, sorrindo de forma sarcástica.

— Eu trago uma mensagem — o ex resmungou — do meu chefe, o Chefão de Los Angeles.



Eu tenho que admitir, é um tanto assustador quando os pescoços deles se quebram. Stealth diz que eles não sentem nenhum tipo de dor. É mais como quebrar um brinquedo do que matar alguma coisa. Gorgon concorda com ela. Mas continua sendo um barulho bastante bizarro.

Chute. Pirueta. Agacho. Rasteira. Ataque. Pontapé.

Na maior parte do tempo, é como dar tiros em peixes num barril. Eu sou três ou quatro vezes mais rápida do que uma pessoa normal. Se a gente considerar que essas coisas se movem com talvez um quarto da velocidade normal, é quase impossível que elas sequer me toquem. Passei apuros por um segundo faz poucos dias quando me vi cercada por eles, mas foi só eu me acalmar que escapei. Stealth estava certa; ela sempre está certa. Você pode escapar de qualquer coisa usando primeiro o cérebro, e só então seus punhos.

Chute cruzado. Cruzado. Circular. Pontapé. Pirueta pela saída de

incêndio.

Sinceramente, a pior parte dessa crise toda foi dizer a verdade pra mamãe e papai sobre meu “trabalho de professora em meio período”. Com a lei marcial e a quarentena nacional, eles não iam mais engolir minha desculpa corriqueira: “estava na biblioteca, cheguei tarde”. Ainda assim: todo o país estava sendo invadido por zumbis e eu teria que conversar com eles antes que me deixassem sair de casa.

Giro. Salto. Resvalo. Chute cruzado. Pontapé.

E qual era o grande problema? Essa chateação toda só porque sua filha mais velha era um tipo de mutante? Por eu estar arriscando minha vida e lutando contra o crime desde o segundo ano do ensino médio? Por eu ter mentido pra eles?

— Você não pode ser Banzai! — mamãe berrou. — Banzai é um garoto. Deu nos jornais.

— É, eu sei. Isso ajuda a esconder minha identidade.

— Esse nome — papai gritou. — Como você pôde escolher um nome japonês? Você é coreana!

— É uma palavra. Só uma palavra.

— Seu avô morreu lutando contra os japoneses! Ele morreu nas mãos das pessoas que usavam essa palavra como um grito de guerra, e agora você está usando como um tipo de medalha de honra ao mérito.

— Mas como alguém poderia pensar que você é um homem? Minha menina tão lindinha.

— Eu uso uma máscara, mãe. E vamos encarar a realidade, a Sarah ficou com toda a… sua figura. Tem quatorze anos e já é mais cheia do que eu.

A discussão seguiu esse rumo por uma hora. Eu até tive que provar pra eles que não era tudo mentira, mostrando meu disfarce, dando alguns saltos pelo quarto. Então passei mais uma hora tentando convencer os dois de que eu precisava sair por aí pra ajudar as pessoas.

Pulo. Pirueta. Chute duplo. Salto. Pontapé. Salto. Pontapé. Salto. Pontapé.

Ai, Deus, é doentio, eu sei, mas estou adorando. Depois de uma vida inteira sendo a garota quieta que ficava sentada no canto, isso de eu ter

me tornado a heroína mais veloz, desenfreada e colorida da cidade foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Dez ex’s à lona e dei um giro pela escada de incêndio até o terraço. Eu precisava encontrar o resto da minha equipe.

Stealth me mandou com Gorgon e Mighty Dragon pra cobrir Beverly Hills e West Hollywood. Ela estava no centro da cidade com Midknight e Blockbuster. Genny dava cobertura a alguns policiais nos arredores de Hollywood. O homem-demônio, Cairax, estava em Venice. Eu ouvi falar que Zzzap tinha voltado à Costa Leste pra ajudar Awesome Ape.

As coisas tinham enlouquecido completamente nessa última semana. Não tinha como esconder ou negar isso. Ex-humanos começaram a aparecer por toda Los Angeles, fazendo todas aquelas coisas que os zumbis fazem. Na quarta-feira, eu já estava ouvindo relatos sobre casos no Novo México e em Las Vegas. No domingo seguinte, o presidente declarou lei marcial, mas eles já estavam em Nova York, Boston e Washington. E ele pensando que só teria de lidar com a economia e as últimas trapalhadas no Oriente Médio. Nessa manhã, deram notícia de surtos de zumbis na Europa.

Gorgon (Nick) estava me esperando no terraço. Sem o capacete, pra variar, só com seus óculos. Eu sei que toda essa situação estava fazendo com que ele se sentisse inútil. Ele odiava estar sem sua moto, mas os terraços eram muito mais seguros. E seus olhos não funcionavam com os ex’s. Acho que eles não tinham nenhuma energia vital pra ser roubada. Mesmo assim, ele sabia como lutar, sabia bem de todas as suas forças e fraquezas, então dava um ótimo coordenador de campo.

— Algum problema?

Eu o agarrei e beijei com força. Ao menos eu não tinha que contar essa parte da minha vida secreta pros meus pais. A propósito, mãe e pai, eu faço sexo casual com outro herói pra aliviar o estresse. Aquele que chamam de Gorgon, com os óculos de proteção. Ele tem vinte e nove anos, é branco, tirou minha virgindade quando eu tinha dezessete anos e a gente tem que fazer no estilo cachorrinho a maior parte do tempo pra me proteger dos olhos dele. Acho que dá pra dizer que a gente está namorando. Ele se afastou.

— O que é tão engraçado?

— Nada, eu só estava pensando em algumas coisas que podia ter dito pros meus pais quando confessei tudo.

Ele deu um sorriso compreensivo.

— Dragon está fazendo a limpa nos arredores de Beverly Center, de novo. Devemos ir no sentido norte, dizimar qualquer coisa pela frente e nos encontrar com ele.

Saí correndo e pulei, cruzando o beco com uma pirueta dupla.

— Estava só esperando por você, sua lesma — gritei.

Nick era um bom companheiro. Forte. Não absurdamente forte, mas definitivamente acima do normal na escala humana. O que ele chamava de nível dois. Ele teve que se esforçar um pouco, mas conseguiu saltar, e se juntou a mim no terraço seguinte. Fomos correndo rumo ao norte, observando as ruas e os becos atrás de movimento.

As pessoas pensam que os becos e as ruas seriam o grande problema na hora de correr pelos telhados, mas na verdade é a manutenção precária. Tijolos soltos. Vigas fracas. Uma vez, escorreguei num revestimento de piche que nem mesmo estava fixo. Saltar de prédio em prédio é a parte mais fácil.

A gente já tinha corrido por seis quarteirões, quase até a Santa Monica Boulevard, quando Nick parou. Sua audição era melhor do que a minha, e ele apontou pro cruzamento ao leste. Eu saltei pro topo do telhado.

Havia alguns sem-teto encurralados contra uma cerca de arame farpado. Um ex-humano, do outro lado da grade, estava tentando mordê-los por entre as frestas, e outros dois estavam coxeando pelo beco pra cima deles.

— Deve levar só um minuto — eu disse.

— Eu pego o cara. Se concentra em salvar aquelas pessoas.

— Eu dou conta deles…

Mal acabei de falar e ele já tinha deslizado por um cano velho de metal. Eu me lancei pelo beco, resvalei do muro de tijolos até a saída de emergência no melhor estilo Jackie Chan, e já caí chutando a cabeça de um dos zumbis. O ex tombou contra o asfalto e meu peso esmagou seu crânio com o impacto. Saí rolando até me reestabelecer de cócoras em

um ponto que acabou me dando as condições perfeitas pra varrer o outro. Ele foi de encontro ao chão com um belo baque.

— Saiam daqui! — Eu sinalizei pra que as pessoas fossem embora. — Vocês deveriam estar num abrigo, então se mexam duma vez!

E eles partiram. Um deles segurou a mão contra o peito. Eu agarrei seu braço.

— Me deixa ver isso.

Ele sacudiu a cabeça, mas continuou segurando a mão mesmo assim. Eu podia ver as marcas escuras das mordidas na pele, que já empalidecia. As lágrimas corriam por seu rosto, encharcando suas suíças.

— Amarra seu braço bem apertado. Usa seu cinto, um lenço, alguma coisa. Aperta até doer. Diz que você foi mordido assim que chegar no abrigo. — Voltei-me aos seus amigos. — Ele está infectado. Certifiquem-se de que os médicos saibam disso.

— Big B! — Nick berrou. — Uma ajudinha aqui.

Do outro lado da cerca, Nick já tinha se livrado do seu zumbi. A gente só não tinha visto todos os outros escondidos pelas sombras. Uns dez ou doze. E ainda mais deles foram surgindo na extremidade oposta do beco.

Tomei impulso e me lancei por cima da cerca. Dei um chute com o calcanhar no ex mais próximo e senti seu pescoço se quebrando.

— Por cima da cerca ou cano acima — eu disse. — Pode escolher.

— Você não vai conseguir lutar contra tantos assim.

— Não vou mesmo. Só estou te dando cobertura. Mexe essa bundinha sexy de uma vez.

Sem tempo pra pensar, só pra agir. Salto. Pirueta. Resvalo. Pontapé. Pirueta mortal. Rola. Varre. Voa.

Um grito me fez virar. Eu não tinha matado o último ex do outro lado da cerca. Ele tinha agarrado a última sem-teto, uma mulher negra, e cravado os dentes em sua perna. Ela estava berrando e tentando afastá-lo com chutes.

Nick tinha acabado de escalar o cano e estava fora de alcance. Ele estava tão devagar. Sua força tinha se esgotado completamente. Merda.

Viu a mulher e se jogou por cima da cerca. Mesmo sem força nenhuma, ele daria conta de lidar com apenas um.

Alguma coisa roçou meu ombro.

Pula. Chute pra trás. Rola. Ex's demais pra ficar distraída assim. Alguns passos me garantiram o impulso pra sair resvalando pela parede do beco e ficar na altura das cabeças deles. Chute. Pirueta. Chute duplo. Pontapé duplo. Agacha. Varre. Salta. Voadeira. Pontapé.

Nick estava seguro com seu único ex. Estava passando da hora de me afastar dos meus. Eu só precisava de uma abertura. A saída de emergência estava à minha frente. Salta. Resvala. Voadeira. Pontapé. Resvala. Pontapé. Último degrau da escada. Gira.

Escorrega.

O degrau era revestido por anos de sujeira e óleo e ferrugem, misturados a alguma coisa que parecia uma lama viscosa. Minha mão escorregou. Eu caí.

Não tinha sido a primeira vez que caía. Nem a primeira vez com inimigos ao redor. Caramba, eu até tive tempo de cruzar minhas pernas enquanto caía, nocauteando dois deles antes de parar no chão. Mas eles estavam perto demais. Eu precisava de espaço pra me movimentar.

Eu entrei em pânico. Só dois segundos de pânico. Três, no máximo.

Dois braços me envolveram por trás e agarraram meus peitos quase inexistentes. Foi do mesmo jeito como os rapazes da escola tiravam uma casquinha; um abraço por trás mal dado. Além de cair de bunda na frente do meu quase-namorado, eu estava sendo bolinada por um zumbi, ainda por cima.

E então ele mordeu meu ombro. Os dentes se enterraram através do algodão espesso da minha roupa, rompendo a pele, rasgando meus músculos. Jorrou sangue pelo meu braço. Meu sangue era muito quente.

Eu me livrei dela torcendo o corpo. Como Nick e Dragon e meu professor de autodefesa disseram pra fazer, dei um giro e usei meu impulso pra sentar a base da minha mão no ex. Era uma mulher indiana. Linda. Esmigalhei seu nariz e enterrei o osso em seu cérebro. Ela cambaleou para trás e caiu.

Fiquei meio zonza. Era dor demais pra saltar. Passei uma rasteira nos

três ex’s mais próximos e usei seus corpos como plataforma, lançando-me novamente à escada de incêndio. Girei minhas pernas pra cima, passei meus joelhos por um dos degraus e me desvencilhei das suas garras.

Nick me encontrou na metade da escadaria e me ajudou a chegar ao telhado. Em seguida, rasgou a parte de cima da minha roupa. Eu não queria olhar, mas ele soltou um palavrão e não pude evitar.

Estava tão ruim quanto eu imaginava. A mordida do ex tinha atravessado a ombreira do meu top de ginástica. Um naco de pele (um pedaço de mim) do tamanho de meia nota de um dólar pendia solto, boiando em um rio de sangue que simplesmente não parava de jorrar. As pontas dos meus dedos estavam grudentas. Eu balbuciava palavras soltas. Estava aterrorizada. Eu sabia o que aquela mordida significava. Eu não queria estar morta aos dezoito anos. Eu não queria ser um deles.

Não faço ideia do que eu estava dizendo, mas Nick continuava berrando “Você não vai morrer!” até que eu parei de falar. Seus óculos de proteção escondiam boa parte do rosto. Queria tanto ver os olhos dele naquela hora. Ele derramou algum líquido transparente na mordida, que chiou, e então algum tipo de pó, que ardeu. O sangramento parou. Ele despejou o líquido transparente até a última gota e limpou grande parte do sangue. Eu podia ver minha pele empalidecendo nas extremidades.

— Eu vou entrar em contato com o Regenerator — ele disse, levantando minha mão e me fazendo pressionar a ferida. — Ele pode resolver isso, meu bem. Ele pode curar você.

— Ele não pode — retruquei. — Stealth disse que não.

Nick sacudiu sua cabeça.

— Ele não pode ajudar as pessoas que já se transformaram. Você só levou uma mordida. Ele pode curar isso. Lembra de quando ele curou sua perna quebrada? Minha ferida de bala?

— A gente tem tempo suficiente?

— Nós temos bastante tempo, meu bem. Bastante tempo. Umas duas horas, no mínimo. E ele está por aqui em Hollywood. Nem a um quilômetro daqui. — Ele puxou um celular do seu cinto.

— Tem certeza?

— Toda a certeza do mundo. — Então, ao celular: — Sou eu, Gorgon. Onde vocês estão? Banzai foi mordida.

Ele estava ouvindo o que o Regenerator dizia quando eu escutei uns gritos. Duas vozes. Um homem e uma mulher. Aquilo desviou minha atenção do ombro.

— Não, foi só um minuto atrás. Eu já limpei.

— Nick — eu disse. — Você ouviu aquilo? — A voz masculina estava berrando ordens. Um aviso? Eu não podia decifrar as palavras, mas pude perceber que ele estava morrendo de medo. Eu já tinha escutado muito aquele tom de voz nos últimos tempos. Nick acenou com a cabeça ao telefone.

— Hollywood com Cahuenga? Nós podemos encontrá-lo aí em vinte minutos.

Eu girei meu braço algumas vezes. Nem tão firme nem fraco demais. O ombro já estava ficando dormente. Eu sabia que aquilo era um mau sinal, mas também queria dizer que eu poderia voltar a usá-lo. Puxei meu top e reatei a faixa. O celular sumiu de volta em seu cinto.

— Ele está nos esperando lá. A Guarda Nacional possui um centro médico de emergência instalado no lugar. Você vai receber prioridade máxima.

Terminei de atar o nó e sacudi a cabeça.

— Primeiro as pessoas.

O ombro ensanguentado arruinou as cores do meu visual, mas não que eu achasse que alguém com quem a gente porventura cruzasse fosse reclamar. Parti em direção ao oeste.

— Você vem?

— Porra, Kathy!

— Eles não podem ficar na mão. A gente tem bastante tempo, lembra?

Descendo a Fairfax, havia nove ex’s. Três pessoas. Duas garotas e um rapaz. Uma das mulheres já estava caída. Os ex’s se aproximavam cada vez mais, mas o cerco ainda estava disperso.

Bastante espaço. Do jeito que eu gostava.

Nick se juntou a mim. Sem o capacete, ele fica tão sexy nessas

roupas de Gorgon. Eu o beijei na bochecha.

— A gente ajuda esse pessoal, e depois se encontra com o Genny.

Eu me atirei do topo do telhado. Rodopiei em volta de um poste. Pirueta dupla. Chute duplo. Pontapé. Agacho. Chute com o calcanhar. Pontapé.

Deus do céu, como eu amo isso.



Cerberus aumentou o volume de seus alto-falantes e sua voz ecoou pela rua:

— Se você quer falar, seja rápido. Aquele outro caminhão estará de volta em poucos minutos com os reforços.

O Seventeen careca soltou uma gargalhada e fez sinal para alguém fora do seu campo de visão. Metade das correntes desabaram da frente do caminhão de lixo.

A criatura disparou adiante com suas garras raspando o asfalto e foi fisgado de volta pelas correntes ainda presas. Mesmo morto, ele era rápido. Quando o ex se moveu, o pingente de prata saltou de seu pescoço ossudo, atado à gargantilha que tinham colocado nele.

— Aquilo é o que eu estou pensando que é? — Andy sussurrou.

— É sim — Cerberus respondeu. Sua voz foi tomada por um chiado metálico quando ela murmurou: — É Cairax.

— Merda.

Ele não tinha pelo algum, e a morte não havia alterado a tonalidade de sua pele encouraçada tanto que desconfigurasse a roxidão de um hematoma novo em folha. Ele podia estar esquelético mas, mesmo com sua coluna encurvada, ainda era tão alto quanto Cerberus. Sua cabeça era como a de um monstruoso peixe abissal, com olhos turvos e arregalados, arqueados em permanente ameaça na lomba espessa da sobrancelha, e um emaranhado de presas sobressaindo de seus lábios. Os dedos longos feito as patas de uma aranha terminavam em garras afiadas. Sua cauda arrastava pelo chão, contorcendo sua extremidade farpada de quando em quando.

— Tanto eu quanto você sabemos que eles não ouviram seu chamado no rádio — o sujeito careca disse. — Então, pode botar uns dez minutos pra que aquele caminhão chegue lá, e mais uns vinte pra estar aqui de volta. — Ele apontou para a criatura. — Quantas pessoas será que ele consegue matar nesse intervalo de tempo?

Cairax deu um novo bote e o caminhão de lixo trepidou. As correntes se afrouxaram.

Um piscar ligeiro modificou as telas, inserindo uma janela de visualização secundária com as imagens da câmera traseira. Ela podia ver claramente o perfil de Andy por trás da porta levadiça.

— Quem está ferido?

— Jarvis está com um sangramento bem violento, mas acho que a gente já deu um jeito. Ty... acho que o Ty está morto. Metade da goela dele já era. — Houve uma pausa. — A gente tem quatro armas apontadas pra testa do Cairax.

— Ele é à prova de balas — Cerberus chiou. — Ele é meu. Pega o careca.

O Seventeen esmurrou o teto do caminhão de lixo com a coronha de sua AK. — E aí, já acabaram de cochichar?

— Você queria conversar — ela retumbou. — Então, comece.

— O negócio é o seguinte — o careca gritou —, eles todos largam as armas, você tira essa sua armadura, a gente leva todo mundo de refém e vocês todos vivem.

— Refém?

— Nosso chefe quer um de vocês. E todas as armas que vocês têm na sede do seu estudiozinho de cinema. Sua chefe ninja troca o cara e as armas por todos vocês. Todo mundo vai pra casa feliz.

— E então não teremos mais armas e vocês avançam.

Ele soltou outra gargalhada.

— Sem armas? Você já se olhou no espelho, garotona? O seu lado tem as melhores armas. Vocês têm todas as armas vivas.

— E você tem algumas mortas.

— Algumas poucas — ele disse com um sorriso.

X X X

— O chefão de Los Angeles — Stealth repetiu.

De dentro da cela, o ex assentiu:

— Você quer ouvir tudo agora ou precisa de um tempo? Eu sei que isso faz um estrago na cabeça das pessoas na primeira vez que…

— Fala.

— O jogo mudou. A gente tem crescido e vocês mal sobreviveram até agora. Vocês podem continuar vivendo aqui com uma condição.

— Que seria...?

O ex ergueu seu braço e apontou um dedo pálido para trás dela.

— Queremos ele.

Gorgon arqueou uma sobrancelha.

— Eu?

— Você fode com a vida da SS desde que apareceu — o marginal morto disse. — Agora é nossa forra, de todos nós. Vamos torturar você por um mês, fazê-lo sangrar uma gota por vez, e então asfixiá-lo com suas próprias bolas. E, depois que morrer, você vai voltar e vamos fazer tudo de novo.

— Estou tremendo — Gorgon disse.

Stealth ergueu uma das mãos:

— Quem é seu líder?

— Ele é o chefão de Los Angeles, cabeça dos Seventeens. Ele comanda essa cidade, tirando um pequeno forte aqui em Hollywood.

— Isso não nos esclarece quem ele é.

— Todo mundo chamava o cara de Peasy nos jornais — a criatura morta disse com um sorriso irônico. — Então é esse nome que ele tem usado.

Um longo intervalo se passou antes que Stealth erguesse sua cabeça:

— Algo mais a acrescentar nesse seu recado?

— Eu imaginei que você fosse enviar uma equipe de busca atrás do caminhão que empacamos na noite passada. Nosso pessoal está levando o seu de refém neste exato momento. Vocês vão ter todos eles de volta assim que estivermos com o cara dos óculos.

— Eu duvido que isso vá acontecer.

Ele sorriu, mostrando o pentagrama.

— Mas eu não. A gente está com uns superpoderes também nos últimos tempos.

X X X

Cerberus se deslocou, arrastando os pés no asfalto.

— E se não estivermos no clima de nos tornarmos reféns?

O homem careca lançou um olhar à criatura se contorcendo contra as correntes na dianteira do caminhão.

— Eu solto o demônio e levo qualquer um que ele não comer.

— Ele vai atrás do seu pessoal também.

O careca sacudiu a cabeça:

— Não — ele arreganhou os dentes —, ele não vai. Alguma outra ideia brilhante?

Ela ouviu um leve arranhão e olhou para trás novamente. Mais um cano de rifle tinha surgido, espreitando por cima de seu ombro. Trocou as telas novamente para a visão geral e tentou ver os olhos do careca

por trás de seus óculos escuros.

— Estou pensando que poderia arremessar seu supercaminhão do mal a meio quarteirão daqui, assim que arrancar a cabeça desse demônio fora — ela rosnou.

— Você tem que se atualizar, garota — o Seventeen disse. Ele jogou sua AK novamente às costas e apontou seus braços em direção às construções em volta. — Você ainda está pensando como antes, não como agora. Nós somos o agora, como as coisas vão ser de agora em diante. A gente é maioria. Vocês precisam deixar essa mentalidade de super-herói sobrevivente de lado, se estão planejando chegar até o Natal.

Os braços dela imploravam pelos canhões. Uma explosão transformaria o careca em névoa. Um nevoeiro vermelho de botas.

— Mas estou vendo um monte de armas apontadas nesta direção — ele disse, novamente com o maldito sorriso irônico nos lábios. — Vocês querem largar todas elas, ou a gente vai fazer isso da maneira divertida?

A titã dobrou seus dedos, formando punhos blindados do tamanho de bolas de futebol americano.

— Isso não vai ser divertido.

— Questão de opinião. Últimas palavras?

— Sim — ela ergueu os olhos aos céus. — Por que você demorou tanto?

O careca olhou para cima e o ar irrompeu em chamas ao redor deles.

St. George aterrissou em frente ao Big Red, puxou o fôlego e cuspiu um segundo cone de fogo no Dodge. Ele deu um salto de costas, girando sobre a camionete, e lançou mais labaredas sobre as pessoas que estavam na cabine do veículo.

Os Seventeens gritaram. Alguns saltaram de dentro do Dodge enquanto ele se transformava em uma bola incandescente. Os galhos das árvores acima foram incinerados.

Um outro salto levou o herói de volta ao caminhão de lixo. O demônio rodopiou pelo ar em sua direção. Tiroteios tomaram conta da rua. As balas ressoavam quando atingiam Cerberus e enrugavam as roupas de St. George. Algumas faiscavam pelo asfalto. Seus novos óculos escuros

explodiram em pedaços de plástico negro.

Alguns focos remanescentes de fogo emanavam do Big Red. Os Seventeens que se arrastaram de dentro do Dodge incendiado estavam todos tremendo e jogaram suas mãos para o alto.

O careca ficou de pé em cima do caminhão e sorriu. Ele girou sua AK e esvaziou o cartucho em St. George. A jaqueta de couro do herói se desfez em pedaços.

— SUSPENDAM FOGO! — St. George berrou. Saía fumaça de sua boca enquanto sua voz ecoava pela rua, sobressaindo-se ao som dos tiros, do caminhão pegando fogo e dos clamores dos Seventeens feridos.

A AK do careca ficou sem munição e travou. Ele deu de ombros e jogou a arma pra dentro do caminhão.

— Vamos dar um tempo — ele gritou para seu pessoal.

— Então — St. George disse —, vamos recapitular. Você acabou de desperdiçar um bocado de munição, a gente não. Estamos próximos da nossa base, vocês não. Eu esqueci de alguma coisa?

— Eu tenho o demônio — o careca disse.

— Então solta logo — St. George retrucou. — Se você realmente acredita que uma versão zumbi do Cairax pode derrotar dois heróis, ambos melhores do que ele quando estava vivo, vai fundo.

O sorriso do careca vacilou.

— Só se lembrem que, no momento em que fizerem isso, não tem mais volta. Agora mesmo vocês todos ainda podem dar o fora. Mas é só libertarem aquela coisa pra gente partir ele e vocês ao meio.

Os dois homens se encararam pela rua empoeirada. Um círculo de fumaça saiu do nariz de St. George. Cairax avançou novamente, afrouxando ainda mais as correntes. O careca deu um aceno de cabeça.

—Esse aqui é todo seu, cara de dragão — ele disse. Deu dois pisões e o imenso caminhão passou a recuar — Só se lembre que, se Peasy não tiver quem ele quer até…

Um estampido ecoou pela rua e os óculos do Steventeen voaram de sua cabeça. O careca tombou para dentro do caminhão de lixo e os freios guincharam.

Billie tirou seu olho da pontaria. Uma labareda lampejou da boca de St. George:

— Que diabos foi isso?

Ela deu de ombros:

— Cerberus disse pra derrubá-lo.

— O quê?

— Antes de você chegar — a titã blindada explicou.

— As coisas mudaram. Eles estavam indo embora!

— E daí? — Billie disse. — Eles acabaram de matar o Ty!

Um único passo levou St. George para o lado do caminhão. Arrancou o rifle das mãos dela com um puxão e o entortou, reduzindo-o a sucata, e ela se encolheu.

— São eles que matam — ele gritou para ela. — A gente não. Não, a não ser que não haja outra escolha. Nós somos os caras legais. Nós deveríamos ser melhores do que eles.

— Eles mataram Ty — ela rosnou. E, logo em seguida, seus olhos se arregalaram.

— Ei, cara de dragão — alguém chamou por trás dele.

O careca.

Ele estava de volta, no topo do caminhão de lixo. Um buraco ensanguentado atravessava a lateral de seu rosto. O olho pendia da órbita despedaçada e a carne tinha sido toda arrancada, revelando o conjunto de dentes de marfim em sua mandíbula. O sangue escorria lento, escuro e granuloso.

Seu olho bom os encarava maliciosamente a partir de uma órbita afundada. Sem os óculos escuros, eles podiam ver as íris esbranquiçadas e as pupilas dilatadas. Os olhos da morte.

— Como eu estava dizendo — ele continuou —, Peasy recebe seu homem até o fim da semana ou a gente afunda seus lares na lama. Você me entendeu?

St. George encarou a coisa morta:

— Que tipo de pessoas são vocês?

— Novas regras, dragão. A gente tem jogado de acordo com as novas

regras faz meses, e você só está descobrindo agora.

O herói aterrissou no topo do caminhão de lixo, ao lado do homem morto. Da caçamba, uma série de rifles foram apontados em sua direção, mas o careca os dispersou. De perto, St. George podia ver os retalhos bambos de carne que o tiro de Billie tinha provocado, as veias escuras sob a pele, o cheiro forte da decomposição. O ex abriu um sorriu sarcástico em seu rosto mutilado.

— No fim da semana. O chefe tem o que ele quer ou vocês todos morrem. — Ele ergueu o braço e deu um cutucão em seu rosto mutilado. — Você podem precisar de umas aulinhas de tiro ao alvo antes disso.

O ex deu um novo pisão. O caminhão buzinou e engatou marcha à ré pela Marathon. St. George recuou, pairando de volta à rua. O careca fez uma saudação enquanto o caminhão fez a curva e seguiu de volta à Western.

Cerberus foi pisoteando até ele.

— Ele é um ex.

— Pois é.

— Mas como?

— Eu não sei — ele se voltou a ela. — De onde diabos você tirou a ideia de dizer pra eles matarem pessoas?

— Nós estávamos em menor número e desarmados. Fizemos o que tínhamos de fazer.

— Pois faça de novo, Danielle, e eu vou puxar você dessa armadura e esmagar sua cabeça com minhas próprias mãos. Fui claro?

— Não precisa ficar todo alterado e po…

— Luke — ele berrou —, quantos extintores de incêndio vocês ainda têm aí?

— Só mais um. A gente acabou com a maioria deles na noite passada.

Ele apontou para o Dodge em chamas.

— Alguém trate de manter esse fogo sob controle. Quanto ao resto, espalhem-se por aí. Todos em guarda absoluta. Tentem fortalecer o Monte de novo. Tragam o *Mean Green* de volta, com mais equipamento de combate a incêndio.

— O *Road Warrior* já tem dois extintores extras — o motorista disse.

— Quem quer que chegue aqui primeiro. A última coisa que a gente precisa agora é de um incêndio se alastrando em larga escala pela cidade.

Escutou-se um tiro único vindo do caminhão. Billie suspendeu sua pistola da testa de Ty e a enfiou de volta em seu coldre.



Gorgon deu um murro na porta ao adentrar a oficina.

— Você está aqui? — ele exclamou. Deu de ombros e entrou na imensa sala.

Cerberus tinha se apossado de um dos laboratórios do estúdio. Era um espaço grande, mas a manutenção da armadura ocupava a maior parte. Paredes recobertas de plástico formavam uma pequena área privada para sua cama e poucas peças de mobília. Os encanadores tinham quebrado um dos banheiros conjugados e o substituído por um chuveiro sem maiores frescuras.

O cômodo se concentrava em torno de quatro mesas de trabalho compridas, feitas com lâminas enormes de compensado. Moldes de espuma foram instalados em cada uma, servindo de depositório para peças específicas do equipamento. Havia um laptop em uma das mesas. Em outra, um pequeno gerador da Honda estava instalado.

Uma escada de quatro degraus estava entre eles. A titã de metal zanzava de um lado para o outro, presa à parede por um grosso cabo de energia que se conectava à cintura da armadura.

— Onde você esteve?

— Conflito doméstico — ele jogou seu sobretudo sobre uma cadeira e puxou suas luvas.

— Nós vamos nos atrasar.

— Não tem problema. Eles podem começar sem a gente.

— As ferramentas estão ali.

— Beleza.

— Você não vai dar conta de tudo sozinho. Nós deveríamos esperar por St. George.

Ele sacudiu a cabeça e tocou em seus óculos.

— Eu já disse, apartei uma briga no caminho até aqui. Estou liberado por uma hora, mais ou menos. Eu falei pra ele pegar logo o Barry.

—Você tem certeza? — Ela ficou em frente à escada e abriu os braços para os lados.

— Para de enrolar e tira isso de uma vez — ele disse, com um sorrisinho.

— Vai se foder. — Ela piscou alguns comandos ao computador da armadura, cochichou uma senha, e mais de vinte painéis do tamanho de caixas de fósforo se abriram por toda a armadura, expondo os parafusos. O largo colarinho da armadura se afastou, revelando mais quatro entradas.

— A cabeça primeiro.

— É, eu sei. — Ele subiu a escada e a encarou nos olhos. — Nós já fizemos isso umas vinte vezes até hoje.

— Perdão.

Gorgon encaixou a chave Allen no colarinho e foi desatarrachando todos os parafusos dianteiros, um a um. Alguns minutos depois, deu a volta no capacete blindado e afrouxou os dois últimos nas costas. Guardou a chave no bolso e segurou o capacete com as duas mãos.

— Pronta?

Cerberus fez sinal positivo. O leve zumbido da armadura cessou e seus olhos se apagaram assim que ela ficou imóvel como uma estátua. Ele fez força e a cabeça de quase trinta quilos foi erguida. Escutou um leve chiado conforme as travas se abriam, meia dúzia de cliques quando os cabos USB se desconectaram das saídas, e então uma respiração profunda.

Danielle tinha uma pele alva, que fazia suas sardas se destacarem. Seu cabelo louro-avermelhado estava úmido e formava nós grudados em sua testa. Ela estranhou a expansão súbita do espaço aberto, piscou algumas vezes e tentou espiar através da gola.

— Já?

— Sim, tudo certo — ele suspirou. Desceu as escadas e colocou o capacete em um dos depositórios, próximo ao laptop. — Você tá fedendo, sabia? Por quanto tempo você ficou aí dentro?

— Trinta e nove horas.

Ele subiu novamente os degraus e desenroscou os parafusos do ombro esquerdo. Quinze minutos depois, o braço blindado estava em seu depositório, e ele se concentrou no seguinte.

Ela sacudiu sua mão e apertou os dedos, cerrando os punhos duas ou três vezes. Seu braço estava envolto em lycra preta. Parecia magra e frágil, comparada ao resto da armadura.

Gorgon arrastou a escada até suas costas. Seis parafusos seguravam a metade de trás do tronco no lugar. Ele concluiu o último e deu uns tapinhas na cabeça dela.

— Pronta pra sair?

Ela envolveu seus braços ao redor do peito da armadura e fez sinal positivo.

As placas blindadas se abriram com um chiado e o tronco se dividiu ao meio. A metade traseira era do tamanho da capota de um carro. Seis placas interligadas se anexavam a uma coluna de titânio que pesava uns cento e cinquenta quilos. Gorgon inclinou a peça em sua direção, desceu um degrau da escada e a deixou cair sobre seus braços. Deu alguns passos para trás e a colocou em uma das mesas.

Danielle virou sua cabeça:

— Beleza?

Ele subiu a escada e colocou uma das mãos nas costas dela, logo abaixo de uma cinta de segurança. A lycra estava ensopada de suor.

— Você está segura.

Ela se desagarrou da placa dianteira e caiu para trás. Ele colocou os braços em volta dela, subiu mais um degrau e a carregou. Sacudiu seu quadril e suas pernas, livrando-se da armadura.

— Jesus amado. Você fede como um vestiário masculino.

— Cala a boca e me coloca no chão. E vê se controla essas mãos uma vez na vida.

Ele largou as pernas e ela firmou os pés no chão. Seus joelhos vacilaram e ela se agarrou nele.

— Tem certeza de que está tudo bem?

O traje grudado em seu corpo permitia que ele vislumbrasse cada tremor e cada espasmo.

— Estou bem. Isso dura só um minuto. — Ela deu alguns passos titubeantes até se acostumar a ser humana de novo e recair sobre a mesa mais próxima.

— A gente ainda tem cerca de quarenta minutos se você quiser tomar um banho.

Danielle conectou dois cabos do laptop e os plugou no capacete.

— Você também não está exatamente fresquinho como a primavera.

Ele fitou a mancha encharcada que ela tinha deixado em seu peito.

— Pois é, quer dizer, é por isso que eu sempre levo uma roupa reserva comigo. — Ele tirou a camiseta e a jogou na mesa, perto do braço direito da armadura.

Um longo cabo estava desenrolado por cima da mesa ao lado. Ela o conectou, acessando os processadores principais ao longo da coluna da armadura. Sua atenção se voltou ao laptop, deixando claro que ela não tinha interesse algum em ver o peitoral musculoso e descoberto dele. Alguns cliques no mousepad ativaram um conjunto de programas de diagnóstico, e ela espiou por cima da tela para vê-lo puxar a camiseta limpa sobre seu peito.

— Eu vou tomar uma ducha. Você me espera?

Ele deu de ombros.

— Se você quiser.

Ela virou a cabeça em direção à fina cortina que separava o banheiro da área de trabalho.

— Estou confiando que você vai, pelo menos, agir como um cavalheiro.

— Vou ficar fazendo uns reparos nos meus óculos, de costas pra você.

Danielle revirou os olhos e se perguntou se algum dia ele iria captar a mensagem.

Um minuto depois, ela foi cercada pelo conforto do pequeno chuveiro. Deixou a cortina entreaberta apenas o suficiente para que não parecesse proposital. Mas não o bastante para se sentir exposta. Passados dez minutos, ela caminhou do chuveiro a seu quarto em uma toalha molhada e escancarou os dentes por trás dele.

— Pronto — ela disse, alguns minutos mais tarde.

— Espera aí — ele girou uma das pequenas chaves de fenda e deu uns tapinhas no gatilho. Por cima da bancada, os óculos se abriam e fechavam em um lampejo. Outro pequeno ajuste, outro teste, e ele suspendeu as lentes de volta em seu rosto.

— Tudo certo aí? — ela já estava bem trás dele.

— Tudo em cima. Obrigado pelas ferramentas — ele disse, virando-se.

— Sem problemas. Vamos acabar logo com isso.

Ela desligou os interruptores ao lado da porta, deixando um círculo de luz no centro do quarto. As últimas partes da armadura ainda estavam entre as escadas, sem cabeça, sem braços e sem as costas. O cabo de energia desapareceu em meio à escuridão.

Dali a poucas horas, ela poderia vesti-la de novo.

X X X

Gorgon olhou desconfiado para o lado oposto da mesa.

— O que ele está fazendo aqui?

Josh suspirou e se voltou a St. George:

— Eu disse que isso seria perda de tempo.

— Ele está aqui porque eu pedi que viesse — Stealth disse.

— Por quê? — Danielle perguntou. — Connoly é nossa médica sênior. Se tem alguém que deveria estar aqui, é ela.

— Porque ele compreende o vírus — Stealth respondeu. — E ele nos compreende.

— E porque a doutora Connoly está cuidando de um braço quebrado nesse momento — Josh acrescentou. — É bom ver você também, Danielle.

Barry colocou as mãos sobre a mesa e se levantou da cadeira de rodas. Deslizou sua bunda ao topo da mesa. Havia meia dúzia de fotos do prisioneiro espalhadas junto à corriqueira coleção de mapas de Stealth.

— Vocês estão todos cientes dessa nova descoberta. Os Seventeens encontraram meios de manter seu intelecto e sua consciência quando se transformam em ex's. Ao que parece, eles ainda representam uma ameaça pra nós. — Ela ergueu uma das fotografias. — Eduardo, sobrenome desconhecido. Ele afirma estar aqui seguindo ordens do chefão da quadrilha, um indivíduo chamado Peasy. Segundo Gorgon, a quantidade e o estilo das tatuagens de Eduardo indica que ele está com os Seventeens por no máximo alguns meses, motivo pelo qual seria o mais indicado para uma tarefa como essa.

— Eles ainda estão recrutando pessoas? — Danielle perguntou, piscando.

Gorgon confirmou:

— É o que eles fazem. O único propósito da gangue é crescer, ganhar prestígio, conquistar território. Não existe mais um sistema de governo externo, mas eles continuam querendo tomar o poder.

— Próxima pergunta — St. George disse. — Muitos dos Seventeens se transformaram? A maioria deles agora é de ex's?

— Eu acabei com mais de dez deles quando atacaram, noite dessas.

Eles ainda estavam vivos. A maioria deles, pelo menos. E todos os cinco prisioneiros estavam vivos quando foram trazidos.

—Você tem certeza de que o seu poder não funciona nos... — St. George deu de ombros. — Nos mais espertos? Talvez eles sejam diferentes, de alguma maneira.

— Eu tentei com Eduardo, na cela. Sem sucesso. Ele está morto.

— Sobre essa questão — Barry perguntou —, todos os prisioneiros se transformaram?

Stealth apoiou as pontas de seus dedos sobre a mesa:

— Os dois que cometeram suicídio se tornaram ex's. Até agora, só Eduardo mostrou sinais de inteligência.

— E a gente tem certeza de que ele é inteligente? Não está só cuspindo as palavras feito um papagaio, ou algo do tipo?

— Desde ontem, ele já participou de três conversas. Está elaborando respostas eloquentes e deliberadas.

— Só pra bancar o advogado do diabo — Barry disse —, mas a gente está constantemente brigando com os Seventeens por comida e outros recursos. Pelo que eu já ouvi até agora, parece que esses espertinhos não caçam pessoas. Quer dizer, nenhum deles precisa comer de fato pra sobreviver, certo?

Josh sacudiu a cabeça:

— Comer parece diminuir a velocidade de decomposição de alguma forma, em um nível básico, mas não os sustenta. Nós achamos que é só algum tipo de instinto primitivo do cérebro reptiliano, uma das únicas coisas que ainda funcionam.

— Ainda bem que esse é o único instinto primitivo que eles obedecem — Barry murmurou. O comentário arrancou algumas risadas.

— Então isso pode ser uma coisa boa. — St. George se inclinou sobre a mesa. — Uma nova geração de ex's que não precisam necessariamente matar as pessoas.

— Eles ainda podem fazer isso por diversão — Gorgon disse.

— É claro que, se eles resolverem ir atrás de pessoas, nós seremos seus alvos principais — Danielle disse. — E o Monte simplesmente se transformaria em um grande supermercado.

— Aberto 24 horas — Barry completou. — Obrigado pela preferência.

— Mas o que está causando isso? — Stealth encarou Josh. — Alguma mutação no vírus?

— O ex-vírus não sofre mutações — ele respondeu, sacudindo a cabeça. — Nós apuramos milhares de culturas. Nenhuma variação. Se eu tivesse que chutar, diria que esses ex's espertos têm alguma peculiaridade em suas próprias células, o que está fazendo com que o vírus reaja de maneira diferente neles.

— Então isso é algo novo.

— Sabe o que eu estou me perguntando? — Barry disse. — Por que os únicos que vimos falar são Seventeens?

St. George deu de ombros:

— Se você acordasse e fosse um ex inteligente, viria correndo pro Portão Melrose? Deve haver centenas deles se escondendo de nós.

— Isso é questionável — Josh disse. — Se isso for uma mutação celular na vítima, seria algo extremamente raro. Os últimos números a que tive acesso diziam haver mais de três milhões de ex's só na América do Norte, e nunca houve um relato de nada parecido com isso antes.

— Entre três milhões — Gorgon argumentou —, cem casos continuam sendo algo bastante raro.

— Talvez as pessoas estejam começando a sofrer mutações só agora — Barry disse. — Isso poderia ser algum tipo de resposta evolucionária ao vírus, uma coisa tipo sobrevivência do mais apto.

Stealth sacudiu a cabeça.

— Talvez o vírus tenha começado a sofrer mutações só agora — Gorgon remendou. — Pode haver alguma nova influência que ainda desconhecemos.

Josh o encarou:

— O vírus não sofre mutação!

— Como você pode ter tanta certeza?

— Como? Você se esqueceu de quem eu sou? — Ele puxou sua mão gangrenada do bolso e a investiu em direção ao sujeito de óculos. Os dedos ressecados tremularam no ar. — Eu tenho convivido com essa

porcaria maldita pairando sobre minha cabeça já faz dois anos. Isso não muda ou *eu saberia*!

— Ah é, está certo — Gorgon disse. — Eu esqueci, você é o merda do especialista quando se trata do ex-vírus.

— Cala a porra dessa boca.

— Foi como Kathy morreu, não foi? Por conta da sua expertise toda?

— Pois é, e sabe do que mais? — Josh se levantou, relembrando a todos como ele era grande. — Sua namoradinha adolescente está morta.

— Vai se foder!

— Ela morreu e eu não pude salvá-la. Ela está morta, assim como Meredith, assim como milhões de outras pessoas. Milhões! Você não é o único sofrendo por essas bandas, então trate de lidar com isso de uma vez.

— Do mesmo jeito que você? — Danielle perguntou, sem tirar seus olhos do mapa.

Ele apontou para ela:

— Você é a última pessoa que pode ficar apontando pra loucura dos outros.

— *Silêncio!* — Stealth girou sua cabeça, passando os olhos por cada um deles. — A próxima pessoa que interromper terá seu dedo do meio quebrado por mim mesma. Está claro?

Eles olharam para ela com as sobrancelhas arqueadas e os queixos caídos. Então, um a um, todos voltaram seus olhares a St. George.

Mighty Dragon sacudiu a cabeça e cruzou os braços.

— Pau mandado — Gorgon murmurou.

Josh e Danielle contiveram suas risadas. Barry até tentou, mas não conseguiu.

Stealth e St. George o encararam.

— Podemos continuar?

Eles assentiram.

— Nós estamos todos levantando suposições e hipóteses sem embasamento algum. Sem mais informações, não há mais nada que

possamos fazer. — Ela apontou para o mapa. — Portanto, nós precisamos sair pra avaliar a situação. A localização exata dos Seventeens, números, dados, recursos disponíveis. Se pudermos, temos que determinar quantos deles se tornaram ex's. Nós já sabemos que a maior parte de suas atividades está concentrada aqui em Beverly Hills, entre La Cienega e Century City. A última vez que Zzzap fez uma ronda geral, três meses atrás, essa parecia ser sua base de operações.

Barry concordou:

— Eles usaram carros e um grande número de barreiras da antiga Guarda Nacional pra bloquear as ruas e levantar paredões. Gregory, Maple, Pico, Century Park East. Estão todas bloqueadas por uma única e maciça pilha de até três carros em alguns lugares. Uma quantidade razoável de arame farpado e de postes também. Praticamente intransitável pra qualquer coisa que não consiga pensar ou escalar. — Seu dedo pontuou uma série de locais por todo o mapa.

— Isso é um puta espaço, hein? — Gorgon disse, sacudindo a cabeça. — De quantas pessoas estamos falando?

Barry se deslocou sobre a mesa. A mulher de preto traçou uma linha sobre o mapa, interligando os locais que ele apontou.

— Nós estimamos cerca de vinte e duas mil — Stealth disse.

— O quê? — as mãos de St. George despencaram sobre a mesa.

— Isso foi há três meses. Uma população desse tamanho já teve vários nascimentos e mortes desde então.

— Eles têm vinte e duas mil pessoas vivendo lá — Gorgon repetiu. — Eles estão se virando *melhor* do que a gente?

— É como na Idade Média — Barry disse. — Eles não têm eletricidade, apenas alguns geradores. Praticamente nenhum veículo funcionando, pelo que vi. A maior parte das pessoas estão usando tochas e cozinhando em fogueiras. Metade dos guardas estão armados com tacos de beisebol e lanças.

— Eles têm um número gigantesco de pessoas — Stealth disse. — Mas nós temos todo o resto.

St. George alternou o olhar entre a mulher e o homem de pele negra:

— Por que você não tinha contado isso pra gente?

— Eu cheguei à conclusão de que seria desmoralizante pra população do Monte. Quanto mais pessoas souberem, maiores serão as chances de de isso vazar.

Gorgon sacudiu a cabeça:

— Então, essa gangue de bundões que viemos dizendo a todos não ser uma real ameaça está, na verdade, governando seu próprio reino com recursos humanos quase cinco vezes maiores do que nós?

— Levando em conta que eles recrutam crianças e idosos pra suas frentes de batalha — Stealth disse —, sim, estão. Acredito que menos de vinte por cento desse número seja de membros originais dos Seventeens. Continuando com a analogia medieval, o resto vive como se fossem servos em troca de proteção.

Josh apontou com sua mão boa:

— Esse é o Parque Roxbury?

— Era — Stealth respondeu. — Eles estão utilizando a área como patrimônio particular agora.

Ele baixou a cabeça e retorceu os lábios.

— Eu pedi Meredith em casamento lá.

Gorgon suspirou. Barry olhou para cima, examinando o forro do teto.

— Uma pergunta — Danielle disse, preenchendo o silêncio. — E esse Peasy, o chefão deles? — Ela olhou para Gorgon. — Você lidava com os Seventeens toda hora. Quem ele é?

Os óculos de proteção percorreram o mapa.

— Não faço ideia. Nenhum dos caras que eu cheguei a conhecer e que estavam no topo da pirâmide antes que as coisas desmoronassem. Deve ser um membro novo.

— Você tem certeza?

Ele deu de ombros.

— Havia uns dez caras no alto escalão, por aí. Os únicos com nomes parecidos eram dois Pedros e um idiota que se autoproclamava Painkiller, chamado Fernando.

Stealth inclinou a cabeça por baixo do capuz:

— Painkiller?

— Ele era um idiota, pode acreditar. Jurava que tinha algum tipo de superpoder. Tentou lutar comigo duas vezes com os olhos fechados. Em uma delas, estava usando uma máscara de solda.

— E funcionou? — Danielle perguntou, também inclinando sua cabeça.

— Não.

— Ele tinha algum tipo de poder?

— Além de uma capacidade sobre-humana de não aprender com os próprios erros? Não. Nenhum dos Pedros me pareceu durão o bastante pra comandar a gangue, tampouco. Bons tenentes, mas não líderes de verdade.

— Existia alguém no patamar abaixo que poderia se encaixar na descrição? — Stealth perguntou, fitando o mapa.

— No patamar abaixo havia uns cem homens. Provavelmente o dobro disso, se eles cresceram tanto quando vocês dizem. Sem uma descrição de verdade, pode ser qualquer um. Porra, Peasy pode ser alguém que acabou de se mudar pra lá e assumiu o controle — ele percorreu de novo os olhos pelo mapa, cerrando os punhos uma ou duas vezes.

— O que foi?

— Isso me deixa puto. Eu costumava conhecer a SS de trás pra frente. Nós subestimamos os caras e não os vimos como um problema de verdade por tanto tempo que não sabemos mais porra nenhuma sobre eles.

— Daí a investigação — Stealth disse. — Um grupo pequeno. Dois, no máximo.

— Só a gente? — Gorgon perguntou. — Ou você estava considerando civis?

Ela sacudiu a cabeça.

— Depois do Zzzap, St. George e eu somos os mais rápidos. Somos também os mais aptos a operar sem apoio.

— Quão difícil você acha que isso vai ser? — St. George perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Sete quilômetros em cada rota — ela respondeu, correndo os dedos pelo mapa. — Indo devagar, seria um dia inteiro de viagem, sem

intervalos pra repor as energias. Incluindo o tempo da investigação propriamente dita, nós ficaremos fora por quase dois dias.

— Por que simplesmente não deixamos Barry fazer mais um sobrevoo? — Danielle perguntou, tamborilando os dedos no mapa. — Mais rápido e mais fácil.

— Como ele não pode carregar nada — Stealth retrucou —, nós não poderíamos obter imagens. Tudo ficaria sujeito à sua memória, à sua habilidade descritiva e a quanto tempo levaria pra tirar as informações dele.

— Além disso, eu não sou exatamente discreto — ele disse, com uma piscadela. — Fica difícil realizar operações secretas quando você brilha mais do que o sol.

— Precisamos observar o que eles fazem quando pensam que não estamos vendo, obter uma ideia consistente a respeito de suas forças e, se possível, descobrir quem é esse Peasy.

A caneta que Josh girava entre os dedos clicou na mesa.

— Ah, droga...

— O quê?

— Não é Peasy — ele disse, erguendo os olhos. — É Pee-Zee.

Barry inclinou sua cabeça:

— Quê?

— Eu estava pensando no vírus e em como ele não sofre mutações, o que acabou me fazendo pensar sobre o contágio e todos os comunicados que eles fizeram pra manter as pessoas atualizadas, e só então me ocorreu…

— Pee-Zee — Stealth repetiu.

St. George os encarou:

— Eu sou o único devagar por aqui?

— Paciente zero — Josh disse.



Mesmo com a escassez de pilotos nos dias de hoje, escolhemos viajar pelo ar. O resto da equipe estava em um avião de passageiros, sentados em assentos acolchoados de verdade. Eu estava em um banco, encostada à parede interna de um C-130J Hercules, amarrada com um cinto de segurança de cinco pontos. Cerberus estava desmontado em mais de dez peças armazenadas para viagem. Os caixotes tinham sido amarrados às laterais do avião, pesadas caixas de instrumentos montados sobre rodas maciças. Do jeito que as coisas estavam desmoronando por todo o país, eu não estava nem um pouco disposta a tirar os olhos delas.

O Sistema Blindado de Combate Cerberus levou cinco meses para ser projetado, e outros quatro para ser construído. Pelo menos seis semanas de espera pelas partes que estavam faltando. Muita gente já vinha desenvolvendo pesquisas com exoesqueletos antes de mim. Teve a história do Hardiman, que a Marinha tentou nos anos 1960. Pouco

antes que tudo desabasse sobre as nossas cabeças, Hugo Herr tinha um no MIT; a UC Berkeley, seu equipamento Bleex e o Hulc. A Sarcos Incorporated tinha outro formidável. E tudo o que eu precisei fazer foi puxar meu cartão da DARPA e dizer “segurança nacional”, e logo conseguira acesso às plantas e softwares de todos eles, gostassem ou não.

Assim, foi só adicionar todos os extras opcionais. O sistema Guerreiro das Forças Futuras do Exército. A blindagem Interceptor. Os mais recentes modelos da Taser. Programas de mira com sensor de movimento. Toda essa tecnologia estava lá sentadinha, só esperando por uma mulher inteligente que juntasse tudo.

Sim, eu roubei dos melhores.

Nova York é caso perdido. Ninguém quer admitir isso, mas é só olhar. A cidade toda já era. Boston também. E Chicago. Washington está por um fio, mas eu entendo o presidente e seu gabinete por terem sido evacuados para o Comando de Defesa Aeroespacial, faz mais de uma semana. As cidades da Costa Oeste parecem ter se saído um pouco melhor, provavelmente porque são mais espalhadas e com menor concentração de gente. Uma das últimas decisões tomadas pelo DOD foi nos despachar, o traje e eu, rumo a oeste. Eu devia me entrosar com alguns dos “super-heróis” de lá e ser um símbolo manifesto do poder, da ação e da segurança governamental em Los Angeles.

O resto do Hercules estava tomado por um pelotão que valia pelos fuzileiros navais. Digo “valia” porque era um grupo alinhavado às pressas, alguns esquadrões e indivíduos sobreviventes, e recrutas recém-integrados que tinham sido reorganizados para formar uma unidade em operação. Sabia que soldados em geral costumavam ser mais jovens do que a maioria das pessoas imaginava, mas ver um bando de garotos todos ainda na adolescência me deixou chocada. Eles eram barulhentos e presunçosos, só sabiam se gabar. E estavam brancos de medo. Quase dois terços dos atuais alistados no serviço militar dos Estados Unidos estavam mortos. Metade deles ainda estava andando.

Nosso avião envergou e todos se apoiaram com os pés. Um dos pilotos conversou por alguns minutos com o sargento do pelotão, um homem alto e corpulento que passou o voo todo inspecionando suas

tropas. Ele cumprimentou o aviador com um movimento de cabeça e caminhou de volta na minha direção.

— Um pequeno desvio de curso — ele disse. Sua voz era bem sonora e se sobrepunha ao ronco dos motores. Ele era dez anos mais velho do que a maioria dos homens e mulheres que o seguiam.

— Algum problema?

— Não, senhora, houve um contratempo em Burbank. Estamos desviando para Van Nuys.

— Isso é cada vez mais em direção ao Valley, não? Vamos penetrar território ocupado?

— Tecnicamente sim, mas o aeroporto é uma zona segura. Cerca de duzentos civis e funcionários estão lá.

— Mais quanto tempo?

— Trinta minutos. — Ele estendeu a mão. — Sargento Jeffrey Wallen.

Apontei para seu crachá.

— Eu sei.

— Venho ensaiando elogiar seu traje.

Tinha recebido uma jaqueta sem identificação e um capacete. Eu os vestia por cima de minhas roupas habituais.

— Bem, nada denuncia melhor uma consultora militar do que a camisa do Red Sox fazendo par com a camuflagem digital.

— Você torce por eles?

— Um ex-namorado deixou no meu apartamento. Ela tem mangas compridas, não me importo com o resto.

— Nenhuma dor de cotovelo?

— Nenhuma.

— Quando ele te chutou?

— Como você sabe que não fui eu?

O sargento sacudiu a cabeça e se sentou a meu lado.

— Ninguém abandona alguém em sua própria casa. É sempre o contrário.

Eu sorri.

— Faz sete meses.

— O pior já passou.

— Vai fundo, Wall!

Poucos metros atrás, um dos fuzileiros ergueu os dois polegares em nossa direção, e os outros caíram na gargalhada. Foi o mais contente e normal que eles pareceram estar durante todo o voo. Wallen o encarou, mas com um olhar amigável.

— Desculpe por isso.

Dei de ombros.

— Eles só estão aliviando a tensão.

— Então, você está na equipe Cerberus?

— Dá pra dizer que sim.

Ele deu um aceno de cabeça.

— Está com eles faz muito tempo?

— Por que você quer saber?

— Só estou querendo saber mais sobre esse cara — ele disse, dando de ombros. — O que você sabe sobre ele?

— Quem?

Ele apontou com o dedão para os caixotes.

— Danny Morris — ele disse. — O cara do traje.

— Perdão, mas...?

— Alguns dos rapazes só estão meio que se perguntando por que um professor de laboratório de repente decide ser um super-herói patrocinado pelo governo, sabe? Especialmente alguém com nenhum histórico de serviço militar.

Amarrei minha língua e concordei com a cabeça.

— Faz sentido.

— Então, o que você sabe sobre ele?

Eu me diverti pensando em algumas respostas toscas, mas acabei soltando:

— Bem pouco.

— Tipo o quê?

— QI de gênio. Confiante. A única pessoa que entende completamente a forma como o traje funciona e pode usá-lo com pleno grau de competência.

— Um sacana arrogante, então? Pode dizer, eu não vou contar.

Dei um sorriso maroto.

— Acho que tudo que você precisa ter em mente é que aquele traje pode arremessar um Humvee com uma só mão.

— De verdade?

Fiz que sim.

— Ele lançou um peso de três toneladas a cinquenta e cinco metros de distância em um dos primeiros testes, e fizemos algumas melhorias desde então.

— Cacete — ele arreganhou um sorriso. — Isso é foda demais.

— Pois é. No mais, nunca diga Danny.

— Não?

— Não. Sempre Danielle. Ou doutora Morris.

— Danielle? — Ele se demorou no pensamento por alguns segundos, e logo seus olhos se arregalaram. — Ai, merda. Desculpe, senhora. Doutora Morris. Todos nós acabamos de ouvir o nome no rádio e...

— Sargento, senhor!? — O piloto surgiu estalando os dedos novamente. Wallen me lançou um breve olhar e saiu cambaleando pelo corredor. Eles conversaram por um instante e seus ombros se vergaram. Deu um aceno brusco de cabeça aos fuzileiros enquanto retornava até mim. Eles tampouco podiam crer.

— O que está acontecendo?

— Van Nuys está comprometida. Uma de suas cercas caiu há quinze minutos. Vamos ter que aterrissar em uma zona crítica.

— Não podemos voltar pra Burbank?

Ele sacudiu a cabeça e se aproximou dela:

— Burbank já era. Completamente invadida. No momento, nossa melhor chance é pousar em Van Nuys e sair lutando.

— Não existem outros aeroportos em Long Beach e San Diego?

— Fora demais de nossa rota.

— Onde está minha equipe? Eles vão nos encontrar lá?

Ele olhou bem nos meus olhos:

— Sua equipe desembarcou em Burbank há 45 minutos.

— Eles...

— Nós não sabemos nada ao certo. A torre de lá ficou em silêncio. Mas temos que presumir que eles estejam mortos.

— Então vamos lutar?

Ele confirmou, contraindo o maxilar.

— Não se preocupe, senhora. Somos fuzileiros navais.

— Não estou preocupada. — Desafivelei o cinto e me levantei. — Vamos tratar de abrir os caixotes.

Wallen piscou:

— O quê?

— Nós vamos lutar — eu disse. — É pra isso que eu estou aqui. Vou precisar de dez homens pra um trabalho pesado.

Ele olhou para os caixotes e de volta para mim. Seu cérebro militar estava atolado em uma situação inesperada de não combate. Já tinha visto acontecer antes.

Tirei minha jaqueta jogando os ombros para trás, ginguei por entre os caixotes e abri a catraca da primeira cinta com um puxão.

— Com minha equipe de quatro pessoas, levava noventa minutos pra colocar o traje. Quero tantos homens quanto possível, sargento, especialmente se eles têm algum conhecimento básico de eletrônica, e nós podemos cortar esse tempo pela metade. Você pode circundar o aeroporto uma única vez, é o tempo em que fico pronta.

Digitei com o polegar a combinação da trava, liberei os grampos e abri a primeira caixa. Era a do capacete. A cabeça. Cerberus lançou seu olhar arregalado para fora da caixa em minha direção, sua boca feroz o acompanhando.

Era tudo o que Wallen precisava ver.

— Little, Netzley, Carter, Berk. Vocês e outros seis voluntários venham aqui agora e ajudem essa senhora a se preparar para chutar alguns traseiros. — Logo ele passou por mim e arrombou a segunda catraca.

Eu tentei não pensar muito sobre o fato ao me despir na frente deles, mas acabei tendo que lhes dar um crédito, pois apenas dois dos fuzileiros homens e uma mulher ficaram me secando enquanto tirava a roupa e vestia o traje de baixo colante. O Cerberus não comporta um só milímetro a mais de roupa excedente. Do ponto de vista ideal e técnico, eu deveria estar nua, mas existem limites para o que eu estou disposta a fazer mesmo durante o apocalipse.

Pouco mais de quarenta minutos depois, Wallen conectou o último cabo USB, enquanto Carter e Netzley seguravam a cabeça do traje de combate sobre a minha. Os olhos dele se voltaram aos meus:

— Isso é tudo?

Fiz que sim:

— Bom trabalho, sargento.

— Só me mostre que valeu a pena.

Ele deu um aceno de cabeça aos dois fuzileiros e o capacete desceu sobre minha cabeça. Eu estava mergulhada em uma escuridão claustrofóbica e no aperto do traje inativo. Levou vinte e três segundos até que eles travassem tudo e o sistema central inicializasse.

Nem todo meu trabalho foi roubado. Fui eu que desenvolvi dois elementos que vinham atravancando todos os outros.

O primeiro foi um sistema de sensor reativo sem atraso algum. A maioria dos exoesqueletos eram desajeitados porque cada um dos movimentos de quem os vestia tinha que ser enviado ao sistema central, que em seguida fazia os cálculos e mandava as instruções de volta às articulações e aos membros individualmente. Todo o processo poderia demorar até meio segundo se a pessoa estivesse fazendo movimentos complexos como, por exemplo, sair andando, e os meios segundos começam a acumular mais rápido do que parece. O reflexo diminuía e as pessoas eram forçadas a se mover e agir de forma diferente quando usavam os trajes, contra seus próprios reflexos.

Justiça seja feita, essa ideia foi um pouco emprestada também, mas não acho que vou ser processada por um brontossauro. Meu colega de

quarto na faculdade era um paleontólogo promissor, e uma vez mencionou que os dinossauros maiores tinham o equivalente a um cérebro de backup, um grande conjunto de nervos que não serviam para nada senão manter as pernas coordenadas enquanto os impulsos viajavam para cima e para baixo por sua coluna vertebral. Copiei o conceito e criei a ideia de sub-processadores montados em cada uma das articulações. Sensores piezoelétricos alimentam os minicomputadores, que transmitem de volta a informação ao processador central enquanto acionam os servomotores. Reduziu o tempo de reação a menos de um sexto de segundo.

A fonte de energia era original. Eu adoraria dizer que é algo surpreendente e que teria mudado o mundo e sido instalado em todos os lugares, mas não é. É um tipo específico para os exoesqueletos. Em termos muito, muito simples, ele usa os movimentos negativos do traje para recarregá-lo, da mesma forma como os carros híbridos usam frenagem regenerativa para recarregar as baterias. Não chega a ser uma grande analogia, mas é o melhor que posso fazer sem me valer de umas seis páginas. E significa que um conjunto de baterias de quarenta minutos pode durar por mais de duas horas de uso completo com uma única recarga. Aqueles cursos de anatomia e biometria acabaram valendo a pena a longo prazo.

O processador central do traje de combate zumbiu à vida e a escuridão se foi. O primeiro-sargento Jeff Wallen apareceu em minha frente com seus homens logo atrás dele. A energia correu por minhas pernas e braços, e 137 sensores formigaram por todo meu corpo iluminado. Sistemas de mira. Níveis de potência. Contadores de munição. Selos de integridade.

Eu estava forte novamente.

Os fuzileiros navais pareciam ainda mais jovens e menores quando baixei os olhos na direção deles. O mais alto estava um metro abaixo de mim.

— Quanto tempo até pousarmos?

— Seis minutos — Wallen disse. — Nós estamos na reta final. Você é tão durona quanto parece nessa coisa?

Arreganhei um sorriso carrancudo.

— Muito mais do que você pode imaginar. Pronto, primeiro-sargento?

— Nasci pronto, senhora.

— Senhora não — eu disse, e minha voz rosnando pelos alto-falantes. — De agora em diante, é apenas Cerberus.

Ele assentiu e deu um sorriso malicioso:

— Mais ânimo, soldados — ele gritou — Nós estaremos no chão e lutando em cinco minutos.

Eles se levantaram com um pulo e trataram de esconder seu nervosismo com gritos e verificando a munição.

O Hercules trepidou quando o trem de pouso bateu no asfalto. A inércia nos arremessou todos em duas ou três direções. Os sistemas giroscópicos do traje entraram em ação e fizeram de mim uma estátua. Respirei fundo e joguei meus braços para trás. Cerberus fez o mesmo em uma escala muito maior, e umas seis placas de blindagem se deslocaram pelas costas e ombros do traje.

A rampa desceu com o rangido dos motores e um assobio dos pistões. Não estávamos nem a meio caminho do chão quando pudemos ver as coisas mortas cambaleando pela pista em direção a nosso avião. Levantei meu braço e o software de mira de trezentos e noventa e cinco mil dólares entrou em ação. Alvos localizadores afloraram em minha vista, dados balísticos percorreram minha visão periférica e os canhões trovejaram. Quatro ex’s explodiram em poças escuras antes que a rampa chegasse a tocar na pista.

Por definição técnica, o Browning M2 era um enorme rifle semiautomático de uns sessenta quilos, mas era difícil pensar nele como algo além de um canhão. Normalmente, eram montados em jipes, helicópteros ou porta-aviões. A armadura Cerberus tinha um deles montado em cada braço, cujos canos passavam quase meio metro do punho de três dedos. Dois cintos de munição davam a volta até um reservatório do tamanho de um ficheiro montado nas costas da armadura. Podiam disparar sem parar por três minutos e meio, com um tímido alcance efetivo de apenas três quilômetros.

Fui pisoteando até a terra firme flanqueada por meia dúzia de fuzileiros navais de cada lado. Os tiros ecoaram por toda a pista de pouso e mais dez ex’s tombaram. Eles eram jovens e estavam nervosos,

mas sabiam bem como matar. Escutei dois gritos assim que os mortos caíram sobre eles. O fato de um avião de trezentas toneladas ter atingido o chão a poucos metros deles não os tinha atordoado nem um pouco. Estavam bem em cima de nós.

Desloquei-me de baixo da cauda do avião. O traje identificou dezenas de alvos. Os canhões rugiram de novo e outro punhado de ex's sumiu em nuvens vermelhas e escuras.

Outro grito surgiu por trás da tropa e troquei os campos de visão no interior do capacete. Havia dois ou três ex's rastejando no chão. Os motores abafaram o barulho de seus dentes batendo. Suas pernas e colunas tinham sido esmagadas quando Hercules passou por cima deles na aterrissagem, mas isso não os deteve. Um deles tinha agarrado Tran pela perna, mastigando através de seu uniforme camuflado até sangrar. Ele acertou uma coronhada na cabeça do ex e caiu, segurando o tornozelo e berrando. Netzley e Sibal foram atrás dos outros seres rastejantes e estraçalharam suas cabeças com tiros estrondosos.

— Mediquem-no — Wallen gritou, apontando para o fuzileiro ferido. Carter se adiantou e saiu enfiando seringas hipodérmicas em Tran, uma após a outra. Havia um rumor de que doses cavalares de antibióticos poderiam curar uma pessoa infectada pelo ex-vírus. Não era verdade. Os demais oficiais pisotearam a cabeça do ex para não desperdiçar munição.

A rampa se fechou com um rangido e mirei em mais quatro ex's. Suas cabeças se esfarelaram em uma névoa avermelhada. O'Neill estava a meu lado e as cápsulas vazias quicavam em seu ombro, chamuscando seu uniforme.

Baixei os olhos em direção a Wallen:

— Essa era a melhor zona de aterrissagem?

Ele fez uma careta de volta:

— Sim — berrou. — O que isso quer dizer pra você?

Disparou seu rifle e um mexicano morto voou para trás, agitando os braços.

— Recebemos um chamado pelo rádio. Os sobreviventes estão no prédio principal.

Apontou em direção à outra extremidade da pista, onde uma figura ao longe passou a pular e agitar os braços no alto de um telhado.

Tão logo virei minha cabeça, o software de mira detectou algumas tantas dezenas de ex's entre a pista e a construção.

— Cuidado onde vocês pisam — berrei no alto-falante. — Deixem que eu assumo daqui em diante.

Abri caminho por entre eles e agarrei a primeira coisa morta pelo caminho, esmagando sua cabeça com minha mão. Nada muito eficiente em larga escala, mas era o tipo de incentivo moral de que eles precisavam.

Marchei adiante com os fuzileiros navais me acompanhando de cada lado. Tinha levado um mês de combate antes que os oficiais percebessem que sua artilharia padrão não servia para muita coisa contra os ex's. Não havia espaço para lançadores de granadas ou M240's. Apenas uma M-16 básica para todo mundo, com suas baionetas acopladas, e tudo resolvido com um único tiro (rajadas não eram permitidas).

Os mortos andarilhos continuaram a se debater em nossa direção enquanto cruzávamos o campo de aviação. A meio quilômetro ao sul, a armadura ampliou os restos de uma cerca de arame farpado. Ela tinha sido posta abaixo e retorcida e achatada no chão por uma extensão de vinte metros, e dezenas de ex's passavam cambaleando pela abertura a todo momento. Sem barreiras adicionais ou torres de observação. As pessoas que estavam se escondendo ali tinham confiado em uma cerca de arame farpado para se protegerem de centenas, talvez milhares de mortos-vivos em massa.

— O perímetro está comprometido — eu disse a Wallen.

Ele deu um aceno brusco de cabeça:

— Nós não podemos ficar aqui.

Meus canhões se alinharam e dispararam algumas dezenas de balas na cerca ao longe. Vi uma fileira de ex's sem cabeça despencarem. A rajada seguinte fez os corpos tropicarem ao chão, o mesmo valendo para a subsequente. Não era muito, mas já era uma brecha.

— Sugestões?

— O principal foco de resistência é em Hollywood — ele disse, seguindo em direção ao terminal. — São uns dezessete quilômetros a leste-sudeste daqui. Nós nos entocamos com esse pessoal por alguns minutos, arranjamos algum transporte juntos, e logo em seguida seguimos viagem.

Os fuzileiros de Wallen abriram um caminho para nós. Quando enfim chegamos ao edifício, eles já tinham derrubado quase uma centena de ex's. Conseguimos entrar no terminal isolado e xinguei de dentro da armadura. Nem sequer uma estrutura defensiva armada. Aquelas pessoas não tinham se preparado para qualquer coisa que fosse. Perguntei-me por quanto tempo estariam ali, ou planejavam ficar ali? No momento em que a cerca foi ao chão, eles ficaram expostos e indefesos.

Podíamos ouvir os gritos logo à frente. Gritos que se sobrepunham a centenas de dentes estalando.

Havia mais de trinta corpos no salão. Apenas um punhado eram ex's. Algumas poucas coisas mortas estavam roendo braços e pernas e se arrastando em direção a torsos estirados pelo chão. Os fuzileiros navais acabaram com eles sem maiores problemas. Um dos mais jovens, Mao, vomitou.

Passamos por um punhado de escritórios antes de entrarmos na ala principal do terminal. Era como o lobby de um edifício comercial. Talvez umas cinquenta pessoas estavam espalhadas pelo cômodo, tentando conter o dobro de ex's. Lutavam com machados de incêndio, pás e tábuas de madeira. Quase nenhum poder de fogo.

Um gordo idiota tinha uma espingarda e persistia em detonar os ex's no estômago. Nem pareceu notar quando derrubou um dos seus com sua falta de mira.

— Puta merda! — ele gritou. — A porra do exército enfim resolveu aparecer!

Ele arreganhou os dentes, bateu continência aos fuzileiros de maneira irresponsável, e um adolescente com o torso ensanguentado e aos farrapos acabou colocando os braços a seu redor e arrancando um naco de seu pescoço. O gordalhão se virou para tirá-lo de cima de si e um ex chinês velhinho agarrou seu braço, afundando os dentes em seu bíceps. Sua espingarda disparou uma última vez e ele caiu aos berros.

Mais umas dez pessoas morreram desde que tínhamos entrado no cômodo. Segui pisoteando adiante e passei a esmagar cabeças. Wallen estava logo atrás de mim, atravessando órbitas oculares com sua baioneta. Os fuzileiros eram danados de bons. Em cinco minutos, todos os ex's no recinto estavam mortos. Sete civis tinham morrido, e mais um fuzileiro.

— Quem está no comando aqui? — Wallen bradou.

Um sujeito corpulento com um rifle de caça deu um passo adiante.

— Seria eu. Mark Larsen.

— Quantas pessoas estão aqui, sr. Larsen?

Ele fitou os corpos:

— Eu acho que a gente diminuiu pra cerca de uns trinta aqui embaixo. Tem quatorze famílias lá em cima.

— Algum meio de transporte?

— Dois caminhões, incluindo um a diesel. A gente passou esse tempo todo esperando que alguém nos dissesse pra onde ir.

— Bom homem — Wallen disse, cerrando o punho. — Alguém trate de mantê-los aquecidos, e você vá buscar seu pessoal. Vamos sair daqui o mais depressa possível. — Ele fitou a multidão de fuzileiros. — Equipe Alpha, fiquem com os caminhões. Beta, mantenham as famílias em segurança.

— Wall — alguém gritou. — Outra onda de ex's vindo ao sul. Um bocado deles.

— Quantos são um bocado? — ele gritou de volta.

O'Neill inclinou-se do salão:

— Talvez quatro dígitos, senhor. Temos dez minutos no máximo.

— Vou lá pra fora — eu disse. — Posso me embrenhar no meio deles e mantê-los afastados.

Ele assentiu e eu segui O'Neill de volta até o corredor.

Os fuzileiros eram inteligentes e bem treinados. Não tinham perdido tempo com uma barreira maciça, apenas derrubaram uma tonelada de coisas para que os ex's fossem tropeçando e se atrapalhassem todos. Eles se recostaram e foram dando disparos controlados e certeiros,

como em um campo de tiro.

Eles estavam em um número grande demais, no entanto. Os fuzileiros estavam progredindo, mas diminuíam cada vez mais o ritmo.

Marchei em direção à multidão cambaleante com os canhões cuspindo fogo. Daquela distância, uma bala de M-2s podia atravessar quatro ou cinco crânios antes de começar a perder velocidade. Uma centena de balas trovejaram em algumas rajadas e derrubaram duas vezes mais ex's. Logo em seguida, eles me cercaram, e eu acionei o campo paralisante.

Os ex's não sentem qualquer tipo de dor, mas ainda têm sistemas nervosos, e esses sistemas ainda estão ligados a seus músculos. O que significa que uma explosão de duzentos mil volts ainda é capaz de derrubar um deles. A principal coisa a ser lembrada é que isso não irá detê-los. Tão logo a descarga elétrica cesse, eles ficam bons de novo para seguir adiante.

Um passe de minhas mãos e uma dezena de ex's caiu por terra. Levei meus braços para trás e vi mais dez desabarem. Novas rajadas estilhaçavam o concreto à medida que O'Neill, Laigaie e Mao os mantinha no chão.

Por todo meu redor. Dez, vinte, trinta deles. Eu girava meus braços e saía varrendo um grupo deles com um esmigalhar de ossos. Eles se penduravam em meus braços, minhas pernas, agarravam-se a minha cintura. O estalido de dentes preencheu o traje de combate. Eu arremessava. Esmurrava. Luzes de advertência piscavam para lembrar-me do peso extra inesperado em cada membro. Mantive meus olhos fechados e continuei esmagando qualquer coisa que estivesse em minhas mãos. Meus braços giravam, e eu podia sentir os corpos se chocando contra eles.

Eu normalmente não sofro de claustrofobia. Mesmo quando comecei a usar e testar a armadura, não tive ataques de pânico ou momentos de nervosismo. Foi somente a partir da primeira vez em que fiquei no meio de uma horda de ex's que comecei a me sentir presa no traje.

Alguém gritou meu nome. Outro grito surgiu e abri meus olhos. Eu estava rodeada por dezenas de cadáveres. Os fuzileiros tinham recuado uns dez metros. E uma nova leva de ex-humanos estava se

aproximando cada vez mais de mim.

Meu canhão e seu irmão gêmeo no outro braço desencadearam uma gritaria que deixou uns cinquenta ou sessenta ex's pulverizados por todo o asfalto. A armadura bateu em retirada enquanto O'Neill e Mao derrubavam algumas coisas mortas. Nós partimos ao redor do terminal em direção a uma fileira de hangares. As lentes se alternaram e vislumbrei o enfileiramento de famílias sendo conduzidas por entre eles.

Wallen se virou para verificar nosso flanco e um ex grandalhão caiu sobre ele. Foi como um susto em uma cena de um filme barato. Uma mulher morena, tão perto que ele não teve a menor chance. O cadáver ambulante estalou a mandíbula e arrancou parte considerável de sua bochecha direita. A carne ficou pendurada e seu nariz se esticou junto por um instante.

Ele soltou um berro e ficou paralisado. Por apenas um segundo. Tempo suficiente para que a ex desse uma segunda abocanhada. Escutou-se um estalo quando seu nariz foi quebrado e arrancado de seu rosto.

Os fuzileiros ergueram suas armas para atirar, mas Wallen estava se debatendo muito. Um segundo ex se atracou a seu torso e afundou a mandíbula logo acima de seu colarinho. Dedos ressecados puxavam seus braços e dentes esgarçavam sua farda, e ele desabou no meio da multidão crescente de mortos. Nunca chegou a emitir outro som.

— Vamos! — O'Neill gritou. — Precisamos chegar até os caminhões agora!

As M-2's transformaram a parede do hangar logo atrás de nós em confete, e eu arrebentei o que quer que tenha restado. O teco-teco que estava lá dentro foi arremessado para fora do caminho e atravessei a parede seguinte rumo ao próximo hangar. Os fuzileiros escorreram pelo gargalo. Os ex's se amontoaram.

Cinco minutos e uns vinte ex's mortos depois, estávamos nos caminhões. As famílias foram acomodadas nas caçambas e nas cabines. Um terço do pelotão de atiradores não estava lá. Netzley continuou tentando estabelecer comunicação pelo rádio, sem resposta.

— Mexam-se — gritei. — A bola está comigo, todo mundo pra trás de mim. Se alguma coisa chegar a menos de três metros dos caminhões,

vocês a derrubam. Está claro?

Os fuzileiros bradaram um grito de guerra, um clarão apareceu em minha vista e escutei uma dezena de berros. O computador se esforçou para compensar a claridade repentina e o aeroporto reapareceu nos visores.

A luz estava toda desregulada. Tudo estava brilhante e desbotado. Os civis estavam olhando para cima, boquiabertos e espantados, e duas velhas latinas faziam o sinal da cruz repetidas vezes.

Pairando logo acima de nós estava a forma de um homem. Provocou uma chiadeira no ar, como linhas de alta tensão em uma manhã úmida. O contorno esbranquiçado fez uma saudação amigável a Carter e inclinou a cabeça em minha direção.

E aí. A voz zuniu como alguém que fala com um kazoo, exceto pelo fato de que dava para entendê-lo. *Ouvi dizer que você estava a caminho. Teria chegado aqui mais cedo, mas um monte de gente pensou que você ainda fosse pousar em Burbank.*

Os sensores do traje ainda estavam descontrolados.

— E quanto à outra equipe? O outro avião conseguiu pousar?

A assombração ardente pareceu se vergar um pouco. *Eles não conseguiram. Sinto muito.*

O’Neill disparou contra um ex ao longe e voltou o olhar para cima.

— Você é o Zzzap, certo?

Ao dispor pra guiá-los rumo a uma segurança relativa. A figura acenou para mim de novo. *Doutora Danielle Morris, presumo?*

— Não — Carter disse antes que eu pudesse abrir a boca. — Esse é o Cerberus.



Eram onze horas quando eles partiram. St. George navegava pelos ares, observando as ruas abaixo em busca de qualquer movimento além da lenta deriva dos ex's. Uns poucos tinham um rápido vislumbre dele e inclinavam a cabeça para seguir sua trajetória. Um deles caiu para trás.

Ele não conseguia planar tão bem quanto normalmente fazia. A mochila estava abarrotada de garrafas d'água e um pequeno kit de primeiros socorros. Era fina e leve, mas estava mal acomodada. Ele estava sem equilíbrio e simplesmente não conseguia encontrar o ponto ideal nas correntes de ar.

Nos telhados abaixo, Stealth esvoaçava feito uma sombra. Percorria piscinas de escuridão e saltava de prédio em prédio. Quando chegavam a um cruzamento, ela se atirava ao alto, agarrava as mãos estendidas dele feito uma trapezista e rodopiava ao longo de quatro pistas da estrada aberta. Sua capa nunca fazia barulho algum ao ondear contra o vento.

Os dois heróis atravessaram o Country Club Wilshire, os bairros de classe alta em Highland e as extensas faixas de terra de LaBrea. Stealth matou onze ex's nessa primeira hora; seus pescoços estalavam com chutes espetaculares. St. George apenas torcia suas cabeças.

Pararam para descansar no telhado de uma lanchonete deserta.

— Você está bem?

— Eu estou bem. Não precisamos parar.

— Parece que você está ficando mais lenta.

A mulher encapuzada sacudiu a cabeça:

— Eu estou bem.

— Beba um pouco d'água.

Ela segurou a garrafa e fez uma pausa. Ele sentiu o olhar dela em sua direção.

— O que foi?

— Vire-se, por favor.

— Desculpe, como é?

Ela inclinou levemente a cabeça:

— Não quero que você me veja bebendo.

— Você só pode estar brincando.

— Não.

— Você me conhece há mais de dois anos, eu provavelmente sou a coisa mais próxima de um amigo que tem, e você ainda se preocupa com o fato de que eu possa ver sua boca?

— Por favor, St. George. Vire-se.

Ele suspirou, sacudiu a cabeça e passou a olhar por cima da borda do telhado. Havia mais de duzentos ex's espalhados pelo extenso cruzamento. A cada poucos metros na calçada, um toco de árvore se elevava por entre o cercado de ferro. Alguns deles eram amplas reminiscências de palmeiras imensas, mas a maioria não passava da espessura do braço dele.

Stealth se voltou a ele, girando os pés contra o cascalho. Entregou-lhe a mochila.

— Obrigada.

— Eu sei que você não tem cicatriz nenhuma ou está desfigurada, então por que é tão obcecada por se esconder?

— Como você pode saber que eu não tenho cicatrizes?

Ele deu um sorriso maroto:

— Existem dezenas de pessoas horrivelmente feridas no Monte. Metade do seu rosto teria que estar faltando pra ser pior do que eles, e eu posso ver o suficiente pra saber que ainda está tudo aí no lugar.

— Pode ser uma cicatriz pequena. Talvez eu seja vaidosa.

Ele concordou:

— Isso combinaria com o resto da roupa, mas eu ainda não acredito.

— Você continua fazendo suposições. Não tem nenhuma prova.

— Duas perguntas, então. Quando foi a última vez que alguém chamou você pelo seu nome verdadeiro?

— Eu não vou responder perguntas sobre minha verdadeira identidade.

— Não perguntei isso. Eu só perguntei quanto tempo se passou desde que alguém chamou você pelo seu nome verdadeiro.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu sei que “Stealth” não foi uma escolha sua. Não foi alguém do *LA Weekly* ou um daqueles folhetins que surgiram com ele? Você não usava nenhum codinome, identidade secreta ou coisa que o valha. Então, Stealth não é o nome que você escolheu. Quando foi a última vez que alguém usou seu nome de batismo?

Mesmo em meio à penumbra por baixo do capuz, ele pôde ver a expressão dela se alterar sob a máscara.

— Vinte e oito meses.

St. George piscou incrédulo.

— Você sabe assim tão exatamente?

Ela deu um único e brusco aceno de cabeça.

— Ok, pergunta número dois. Quando foi a última vez que alguém viu você sem a máscara?

— Alguém que me conhecia?

— Qualquer pessoa. Quando foi a última vez que alguém viu você sem máscara?

— Faz treze meses. Quando estávamos nos estabelecendo no Monte, passei uma noite andando pelas ruas com trajes civis pra julgar o humor da população. 31 de outubro de 2009.

— Dia das Bruxas? A última vez que você não usou uma máscara foi no Dia das Bruxas?

— A ironia ainda não se perdeu dentro de mim. No entanto, pareceu-me que, em meio a tantas fantasias, um adulto desconhecido estaria menos propenso a se destacar.

— Então, a fantasia significa que você não tem problemas com os olhares das pessoas. Se manter mascarada e nunca revelar seu nome indica que você se incomoda com quem costumava ser e está tentando esconder isso. Eu vou arriscar, chutando que você foi tratada demais como uma mulher-objeto.

— Seus poderes dedutivos cresceram consideravelmente desde que nos conhecemos — ela disse, curvando a cabeça.

— Tudo devido à sua excelente instrução, sr. Holmes — ele disse, brindando com uma garrafa de plástico. Tomou outro gole e apontou para um dos tocos de árvore mais próximos. — Você reparou nos troncos das árvores?

— Lenha. Como Zzzap reportou, eles estão usando o fogo pra se esquentar, como iluminação e no preparo da comida. Eu diria que a maior parte das livrarias, bancas de revistas e papelarias dessa área sofreram um destino parecido.

— Eles tomaram o clube de recreação também, né? E o Century City.

— E as centrais telefônicas. E várias centenas de milhares de pneus, eu diria. — Ela sinalizou em direção a uma fileira de carros sem rodas. — Seriam impróprios pra cozinhar, mas, ainda assim, poderiam fornecer luz e calor. Você está apaixonado por mim?

Ele cuspiu um bocado de água.

— O quê?

— Você tem relações sexuais regulares com Beatrice Struton, mas

continua emocionalmente obcecado por mim. Acredito que ela esteja ciente disso, também.

— Beleza, como você sabe que...

— Não há nada que aconteça no Monte que eu não saiba, St. George. Você sabe disso. E ainda não respondeu à pergunta.

— Se você é tão inteligente, diga lá.

Ela virou a cabeça em direção aos ex's no chão.

— Eu acho que você deixou que algo banal como uma atração física e um certo fascínio pela minha autoconfiança elevada acabasse evoluindo pra um sentimento que, você espera, eu irei correspon...

— Eu estava sendo retórico, sabe.

Stealth se ajoelhou contra a borda do telhado.

— O que foi?

Ela olhava fixamente para a rua abaixo.

— Eles não estão se movendo.

— Só porque a gente não está também.

A multidão de ex's permaneceu estática na rua. Suas bocas estavam inertes. Dezenas de mãos pendiam fixas ao lado dos corpos. Cerravam seus olhares na direção dos dois heróis. A cabeça dela sacudiu por baixo do capuz:

— Não é por isso. Não estão tentando nos enxergar. Nem mesmo estão movendo suas mandíbulas.

A multidão silenciosa os encarava. Olhos brancos. Olhos turvos. Olhos de um só lado do rosto. Órbitas vazias.

— Beleza — St. George murmurou. — Justo quando você pensa que os mortos-vivos não tinham como ficar mais bizarros.

As coisas mortas e os heróis cruzaram seus olhares por mais um breve momento. Então, os ex's mais próximos à lanchonete estremeceram, e a sutil mudança correu pela multidão. Dezenas de pés se embaralharam pelo chão. Seus dentes matraqueavam. Seus braços se erguiam cada vez mais enquanto tentavam agarrar sem parar os heróis que simplesmente não conseguiam alcançar.

— É... — ele disse. — Isso não pareceu nem um pouco suspeito.

— É evidente que algo está alterando o comportamento dos ex’s por toda a cidade — ela disse, levantando-se. — Você está pronto pra seguir em frente? Nós precisamos chegar ao território dos Seventeens pelo menos duas horas antes do amanhecer.

— A gente consegue — ele disse, jogando a mochila nas costas.

Stealth concordou e se atirou pelo telhado, saltando rumo ao prédio ao lado.

Os ex’s os observaram partindo.

X X X

Gorgon subiu a Avenue C em direção à zona Norte-Nordeste. O nome tinha começado como uma piada, até que acabou pegando. Hoje em dia, os moradores a usavam com orgulho.

Ele projetou uma sombra comprida e difusa em meio às luzes dos postes. Como sempre acontecia, a imagem de um faroeste lampejou em sua mente, com a sombra do xerife se estendendo da Main Street até as botas de algum pistoleiro.

Próximo às margens da New York Street, um vulto em meio a um grupo pequeno acenou. O sujeito barbudo, Richard-alguma-coisa. A Norte-Nordeste era sua área. Ele se afastou de seu grupo em direção a Gorgon.

— E aí?

— Você tem um minuto?

— Claro.

O sujeito barbudo deu um leve aceno de cabeça e se afastou ainda mais do grupo. Os outros caras continuaram conversando, mas seus olhos seguiram o líder da região e o herói.

— Houve uma série de rumores pairando no ar durante o jantar — Richard disse. Ele girou o grande anel que usava em seu dedo médio. — Eu estava esperando que você desmentisse tudo.

— Acho que isso vai depender do que se trata.

O sujeito de meia-idade assentiu:

— É verdade que vocês encontraram uns ex's que conseguem falar?

Por trás de seus óculos, Gorgon revirou seus olhos e soltou um suspiro silencioso. As notícias não haviam demorado nada para se espalharem.

— Onde vocês ouviram isso?

— O boato está correndo por aí desde que *Big Red* voltou, ontem. Um dos homens disse que foi um ex falante que matou Tyler O'Neill.

— Pois é, veja bem... é assim que os boatos fogem do nosso controle, e é por isso que vocês não deveriam ficar elucubrando sobre coisas das quais não sabem nada. — Ele jogou o sobretudo para trás e levou os punhos cerrados aos quadris. A velha pose de xerife. —Ty foi morto pelos Seventeens. Os punks de sempre, usando as armas de sempre. A doutora Connolly poderia confirmar isso, se alguém se preocupasse em perguntar.

— A gente até tentou. Ela e o dr. Garcetti disseram que Stealth pediu pra que eles não comentassem sobre o assunto.

Gorgon cerrou seus olhos e pensou em alguns palavrões pontuais.

— Bem, mas eu posso. Ele morreu devido ao ferimento causado por um tiro na garganta. Sangrou até morrer, em menos de dois minutos. Você pode vasculhar a parte de trás do *Big Red* atrás das manchas.

O sujeito barbudo estremeceu e um dos homens que espreitavam logo atrás deu um passo adiante:

— Mas tinha um ex lá. Eu ouvi algumas pessoas dizerem que ele estava lá.

Mais um ou três xingamentos em silêncio.

— Sim. Sim, tinha sim. Você é... o sr. Diamond?

— Daimint. Eu sou o responsável pelo curtume.

— Sim, é claro. Desculpe.

— Então, os ex's podem falar agora? Isso é algo novo?

— Nós acreditamos que nem todos podem falar. Só alguns deles.

— Você acabou de dizer que os ex's podem falar agora? — Uma mulher ecoou. Ela arrastou seu marido junto com ela. Outro casal se juntou a eles.

— Eles encontraram um ex falante na noite passada.

— Você quer dizer que eles são inteligentes?

— Se eles conseguem falar, eu diria que sim.

— Puta merda — um recém-chegado disse. — E se a gente estiver matando eles todo esse tempo?

— Ei, mas se a coisa ficar entre a gente ou eles, eu defendo...

— PESSOAL! — Gorgon interrompeu os demais com um rápido piscar de suas lentes. Ele observou cinco ou seis pessoas estremecerem, e sentiu uma leve absorção de forças. A conversa dispersa cessou. — Aqui estão os fatos, pelo que é do meu conhecimento. — Ele fez um sinal de vitória para que todos vissem. — Nós encontramos dois ex's que aparentam ser inteligentes. É isso. Dois, entre cinco milhões só aqui em Los Angeles. Nós sequer estamos certos de que eles são ex's de verdade. Pode ser um truque. Todos nós aqui sabemos que isso nunca tinha sido visto antes. É algo novo que estamos todos tentando compreender.

Alguns homens olharam para ele, mas a maioria encarava seus pés ou a calçada.

— A equipe médica vai examinar nosso prisioneiro amanhã. Assim que eles chegarem a quaisquer conclusões, tenham certeza de que iremos comunicá-las a vocês. A segurança de todos aqui é sempre prioridade. Não há por que se exaltar por isso, ok?

Houve algumas concordâncias desanimadas e resmungos. A mulher que tinha falado anteriormente soltou um pigarro antes de continuar:

— Então, realmente existem ex's espertos?

— Sim — ele disse. — E mais uma coisa: nenhum deles tentou morder ninguém. Eu conversei com um que está aqui na cela. Stealth também. Ele só ficou quieto lá e conversou com a gente. St. George, Cerberus, uma parte da equipe que estava fora dia desses, eles todos conversaram com o ex na cela. Nenhum ataque.

— St. George foi baleado por aquele ex. Estou tentando consertar o casaco dele — Daimint falou.

— Ele atirou, sim — Gorgon concordou. — Mas não o mordeu. Os dois únicos que vimos não agem como ex's espertos, eles simplesmente

agem como humanos. Infelizmente, os humanos que eles estão imitando são os Seventeens. Então, tratem de espalhar a notícia, ok? Todos vocês.

Ele deixou o sobretudo se fechar de volta ao lugar e cruzou seus braços sobre o peito, logo abaixo da estrela prateada. A velha pose do pistoleiro com o trabalho feito. Eles aproveitaram a deixa e passaram a se dispersar.

— Obrigado — Richard-alguma-coisa disse.

— Sem problemas. Vamos procurar manter esse tipo de questão sob controle, ok? É pra isso que temos líderes locais. A última coisa que precisamos é que as pessoas pensem que algum exército de ex's geniais está lá fora tentando matar todo mundo.



Eles pararam no telhado de uma grande casa na esquina da Gregory com El Camino. St. George se escondeu entre duas chaminés com reboco enquanto Stealth se agachou à vista, com sua capa se confundindo com as telhas de cerâmica e as sombras.

A fileira de carros sem pneus se estendia por toda a Gregory Way, empilhados de dois em dois ao longo da calçada ao sul. Uma Hummer preenchia ambos os níveis em certo ponto, assim como uma pequena camionete laranja U-Haul. A poucos metros de distância, barreiras rodoviárias de concreto foram inseridas nos veículos, fixando-os no lugar. Cercas de arame farpado se estendiam ao longo dos carros. Lanças pontiagudas de metal faziam as vezes de espigões de uma trincheira, e St. George demorou um pouco para reconhecê-los como placas de rua. Grandes trechos esverdeados foram pintados com tinta spray ao longo de toda a parede de veículos em duas ou três tonalidades diferentes.

A cada vinte metros, mais ou menos, uma tocha elevada iluminava a noite e expelia uma fumaça oleosa. Homens e meninos pisoteavam de um lado para o outro pelos tetos dos carros, com armas acomodadas em seus ombros ou penduradas sob seus braços. Os dois heróis os observaram enquanto eles patrulhavam e trocavam algumas poucas palavras. Vários deles estavam com os braços descobertos e as cabeças raspadas. Mesmo com a iluminação tremeluzente, os dois puderam ver bandanas e emblemas verdes em todos.

O tosco paredão cobria quatro ou cinco quarteirões em ambas as direções antes de desaparecer na escuridão irregular.

— Contei vinte e três sentinelas patrulhando o paredão — Stealth disse. — Treze deles têm armas de fogo, das quais apenas quatro são automáticas. O resto está armado com lanças e porretes.

St. George passou os olhos ao longo do paredão e pela rua de cima abaixo. Dezenas de tocos pontilhavam a calçada e os gramados onde árvores e arbustos tinham estado. Aquela tinha sido uma aconchegante vizinhança em épocas passadas. Ele varreu a estrada com os olhos novamente.

— Quase não tem ex’s por aqui.

A cabeça de Stealth zanzou para frente e para trás dentro do capuz:

— Estou contando pelo menos quarenta ao longo dessa rua.

— Quarenta não é nada — ele disse. — A gente tem o dobro, no mínimo, em cada portão todos os dias. — St. George apontou para os Seventeens caminhando sobre o paredão. — As pessoas estão à vista de todos, em uma linha de visão desobstruída. Devia ter centenas deles pululando por esse lugar. Esse paredão devia estar todo cercado.

— E, ainda assim, os ex’s mal parecem notar os humanos.

— Coisas estranhas estão pra acontecer hoje à noite — ele murmurou.

— O quê?

— Não importa. Você está ouvindo o som de música?

Ela confirmou, e disse:

— Nós podemos atravessar por ali. — Seu braço apontava o oeste, outra extensa sombra na noite. — Ponto central entre duas tochas. Em

três minutos, se os guardas seguirem o mesmo padrão, nenhum deles deve estar naquele trecho do muro.

Ele concordou e cronometrou o tempo em sua cabeça. Partiram atravessando todo o telhado e se lançaram na escuridão. Stealth agarrou um poste de luz, deu um giro em torno do próprio braço e saltou rumo ao outro lado da rua. Segurou firme a mão de St. George, que a esperava em cima do paredão, deu um chute no ar e voou rumo a outro telhado.

Ele pousou ao lado dela, ficando imóvel à sombra de uma grande antena parabólica. Ela tinha estendido sua capa e se disfarçado na escuridão novamente. Observaram o paredão atrás deles. Mais barreiras de concreto estavam alinhadas àquele lado, junto com mesas e cadeiras que os guardas tinham retirado das casas nas redondezas.

Os guardas continuavam a caminhar e bocejar. Um deles parou para acender um cigarro em uma tocha. Outro balançava os braços para frente e para trás no intuito de lutar contra o frio ameno.

Stealth deu um breve aceno a St. George e foi em direção ao sul, cruzando os telhados. Ele deu um único salto e partiu atrás dela, observando do alto o bairro devastado pelo caminho. Aqui e ali, podiam vislumbrar a fumaça das chaminés, e algumas das quase-mansões iluminadas com velas tremeluzentes. Por duas vezes eles pararam, quando patrulhas empunhando tochas passaram pela rua ou entre os prédios.

Um longo quarteirão depois, eles se agacharam sobre um supermercado da rede Pavillions. Stealth lhe fez um breve sinal, apontando o extenso cruzamento, e desapareceu em meio às sombras do telhado. A cabeça de um ex descansava no canto do telhado, abandonada após alguma expurgação anterior. Estava ressecada pelo sol e sua mandíbula tremelicava sem parar, ainda animada pelo vírus. Os olhos turvos da cabeça encararam St. George, e ele a chutou rolando pelo telhado.

A Olympic Boulevard estava a seis pistas dali, embora o número de retornos e canteiros centrais tornasse meio difícil dizer com certeza. A estrada que dava ao sul se dividia logo ao norte da avenida leste-oeste e criava um cruzamento duplo dos mais complexos, com uma ilha triangular no meio. Uma música que ele não conseguiu reconhecer

ressoava entre os prédios.

Todos os edifícios comerciais e lojas que ele podia ver estavam com as janelas quebradas. Buracos de bala ornavam o enorme globo alaranjado do posto de gasolina 76 do outro lado da rua, e alguém tinha rearranjado todos os preços a US$ 6,66. Havia uma pilha de maquinaria no estacionamento da estação; na penumbra, St. George levou alguns instantes para perceber que eram dezenas de semáforos estraçalhados.

A única exceção era um grande prédio de tijolos ao sul do cruzamento. A entrada se afundava abaixo do nível da rua e heras espessas cresciam de maneira selvagem e sem poda alguma das varandas. Havia letras prateadas por baixo das plantas, mas alguma coisa quanto à estrutura da construção lhe dizia: escritório de advocacia. O edifício estava intocado e a iluminação vazava das portas e janelas. Era um verdadeiro farol, tamanha a claridade em comparação à luz das fogueiras. Ele podia escutar o ronronar de geradores abafado pela música que retumbava de seis alto-falantes.

A maioria das janelas mais altas ao longo da Beverly tremeluzia à luz de lampiões ou velas. Dezenas de tochas compridas iluminavam a estrada, cada uma delas tendo uma série de rodas como base de apoio. Uma enorme fogueira tinha sido formada no andar mais alto de um estacionamento nas proximidades, e ele contou perto de cinquenta pessoas reunidas ao redor dos pneus em chamas. Eles davam risadas, faziam piadas e passavam garrafas de um lado para o outro. Rua abaixo, logo atrás dele, dava para ver uma outra fogueira com sua própria aglomeração. Havia algumas centenas de pessoas zanzando por aí, divertindo-se, ou de muita má vontade no serviço de guarda.

Uma grande estrutura de um único andar se localizava logo ao sudeste do cruzamento entre Olympic Boulevard e Beverly Drive, bem no meio de um retorno. Um punhado de guardas a circundavam bocejando. À luz inconstante das tochas, St. George pôde ver os elos de correntes, e os suportes e vultos saracoteando lentamente dentro da construção.

Stealth reapareceu ao lado dele:

— Não há guarda algum nos telhados — ela sussurrou —, e nenhuma evidência de que as sentinelas os incluem regularmente nas patrulhas.

Ela parecia irritada. Apontou para o outro lado da rua em direção a um prédio alto com as letras FI ST PROPER[1].

— Acho que aquele é o melhor ponto de observação que podemos conseguir, e a altura adicional diminui as chances de buscas aleatórias.

Escondidos pela escuridão da noite, eles deram a volta no quarteirão, atravessaram a rua e escalaram o prédio. Os dois heróis se estabeleceram no topo da construção e St. George tirou a mochila dos ombros, espiando pela borda estreita do telhado.

Logo abaixo de onde tinham acabado de sair, uma única tocha no estacionamento inferior projetava sombras aleatórias na fachada do edifício. À luz trêmula, algo grande estava agachado diante do mercadinho. Seus braços eram anormalmente longos e estavam amplamente estendidos. O vulto se moveu, retinindo um som metálico.

Stealth puxou de seu cinto um monóculo pequeno e curto, segurando-o contra um dos olhos. Disse uns palavrões logo depois e o colocou de volta na algibeira.

— Está claro demais pra usar as lentes de visão noturna — ela disse. — E não está sendo detectado pelo infravermelho.

— Então é grande, não humano e morto. Restringe as opções um pouco.

Ela concordou.

— A falta de movimentos significa que está preso. Acho que podemos descansar até o amanhecer.

Recostaram-se contra a mureta na beira do telhado.

Ele jogou os ombros para trás, tirando a jaqueta de couro:

— Quanto tempo a gente tem?

A cabeça encapuzada se virou ao leste:

— Duas horas e meia. Fico com o primeiro turno. Tire uma hora de sono.

St. George dobrou o casaco e testou colocar sua cabeça contra ele.

— Você não vai irromper em chamas quando amanhecer ou nada parecido, não é mesmo?

Ela o encarou.

— Não é hora nem lugar pra brincadeiras.

— Desculpe. — Ele lançou um último olhar ao longo do cruzamento. — As janelas estão todas intactas e há geradores funcionando. Algo me diz que é a sede deles.

— Um lugar importante — ela concordou —, mas eu prefiro não achar nada até que tenhamos mais evidências.

— E que tal adivinhar sobre a escassez de ex’s? — Ele se acomodou no travesseiro improvisado. — Esse povo deve ser muito mais agressivo no extermínio deles do que a gente.

— Exceto que raramente ouvimos tiros e não há corpos.

1. First Property, empresa de corretagem imobiliária de Los Angeles, reconhecida por seu desempenho na região Westside (N.T.).



Puta merda, como isso dói. Nenhuma chance de conseguir uma... como é que se diz, um pingo de morfina? Uns dois Vicodin? Novocaína? Algo do tipo?

Onde é que eu estava...?

Magia, isso mesmo. A magia tem sido bem injustiçada hoje em dia.

Quando você fala em magia, as pessoas imediatamente imaginam uma de duas opções. A primeira é que você seja um artista de televisão. Alguém como Houdini ou Copperfield, que faz um monte de truques com algemas, lenços e cartas de baralho. Nem tanto um ilusionista quanto um trapaceiro, um artista com as mãos. Alguém que se aproveita da distração e desnorteio das pessoas pra conseguir uma risada, alguns aplausos e talvez um contrato em Las Vegas.

Essa é a premissa positiva.

A premissa negativa, com que eu convivi desde os tempos de

faculdade, é que você é pinel. Você é alguém que usa delineador demais, memoriza episódios de *Buffy, a caça-vampiros* e cresceu em um lar rigidamente católico, onde Papai era diácono e te fez ser coroinha, e agora você está tentando se rebelar. Você saiu e comprou todos os livros de Aleister Crowley, Edgar Cayce e Nostradamus. Provavelmente tem estantes repletas de cristais e mapas astrais e incensos pendurados nas janelas, todo o papo furado de nova era.

Mas o papo é o seguinte: no meio dessa lenga-lenga existe um fiapo de verdade. Sério, existe mesmo. Se você realmente se esforçar e cavucar essa merda toda, vai encontrar as sementes da verdadeira magia. É como... como se você quisesse ser um escritor de sucesso, mas precisasse se meter pelo meio de milhares de livros escritos por picaretas e *wannabes* pra colher algumas dicas e sugestões úteis. E então você usa essas dicas pra aperfeiçoar seu trabalho de fato, o que torna as coisas mais fáceis na hora de encontrar o bagulho pra valer da próxima vez que você cavucar. Crowley, Nostradamus, todos esses caras, eles eram que nem esses idiotas da internet que conseguem acertar uma vez na vida a cada noventa e nove erros.

Não, Edgar Cayce não. Ele era um completo charlatão. Droga, Houdini comprovou que ele era uma fraude duas vezes enquanto ele ainda estava vivo, e mais uma vez depois que ele morreu. Houdini, não Cayce. É, isso, Cayce era uma fraude tão previsível que Houdini o desmascarou do além-túmulo.

Mas divago.

Então, sim, existe magia de verdade no mundo. Do jeitinho que você leu a respeito quando era pequeno. Bolas de fogo, invocação do diabo, bruxaria. A maior parte não é nada tão chamativo quanto aquelas paradas nos jogos de computador, mas é real. E é como qualquer outro tipo de arte. Você tem que praticar muito, mesmo se tem algum talento inato pra coisa. Tem que continuar pesquisando sobre o ofício e cavucando atrás daquelas sementes de sabedoria. Invariavelmente, vai se sentir bem e se autonomear de alguma coisa, e então, se tiver sorte, alguma pessoa que *realmente* sabe como as coisas funcionam vai aparecer, acabar com você e fazer com que se lembre que ainda é só um principiante. Se você não tiver sorte, acaba morto. Mas já vou chegar nisso em um minuto.

A outra coisa é que, como qualquer arte, todos os artistas estão sendo desafiados a realizar algo novo. Claro, você sempre pode aprender todos os fundamentos básicos e fazer as mesmas coisas que todo mundo já fez antes de você. Não há nada de errado com isso. Mas se quiser se destacar, se quiser ser lembrado, você tem que fazer algo novo.

Pelo amor de Deus, doutor, eu não posso tomar alguma coisa? Pelo menos um Advil ou dois? Algum tipo de creme anticoceira? Não, os antibióticos não iriam fazer nada, e nós dois sabemos bem disso. Eu venho lutando contra essas coisas por cinco meses, onde diabos você esteve? Por falar nisso, por que eu estou em um trailer e não no hospital de campanha? Onde diabos está o Regenerator? Ele não deveria estar lidando com todos nós, para nos levar de volta a campo o mais rápido possível?

Mordido? Quando? Céus. Ele está... Quero dizer, porra, o que isso fez com ele? Sempre pensei que se alguém estaria a salvo de tudo isso, além do Dragon, seria... é sério isso? Em coma total, não está só baqueado? Céus.

Não muito bem. Ele é tipo qualquer um dos meus colegas de trabalho, tá ligado? Mas você diz que não está se espalhando pra muito além da mordida em si? Isso deve ser assustador pra caralho.

Beleza, tudo bem. Onde eu estava?

Ainda sobre magia, certo. Fazer algo novo. Não, isso tudo vai fazer sentido daqui a pouco. Se você não vai me dar nenhum medicamento dos bons, podia pelo menos me ajudar a melhorar meu humor nos meus últimos dias de vida.

Então, assim como existe magia de verdade, existe maldade de verdade. Não incidentes tipo Enron-Exxon-Halliburton, que enchem você de nojo com tanta cobiça ou insensibilidade. Quero dizer o mal pra valer. Uma parada que queima os olhos só de olhar. Umas paradas que fazem você ficar com gosto de metal e cocô de cachorro na boca quando escuta alguém falar. O tipo de força maligna que tantas e tantas pessoas se condicionaram a ignorar a qualquer custo. Ela pode estar bem na sua frente e você não tomar conhecimento dela, porque seria como enfiar um cortador de grama pegando fogo na sua mente.

Sim, você pode chamar de Diabo se quiser. Satanás. Caos. Entropia. A Besta. Tem um número infinito de nomes e títulos e personalidades. Não, sério. Infinito.

De todo jeito, essa é a desvantagem da magia, viu? No momento em que começa a aprender, você tem que ir por um caminho ou por outro. Ao lado do mal ou contra ele. E se você for contra, bem... o verdadeiro mal não conhece o significado de misericórdia, ou piedade, ou regozijo. Ele só vai simplesmente apagar você. Aprender a lidar com magia é de fato uma situação de tudo ou nada.

E isso me traz de volta ao assunto de fazer algo de novo, percebe? Já ouviu a frase “fogo contra fogo”? Pois bem, foi isso que eu decidi fazer.

Sabe, existe uma tonelada de feitiços de controle de baixo nível e encantamentos e sortilégios. Não, não é baixo nível feito *Dungeons and Dragons*, idiota. É tipo uma parada básica, introdutória. Controle mental, persuasão, esse tipo de coisa. O encanto talvez dure um ou dois dias se você se concentrar. Se for bom mesmo, as pessoas nem vão notar que estão fazendo algo que não querem. É uma boa maneira de fazer dinheiro, levar as garotas pra cama, esse tipo de coisa. Seus objetivos se encarregam de toda a racionalização por você.

Enfim, as paradas de nível superior são tipo clarividência, telepatia, possessão. Sim, sim, possessão é uma história muito real. Tanto quanto exorcismo, por falar nisso. Cheguei a fazer três antes de completar vinte e cinco anos. O segundo quase me matou. Não, acredita em mim, você não quer saber. Não, foi muito pior do que isso. Olha, sério, eu prefiro não falar sobre isso, beleza?

Está ficando quente aqui ou é impressão minha? Sou só eu? Merda, já estou com febre de novo? É sempre rápido assim? Eu pensei que levasse um ou dois dias. Não? Sete horas é a média? Puta merda, desde quando? Tudo isso?

Sabe, cara, se você me deixasse só colocar meu... Beleza, beleza, já estou deitado de novo. Todo mundo pode ficar calmo.

Então, pois é, a possessão é pra valer, o que me fez pensar sobre demônios. Existem centenas de tipos, dezenas de magnitudes, mas uma coisa todos eles têm em comum: tentam influenciar as pessoas.

Pra que eles possam arruinar a sua vida, é por isso. Você nunca foi

pra catequese? Droga. Se eles conseguem corromper você, arruinar a vida de alguma outra pessoa, foder com alguém, esse caos emocional todo é tipo comida pra eles. É toda a razão da existência deles.

De todo jeito, o que realmente me surpreende é o fato de que, apesar dos demônios serem tão sedentos pra possuir e influenciar a gente, é uma espécie de via de mão dupla. Eles não podem abrir esse caminho se não for nas duas direções. E eu decidi tirar proveito disso.

Deu um pouco de trabalho, isso de combinar feitiços invocatórios e feitiços de possessão. E, claro, eles tinham que ser loucamente específicos. Estou falando dez vezes mais específico do que a matemática usada pra que um foguete retorne do espaço. E, então, tive que forjar um conjunto de glifos de controle em torno dos encantamentos.

Tenta ver por esse lado. Você saca de computadores? RAM e ROM? Era isso o que eu estava fazendo. Pegando magias flexíveis e mutáveis, a memória de acesso aleatório, e, como dizem por aí, conectando tudo a um dispositivo sólido e específico, uma memória apenas de leitura. Faz algum sentido?

Foi assim que acabei em Novosibirsk, na Rússia, na tarde do dia 1º de agosto de 2008. Tinha uma lente da escuridão, esculpida a partir de uma obsidiana vulcânica com um pedaço de osso, e usei-a pra concentrar um eclipse solar total no medalhão de platina que passei três anos preparando.

Isso, aquele bem ali no cofre. Não, não em cima dele. Dentro dele. Ele contém a luz de um sol negro. Quando eu o coloco em um tipo muito específico de portal chamado Sativus, ele se abre pra um reino que a sabedoria popular chama de Abismo, e é justamente quando eu troco de corpo com um salteador, um demônio que se autonomeia Cairax Murrain. É uma espécie de possessão invertida que nos vincula através do medalhão. Em vez do espírito do demônio vir ao nosso mundo e tomar o controle do meu corpo, eu transponho o corpo dele pro nosso mundo através do meu espírito e eu mesmo o possuo.

Bem, então você mesmo pode começar a explicar, cabeção. Será que chamavam você de cabeção antes do alistamento militar ou foi apenas uma escolha afortunada pra sua carreira? Bem, se é assim, por que você não me dá o medalhão e eu mostro pra você o quanto sou ferrado

da cabeça?

Ahhh. Então você já o viu, doutor? Me viu, quer dizer. Sim, eu sei, é confuso. Trata-se de uma mudança de perspectiva ímpar. Eu acho que é tipo RPG, interpretação de personagens. Bem, eu estava falando de todos aqueles jogos online que meus amigos jogavam na faculdade, mas acho que caberia nesse tipo de interpretação também. Quando você está fingindo que é outra pessoa e é absorvido por esse mundo, mas ainda está consciente de que você é você. É assim que eu me sinto sendo Cairax. Ainda sou eu, ainda estou fazendo todas as escolhas, mas é como se existisse um filtro bem denso sobre tudo.

Quer saber como é? É tipo Jekyll e Hyde. Eu continuo tendo a mesma mente e a mesma personalidade, mas valores morais um pouquinho diferentes. Um ética diferente. Mas ainda sou eu. Ele não vai fazer nada que eu não queira que ele faça.

Eu. Não ele. Eu não faço nada que eu não queira.

Olha só, vou ser bem sincero. Você mal está fazendo alguma coisa, e o que você está fazendo não está nem mesmo abrandando isso. Eu estou ardendo de febre, minha cabeça está me matando e o único motivo pelo qual eu não estou vomitando é porque eu não coloquei nada pra dentro faz doze horas agora.

Bem, isso não é realmente minha culpa. Quero dizer, sim, eu sabia o que estava fazendo. É só que... lembra do filtro de que falei? Não me pareceu mais fora da linha do que bater uma punheta ou coisa do tipo.

Opa! Acho que estupro é uma palavra um pouco forte. Ela estava morta fazia pelo menos dois dias. Não, eu estava bem ciente disso. É só que... não importava tanto quando eu era Cairax. É, dá pra chamar assim, acho. Não, por mais difícil que seja de acreditar, quando eu me transformei de volta, meu primeiro sentimento foi dor intensa. Pois é, vai entender.

Não, não é a primeira vez que ouço isso também. Dupla personalidade é um rótulo simpático e fácil pras pessoas que preferem não lidar com a realidade do que eu posso fazer. Um dos meus companheiros “heróis” também tentou explicar minhas habilidades com um monte de terminologias científicas. Indução. Psicocinese. Hipnose em massa. Tudo isso vindo de um sujeito que converte seu próprio corpo em

energia pura quando bem entende.

Olha só, por que eu não posso tomar uma aspirina de uma vez? É realmente pedir demais? Quero dizer, eles acham que eu sou importante o bastante pra ficar numa sala privada, por que não posso ter um tratamento de fato?

Preservação dos recursos? Que diabos isso quer di... ah. Ah, sim, entendo. As coisas ficaram tão ruim assim, foi? E eu que pensava que esses belos cavalheiros estavam aqui apenas no caso de eu morrer e me transformar um pouco mais rápido do que o esperado.

Tudo bem, então. Isso faz com que tudo fique um pouco mais fácil.

O papo é o seguinte, doutor. Você pode optar por acreditar em magia ou não. Você pode confiar em tudo o que eu disse até agora ou você pode dizer que eu sou um psicótico latente, se isso faz com que se sinta melhor. Não importa. Eu não estou nem aí pro que você acredita. O Monstro do Lago Ness, Pé Grande, que o homem não foi à Lua, os resultados das eleições de 2000, você pode acreditar em qualquer conto de fadas que quiser.

Mas vamos ser honestos sobre o que você sabe. Você me viu lutando lá fora. Você sabe que, se eu colocar esse medalhão, vou me transformar. Vou me transformar em algo maior, mais forte e mais resistente. Você pode chamar do jeito que quiser. Demônio. Polimorfo. Licantropo. Mais uma vez, eu não me importo. Mas é a minha única chance.

Sim, eu posso vê-los, camaradas. Mas eles não são essa ameaça toda a essa altura do campeonato, são? A gente sabe que eu sou um homem morto.

Como assim, você não sabe? Isso é meio que evidente. Se eu não colocar o medalhão, pode ter certeza de que vou morrer. Se colocá-lo, existe uma chance de que sobreviva. Posso até ver. Porra, Cairax se cura mais rápido do que eu. Existe uma boa chance de que ele já tenha até se recuperado, o que significa que eu vou me recuperar assim que me transformar de novo.

Obrigado, doutor.

Isso pode ser um pouco alarmante pra todos vocês. Leva apenas alguns segundos, mas é grande e assustador e forte ao mesmo tempo.

Não, não é nada disso. Você ficaria completamente surpreendido com a quantidade de dor que um demônio pode suportar em apenas alguns seg*aaaa*...

... *aaah*hhhh, sim.

Muito melhor. De volta a meu corpo predileto.

Ora, ora, meu querido e estimado doutor. Não tenha medo. Eu posso estar um pouco difícil de ser digerido pelos olhos e pela própria sanidade agora, mas ainda sou eu. Basta lembrar sobre o filtro do qual lhe falei.

O medo faz com que você exale um odor delicioso, por sinal. Isso, como comida. Absolutamente delicioso. Só pensei que você devesse saber.

Por favor, tenham cuidado com esses rifles, senhores. Meus reflexos são muito mais rápidos agora, e minha cauda tem consciência própria, às vezes. Não, ela tem mesmo. Eu odiaria ver vocês fazerem um gesto ameaçador com uma baioneta e serem eviscerados antes que eu soubesse o que estava fazendo. O que ela estava fazendo, quer dizer.

O quê? Ah. Muito perspicaz de sua parte, caro doutor. Não parece ter curado de todo, não é mesmo? Eu me sinto melhor, mas as sensações deste corpo são sempre tão confusas. Não... Não, não são. Essas coisinhas ainda estão lá, mastigando tudo, emaranhando-se em meu sangue e em meus músculos.

Ah, talvez. No entanto, em retrospecto, acho que devo permanecer neste corpo. Se houver alguma chance de que eu sobreviva, com certeza será nesta forma, não? Como Maxwell, restava-me talvez uma hora, um pouco menos caso você decidisse poupar mais recursos. Não, acredito que Cairax tenha uma chance muito maior de lutar contra a infecção... ou qualquer um dos perigos que aparentemente a acompanham.

Senhores, eu lhes pedi para por favor manterem... ahhh, não. Viram o que aconteceu? Eu avisei sobre a cauda. Doutor, por favor, por favor, não perca seu tempo. Você e eu sabemos que não há chance alguma de que ele venha a sobreviver. Meu caro amigo, talvez você deva colocar seu rifle no chão e se deitar virado para baixo. Seria o lugar mais seguro para que você evite o destino de seu companheiro. Obrigado. Meu querido doutor, se você pudesse se juntar a ele. Eu odiaria ver você ser

atingido por qualquer estilhaço de metal quando eu atravessar a parede.

Onde? De volta à praia, de volta à areia. Enquanto desperdiçamos um tempo precioso aqui, o contágio continua a se espalhar. Precisamos de todos e quaisquer homens lutando por tanto tempo quanto forem capazes, e eu tenho, se me permite a expressão, sede de destruição. Se todos tivermos sorte, o fato de eu estar neste corpo pode me conferir alguns dias, talvez semanas para que saia por aí arrastando e estraçalhando tudo pela frente.

Não, não, meu querido doutor. Você está perfeitamente a salvo. Posso parecer um monstro, mas ainda sou Maxwell Hale dentro deste corpo. Nunca faria mal a outro ser humano.

Muito bem. Eu nunca *deliberadamente* faria mal a outro ser humano. Está melhor assim?

A ingratidão de algumas pessoas...



Mike e John estavam no pequeno estacionamento em frente às celas e discutiam sobre o que fazer com o prisioneiro.

— Será que ele precisa comer?

John ergueu seus ombros esguios.

— É claro que ele precisa comer.

— Sim, mas ele é... — Mike também deu de ombros e coçou a barba. — Ele é um ex. Isso significa que ele só come pessoas, ou carne também, ou o quê? O que a gente vai dar a ele?

— Boa pergunta.

— O que eu quero dizer é que eu não recebi nenhum tipo de carne em dois meses. Lembra de quando eles acharam uma latinha de atum?

— Ô...

Mark se demorou a matutar sobre o assunto.

— Eles têm que ter um pouco de carne enlatada escondida no banco de alimentos. Você acha que eles liberam alguma latinha de Spam ou coisa assim pra um prisioneiro?

— Eu não sei se carne enlatada conta como carne também.

— Ah, ele que se foda. Se a gente conseguir alguma coisa pra ele e ele não quiser, a gente pode comer.

— Bem apontado — John concordou, arreganhando os dentes.

Eles bateram na porta.

— Ei — Mike gritou. — Tá com fome? O que você quer pro café da manhã?

Escutaram um baque e o barulho de alguém se debatendo do lado de dentro.

— Qual é o nome dele?

John deu de ombros novamente.

— Sei não. Todo mundo só o chamava de o homem morto.

Eles destrancaram a porta. O ex-Seventeen tinha caído de sua cama dobrável e estava tentando ficar de pé. A cela fedia e o sangue tinha secado, formando uma imensa crosta pelo chão.

John espiou por cima dos ombros de seu parceiro e pigarreou.

— Ei, cara morto, qual é o seu nome?

A pele do ex estava esbranquiçada com manchas cinzentas. Ele encarou Mike e mostrou seu dente gravado. Sua mandíbula estalou uma única vez. Mike o encarou de volta.

— Não me venha com essa pose de gangue, seu bosta — ele disse. — Estamos tentando ser pessoas decentes. Se você se comportar, trazemos um pouco de café da manhã, talvez alguma coisa pra ler, sei lá. Se você quiser ser um idiota, a gente pode simplesmente deixar você aqui.

O ex deu um passo trôpego adiante, depois outro. Levantou as mãos. John deu um passo para trás.

— Mike...

A coisa morta estalou os dentes outra vez. E de novo e sem parar. Agarrou desajeitadamente o braço musculoso de Mike e escancarou a

boca.

O sujeito deu um passo ligeiro para trás no exato momento em que John o agarrou pelos ombros e o puxou. Tropeçaram pela porta estreita, enroscaram as pernas um no outro e caíram. O ex se arrastou atrás deles e tropeçou em uma rachadura no chão. Despencou sobre a perna de John com a boca aberta e começou a mastigar.

— MERDA!

O sangue aflorou por seu jeans enquanto John tentava tirar o zumbi de cima dele.

Mike se esquivou para o lado e deu três chutes na cabeça do ex. Seguiu chutando com força, mas acabou acertando seu amigo. Os dentes iam respingando algumas gotas de sangue enquanto estalavam.

John se arrastou de costas para trás e Mike disparou um último pontapé na coisa morta. Tentou dar o fora dali, mas o ex foi atrás, rastejando sobre os pedaços frescos de panturrilha que caíam de sua boca.

— SOCORRO! — John gritou. Tentou apertar sua mão contra a ferida enquanto arrastava seu corpo magricela para trás — EX! Ex no lado de dentro da muralha!

Mike deu outro chute, atravessando a mandíbula da coisa morta. Os dentes se fecharam sobre a sola de seu Converse e mastigaram a sola de borracha. Ele sacudiu o pé, mas o ex estava agarrado nele feito um pitbull. Então a coisa estendeu os braços e os passou ao redor de sua perna. As mãos tanto agarravam quanto se pressionavam contra o joelho.

A mandíbula continuou a abrir e fechar, e então os dentes já estavam quase pela metade do tênis. Seu dedo mindinho estava na boca do Seventeen. Ele podia sentir os incisivos atravessando a lona feito um cinzel sendo fortemente pressionando. Um osso estalou e Mike gritou de dor, enquanto seus olhos marejaram.

Ele escutou o rufar de botas no chão. Um borrão azul e outro dourado caíram em cima do ex e o jogaram estirado ao chão. O vulto se mexeu um pouco, abaixou-se, e a cabeça do ex recuou. Mike sentiu o pé escorregar livre dos dentes. A figura embaçada deu outro puxão quando a mandíbula tentou engolir um pouco mais do tênis. A cabeça do sujeito

morto foi torcida para trás e o calcanhar de Mike bateu contra o chão. Ele saiu se arrastando de costas e desembaçou a visão, enxugando os olhos.

Lady Bee montava no ex como se fosse um cavalo, com seus saltos contra as costelas e seu cinto cravejado em volta da garganta. Ela segurava cada uma das extremidades com ambas as mãos, conduzindo a mandíbula para longe dela.

— Larga!

Derek, o guarda do Portão Melrose, saltou por cima de John com uma marreta. O cabo deslizou em sua mão e ele ergueu o peso por cima de sua cabeça, desabando o martelo em um amplo arco. A cabeça do ex estourou, jorrando sangue escuro de suas orelhas e nariz.

O cinto escorregou ao redor do pescoço bambo. Bee olhou para os respingos de sangue nele, suspirou e o largou junto ao cadáver.

John estremecia. Sua calça estava enrolada até o joelho e seus olhos arregalados estavam fixos nas mordidas em sua panturrilha.

— Vocês — Derek gritou para um grupo que se aproximava. O guarda apontou para John enquanto pegava o walkie-talkie. — Ele foi mordido. Levem-no até Zukor. Carreguem-no. Portão Melrose?

— Melrose na escuta. — Seu fone de ouvido zumbiu.

— Ex abatido nas celas do Lansing Theater. Preciso de uma equipe de limpeza.

— Entendido.

Bee tirou o sapato e a meia mastigados de Mike. O arco de seu pé e metade dos dedos estavam machucados e retorcidos, mas não havia sangue. Ela deu um assobio.

— Você é sortudo pra cacete — Derek disse. — Quebrou o pé mas não rompeu a pele.

— Ai, graças a Deus — Mike exclamou — Graças a Deus.

— O que diabos você estava pensando? — Bee perguntou.

— Ele era um prisioneiro. Eles disseram que ele era inteligente, que era capaz falar e tudo mais. A gente estava tentando descobrir se ele queria alguma coisa pro café da manhã.

Tanto ela quanto Derek colocaram um braço por baixo dele e o botaram de pé.

— E ele atacou vocês?

— Isso, isso mesmo, ele que atacou — Mike disse. Bee era muito baixa de um lado, e Derek alto demais do outro. Seu pé virou e ele fez uma careta. — Foi só mais um maldito ex. Ele veio na direção da gente, tentou me morder na cela e a gente tropeçou.

— Ele disse alguma coisa? Vocês não deixaram ele puto?

— É um ex — o homem disse, mancando. Ele se ajeitou para colocar o braço sobre os ombros dela. — Não fala, não pensa, só come.

Derek olhou para o cadáver:

— Você tem certeza?

— Por que você não pergunta pro John? Eu acho que ele conseguiu ver melhor.

— Vamos lá, espertalhão — Bee disse. — A gente vai levar você pro hospital. Eu sei que estava morrendo de vontade de me apalpar.

— Vai sonhando, sua vagabunda.

— Viu só, isso é tudo o que uma mulher gosta de ouvir.

Ela deu um chute de leve no pé dele com sua bota e ele segurou um gemido.

— Por que é tão difícil pra maioria de vocês homens descobrir isso? Será que você sabe?

Derek deu um aceno de cabeça, e Bee e Mike seguiram mancando.

X X X

Eles tinham encontrado um lugar confortável em um telhado que lhes dava uma boa visão dos arredores. A torre do elevador fazia um pouco de sombra sob os raios do sol, que despontava tardio no horizonte. Stealth tinha escorregado de sua cama improvisada com a capa pouco antes do amanhecer, tomando sua posição de franco-atiradora no telhado coberto de cascalho. St. George tentou com toda sua vontade não olhar para o traje praticamente pintado no corpo dela pensando em

como seria fácil imaginá-la nua.

Ela espiou pela beirada do telhado em direção à Olympic Boulevard. Daquele ponto, eles podiam ver o cruzamento triangular que aparentava ser uma praça central. As pessoas andavam pelas ruas em grandes grupos que mais se pareciam com prisioneiros acorrentados uns aos outros. Ela tirou o monóculo de seu cinto de utilidades e apontou a lente rumo à coisa presa no chão do outro lado da rua. St. George retirou seu próprio monóculo do bolso lateral de sua mochila.

A coisa morta que já tinha sido Cairax estava acorrentada ao corrimão na entrada do supermercado Pavillions. Era um cano de duas polegadas, enterrado bem fundo no concreto, e a pintura acetinada contrastava com a carapaça toda roxa de hematomas do demônio. Seus braços estavam esticados, e St. George calculou por alto que tinha mais de vinte metros de correntes de puro aço mantendo os braços e pernas firmes contra o corrimão, com talvez outros vinte cruzando seu corpo todo pelos ombros e pescoço. A ponta espetada da longa cauda estava presa a outro cano. Sua cabeça estava inclinada para baixo, e seus caninos descomunais rangiam uns contra os outros feito o motor vagaroso de algum utensílio de cozinha. Dois Seventeens faziam uma vigília preguiçosa, sentados a uma mesa.

Sem levantar os olhos, Stealth perguntou:

— Isso é o suficiente para prendê-lo?

— Provavelmente.

St. George chegou a ser parceiro de Cairax algumas vezes nos velhos tempos. Sabia que o monstro era pelo menos tão forte quanto ele antes de se tornar um dos incansáveis mortos-vivos.

— Se ele ainda tivesse um cérebro e algum poder de influência sobre ele, poderia escapar fácil, mas eu diria que ele está bastante seguro assim. Sua língua foi cortada fora também.

— Ou mordida fora.

No centro triangular da Beverly com a Olympic, dezenas de plataformas grossas de plástico estavam sobrepostas, formando uma pilha ordenada com quase um metro de altura. Painéis de madeira aglomerada revestiam toda a parte de cima, improvisando uma plataforma de uns cinco metros quadrados. Um pedaço sujo de tapete

tinha sido jogado ao longo do centro. Estava apoiado contra algum tipo de monumento alto e em espiral. Uma cabeça decepada estava espetada no topo do poste de metal ao centro.

— Pode ser um palco — St. George supôs. — Talvez eles façam shows ao vivo.

Ele sentiu o olhar dela se voltar do monóculo em sua direção, embora a cabeça não tenha se mexido.

— Tem umas manchas de sangue no tapete. E não acho que seja de uma performance musical.

— Depende da banda.

Outro grupo passou caminhando, dessa vez armados com implementos agrícolas.

— No geral, não parece muito diferente de como a gente está vivendo.

— Exceto pelo fato de que nossos guardas vigiam os ex's — ela disse —, e não os civis.

A jaula tinha uns dez metros de largura e ocupava toda a pista estreita de um retorno. Foi construída com as segmentações das cercas portáteis usadas em shows e feiras municipais. Cada painel estava parafusado, afora as correntes extras envolvendo cada conexão. Esteios escoravam cada segmentação, e sacos de areia brancos e reluzentes firmavam cada um deles no chão. Umas dez lâminas de compensado estavam pregadas contra as paredes. Uma estrutura semelhante podia ser vista a poucos quarteirões a oeste da Olympic, passando El Camino.

— Contei cerca de trezentos ex's no curral mais próximo — Stealth murmurou. — Mas ainda não vi nenhum perambulando por aí.

— A luz do sol acelera a decomposição. — Ele ergueu os ombros. — Talvez os mais espertos fiquem entocados até escurecer.

Stealth puxou um tablete preto e bem fino de seu cinto e o ergueu acima da borda do telhado. A câmera tirou três silenciosas fotografias.

— Isso parece ser uma estrutura tão sólida pra você?

— O curral? Eu estava pensando exatamente sobre isso. Parece tão frágil quanto... espera aí. — Ele semicerrou um dos olhos contra seu monóculo. — Você está vendo a porta com o ferrolho de compensado? Repare nos três corpos mais ao lado, à direita.

— Sim?

— O ex careca com tatuagens. Foi ele que perseguiu o *Big Red* e Cerberus. De quem os Seventeens estavam recebendo ordens.

Ela ajustou a lente da câmera e focou nitidamente o homem morto.

— Tem certeza?

— Eu estava cara a cara com ele. Eu tenho certeza. Dá pra ver onde Billie atirou.

A mulher encapuzada baixou a câmera.

— Se ele é inteligente, por que está encurralado com os outros?

— Ele parece meio irracional agora, não? Algum tipo de regressão?

Ela concordou:

— Ou progressão. Talvez a inteligência seja uma condição temporária.

— Explicaria por que nenhum deles está zanzando por aí. Não podem correr o risco de uma recaída de algum deles.

— Ainda assim... — Sua expressão mudou por baixo da máscara e ele pôde perceber o cenho franzido. — Por que manter os currais dentro dos limites do perímetro de segurança deles?

— Você quer dizer por que não os manter a dois ou três quarteirões de distância, do lado de fora das muralhas? Boa pergunta.

Eles analisaram a jaula e St. George observou os sentinelas indo e vindo e acendendo uns dois cigarros.

— Eles não seguem os guardas — ele disse.

— Alguns deles seguem sim — ela o corrigiu. — Mas parecem um tanto apáticos.

— Drogados?

— Sem um sistema cardiovascular ativo, toxinas e sedativos não circulariam pelo corpo deles.

— Até onde a gente sabe. Ainda assim... a mesma pergunta. Por que manter centenas de ex’s dentro de sua zona de segurança, trancados em jaulas frágeis com quase nenhum guarda?

X X X

Gorgon tinha acabado de passar pelo Hart Building quando Richard o chamou. O idoso estava com Christian. Eles deram alguns passos ligeiros para alcançá-lo e tentaram manter o ritmo a seu lado.

— O que está acontecendo? — Richard perguntou. — Ouvi dizer que teve um ataque nessa manhã. Dentro das muralhas.

O herói confirmou.

— John Willis. Estão cuidando dele em Zukor, mas ele não parece nada bem.

— As pessoas estão dizendo que o prisioneiro, o ex inteligente, conseguiu se soltar e o atacou.

Gorgon sacudiu a cabeça.

— Ele não se soltou. Eles o deixaram sair por acidente. E de acordo com pelo menos três testemunhas, ele não era mais inteligente. Ficou... eu não sei, feroz, eu acho? Irracional?

Christian apressou o passo pelo outro lado:

— Você tem certeza?

Foi a primeira vez que ele ouviu a voz dela em um tom quase civilizado.

— Ele já estava morto quando eu cheguei lá. Bee e Derek Burke o abateram. Ela parece ter bastante certeza de que era um ex normal àquela altura.

Ela ergueu uma das sobrancelhas que pareciam ter sido feitas a lápis de tão finas.

— Certeza mesmo?

— Eu confio no parecer dela.

— Estou vendo — Christian disse.

Gorgon parou na praça. Colocou as mãos em sua cintura. Pose de xerife. Ele era uns cinco centímetros mais alto do que Richard, mas o suficiente para que o olhasse de cima para baixo. Christian o encarou bem nos olhos. Algumas pessoas passavam caminhando e corriam os olhos pela reunião improvisada.

Richard girou seu anel:

— É só que... ontem à noite, você estava dizendo que os ex’s

inteligentes não atacariam ninguém e, aí, logo nessa manhã um deles foi e atacou.

— Bem, sim, mas ele era só um ex normal de novo.

— Pelo menos é o que você pensa — Christian disse.

— Qual é o problema?

— As pessoas estão com medo e a gente não sabe o que dizer pra elas.

— Diga pra manterem a calma. Ainda é seguro dentro do Monte. As muralhas são sólidas. As cercas são sólidas. Os guardas estão lá. Estamos todos aqui.

— Então não tem nada de mais acontecendo? A gente não precisa se preocupar?

Por trás de seus óculos de proteção, Gorgon fechou os olhos e contou até três. Quando os abriu novamente, algumas pessoas estavam paradas em volta deles, casualmente entreouvindo a conversa enquanto fitavam um antigo mural de fotografias.

— Essas pequenas reuniões seriam bem mais rápidas se você parasse de enrolar e fosse direto ao ponto.

Richard concordou.

— Desculpa. É só que... — Ele girou o anel novamente. — Dois dos guardas da muralha disseram que viram St. George e Stealth indo embora ontem à noite.

— Indo embora?

— Saindo do Monte — Christian disse. Sua voz tinha reencontrado o tom frio outra vez. — Katie O'Hare estava de plantão na muralha e ela disse que os viu deixando a estrutura física.

Gorgon inclinou a cabeça.

— Eles não avisaram ninguém. Partiram entre dois turnos de guarda. Assim ninguém os veria. E ninguém viu St. George hoje. — Ela apontou para o céu com o queixo.

— Sim, sim — o herói disse. — Achei que as pessoas acabariam notando, cedo ou tarde.

Os olhos de Richard se arregalaram.

— Então eles foram embora mesmo? Abandonaram o Monte?

— Eles tinham um trabalho a fazer. Não é lá grande coisa. Ele sai do Monte o tempo todo. Normalmente, pelo menos duas vezes por semana em algum tipo de missão.

— Mas ela não — Christian disse. — Por que ela foi junto?

— Porque eles tinham um trabalho a fazer.

— E precisava dos dois?

— É só uma missão. Eles devem estar de volta ainda hoje à noite. Talvez amanhã de manhã.

Christian inclinou a cabeça.

— Será?

Ele contou até três novamente e disse a si mesmo para não abrir os óculos de proteção. Quando olhou novamente, mais quatro pessoas tinham parado para escutar a conversa.

— O que você quer dizer com isso?

— É uma pergunta simples — ela disse. — Será que eles vão voltar?

— É claro que eles vão.

— Sabe o que eu acho?

— Estou doido pra saber.

— Eu acho que eles abandonaram a gente. Eu não acho que eles vão voltar.

Gorgon deu uma risada.

— De onde você tirou essa porra toda?

— Acho que eles descobriram que os ex’s estavam ficando mais espertos e se deram conta de que a gente estava condenado aqui dentro. Decidiram cair fora e encontrar um lugar melhor.

Gorgon abriu a boca, interrompeu-se e, logo em seguida, fez uma nova tentativa.

— Honestamente, eu nem sei o que dizer sobre isso.

— Que tal a verdade?

— Eu já disse a verdade. Eles estão em uma missão. Estarão de volta hoje à noite ou amanhã.

— Uma missão sobre os ex’s inteligentes?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? — Ela sacudiu a cabeça. — Sabe, cara, já era ruim o bastante antes, quando vocês todos eram só vigilantes. Agora a gente está completamente dependente da sua espécie.

— Minha espécie?

Os olhos de Richard intumesceram.

— Christian, isso é...

— Invulneráveis, fortes, rápidos... o mundo ainda é um lugar seguro pra todos vocês.

As unhas de Gorgon apertaram suas palmas.

— Muitos dos meus amigos também estão mortos.

— A gente precisa de vocês pra sobreviver, mas vocês não precisam da gente. Por que vocês simplesmente não abandonariam tudo quando a situação ficar preta?

Ele se inclinou para mais perto dela.

— Porque todos nós somos pessoas melhores do que você.

Alguém soltou uma tosse rápida de riso.

Christian cravou os olhos nele.

Ele deu um passo para trás e se voltou para Richard. O idoso tentou se perder no meio da multidão.

— Richard, talvez você queira levar a sra. Nguyen pra longe daqui antes que eu a ponha em coma por duas ou três semanas.

— Eu sei o caminho. — Ela cuspiu entre os dentes. A multidão recuou assim que ela saiu marchando pelo meio deles.

O idoso girou seu anel.

— Sinto muito. A gente só queria algumas respostas. Eu não esperava que ela simplesmente desse o bote em você desse jeito.

O herói olhou para ele.

— Ah, para com isso. Quanto tempo faz que você a conhece?

— Você sabe como ela é. É como um jogo pra ela. Ela só diz esse tipo de coisa pra irritar as pessoas.

— Sei — Gordon disse. Ele suspirou e observou a multidão. A maioria deles foi seguindo Christian enquanto ela vomitava um discurso inflamado. — O tipo de coisa que todos estão pensando.

— Não, não — Richard insistiu. — Você sabe o quanto a gente...

— Eu sei como todo mundo aqui se sente — o herói disse. Deu um tapinha com a ponta do dedo nos óculos de proteção. — As pessoas pensam que, por causa desses óculos, eu não consigo ver as coisas. Stealth não vê, escondida em sua pequena batcaverna. St. George não vê, sempre voando por aí. Mas eu vejo tudo, todos os dias. Eles estão contentes por eu estar aqui, mas não venha me dizer que as pessoas gostam de mim.

X X X

Eles deslizavam pelos telhados. St. George se impulsionava contra a gravidade de maneira sutil como nunca antes e resvalava sobre o revestimento de piche com manchas esbranquiçadas. Andava nas pontas dos dedos, mergulhando-os para se arrastar de volta ao alto a cada poucos metros. Outra cabeça decepada repousava em um dos telhados, vibrando por conta de sua mandíbula em pleno exercício. Ele lhe deu um tapa com as costas da mão e ela saiu rolando.

Stealth levou um minuto para alcançá-lo. Ela se movimentava em silêncio sobre as palmas das mãos feito uma viúva negra. Quando finalmente se emparelhou a ele, jogou os ombros para trás e deixou que sua capa escorregasse de volta ao piso do telhado. A câmera zumbia enquanto ela fotografava as estruturas ao redor do novo ponto de observação.

Um murmúrio descontente ecoou e olharam para a rua.

Dois Seventeens estavam carregando um senhor de idade com a pele bronzeada e cabelos prateados pelo cruzamento do prédio de tijolos coberto de hera. Ele estava sem camisa, seu tórax flácido estava todo machucado e um de seus olhos estava fechado de tão inchado. Alguns civis o seguiam e uma multidão começou a se reunir. Um dos seguidores, uma senhora também de idade, soluçava de tanto chorar. Ela se agarrou a um dos Seventeens, um sujeito com a cabeça raspada

em estilo militar retrô, escovinha. Ele a sacudiu fora e gritou com ela em espanhol.

— O que eles estão dizendo?

— A mulher está implorando por misericórdia — Stealth traduziu. — O homem disse que é tarde demais, ele já tinha sido condenado. Agora ela está dizendo que, se eles o fizerem partir, os dois vão embora juntos.

Do alto do telhado, puderam ver o sorriso arreganhado do Escovinha quando arrastaram o idoso para trás do curral de ex's. Instantes depois, ele reapareceu e ambos os heróis se deram conta do que não tinham conseguido perceber a respeito do lado oposto do curral na noite anterior.

Escovinha arrastou o senhor de idade até o topo da escada. Eles ficaram na pequena plataforma acima da jaula e o Seventeen bradou à multidão. Havia entre trezentas e quatrocentas pessoas na rua, e outras tantos saindo dos prédios.

— Você sabe como isso vai acabar — Stealth reiterou. — A sentença foi decidida. Se o chefão quiser, ele ainda pode ser poupado.

St. George respirou fundo e se reposicionou no telhado arenoso.

O velho gritou alguma coisa e Escovinha deu uma cacetada em sua cabeça.

— Ele é um monstro — Stealth ecoou.

O Seventeen virou o velho em direção à jaula. As garras dos ex's arranhavam o vento. Seus dentes eram como um datilógrafo enlouquecido em uma máquina de escrever.

St. George ameaçou se levantar e Stealth agarrou seu braço. Os ossos teriam quebrado em uma pessoa normal.

— Não — ela rosnou.

— Eles vão...

— Você não pode salvá-lo.

— Eu tenho que tentar. — Ele se livrou da mão dela, tentou se pôr de pé e viu Escovinha empurrar o velho.

Ela não passava de um borrão, revolvendo-se, esperneando, derrubando-o de volta ao chão. A cabeça de St. George se chocou

contra o telhado e ela ficou por cima dele, montada em seu abdômen com o braço prensado contra sua garganta.

Ele escutou os gritos e suspiros da multidão.

— É tarde demais pra ele — ela sussurrou. — Ele já está morto, e você vai revelar nossa posição a troco de nada!

Ele a agarrou pelos braços. Ela não pesava quase nada e ele sabia bem que poderia arremessá-la sem maiores dificuldades por todo o telhado, e não restaria coisa alguma que ela pudesse fazer para detê-lo.

— O velho continuaria morto e você teria desapontado o Monte. Todo mundo lá depende de você.

Os gritos irromperam em uma tosse úmida. Tudo o que se conseguia escutar era o murmúrio da multidão e os gemidos da esposa do velho, sobrepostos aos estalidos de dentes e o som da carne sendo dilacerada. Alguém, Escovinha, gargalhava.

— Me larga — St. George disse.

Ela se colocou a seu lado.

— A gente não teve escolha.

— Eu sei. — Ele levou os olhos aos céus — Só... não fale comigo por um tempo.

— É sempre lamentável quando os sacrifícios devem...

— Não diga nada — ele a interrompeu.

A esposa do velho continuou soluçando até que alguém a levou embora.



— Está acontecendo alguma coisa.

Eram quase três da tarde e uma multidão estava reunida em frente ao palco de madeira. Alguns Seventeens mais obstinados estavam bem próximos à plataforma, ostentando armas e exibindo suas tatuagens. Outros foram se amontoando gradualmente atrás deles, formando um anel externo de gente. Em uma hora, o amplo cruzamento estava abarrotado com milhares de pessoas.

— Cairax — ele sussurrou com um aceno de cabeça. O ex demônio tinha desistido de lutar contra as correntes. Permanecia quieto e sentado. Sua cauda estava frouxa no chão.

Mesmo de onde estava, ele podia escutar os baques surdos ecoando baixo de dentro do prédio coberto de hera. Era um ruído que ele bem conhecia de armaduras blindadas e dos dinossauros do cinema. Os passos foram se aproximando cada vez mais e algo se moveu na

escuridão do prédio.

O vulto encurvado atravessou a porta dupla com a cabeça baixa. Quando os raios do sol atingiram sua pele, ele endireitou a postura e acrescentou mais um metro à sua altura. Em seguida, emergiu da entrada submersa e acrescentou mais uns sessenta centímetros. Quatro Seventeens o escoltavam, três homens e uma mulher, cada qual com um rifle pendurado sobre os ombros e um facão preso ao cinto. A multidão urrava e aplaudia, e o gigante lançou dois cumprimentos de gangue por cima de sua cabeça com dedos longos. Lenços verdes envolviam seus pulsos, cruzando as palmas das mãos.

Todo seu corpo estava distorcido. Seus braços eram longos e grossos demais, seus ombros e seu peito extremamente largos por baixo de uma regata das mais apertadas. Ele tinha, pelo menos, meio metro a mais do que Cerberus. St. George tentou calcular a partir do homem em pé ao lado dele.

— Três metros e meio de altura — Stealth sussurrou. — Eu estimaria uns trezentos e trinta quilos. — Seu dedo fulminava o botão da câmera.

E ele estava morto. Depois de todo aquele tempo, St. George sabia bem distinguir aquela tonalidade de pele em um piscar de olhos. Ele ajustou o foco do monóculo, girando a lente o máximo que pôde.

Um cruz tatuada decorava sua têmpora direita, adentrando o corte escovinha de seus cabelos negros. No lado oposto de sua cabeça, havia alguns talhos cobertos de sangue no ponto onde sua orelha tinha sido arrancada, expondo os tendões e a cartilagem. Por baixo de suas sobrancelhas grossas e escuras, os ossos estavam intumescidos e avantajados como os de um homem das cavernas exibido em um museu, fazendo com que seus olhos já cavados parecessem ainda mais fundos, pérolas de um branco turvado cravadas nas órbitas de seu crânio. Tinha dentes enormes, do tamanho de caixas de fósforo, e uma mandíbula proeminente sustentando todos eles.

— Parece mais um gorila — ele sussurrou. — Zombie Mighty Joe Young.

Ele foi se arrastando até o outro lado da rua e seguiu rumo ao palco improvisado. Aplausos, ovações e urros ecoaram por toda a rua. O ex suspendeu os braços monstruosos em direção à multidão, como tantos

outros governantes antes dele.

— Olha aquilo — ela murmurou. — Os ex's nos currais.

Em frente à plataforma, uns trezentos ex's tinham parado de zanzar pela jaula. O que se via então eram saudações atrofiadas sobre suas cabeças. A poucos quarteirões de distância, os ex's do segundo curral fizeram o mesmo.

— Deus do céu — ele disse. — O que diabos está acontecendo?

Mighty Joe lançou um olhar maldoso à multidão e ergueu os punhos no ar. Os ex's jogaram suas mãos magras ao alto novamente. Ele fez sinal com as palmas viradas para acalmar a multidão e centenas de braços mortos despencaram.

— Eles estão respondendo a ele — Stealth disse.

— DIECISIETE! — o ex monstruoso gritou. Sua voz reverberou de seu peito estufado por todo o quarteirão — Para todo o sempre!

A maior parte da multidão ecoou a ovação e urrou. Os ex's abriram a boca em um grito silencioso.

— Mais oito sangues novos — ele rugiu. — Eles cumpriram seu dever, demonstrando sua lealdade para com a SS. Eles estão dentro!

Uma pequena fileira se formou em frente ao palco. Três latinos, dois asiáticos, dois afro-americanos e uma garota branca. Eles estavam sem camisa, exceto pela mulher ainda com seu sutiã.

O primeiro subiu ao palco e pareceu ser muito pequeno ao lado de Mighty Joe. O ex desenrolou um dos lenços enquanto um de seus guarda-costas agarrou o jovem pelo antebraço. Por baixo do pano verde, a enorme palma estava esburacada e toda retalhada. Ele cerrou o punho, sacudiu a mão algumas vezes e as feridas cintilaram umedecidas.

A guarda-costas tirou seu facão do cinto, limpou o gume com dois dedos e o arrastou pela mão do Seventeen novato. O sujeito rangeu os dentes e logo o sangue brotou. O ex monstruoso estendeu sua mão e o membro ensanguentado desapareceu entre seus enormes dedos.

— Um de nós — ele retumbou. Largou a mão e deu um tapa em cada ombro do rapaz.

As pernas do sangue novo estremeceram sob o impacto e ele deu um

aceno de cabeça. Guiado pelos guarda-costas, ele passou pelo gigante em direção a uma senhora idosa que lavou a ferida e limpou o sangue de seus ombros. A água oxigenada espumou em sua pele. Um dos guarda-costas já estava cortando a outra mão.

— Infecção deliberada — Stealth ponderou. Ela baixou a câmera.

— Seguida por desinfecção imediata. Se esse for o paciente zero, talvez ele tenha alguma cepa pura do ex-vírus. Pode ser por isso que alguns voltam inteligentes. Ele obviamente é.

— Talvez. Eu não acho que ele seja um ex — ela disse. O monóculo infravermelho foi pressionado contra seu olho novamente. — A temperatura corporal dele é vinte e um graus. Doze graus mais elevada do que a média dos ex's.

— E quinze graus mais baixa do que a média humana — St. George disse. — O que diabos ele é, então?

— Eu não tenho certeza.

— Não me parece que ele tenha esse apelo universal todo, tampouco.

Metade da multidão tinha dado no pé, não fazendo questão de compartilhar da empolgação dos Seventeens mais hardcores que se amontoavam à beira do palco. Aqueles que preferiram ficar mais atrás não tinham coragem de tirar os olhos do chão ou lançavam olhares cautelosos ao ritual que o enorme ex conduzia.

— Eu diria que muitos deles não sabiam que tinham sido abrigados por uma gangue de rua, e muito menos uma liderada por um monstro. Eles só estavam à procura de segurança.

O ex se voltou ao grupo em frente ao palco. Cada um deles tinha amarrado um pano verde na mão, mesmo ele tendo tirado o lenço da sua própria.

— Você é parte do todo sempre agora — ele gritou. — Todos vocês. Mesmo se vocês morrerem, mesmo se vocês voltarem, vocês serão sempre Seventeens.

Ele bateu palmas uma, duas, três vezes. A multidão aplaudiu atrás. Os sangues novos levaram dezenas de tapinhas nas costas, esfregões na cabeça e socos nos braços.

— Faz quase dois anos desde que estou assim — Mighty Joe

continuou. — Dois anos desde que me tornei o maior chefão da cidade. Ficando cada vez maior e mais cruel a cada dia.

Ele flexionou braços que pareciam barris de cerveja, e a multidão assobiou e gritou.

— Todo caíram, exceto nós. Os Bloods, os Crips, os XV3s. A polícia cedeu, o exército cedeu, até mesmo os malditos fuzileiros navais caíram. E nós ainda estamos aqui e tomamos conta da situação!

Ele deu um soco no ar novamente. Os Seventeens na multidão urraram e levantaram suas armas. Alguns deram tiros para o alto. Os ex's jogaram seus braços para cima. Um cântico baixo ecoou entre a multidão e logo cessou.

St. George inclinou sua cabeça para perto de Stealth:

— O que eles estão dizendo? Amo?

— Acho que eles estavam o chamando de mestre de Mary. Não tenho certeza da refer... — ela fez uma pausa e seu corpo enrijeceu. — Esse não é o paciente zero.

— Como você sabe?

— Uma conexão que eu deveria ter percebido antes. — Suas palavras quase foram abafadas pelo brado seguinte de Mighty Joe.

— Nós somos os melhores, os mais fortes, a porra dos escolhidos de Deus — o ex disse à multidão. — É por isso que nós sobrevivemos, eles morreram e agora eles estão conosco.

Ele lançou um braço em direção aos ex's enjaulados. Eles retribuíram a saudação.

— Nós somos os governantes do mundo novo. Toda essa cidade será nosso território. Há apenas uma coisa impedindo os SS de serem os reis absolutos do sul da Califórnia: aquela fortaleza de aberrações resguardando Hollywood.

St. George mudou de posição.

— Todos vocês sabem que eu tenho negócios a resolver com um deles. Muitos de vocês também têm. Eu vou entalhar meu nome em seu peito, arrancar seus malditos olhos de vampiro e usar seu crânio como um colar em meu aniversário de dois anos.

O ex bateu no peito com seu punho que mais parecia um galão de

leite. Centenas de mãos mortas deram tapas em suas caixas torácicas em solidariedade.

Stealth levou os olhos do palco aos ex's e de volta ao palco.

— E é isso. Quero todo mundo armado e preparado para o combate. Hoje à noite, nosso exército irá marchar rumo ao norte. Vamos lutar e acabar com o último resquício do velho mundo.

— Que exército? — St. George murmurou. — A maioria dessas pessoas são crianças e velhinhos.

Mighty Joe lançou uma última saudação e desceu do palco. Ele se embrenhou na multidão, desferindo cocorotes e tapinhas nas costas enquanto seguia.

Na jaula, os mortos-vivos passaram a executar uma dança bizarra. Suas pernas se deslocavam como se eles estivessem em uma linha de coro de um musical macabro. Seus braços se levantavam, giravam e mudavam de lado. Os trezentos ex's se moviam como se fossem um só.

— Os ex's não estão o imitando — Stealth disse.

— O quê?

— Eles estão em perfeita sincronia. Todos eles. Eles não estão o imitando, ele os está controlando. Está exercendo algum tipo de controle sobre todos os ex's aqui. Pelo menos em um raio de dois quarteirões.

St. George observou Mighty Joe virando a cabeça para falar com um de seus guarda-costas, e toda uma jaula de ex's fez o mesmo. Trezentas cabeças se deslocando para a direita.

— É por isso que eles não precisam de jaulas resistentes.

Ela apontou para a multidão que se dispersava enquanto enfiava a câmera de volta em seu cinto de utilidades.

— *Amo de la marioneta*.

— O que é isso?

— O que eles estavam dizendo. Mestre das marionetes. Ele está controlando todos eles.

— Pode crer que estou mesmo — o gigante morto berrou.

O estrépito dos rifles preencheu o ar. Stealth e St. George se jogaram no chão, protegidos pelo parapeito do telhado.

— Quem é que está aí em cima, afinal? — ele gritou. — A vadia gostosa é Stealth, eu suponho. É você, Gorgon? Você finalmente virou homem e veio se entregar?

St. George olhou de relance para Stealth:

— Quando foi que ele detectou a gente?

Stealth sacudiu a cabeça:

— Ainda mais importante, como foi que ele nos escutou?

— Eu sabia que vocês iam aparecer mais cedo ou mais tarde — Mighty Joe gritou. — Eu já tinha avisado vocês dois sobre o Chefão de LA, que era apenas uma questão de tempo.

St. George franziu a testa:

— Do que diabos ele está falando?

— O mestre das marionetes. Ele estava falando conosco na cela.

Stealth passou os olhos pelo telhado. A cabeça decepada tinha parado de mexer a mandíbula e olhava fixamente em sua direção.

— Ele vê através de todos eles.

— Ele sabia que a gente estava chegando — St. George disse. — Lembra dos ex’s na noite passada?

Ela deslizou pelo revestimento de piche, jogou a perna para o ar e levou seu calcanhar abaixo. A cabeça ressacada se espatifou com o peso de sua bota.

— Alguma sugestão?

— Se prepara pra correr — ele disse.

— E você?

— Eu te alcanço.

A mulher encapuzada concordou e deslizou pelo telhado. Quando chegou a poucos metros de distância, rolou e ficou agachada por baixo de sua capa. Deu-lhe um aceno de cabeça e desapareceu por trás de uma saída de ventilação.

St. George contou até cinco e se impulsionou contra a gravidade. Suas botas lascaram a borda do telhado quando ele se lançou ao alto. Centenas de olhares perscrutadores se fixaram nele. As correias dos rifles farfalharam pelos ombros, os bronzes das pistolas rasparam os

coldres. Ele não foi capaz de dizer quantas armas estavam apontadas em sua direção.

— O Mighty Dragon — o ex disse. — Não é quem eu queria, mas ainda bom.

— É sempre um prazer agradar um fã — ele exclamou de volta. — Você deveria reconsiderar sua atitude.

— E por quê?

Ele apontou para a multidão.

— Essas pessoas não vão querer se machucar.

— Muitos irão se machucar. Mas não somos nós.

— Pessoal — St. George gritou para a multidão. — Vocês sabem quem eu sou. Vocês sabem o que eu posso fazer. Vocês sabem que seria uma idiotice me atacar ou atacar meus amigos.

— Ah, claro — o gigante berrou. — Você é forte e invulnerável. Mas seus amigos não são. Você tem uma reputação temível e nada mais. Nós temos todo um exército e um plano.

— É parte de seu grande plano anunciar a estratégia com o inimigo escutando tudo?

— Eu queria que vocês ouvissem — o gigante gritou. — Eu queria que vocês soubessem e tivessem medo.

— Você não me assusta, grandão.

— Mas você não é o único se escondendo aí, não é mesmo? Se seu pessoal não tivesse matado meu homem, eu faria com que ele mesmo lhes dissesse. — O gigante arreganhou um sorriso cheio de dentes. — Mas, quer saber? Vocês sempre têm todos aqueles ex's amontoados em seus portões, não é mesmo? Hora de começar a pensar grande.

O enorme ex respirou fundo, e todas as coisas mortas em torno dele fizeram o mesmo.

XXX

Derek checou as horas em seu relógio e olhou para a multidão de ex's se espremendo contra as grades. Mais três horas até que seu turno

acabasse e ele pudesse ir ao funeral de Mark Larsen.

As coisas mortas jogavam seus braços e agarravam o vento. Ele tinha contado cento e dezesseis deles, um pouco antes. Suas mandíbulas se abriam e fechavam enquanto estendiam suas mãos e seus tocos sangrentos através do portão. Havia áreas reluzentes onde o atrito constante tinha descascado a pintura até arear o metal. Elena apontou para o relógio:

— Que horas são?

— Quase cinco horas — ele respondeu.

— Droga.

— O que você vai fazer hoje à noite depois do funeral?

— Estou com alguns DVD's novos da biblioteca — ela disse. — Acho que vou acabar ficando em casa e terminar uma garrafa da aguardente que Matt Russell produz ilegalmente.

Makana, o outro guarda, tirou os olhos do livro.

—Aquela porcaria vale alguma coisa?

Ela sorriu.

— Deus o livre, não mesmo. Mas me ajuda a esquecer o dia.

Ele matutou sobre o assunto.

— Você quer companhia?

— Depende.

O atrito de pele seca contra metal, o estampido interminável de mandíbulas, tudo cessou. Os ex's congelaram à luz do sol escaldante. Seus braços todos juntos despencaram sobre seus flancos em sincronia.

Derek se levantou e ergueu o rifle.

— Que porra é essa? — ele murmurou.

O estranho silêncio perdurou por cinco segundos. E, logo, dez.

— HOJE À NOITE.

Centenas e centenas deles falaram em uma só voz coriácea que ecoou por todos os trinta hectares do Monte. Alguns foram claros o bastante. Alguns apenas assobiaram vento. Todo mundo pôde entender bem.

— HOJE À NOITE, OS SEVENTEENS VIRÃO MATAR TODOS VOCÊS.

X X X

Os ex’s na jaula o encaravam. O anúncio deles ecoou pelos prédios. Mesmo alguns dos Seventeens pareciam estar abalados.

St. George soltou um longo suspiro esfumaçado pelas narinas.

— Nós não temos que lutar.

— Covarde — o ex gigante deu uma risadinha.

— Qual é o sentido de tudo isso?

— O sentido?

— Por que lutar? Por que a gente não trabalha juntos? Com seu poder, a gente podia ter limpado Los Angeles há meses. Por que vocês não se juntam à gente?

— Juntarmo-nos a vocês? — Mighty Joe franziu as sobrancelhas espessas e encarou o herói — Filho da puta, você não entende nada mesmo. Por que *vocês* não se juntam a *nós*?

St. George piscou. Um dedo imenso apontou em sua direção.

— Por que você acha que todos nós iríamos gostar de nos ajoelharmos e sermos suas putinhas? — continuou o monstro. — A vida é boa desde que você esteja no comando, né? Nós não nos ajoelhamos a ninguém, *pinche*. Somos *los Diecisiete*! SS para todo o sempre!

Os Seventeens rugiram.

E abriram fogo.

Rifles. Pistolas. Metralhadoras. Centenas de armas de fogo todas apontadas para ele.

St. George fechou os olhos e passou uma perna por cima do parapeito para se apoiar. Uma tempestade de balas ricocheteou em todo seu corpo. Acertaram cada centímetro dele. Sua pele ficou toda ondulada. Sentiu fisgadas por todos os músculos. Sua terceira jaqueta de couro em uma semana ficou aos frangalhos, sendo arrancada pelo vendaval de alto calibre que tentava arrastá-lo junto.

Mesmo abafados pelo tiroteio, ele pôde escutar os gritos. Civis eram bombardeados por projéteis de balas fumegantes enquanto tentavam tampar os ouvidos. Havia idosos e crianças na multidão. Estavam apavorados.

E a coisa só ia piorar para eles.

O herói ignorou as balas que o estapeavam e tomou fôlego. Inspirações curtas e rápidas preencheram cada centímetro de seus pulmões. Seu peito inflou e ele sentiu o chiado acalorado no fundo de sua garganta.

Levou alguns instantes até que a chuva cessasse. St. George abriu os olhos e mirou a rua. Percebeu o medo que sentiam do homem que tinha resistido a todas as suas balas. Os Seventeens puxavam novos cartuchos de seus cintos e bolsos enquanto os cartuchos vazios tilintavam em uma mar de bronze descartado ao chão.

St. George prendeu um último suspiro e cuspiu um cone de fogo rua abaixo. As labaredas chicotearam o asfalto e torvelinharam no ar. Ele girou a cabeça e deixou que as chamas banhassem toda a turba.

Não chegou a alcançá-los de fato. A labareda química avançava poucos metros telhado abaixo, extinguindo-se a uns cinco ou seis metros do solo. Ele não tinha pulmões para mais nada. Mas conseguiu manter as cabeças viradas para baixo por tempo suficiente para que saltasse ao outro lado da rua até o topo do prédio coberto de hera. Lançou outra cortina de fogo sobre o cruzamento e a multidão se dispersou um pouco. Alguns deles dispararam para o alto.

As chamas cessaram e os olhares o encontraram. Seu peito nu cintilava ao sol, acima do jeans escuro marcado de balas. O vento esvoaçava seus cabelos feito uma juba.

— Se vocês forem ao Monte — St. George urrou —, nós vamos lutar.

Ele se abaixou, sem nunca tirar os olhos da multidão, e arrancou com uma das mãos um pedaço do parapeito de tijolos. Segurou o que mais parecia uma bola de basquete bem acima de sua cabeça para que todos pudessem ver e então contraiu o punho, esmigalhando-o.

— Todos nós vamos lutar contra vocês. E não vamos dar pra trás.

O herói deixou que a poeira vermelha escorresse por entre seus dedos antes de se atirar pelos ares.



Cerberus saiu pisoteando pelas ruas do Monte e acionou seu microfone.

— O Portão Sun está caindo. As pessoas estão em pânico.

— E isso surpreende você?

A voz de Zzzap era cristalina se comparada aos alto-falantes do capacete dela.

— Só o nível a que chegou. Nós os mantivemos seguros por mais de um ano...

— E agora eles acham que não estão seguros. O que você tem feito por mim ultimamente, hein?

— Nada, aparentemente.

— Eu podia sair por aí e clarear um pouco as coisas.

— Não — a voz de Gorgon cortou. — A última coisa que precisamos

agora é que a energia acabe e todo mundo veja você voando por aí.

— É justo.

— Estou tentando acionar a equipe do gerador, mas, até que ele esteja instalado e funcionando, você fica onde está. Entendeu?

Cerberus acionou seu microfone:

— Quem colocou você no comando, por falar nisso?

— Eu mesmo. Algum de vocês prefere assumir, por acaso?

Um longo silêncio preencheu as ondas do rádio.

— Pois é, foi o que eu imaginei.

Ela tentou pensar em algo inteligente para responder e seus sensores de movimento enlouqueceram.

— Espere um minuto. Tem uma multidão grande aqui.

Uma multidão de umas dez famílias, casais e indivíduos se acotovelavam, desbravando caminho através das longas sombras na Third Street. Seus corpos estavam carregados de mochilas e sacolas de lona. Seus braços, cheios de pacotes e maletas. Um garotinho segurava uma caixa de transporte que se mexia e miava.

No modo discurso-público, a voz de Cerberus ecoava pela rua:

— Mantenham todos a calma — ela bradou. — Não há motivo para pânico, não há necessidade de pressa. Acalmem-se.

Ela retornou ao volume normal e destacou um sujeito quarentão com um anel de cabelos negros ao redor da careca. Um *expert* em efeitos especiais, que acabou se tornando um técnico de manutenção no Monte.

— Aonde você pensa que está indo, Henry?

Quem estava por perto em meio à multidão parou para ver com quem ela estava falando e ele a encarou, erguendo a cabeça.

— Nós somos prisioneiros aqui, por acaso? Eu tenho mesmo que responder?

Ela sacudiu sua cabeça blindada.

— Claro que não. Você é livre para ir aonde quiser.

— Pode apostar que eu sou. — Ele puxou sua esposa e seu filho para perto de si. — E nós queremos dar o fora daqui. É o que todos nós

queremos.

A multidão murmurava e gania em concordância.

— Eu entendo — Cerberus interrompeu. — Eu só acho que vocês devem recuar e pensar por um minuto.

— Não nos diga o que fazer!

— Eu só estou dizendo para vocês pararem e pensarem, só isso — a titã disse. Algumas piscadelas elevaram o volume dos alto-falantes em três decibéis — Tratem todos de se acalmar, parar por um minuto e refletir. Sim, o que aconteceu há pouco foi assustador que nem o inferno. Eu também não estou entendendo nada e também estou com medo. Os Seventeens estão chegando e vai haver uma luta. Uma das grandes.

— Mais uma razão pra não estarmos aqui — o técnico rebateu. Ele tentou passar por ela e foi impedido por uma mão duas vezes maior do que uma calota de carro.

— Ah, por favor — ela zombou —, como vocês podem estar mais seguros do lado de fora do Monte, Henry? Aqui vocês têm guardas, iluminação e muralhas. Lá fora, o sol está se pondo e há cinco milhões de ex's esperando para comer vocês.

Algumas pessoas mais próximas a ela se mostraram hesitantes. Metade da multidão parou para escutar.

— É isso mesmo. Eles vão comer vocês — ela repetiu, mantendo o olhar de sua armadura fixo em Henry e ignorando as dezenas de famílias em torno deles. — No instante em que vocês passarem por aquele portão, eles vão dilacerar sua carne dos ossos com os dentes e os dedos. Eles vão destroçar você, sua esposa e seu filho em questão de minutos.

A multidão estremeceu como um todo. Henry se virou em busca dos olhos de sua esposa.

— Isso, se você tiver sorte — ela continuou. — Se não, você pode sobreviver e chegar a vê-los se transformarem um por um. E então você vai ter que esmagar suas cabeças ou enfiar uma bala em seus cérebros ou simplesmente deixá-los matar você...

— Cala a boca! — uma mulher gritou. — Só cala essa boca. — Um burburinho carregado de tensão se alastrou pela multidão.

Alguns decibéis a mais:

— Eu também não gosto disso, mas todos nós sabemos que é verdade. É fácil esquecer porque temos uma vida aqui, mas lá fora ainda é um inferno.

A armadura recuou alguns passos, provocando estrondos ao pisotear os paralelepípedos. Ela aumentou novamente o volume, quase atingindo o limite aceitável da pressão sonora.

— Se alguém quiser partir, eu o acompanho até o Portão Melrose agora mesmo. Vou tentar proteger quem eu puder quando vocês passarem pelo portão, mas minha prioridade tem que ser as pessoas do lado de dentro das muralhas. Vocês todos sabem disso.

Alguns deles levaram os olhos ao portão. Todos conseguiam enxergá-lo de onde estavam. Nenhum deles se moveu.

Henry se deu conta de que serviria de exemplo aos demais, e ela sentiu uma onda de simpatia por ele. Ele a odiava por saber que ela tinha razão. Levaria meses até que fosse capaz de superar aquilo. Se é que ele estaria vivo dali a alguns meses.

— O que devemos fazer, então? — ele resmungou.

— Ir para casa — Cerberus disse. — Vedem os estúdios, igual a como sempre planejamos. Quem quer que possa lutar, eu tenho certeza que será bem-vindo e necessário, mas é mais importante permanecer em casa e proteger suas famílias.

Ela recuou mais alguns passos e os últimos raios de sol reluziram em sua armadura.

— E, pelo amor de Deus, tentem todos manter a calma — acrescentou. — Essa noite vai ser ruim o bastante sem um motim dentro das muralhas, ok?

X X X

Stealth já tinha percorrido quase um quilômetro. Ela corria através dos telhados, atirava-se sobre os becos e despachava qualquer ex em seu caminho com um golpe selvagem. Quando St. George a alcançou, ela estava em disparada pela Doheny Drive com seu capuz recolhido por

cima dos ombros. Ele desceu, agarrou-a pelos ombros e saltou de volta aos telhados.

— Tudo bem?

— Eu estou bem — ela disse, esbaforida. Inspirou profundamente três vezes, reestabelecendo o fôlego, e puxou o capuz de volta no lugar — Você está machucado.

Ele passou os olhos por seu próprio corpo. Manchas roxas e avermelhadas tinham desabrochado por toda sua pele. E a maior parte de suas calças tinha se desintegrado.

— Você percebe que eu estou machucado antes de perceber que eu estou quase pelado?

— Eu já tinha visto homens nus antes. Mas nunca vi você machucado.

— Pois é, quer dizer, a coisa precisa estar feia pra valer para que eu acabe me machucando.

— Você está bem mesmo?

— Estou, estou sim, acho que sim — ele olhou para ela, escondida pela sombra do capuz. — Desde quando você se importa de verdade?

— É claro que eu me importo — ela disse. — Você é um bem precioso.

— Essa bajulação toda ainda vai levá-la longe.

Ela ergueu os olhos ao céu.

— Temos menos de meia hora até escurecer.

St. George sacudiu a cabeça e fez um gesto para que ela descansasse.

— Não se preocupe. Temos uma boa vantagem. Mesmo que eles estivessem prontos pra marchar, não seriam capazes de atravessar a cidade tão rápido.

Ela o encarou:

— Se ele podia controlar o ex em nossas celas a partir de Century City, que tipo de alcance isso indica ter?

Um mapa de Los Angeles pipocou na mente dele, marcado por um grande círculo vermelho.

— Droga.

Ela apontou para a rua logo abaixo deles. Os ex’s em polvorosa ainda estavam todos se arrastando e cambaleando, mas havia um certo ritmo em seus movimentos. Eles perambulavam rumo ao norte.

— O exército dele já está no Monte — ela disse. — Você deve seguir adiante sem mim.

— De jeito nenhum. A gente vai junto.

— Eu posso me defender sem você.

— Talvez. Mas o Monte não pode se dar ao luxo de perder você tampouco. — Ele estendeu a mão. — Você também é um bem muito precioso.

Ela o olhou por um instante com a cabeça levemente inclinada, traduzindo bem o que se passava dentro dela. Em seguida, agarrou suas mãos.

St. George saltou pelos ares, arrastando-a consigo. Jogou o braço e Stealth saiu voando até pousar no telhado do outro lado da rua. Ela seguiu correndo e ele foi pairando logo atrás.

X X X

Gorgon estava entre Christian Nguyen e os caminhões. Christian estava entre ele e a multidão. Harry, o motorista, estava logo à sua esquerda; Diamint, à sua direita; e quase duzentas pessoas atrás dela.

— Você não pode dizer pra gente o que fazer — ela retrucou. — Ninguém elegeu você representante de nada. Ninguém votou em você. Se a gente quiser sair, você não tem autoridade nenhuma pra impedir.

— Não tenho — ele concordou. — Mas tenho a responsabilidade de mantê-los em segurança. Mesmo se vocês não quiserem.

Ela soltou uma risada.

— Todo mundo aqui conhece bem a ideia de segurança que vocês têm — ela caçoou. — A gente está cercado de monstros e uma pessoa morre toda semana.

— E você acha que existe algum lugar melhor lá fora? Você acha que Burbank está tranquila e nós estamos só mantendo isso em segredo?

— Isso é o que a gente vai descobrir — Diamint disse. — Ninguém aqui veio pra morrer.

— Ninguém vai morrer!

— Os Seventeens são todos ex's agora!

— A gente devia estar a salvo — uma mulher berrou. — St. George disse que seria seguro aqui.

— Vocês estão seguros — Gorgon bradou.

— O Monte já está cercado!

— Vocês não enganam ninguém — Chistian gritou. — A gente é só bucha de canhão pra vocês. Vocês vão usar a gente pra encobrir sua própria fuga! Vocês vão deixar a gente aqui pra morrer!

A multidão se aglomerou e se tornou uma turba.

— A gente vai levar os caminhões. Tá decidido.

O motorista grandalhão se aproximou com os punhos cerrados. Gorgon levantou um dedo em sinal de advertência.

— Nem tente isso, Harry.

Harry tentou e acabou de costas no chão com o nariz sangrando. Um sujeito loiro saiu correndo em direção aos caminhões e Gorgon o arremessou com um tabefe de volta à multidão. Alguém mais ao fundo ergueu uma pistola.

— Você não pode impedir todo mundo — Christian disse gritando, e seu rosto despencou enquanto as palavras saíam de sua boca.

As irises dos óculos de proteção se abriram e assim permaneceram. Sentiu dezenas e mais dezenas de olhares presos ao dele. Toda aquela energia recaiu sobre ele como uma onda, cada músculo de seu corpo se contraiu e seus nervos pareciam levar alfinetadas como se estivessem em repouso por dias.

Nível seis, ele pensou. Nível seis redondo.

Mais de setenta pessoas desabaram. Suas pernas se dobraram, seus pescoços ficaram pensos e eles caíram com os olhos ainda fixos nos dele. Sentiu certo prazer ao ver que Christian era um deles. Ela ficaria com um senhor hematoma no canto da cabeça.

— Tem muita coisa acontecendo pra que fiquemos discutindo isso

agora — ele gritou. As lentes se fecharam. — Todos vocês precisam voltar pra suas casas e se certificar de que os prédios estejam seguros. Aqueles que ainda conseguem andar devem ajudar aqueles que não conseguem mais.

Os olhares deles se voltaram aos céus e um murmúrio percorreu a multidão.

St. George aterrissou na calçada. Não fosse pela calça jeans esfarrapada, ele estaria praticamente nu, e era óbvio que esperava que ninguém notasse. Sua pele exposta estava coberta de hematomas e contusões.

O herói olhou para Gorgon, mas falou à multidão:

— O que está acontecendo?

— Só estava tentando explicar pra esse povo que você voltaria de sua missão o quanto antes.

— E havia alguma dúvida quanto a isso?

— Havia — bem baixinho, Gorgon acrescentou. — Está parecendo que chutaram bonito seu traseiro.

St. George ergueu as sobrancelhas em sinal de concordância e se voltou à multidão. Seus olhos passeavam por entre as pessoas caídas no chão e aquelas ainda de pé.

— Gorgon tem razão. Todo mundo precisa manter a calma — ele disse. — Tenho certeza de que as coisas ficaram meio assustadoras por aqui, mas isso só vai piorar se todo mundo resolver entrar em pânico e começar a fazer coisas malucas.

Um grito surgiu do fundo da multidão:

— Os ex’s estão falando!

O que desencadeou uma onda de clamores e questionamentos.

— Mas os Seventeens...

— Como eles estão...

— Os ex’s disseram...

— E se eles...

St. George ergueu as mãos e assim permaneceu até que eles se acalmassem.

— Eu sei que tem um monte de coisas assustadoras acontecendo — ele disse. — Mas vocês têm que acreditar em mim. Não existe lugar nessa cidade mais seguro do que aqui e agora.

Stealth surgiu em meio às sombras por trás de alguns civis, e eles todos berraram.

— St. George está dizendo a verdade — ela disse. — Voltem pra suas casas, protejam seus entes queridos e deixem que nós protejamos todos vocês.

A turba era então apenas uma multidão, e a multidão se dispersou. As pessoas ajudaram as vítimas de Gorgon a ficarem de pé e carregaram as que não conseguiam andar.

— Certifiquem-se de que todas as entradas dos estúdios estejam bloqueadas — St. George bradou. Ele ajudou Christian a se levantar e ignorou o olhar hesitante que ela lhe lançou. — Hoje à noite, vocês estão dentro ou estão fora, pessoal.

À medida que iam se dissipando, Stealth puxou a câmera de seu cinto de utilidades e acessou uma fotografia. St. George vislumbrou a imagem do ex monstruoso, nítida o suficiente para mostrar a cruz tatuada em sua cabeça.

— Essa criatura parece ter algum tipo de história com você — ela disse a Gorgon, entregando-lhe a câmera. — Ele mencionou seu nome várias vezes.

Gorgon examinou o rosto distorcido por um breve momento e um sorriso sombrio se formou sob os óculos de proteção.

— Bem, raios. Acho que ele encontrou seus raios gama, afinal.

— Você o conhece?

— Sim — ele entregou a câmera de volta. — Esse, meus amigos, é Rodney Casares, quem dá as cartas na SS. Rancores antigos sempre voltam à tona.

St. George deu uma espiada na foto novamente antes que o visor da câmera escurecesse.

— Era pra isso que você queria voltar aqui?

— Não — ela disse. — Isso foi só uma confirmação. Gorgon, convoque todos os guardas, batedores e voluntários que puder. Distribua

munição extra e prepare as muralhas pra um ataque em massa. Em seguida, encontre-nos no saguão do Roddenberry em quinze minutos.

Ela fez um sinal para que St. George a acompanhasse.

X X X

Josh Garcetti verificou seu último paciente, um caso de apendicite. Ela tinha vindo por conta própria, ele extirpou o órgão lesionado e ela então estava dormindo. Seus pontos estavam limpos e bem apertados, sem vazamento de sangue algum. Ele tentou não pensar no fato de que, em outros tempos, ele teria sido capaz de curá-la sem uma única incisão.

Fez algumas anotações rápidas em seu histórico médico, dirigiu-se ao posto de enfermagem e fez outra série de anotações no registro noturno. Então voltou-se aos armários e se viu a centímetros de Stealth.

Ele tropeçou para trás, e o movimento brusco fez sua mão atrofiada saltar de seu bolso.

— Deus do céu — ele exclamou. — Você tem que aparecer do nada desse jeito?

A mulher encapuzada não disse nada.

O som de passos fez com que ele se virasse, e St. George apareceu no corredor. Ele estava com o peito descoberto e cheio de hematomas.

— George — Josh disse, com um aceno de cabeça. — O que aconteceu com você? O que diabos está acontecendo?

— Quando estávamos discutindo sobre a missão de reconhecimento — Stealth disse. — Você disse que o vírus estava pairando sobre você fazia dois anos. Você foi mordido há menos de quinze meses.

Ele piscou duas vezes e, então, uma terceira vez.

— Só isso? Parece que foi há bem mais tempo. Desculpa, eu não tenho uma memória de computador como você. — Ele deu de ombros e colocou sua mão morta de volta no bolso. — Isso é tudo? O sr. Willis adoraria tomar alguns Vicodin pra que possa dormir em paz.

Os pés dela se deslocaram e ela ficou entre Josh e os armários. Ele suspirou e apontou para uma fileira de vidrinhos.

— Você se importa?

— O primeiro avistamento categórico de um ex-humano — ela continuou — foi há vinte e dois meses. Uma mulher não identificada atacou um grupo de Seventeens em um estacionamento. O ataque que infectou Rodney Casares.

Josh deu de ombros novamente, mas seus olhos encolerizados se alternavam entre os dois heróis. St. George percebeu que o punho dele tinha se cerrado.

Stealth ainda não tinha se movido. Ela estava tensa, mas maleável. Confiante.

— Sua esposa morreu há dois anos, não foi, Regenerator?

O olhar do médico se cravou no dela, ainda que seus ombros decaíssem, e St. George sentiu seu estômago revirar.



Eles vão me matar por isso.

Eu era um dos heróis mais importantes da costa oeste.

No início, eu era o Immortal, o homem que não podia ser morto. Um ordinário Jack Harkness, pra vocês que assistem à BBC America. Eu já fui baleado, esfaqueado, surrado, massacrado, empalado e até eviscerado. E nem sequer tenho cicatrizes.

Tudo o que fui, tudo o que sou hoje, devo a Meredith. Ela foi o amor da minha vida. As pessoas falam essas merdas o tempo todo, eu sei, mas simplesmente não existe outra forma de explicar. Eu acreditei estar apaixonado duas vezes na faculdade: na primeira, por uma aluna de intercâmbio, e depois por ter acabado confundindo sexo fenomenal com amor. Certa vez, aos meus vinte e poucos anos, quis estar apaixonado, quis muito fazer uma mulher feliz, mas não consegui. O amor não estava lá. Não antes da Meredith.

Por mais idiota e clichê que possa soar pra Hollywood, nós nos conhecemos na festa de encerramento de um filme. Um trabalho de baixo orçamento do Sci-Fi Channel. Ela namorava um assistente de produção. Eu estava com uma maquiadora. Desde o primeiro momento em que a avistei, não pude tirar meus olhos dela. Cabelos negros, olhos azuis e um par de brincos descombinados. Ela tinha perdido um de cada par e, então, resolveu juntar os dois que restaram. Começamos a conversar no bar, papeamos a noite toda e demos perdido em ambos os nossos acompanhantes. Em um mês, estávamos solteiros. Dois meses depois disso, estávamos juntos.

E passados dois anos, ela morreu.

Mas não foi bem assim. Teve muito mais. Encontrar uma casa que nós dois gostássemos próximo a Beverly Hills. Comprar os móveis. Ensinar a ela como dirigir um carro manual. Salvar dois gatinhos de rua que chamamos de Lewis e Clarke. Pedi-la em casamento durante uma aula de bocha.

E enfim veio o estranho desenvolvimento dos meus superpoderes.

Meredith também me ajudou com isso. Ela estava presente em todos os momentos. Da primeira vez, enquanto escorríamos macarrão, acreditamos ser mera sorte o fato de a água fervente não ter deixado bolhas ou queimaduras. E então foi o copo quebrado que devia ter talhado minha mão, mas deixou apenas um corte na manga da minha camisa.

Mas claro que não pudemos ignorar o rapaz de bandana verde que esfaqueou meu abdômen. Hoje, sei que ele era um Seventeen. Naquela época, porém, foi apenas o moleque que fez Meredith gritar ao tentar me matar.

Tínhamos acabado de assistir ao Eddie Izzard no Wiltern e caminhávamos até o carro, alguns quarteirões subindo a Oxford. Ela nunca gostou de parar o carro em estacionamentos, dizia que era roubada. O jovem agarrou o braço dela, gritou pela minha carteira, torceu seu braço e ela gritou. Eu o ataquei e o esmurrei até ele perder a consciência. E foi só aí que eu notei que tinha sido esfaqueado seis vezes durante a briga. Seis furos ensanguentados em minha camisa, mas nem sequer uma marca em meu corpo.

Quando vimos os noticiários sobre Mighty Dragon, Blockbuster, Zzzap e todo o resto, nós sabíamos o que tínhamos que fazer. Meredith comprou um uniforme completo de motociclista pra mim e costurou um logo nele. Por meses, fui o Immortal, o homem que não podia ser morto. Fui atingido por carros e rajadas de espingardas. Joguei-me do alto de prédios. Certa noite, após um tiroteio entre gangues, ao chegar em casa retirei vinte e três balas de dentro de mim.

E foi então que fizemos outra descoberta.

Mer se machucou com uma faca de cozinha ao cortar brócolis. Nada alarmante, talvez um ponto ou dois. Nós rimos; isso acabaria acontecendo cedo ou tarde, ela era muito desastrada. Eu segurei seu dedo e senti um formigamento, como se meus poderes estivessem fluindo, e ela suspirou ao ver o corte se fechar. A pele se vedou por completo, sem nem uma ruga sequer.

Um médico residente capaz de curar com o toque. Meu ibope no hospital foi lá pra cima. Minha fama perante a polícia e os outros super-heróis também. Em um mês, meu codinome passou a ser Regenerator.

Acabei me unindo a quase todos os heróis em algum momento. Midknight. O Mighty Dragon. Cairax. Até mesmo a polícia, em alguns impasses. Eu era o apoio irrevogável. Comigo pra amparar, jamais alguém falharia. Ora, comigo todo mundo era imortal.

E, então, com tudo isso acontecendo, *então* ela morreu.

Foi algo estúpido. Uma forma estúpida de morrer. Ela estava se sentindo segura. Tão segura... Não foi justo. É isso que importa lembrar. Não foi justo ela ter sido levada de mim dessa maneira. É isso que eles precisam compreender. O que aconteceu não foi justo, então eu não fiz nada de errado.

Um dedo quebrado. Ela morreu por causa de um dedo quebrado. Esmagado em uma porta de carro, rasgou a pele, sangramento intenso. Se eu não estivesse fora, bancando o herói, poderia tê-la curado em dez segundos. Ao invés disso, os vizinhos chamaram uma ambulância e a mandaram correndo pro hospital.

E, ao chegar lá, a equipe médica da emergência se enganou em um teste e acabou dando-lhe o tipo sanguíneo errado. Ela era A negativo, e algum enfermeiro idiota leu a listagem de forma errada e deu-lhe sangue

com Rh positivo. Sangue que deveria ter sido exonerado de seus bancos de sangue, pois estava infectado por hepatite B. A mistura de sintomas confundiu a equipe, que seguiu bombeando o sangue envenenado e dando a ela remédios pra tratar de diagnósticos equivocados. A probabilidade de isso acontecer é uma em um milhão. Isso eu sei. Dois erros horrorosos e inacreditáveis que caíram no colo de uma só pessoa. Como alguém da medicina, eu sei e entendo o porquê de tanta afobação. Diabos, qualquer um que assista a *House* entende por que estavam afobados.

Ainda assim, não foi justo. Não foi certo.

Meredith morreu agonizando no momento em que cheguei em casa e fui informado pelos vizinhos que ela tinha sido levada pro hospital por uma besteira. E então fiz o que qualquer outra pessoa faria. O que qualquer um com habilidades especiais teria feito.

Não demorou muito pra que eu conseguisse reivindicar seu corpo. O hospital sabia o tamanho da cagada que tinham feito e estavam dispostos a concordar com qualquer proposta. Eu falei sobre crenças e religião e me permitiram sair pela porta da frente com seu corpo. Mantive minhas mãos nela o tempo todo, emanando vida aos seus nervos, às suas fibras, a cada uma das células em seu corpo.

Meu poder me permitiu ver o que tinha dado errado. Permitiu que eu a penetrasse na tentativa de curá-la. Mas era tanta coisa que precisava acontecer. Mais do que eu seria capaz de fazer. Tive de reconstruí-la, redesenhá-la, pra que ela pudesse ser capaz de se curar. Torcer suas células sanguíneas pra que elas renovassem seu sistema nervoso, a reabastecessem e a fizessem superar o problema. Pra que se multiplicassem mais rápido. Pra que se tornassem mais fortes. Unidas. Mais agressivas.

Como um vírus.

Dezesseis horas depois que chegamos em casa, seus olhos palpitaram. Uma hora depois disso, sua mão se contraiu. Acabei desmaiando de pura exaustão após quarenta e duas horas forçando toda minha energia nela, mas não antes de ver sua boca se mexer e ouvir seu corpo se movimentar.

Eu dormi por trinta horas.

Não era ela. Pude notar isso assim que acordei. Era apenas uma coisa, ainda amarrada à maca. Seus olhos estavam estranhos. Insípidos. Meredith tinha partido. Morta. Eu tinha ressuscitado apenas seu corpo, uma espécie de máquina sustentada por superpoderes, com sua boca estalando em minha direção. Eu deveria tê-la destruído, mas não consegui.

Aquela coisa tinha seu rosto.

Todas as manhãs, eu tinha a esperança de que seus olhos tivessem voltado ao normal, que sua pele estivesse morna. Mas nunca estava.

Fiz um funeral com o caixão vazio. Fui pro trabalho. Saí pra patrulhar. Saí pra me consolar. Por toda a parte, as pessoas me diziam o quanto estavam sentidas pela minha perda e me asseguravam que as coisas melhorariam se eu desse tempo ao tempo. Era apenas disso que eu precisava, tempo. E então eu ia pra casa e dava de comer à coisa que um dia fora minha esposa.

Certo dia, depois de seis semanas disso, cheguei em casa e ela tinha sumido. A sra. Halifaz, nossa vizinha, estava morta no chão da sala de jantar. Ela tinha uma chave caso precisasse alimentar os gatos. Havia uma caçarola próxima à sua mão direita, que estava a uns dois metros de seu corpo, junto com o resto do braço mastigado. Ela estava destripada e bem comida, pelo visto.

Liguei pra polícia. Acho que foi aí que a negação apareceu. Tinha passado o tempo todo trabalhando e dezenas de pessoas poderiam atestar isso por mim. Não havia provas, logo eu não poderia ter feito nada. Nada além de uma maca vazia na sala que facilmente seria justificada por um doutor de luto.

Eu não fiz nada de errado. A polícia concordou comigo.

Naquele sábado, escutei alguma coisa sobre a mulher que teria atacado alguns Seventeens na porta de um cinema. A mulher que teria arranhado, mordido e comido uma orelha. O Channel 7 informou que meteram mais de vinte balas nela antes que ela parasse.

Eles levaram o corpo pro nosso necrotério. O rosto tinha sumido. Grande parte de sua mão esquerda tinha sido mutilada pelos tiros. Mas ainda tinha o cabelo de Meredith e a pequena cicatriz abaixo de seu seio direito.

Certifiquei-me de que ela permanecesse não identificada.

Duas semanas depois, ouvi dizer algo sobre outro ataque. Nove dias depois disso, Mighty Dragon me contou que Stealth tinha chamado Zzzap pra ajudá-la a vasculhar a cidade atrás de “algum tipo de infecção”. Ao fim do mês, tivemos uma revolta. No mês seguinte, já era uma guerra.

E então a guerra terminou. E Meredith ainda está morta. E meus poderes terminaram. E a maior parte do mundo está perdida. Eles vão acabar descobrindo. Eu tento atrasar os testes, contaminar as amostras, corromper os dados. Faço o que posso. Julie Connolly é uma mulher esperta. Muito esperta. Se o mundo não tivesse desmoronado, ela já seria uma das médicas mais respeitadas por aí, sem dúvida. Eu acho que ela tem suas suspeitas. Ainda não sabe por que estou fazendo corpo mole, não é capaz de acreditar na possibilidade de que eu esteja sabotando os resultados. Mas há uma inquietação no fundo de seus pensamentos. Eu vejo isso nos olhos dela.

Eles vão acabar descobrindo. E, quando souberem, vão me matar.



Gorgon acertou um soco no estômago de Josh novamente. O médico foi lançado contra a parede com suas algemas tintilando enquanto ele afundava no piso do saguão.

— Vocês têm que entender — ele disse, tossindo. — Eu não... minha cabeça não estava funcionando muito bem. Você já perdeu alguém que amava?

— Já sim — Gorgon rosnou.

Eles permaneceram no saguão do Roddenberry, o mais próximo que Cerberus poderia chegar do escritório de Stealth. Do jeito que estava, com o traje de combate se apoiando em um dos joelhos, sua cabeça já batia no teto. Zzzap pairava pelas redondezas, iluminando o saguão completamente ao passar carbonizando o teto.

Josh tossiu novamente.

— E o que você faria, Nick? — ele perguntou. — Se você pudesse

trazer Kathy de volta agora, se tivesse esse poder, você não o usaria? Não tentaria?

Os óculos de proteção se voltaram ao chão.

— Eu fiz o que qualquer um de vocês teria feito — ele disse. — George, você não teria tentado salvar uma pessoa se tivesse esse poder? Eu tentei salvar a mulher que amava e... cometi um erro. Só isso. Apenas um erro.

— Você matou o mundo todo — Stealth disse. — Bilhões de pessoas estão mortas pelo que você fez.

— Eu não fiz nada errado!

St. George permanecia parado em um canto, ainda com o peito descoberto, massageando a cabeça com ambas as mãos.

— E agora?

— O que você quer dizer?

Ele lançou um olhar a Josh.

— O que a gente vai fazer com ele? Isso é... Deus do céu, isso é sério. É um crime de guerra dos mais graves.

— Ele faz o Hitler parecer um santo — Gorgon murmurou.

— Será que a gente conta pro resto? Trancafiamos ele pra sempre? Será que... — a voz de St. George foi sumindo.

— Eu acho que não estamos percebendo a grande sacada aqui.

Todos olharam para Cerberus.

— Foi você quem começou isso tudo. Você consegue parar?

Josh se voltou a ela.

— O quê?

— Isso tudo foi gerado pelos seus poderes. Você consegue desfazer o que fez?

— Não — ele sacudiu a cabeça. — Não, é claro que não. Não posso descurar uma pessoa. Você acha que eu já não teria feito isso há anos se eu pudesse?

Mas isso não é propriamente curar, Zzzap disse. Isso é... só anormal.

— Anormal — o médico rebateu, rindo. — Você é um reator de fusão

ambulante. Porra, o George é à prova de balas. Nick é um vampiro, pelo amor de Deus. E você está dizendo que eu fiz uma coisa anormal?

Gorgon ainda encarava o chão.

— Isso está vinculado a você?

— O quê?

— Você criou todas essa coisas com seu poder. Mesmo não podendo acabar com elas, elas ainda estão ligadas a você de alguma maneira?

Josh deu de ombros.

— Não sei. Talvez?

— Existe uma maneira simples de descobrir — Stealth disse.

Era a cena de um faroeste. Ela puxou sua Glock tão rápido, feito uma artista de bangue-bangue, que não houve tempo de impedi-la. A testa de Josh explodiu antes mesmo que alguém notasse que ela tinha sacado a arma. St. George estava levantando seu braço quando os olhos do médico se afundaram em seu crânio. Josh tropeçou para trás e acertou a parede. Jorrou sangue de sua boca e pela massa disforme que costumava ser seu nariz.

— Que PORRA é essa!?! — O grito de St. George se sobressaiu ao eco do terceiro tiro.

Stealth o encarou enquanto guardava sua pistola, e sua voz quase soou confusa.

— Parecia ser a solução mais simples para os nossos problemas.

— Sabe, toda vez que penso que talvez exista alguma coisa de humano por debaixo dessa máscara, você vai e...

Josh sentou e deu uma respirada trêmula e profunda. Ai meu Deus, Zzzap disse. Stealth já tinha sacado sua pistola de novo. Os olhos de Josh tremulavam para cima e para baixo. As pupilas encolheram, focadas em Stealth. O buraco sanguento se intumesceu, preencheu-se de volta e fechou. Seu nariz se regenerou. O médico se levantou meio sem jeito, com as mãos tremendo ao apalpar a parte de trás de sua cabeça.

Cerberus emitiu um som que mais pareceu um chiado de estática. Houve um barulho áspero e abafado enquanto seu crânio se reintegrava e seu nariz se recompunha. Ele cuspiu sangue junto com um dente que

já tinha renascido em sua boca.

— Ah, fala sério — Josh bufou. — Depois de tudo que já passei, você acha que algumas balas vão me derrubar? Acha que eu já não tentei isso?

St. George o encarou.

— Você disse que seus poderes tinham sumido.

— Eu já não consigo curar outra pessoa — o médico disse. — Mal consigo me curar. Mas eles me mantêm vivo. Pode acreditar, eu estou tentando isso faz mais de um ano. Continuo aqui, queira ou não. — Ele os encarou com olhos vermelhos de raiva.

— Decidiremos o que fazer com ele depois, então — Stealth disse. — Gorgon.

Os óculos de proteção se abriram e seu olhar paralisou o médico. Josh não tentou desviar o olhar. Ele se encolheu no chão enquanto Gorgon sugava a vida de dentro dele. O medico começou a se contorcer no carpete.

— Basta — St. George disse.

Josh teve mais alguns espasmos até que seus olhos se fecharam. Gorgon chutou a cabeça do sujeito caído.

— Só pra ter certeza.

St. George lhe lançou um olhar enfurecido antes de se voltar a Stealth.

— E então, qual é a situação?

Ela jogou uma planta do Monte no piso do saguão e se agachou ao lado dele.

— As muralhas continuam seguras, as cercas estão todas reforçadas, então os pontos mais vulneráveis a ataques são os portões Melrose, Bronson e North Gower.

— E quanto a Van Ness ou Marathon?

— Ficam muito ao leste pra um grande ataque. Podemos enviar unidades de guarda pra lá. Caso os Seventeens tenham feito algum tipo de reconhecimento da área, saberão que Marathon está vedado.

— Bem como o Portão Bronson.

— Vedado pra ex’s comuns. Se eles estiverem sendo liderados por

Casares, devemos presumir que serão mais espertos e terão mais recursos. É o portão mais próximo depois do Melrose, a cerca é baixa e é um alvo tentador.

— Ainda assim, eu gostaria de ver algumas pessoas a mais em Van Ness — Gorgon disse.

— Você duvida da minha estratégia?

— Eu duvido que Rodney vá se aproximar com tanta estratégia quanto você. Ele é meio idiota, se você parar pra pensar.

— Eu estava levando em consideração a falta de treinamento formal dele.

Cerberus apontou um dedo grosso e metálico em direção ao norte do estúdio:

— Por acaso estamos nos preocupando com o Hollywood Forever?

Por dentro de seu capuz, a cabeça de Stealth sacudiu:

— A altura dos muros por si só nos protege por lá. Temos alguns guardas ao longo da muralha.

Gorgon tamborilou um dedo no mapa:

— Se formos por esse caminho, temos homens suficientes pra uns quarenta, talvez quarenta e cinco guardas pra cada um desses portões — Gorgon afirmou, apontando para a planta.

Só isso?

— Não temos um exército. Droga, mal temos uma milícia — Gordon respondeu, dando de ombros.

A armadura endireitou a postura o tanto que pôde:

— Quantas armas nós temos? Podemos solicitar mais alguns voluntários.

— Talvez mais uns cem rifles em boas condições — Gorgon afirmou. — Se conseguirmos pessoal, poderemos usá-los.

Eu não acho que a gente precisa se preocupar tanto assim com os ex’s, Zzzap disse. Todos olharam para ele.

— E por que não?

Bem, tudo o que a gente já viu esse cara fazer ou foi individualmente ou em grupos que agem da mesma forma, certo?

Stealth concordou.

Aposto que ele ainda tem um cérebro humano, a aparição disse. Ou uma mente humana, pelo menos. Não acredito que ele seja capaz de controlar muitos ex's individualmente. É muita entrada e saída de informações pra que ele consiga controlar. É como jogar um videogame de RTS. Você pode controlar uma unidade ou pode clicar em uma porção de unidades e fazer com que todos façam a mesma coisa. Mas é impossível controlar mais do que dois ou três pra que executem funções específicas.

— Ele por acaso precisa fazer isso? — Gorgon deu de ombros. — Eles derrubam um portão e os ex's simplesmente fazem o que ele quiser, de um jeito ou de outro.

Tudo bem, mas eu acho que a gente não deve perder tempo com algo tão elaborado. Ele provavelmente vai direcioná-los ao local onde vão poder causar mais estragos e não vai passar disso.

— É uma boa possibilidade — Stealth disse. — Isso torna a divisão de nossas forças-tarefas ainda mais vantajosa. Casares terá que dividir sua atenção pra lidar com todos nós.

St. George concordou:

— Se a gente conseguir desnorteá-lo diante de frentes múltiplas, ele não vai ser capaz de manter o foco.

— Correto. Sabemos que ele tem Cairax como trunfo. Aquele demônio ainda é mais forte e veloz do que os humanos mesmo sendo um ex, e é também à prova de fogo e balas. Existe a probabilidade de que ele concentre sua atenção nisso. — Stealth se voltou a Gorgon. — No entanto, seu foco primordial parece ser capturar você. Nós dois vamos ficar no Portão Melrose. Provavelmente será o principal ponto de ataque e onde ele estará.

Gorgon concordou:

— Posso ser a isca. Barry? — A silhueta incandescente se virou a ele. — Lembre-me de bater uma bola com você depois. Eu já tinha pensado nisso faz algum tempo, mas me pareceu estranho tocar no assunto a menos que fosse necessário.

— St. George, você poderá monitorar a área entre Bronson e Van

Ness — Stealth prosseguiu. — É uma área maior, mas você é o mais versátil entre nós. Mantenha-se alerto quanto a Cairax também. Cerberus e Zzzap, vocês guardarão o Portão North Gower. Se as condições estiverem favoráveis, Zzzap poderá oferecer apoio a outros focos de crise. Cerberus?

— Sim?

— Acho que chegou a hora de nós finalmente te rearmarmos.

Danielle sorriu por dentro de sua armadura. — Até que enfim.

X X X

O Portão North Gower estava tão preparado quanto o Portão Melrose. Uma camionete tinha sido tombada contra a cerca retrátil para obstruir um dos lados e uma outra servia de apoio para manter a primeira no lugar. A outra metade do portão estava aberta caso precisassem de uma saída.

Os mortos-vivos lotavam as ruas até onde os olhos podiam ver em todas as direções. Eles preenchiam cada centímetro da avenida que cruzava a Gower e todo o primeiro andar do estacionamento. Dezenas e mais dezenas de ex's se esticavam, desferindo suas garras por entre as barras dos portões. Jovens e velhos, homens e mulheres, fresquinhos e aos pedaços. No local onde estavam as camionetes, eles se debatiam contra as paredes de fibra de vidro com as palmas das mãos abertas. O som era como o de um enorme tambor.

— Isso vai acabar me dando nos nervos — Cerberus disse. Ela mudou de posição e os sensores de sua armadura restabeleceram dezenas de novos alvos. Afinal, dessa vez, os canhões M-2s pesavam em seus ombros.

Zzzap pairou sobre ela, iluminando o portão até a Twelfth Street.

Podia ser pior, ele disse, Já imaginou se eles todos gemessem como nos filmes?

Do alto da torre de guarda, Lady Bee zombou:

— Você não sabe mesmo quando calar a boca, né, quentinho?

O que foi? Só estou falando que, normalmente, os cercos...

— Pare de falar — o traje de combate disse. — Apenas pare.

Uma fileira de vinte guardas estava posicionada próxima ao portão, todos com seus rifles pendurados nos ombros. Como se fossem um só, deram um passo adiante e investiram suas lanças e arpões através das barras do portão. Os mortos se endureciam quando seus crânios rachavam e seus cérebros ficavam aos pedaços. Os humanos, então, puxavam suas armas, recuavam e se lançavam contra o portão novamente, enquanto cada vez mais ex’s se amontoavam cambaleando de encontro às grades.

Lynne se debruçou sobre um poste de luz. Seus cabelos negros tinham sido recentemente raspados até o talo. Ela se voltou a Zzzap:

— Você não poderia simplesmente ir até lá e torrar todos eles, ou algo assim?

O contorno da cabeça se virou em direção a ela. Eu até poderia. Mas prefiro que não.

— Por que não?

— É meio... assustador quando alguma coisa se queima em mim.

Ela inclinou sua cabeça:

— Como assim?

Você já viu Carrie?

— Não.

A aparição incandescente zumbiu e Lynne pôde perceber que se tratava de um suspiro.

Beleza, ele disse. Tenta imaginar como seria sensação se derramassem alguns litros de sangue de porco apodrecido e cheio de larvas sobre sua cabeça.

— Isso é nojento — ela respondeu, torcendo o rosto.

Pois é.

Cerberus o olhou de relance:

— Mulherzinha.

Lynne entreolhou através dos dois heróis:

— É assim que você sente os ex’s?

É assim que todas as coisas sólidas se parecem quando eu estou desse jeito. Os ex’s são piores porque eu ainda sou obrigado a pensar no que eles são. O vulto incandescente estremeceu no ar. Eu faria isso caso fosse pra salvar vidas, não me interprete mal, mas prefiro esperar por esse momento, se possível.

— Troquem as fileiras — Bee gritou. — Não vamos nos desgastar antes do necessário.

Lynne deu um ligeiro aceno de cabeça e correu até o portão. Os homens com as lanças recuaram e largaram suas armas. Ela deu um passo adiante com uma nova fileira e outra porção de ex’s se contorceu, indo ao chão.

Cerberus ergueu os olhos em direção à figura iluminada e perguntou:

— É essa a sensação mesmo?

Não, Zzzap disse. Na verdade, é bem pior. Eu só não sou muito bom com as palavras.

X X X

O Portão Bronson tinha sido barricado havia cerca de um ano. Cada lado estava bloqueado por um enorme caminhão prensado entre as grades. Outro par de caminhões apoiava os primeiros e estavam com todos os pneus rasgados, criando um corredor para qualquer ex que tentasse escapar. Escadas recostadas nos caminhões permitiam que os guardas subissem para fiscalizar a multidão de ex’s.

St. George se precipitou do céu escuro pela caída da noite e aterrissou em um dos caminhões com um barulho estrondoso. Ele tinha calçado um par de botas pesadas, estava com suas luvas e uma jaqueta de couro recoberta de emblemas e remendos. Passou os olhos pelas expressões de pura tensão e pelas armas trêmulas.

— E aí, pessoal, tudo certo com vocês?

O matraquear de inúmeros dentes passava pelo portão para ressoar ao vento.

Makana lhe fez um sinal positivo:

— Uma moleza — ele disse.

— Vocês estão todos na boa mesmo, sem lança nenhuma — St. George retrucou.

— Preferia estar matando do que ficar aqui parado — disse um grandalhão de dreadlocks curtos e loiros.

O herói lançou o olhar rumo à entrada pela Bronson. A passagem estreita estava abarrotada de mortos-vivos. Eles espancavam o paredão formado pelos caminhões através dos portões, e o impacto fazia com que o chão estremecesse. Pelo menos quatrocentos ex's se aglomeravam entre o portão e a rua. Um pouco mais atrás, havia uma turba deles que desaparecia na escuridão por todos os lados.

— Não se deixem vencer pelo medo — St. George disse. Uma tosse abafada provocou uma nuvem de fumaça, saindo de seu nariz. — Estar com medo é normal. Tem sido um dia duro. Mas se vocês deixarem o medo vencer, serão homens mortos. Só se atenham a fazer seu trabalho e eles não vão entrar.

Uma mulher magra como um poste sacudiu sua cabeça:

— E quanto à SS?

— Nós vamos tomar conta disso, não se preocupe.

— Mas como? A gente não pode atirar nas pessoas. A gente não pode...

— Eu disse — ele a interrompeu — que nós vamos cuidar deles. Vocês não precisam se preocupar com isso.

— Por que a gente tem que se preocupar com eles, né mesmo? — Um moleque de no máximo dezesseis anos o encarou, com um rifle que parecia ser gigante em suas mãos. — É aqui que vamos todos para o buraco.

St. George sacudiu sua cabeça:

— Não. Não vamos perder. Somos os mocinhos.

— E daí? Todos nós vamos sobreviver só porque eles não podem machucar você?

— Não é bem assim. — Ele deu um tapinha nas costas do menino. — É que Stealth disse que, se todo mundo sobreviver, ela vai transar comigo hoje à noite.

— Não! Sério? — o menino perguntou, com os olhos esbugalhados.

— Não — St. George disse, sacudindo a cabeça. — Mas é um argumento bem divertido pra se pensar em sobreviver, não?

Eles riram. O rádio de St. George chiou:

— George? Tem uma coisa grande e roxa lá em Van Ness. Achei que você iria gostar de saber.

— Merda — ele disse, perscrutando a rua. — Como é que ele passou pela gente? — Ele se voltou aos guardas: — Tudo certo por aqui?

Todos responderam com uma rodada de polegares em riste e continências, e ele se lançou pelos ares.

X X X

Stealth estava de cócoras na arcada sobre o Portão Melrose junto a Gorgon. Os ex's sempre costumaram cercar bem aquela área, mas naquele dia o número aumentava a cada segundo. Eles abarrotavam o espaço em frente ao portão e lotavam as ruas. Hordas de ex's coxeavam descendo a Melrose e subindo a Windsor.

Trinta pessoas patrulhavam a muralha lá de cima e fitavam a turba esfomeada. Alguns se amontoavam uns nos outros, formando uma pilha de ex's. Os mortos surravam e arranhavam o estuque.

Outros quatorze guardas desferiam suas lanças através das grades, provocando o esmigalhar dos ossos. Eles estocavam sem parar, levando um ex atrás do outro a desabar contra o portão. Seus corpos escorregavam ao chão e desapareciam por baixo do alvoroço de pés.

A voz de Derek surgiu lá de baixo. Ele estava parado ao lado da arcada na muralha com seu rifle em mãos:

— Quando você quer que a gente comece a varredura?

— Esse não é o ataque — Stealth gritou. — Eles estão apenas reunindo forças. Conservem a munição por enquanto. Usem só as lanças.

Outra onda de crânios esmagados ecoou até ela.

— O demônio está na Van Ness — Gorgon disse. — Não é a melhor maneira de começarmos, com você errada logo de saída.

— Obrigada pela observação — Stealth disse. Seu manto envolveu seus ombros e reapareceu na beira da arcada — Você consegue enxergar pra além de quatro quarteirões sob essas condições?

Ele observou ao redor:

— Não muito — ele respondeu, levando sua mão ao microfone. — Todos os portões, vamos acender algumas labaredas.

Pequenos cometas atravessavam o céu sobre o Monte e explodiram em estrelas. Eles conseguiram enxergar mais adiante agora que luzes vermelhas e amarelas banhavam as redondezas. A Melrose ficou visível por cerca de meio quilômetro além das muralhas.

Os mortos-vivos continuavam chegando. Mais e mais deles até que o chão sumisse sob um tapete morto. Trinta mil olhos vazios e vorazes os encaravam, e trinta mil mãos carcomidas se estendiam no ar. Os ex's esmurravam as paredes, pressionavam as grades de aço e seus braços se chocavam contra as curvas delineadas dos portões.

Ao longe, podiam-se escutar buzinas estridentes e o ronco dos motores. Os Seventeens estavam próximos. Gorgon girou seu pescoço até que ele estalasse.

— Você ainda está confiante?

— Nós estamos preparados — Stealth respondeu. — Sabemos de suas capacidades. Será um grande desafio, mas estamos prontos para qualquer coisa que fizerem.

E então todas as luzes se apagaram.



Os refletores no Portão North Gower piscaram e morreram. Ouviu-se um grito, mas Zzzap já tinha fulgurado. Sua luz inundou a rua.

Não há motivos pra se preocupar, ele disse. *Somos todos adultos. Ninguém tem medo do escuro, né? Bem, ninguém fora a Bee.*

— Vá se foder — ela retrucou, com um sorriso forçado.

Você não sobreviveria, minha linda.

Todos deram risadas abafadas, e Cerberus lhe deu um aceno de cabeça. A noite estava clara.

Mesmo sem Zzzap, a lua resplandecente e as estrelas brilhantes facilitariam a visão. As lanças perfuraram e derrubaram mais um monte de ex's.

As pancadas contra os caminhões estavam ficando cada vez mais altas. Lynne lançou o olhar rumo ao traje de combate:

— Você está sentindo isso?

— O quê?

— Está esfriando — a adolescente disse, abaixando as mangas de sua blusa.

— A temperatura está caindo. — Bee concordou com um aceno de cabeça e completou: — Que merda é essa?

Os mortos continuavam a esmurrar os caminhões mais alto, bem mais alto. Os vivos podiam sentir as vibrações na pele.

— Eles estão ficando mais fortes — Cerberus disse.

— Não — um dos guardas disse, sacudindo a cabeça. Ele estava com os ouvidos bem abertos. — Só parece que sim porque eles estão sincronizando os movimentos. Estão entrando no mesmo ritmo.

As batidas de tambor no caminhão ficaram ainda mais altas. O som ecoava por todo o Monte.

— Eles estão *todos* batendo ao mesmo tempo — Bee sussurrou.

Um arrepio coletivo tomou conta da multidão. Do lado de fora do portão, o matraquear dos dentes mortos também ficou mais alto.

— Ai, meu Deus — um homem gritou; sua lança caiu no chão. — Olhem pro céu!

Lá no alto, todas as três labaredas se apagaram como fósforos velhos. As estrelas foram desaparecendo uma a uma. Uma sombra negra deslizou lentamente, encobrindo a lua, encobrindo tudo em volta.

Por dentro da armadura, as luzes piscavam e a energia oscilava. Uma camada de gelo cobriu as telas. Cerberus cambaleou. Reiniciou os sistemas e tentou estabilizar as baterias ao ver suas luzes internas enfraquecerem:

— Que diabos está acontecendo?

Todos os walkie-talkies soltaram um chiado baixo e contínuo. Os guardas gritaram e a lua sumiu inteira por detrás da mortalha negra.

Zzzap potencializou sua energia novamente e se tremeu todo conforme a escuridão resistia. As sombras lutavam e forçavam sua luz de volta a seu corpo. Havia mais de um ano que ele não tinha aquela sensação. Uma sensação que ele achou que jamais sentiria outra vez.

Filho da puta desgraçado, ele disse. *É o Midknight*.

▪ ▪ ▪

As batidas dos mortos ecoavam pelo Monte como um implacável capataz em um antigo navio escravo. O sorriso confiante de Gorgon tinha sumido. Até Stealth parecia abalada.

Abaixo deles, os ex's abriram espaço para os caminhões passarem. Mais de dez, todos pintados com tons diferentes de verde. Os Seventeens se penduravam das janelas e se equilibravam nos tetos. À frente da parada, Mighty Joe Young, ou Rodney Casares, sentava-se na traseira de um caminhão da guarda nacional que tinha sido decorado com caveiras e um enorme 17 pintado de verde fluorescente no capô.

Eles urravam e gritavam e atiravam aos céus.

— Graças a Deus — Gorgon murmurou. — Algo com que eu posso lidar.

Stealth estava encostada contra a arcada de uma forma em que Gorgon não conseguia vê-la. Seu manto preto e cinza confundia-se com o material da arcada e ela estava a uns três metros de distância.

O ex gigante atravessava o mar aberto de mortos com seus olhos cravados em Gorgon o tempo todo. Os mortos se moviam cambaleando e abrindo caminho para que ele passasse. O tamborilar cessou. O matraquear dos dentes foi diminuindo até parar.

— Justamente quem eu estava procurando — o líder dos Seventeens gritou. Parou no cruzamento em frente ao portão e escancarou um sorriso macabro.

— Rodney — Gorgon bradou. Ele cruzou os braços sobre o peito, avantajando os ombros. Pose de pistoleiro. — Há quanto tempo... você continua feio pra cacete.

— E maior do que nunca — ele disse, soltando uma gargalhada. — Legal, né? A vida e a morte se cruzam no meu corpo, e eu só faço crescer e ficar mais malvado. — Ele flexionou o braço, fazendo um muque do tamanho de uma barril de chopp.

Dezenas de Seventeens testavam suas armas no Portão Melrose.

— Seguinte — o ex gigante gritou. Ele bateu palmas e todos os ex's se afastaram como se fossem um. Um clarão se abriu em torno dele, por três, seis, dez metros de extensão, até que os mortos pararam de se mover. — Última chance. Você desce e se entrega, aí eu mando todo mundo embora. Você tem a minha palavra.

— É, você é mesmo famoso pela sua palavra há anos — Gorgon retrucou. — Pode economizar nos efeitos especiais, seu bosta. Você continua não sendo nada especial, e não mete medo em ninguém.

— Ah, é? — Rodney cuspiu uma boca cheia de gosma negra. — Quer ver se o seu povo grita enquanto o meu exército derruba esses muros? Quer ver quem é que vai ter medo?

Os ex's se atravancaram feito uma onda. Mãos ressecadas envolveram as grades. Eles todos puxaram. Eles todos empurraram. As dobradiças guincharam.

Derek deu um grito e os guardas suspenderam suas armas a menos de um metro da barreira. Os primeiros tiros foram ao nível dos olhos, e um monte de ex's agarrados ao portão caíram. Quatorze tiros foram disparados e derrubaram mais uma dúzia deles. Rifles dispararam do alto das muralhas e outra porção de ex's sumiram por baixo da turba de mortos.

Rodney ergueu seu braço e os Seventeens responderam com tiros. Algumas pessoas caíram de cima do muro. A maioria se jogou de encontro ao chão.

— Podemos continuar com isso por toda a semana — o grito de Gorgon se sobressaiu aos tiros.

— Por toda a semana? Esse lugar vai virar pó antes do sol nascer — o morto gigante berrou. — A gente tem os homens, as armas e a força de vontade! O que vocês têm? Alguns esquisitões fantasiados? Vocês não têm é nada!

Os Seventeens urraram e berraram e esmurraram o ar. Os mortos também jogaram seus braços apodrecidos para cima.

Gorgon se posicionou no topo da arcada e os encarou do alto. Centenas de Seventeens. Milhares de zumbis.

— Nós temos a inteligência do nosso lado, Rodney — ele gritou, escancarando um sorriso. — E, com ou sem superpoderes, você

continua o mesmo idiota de sempre. Se não fosse, você não traria um exército de pessoas que nunca ouviram falar de mim.

— Eu vou cortar fora a sua cabeça e enfiar tanto no seu cu que ela vai saltar de volta pelo pescoço! — o gigante berrou. Ele apontou um dedo tão grosso quanto um taco de beisebol e uns dez Seventeens descarregaram suas armas no herói. — Você tem mais alguma coisa inteligente pra falar?!

Gorgon deu uma risada e bateu palmas sobre sua cabeça.

— Senhoras e senhores da SS — ele gritou. — Se puderem me dar um minuto da sua atenção, por favor.

Um bom terço dos membros da gangue já estava com os olhos voltados para ele. A metade se voltou a ele, mesmo quando Rodney berrou:

— NÃO FAÇAM ISSO!

Os óculos de proteção de Gorgon se abriram e ele lançou seu olhar vampiresco à multidão paralisada, que se contorcia e estremecia enquanto ele sugava a energia de dentro deles. Seu corpo tremia todo como se fosse o melhor sexo de sua vida. Nível dez ou onze. Talvez mais alto ainda. Baixaram as armas e logo elas retiniram no chão.

Quase trezentos Seventeens desmoronaram na rua por entre os mortos quando seus olhos estalaram fechados.

Gorgon girou os ombros e tentou manter o controle sobre aquela energia toda que zunia em seus músculos.

— Eu falei que ele era um idiota — ele disse a Stealth.

Tiros ecoaram ao vento no instante em que ele saltou de cima da arcada, caiu a uns dez metros de distância e desferiu um chute na cabeça de Rodney. Levou o crânio mal formado até o chão, sentindo uma imensa satisfação ao escutar o estampido dos ossos contra o asfalto. O herói socou a garganta do gigante e, em seguida, deu outro bem em seu plexo. Mandou mais dois, três, quatro socos, lampejando seus óculos a cada um deles. Era como ser batido por um carro em alta velocidade. Gorgon voou até o outro lado da rua e derrubou mais uns dez ex’s que estavam em seu caminho.

— Seu olho mágico não funciona comigo — o gigante disse ao se

levantar. — Você não é tão valente quando não consegue enfraquecer o outro cara, não é mesmo?

Um punhado de ex’s se agarrou aos braços e ombros de Gorgon e ele sentiu um pouquinho de sua força escapar enquanto ele os sacudia de volta ao chão.

— Será que é homem o bastante pra aguentar isso?

Rodney urrou e saiu em disparada.

X X X

St. George aterrissou no Portão Van Ness e Jarvis foi mancando em sua direção.

— Acabaram de passar por aqui — o sujeito grisalho gritou. Um de seus braços estava apoiado em uma tipoia e tinha um rifle na outra mão. — Estão a caminho do Lemon Grove.

— Por que você não...

— Os rádios estavam fora de ar. A gente mandou mensageiros.

O herói deu um aceno de cabeça e se lançou de volta aos telhados. Lemon Grove tinha sido uma pequena passagem de pedestres, a cerca de um quarteirão do Portão Van Ness. Quando eles se mudaram para o Monte, soldaram os portões, emperraram as trancas e tamparam a pequena guarita com lâminas de compensado.

Duas mãos compridas agarraram o topo do pequeno portão e o forçaram de volta aos trilhos. Havia seis guardas. Em cima de um trailer estavam Ilya, Billie e outros dois caras que estocavam os ex’s um a um. Marine gritava em seu walkie. Dois guardas no telhado da guarita atiravam contra o demônio do outro lado.

— Graças a Deus — um dos guardas disse. — Pensei que ninguém...

— Os rádios não estão funcionando — St. George o interrompeu. — Parem de desperdiçar munição! — E frisou o aviso com uma labareda.

Eles cessaram fogo e os portões rangeram. Uma das soldas estalou feito um prato de bateria.

— O demônio é à prova de balas. Eu cuido dele. Cuidem dos ex’s.

St. George saltou pelos ares e se arqueou para pousar bem atrás de Cairax. Ele chutou dois ex’s para fora do caminho e deu alguns chutes e cotoveladas que foram rachando os crânios pela frente. Agarrou-se ao rabo do demônio e deu um puxão.

O monstro voou para longe do portão quando o herói o girou no alto e o chocou de encontro à rua tumultuada. Ele saltou sobre o corpo retorcido, arrastando o rabo consigo, e derrubou mais um ex pelo caminho ao aterrissar. Já no chão, rodopiou o demônio em volta de sua cabeça, nocauteando vários zumbis como se fossem moscas. Depois de duas voltas completas, ele o atirou para o outro lado da rua e para dentro de uma garagem, decapitando um punhado de ex’s pelo caminho. A coisa morta acertou uma coluna de concreto feito uma bola de demolição, deixando uma cratera no lugar. Despencou no chão, formando uma pilha de membros compridos demais. Por trás da cerca, os guardas comemoravam.

St. George atravessou a multidão de ex’s, rachando cabeças e pescoços cada vez que girava os braços. Tiros derrubavam os mortos a seu redor. Ele estava a meio caminho de Cairax quando o demônio se levantou de repente. A cabeça dele balançava de um lado para o outro até que algo por trás de seu rosto macabro se focou em seu oponente e rugiu.

— Aaah — St. George disse. — Chamei sua atenção, né, grandalhão?

Cairax saltou em sua direção e ele deu um passo de lado. O ninho de dentes se estatelou contra o asfalto, próximo a seus pés. Ele aproveitou a oportunidade para agarrar uma ex pelo casaco e, então, lançá-la em direção ao demônio. Agarrou dois outros e os girou feito tacos de beisebol, acertando três vezes a cabeça do monstro antes que os ex’s se partissem ao meio.

A coisa morta fechou seus braços, derrubando vários de seus confrades, mas St. George já estava no ar. Ele lançou um cone de fogo no rosto de Cairax e o demônio se encolheu.

— Erro de principiante — ele gritou. — Coisas mortas não têm medo de...

Cairax agarrou um homem morto e o atirou contra o herói. O ex acertou St. George, que tombou.

O demônio se moveu feito uma serpente, curvando sua coluna para cima e para baixo enquanto sua cabeça dava o bote no inimigo.

St. George girou o braço e deu um murro certeiro bem na mandíbula. Um dente saiu voando e Cairax cambaleou para trás com o impacto.

O herói saltou, mergulhou e voltou ao chão. Um par de ex's agarrou seu casaco. Um mascava o couro, tentando romper um dos bolsos. O outro esticou seu braço desocupado e puxou um tufo de cabelo.

Então, ele deu giro com o punho em riste e arrancou a mandíbula do puxador de cabelos. Na segunda volta, acertou o crânio, estraçalhando-o. Ele sacudiu o comedor de couro de seu casaco e uma bala explodiu a cabeça do ex, que cambaleou para trás.

Uma voz gritou algo por entre os tiros. Era Billie, no teto do trailer.

Virou-se a tempo de ver a cabeça enorme do demônio caindo sobre ele novamente. A boca da criatura mais se parecia com uma planta carnívora de presas e dentes enormes. St. George jogou instintivamente seu braço ao alto e os dentes em forma de adagas perfuraram a manga do casaco de couro.

Atravessando seu braço.

Uma certa agonia, o máximo de dor que ele tinha sentido em anos, urrou dentro dele. A mandíbula se fechou feito uma máquina e um dos dentes enormes roçou seu osso conforme penetrava sua carne cada vez mais.

Cairax Murrain arreganhou um sorriso e o sacudiu no ar, balançando sua cabeça feito um crocodilo. O ombro de St. George se retorceu e ele enfim percebeu que estava sendo atirado de um lado para o outro. Pôde escutar as pessoas gritando e se deu conta de que era uma delas.

Tossiu uma bola de fogo e a labareda clareou seus pensamentos. Girou suas pernas, esbofeteou a fuça de Cairax e se libertou. A manga se rasgou e, por um instante, manchas brancas despontaram em sua vista. O sangue espirrou no chão e ele imaginou quantos quilos de carne ainda estavam dentro da boca do ex. Pelo menos um de seus dentes ainda estava cravado em seu braço.

St. George aterrissou de joelhos e deu um salto estabanado de volta a seus pés. Sentiu as garras de Cairax perfurando suas costas e o empurrando de encontro a um Ford empoeirado. Sua cabeça amassou a

lataria e o mundo turvou.

Balas ricocheteavam a couraça da coisa morta. Nada que ele notasse. Uma delas quicou, acertando um ex bem na têmpora, e ele despencou no chão.

O herói se levantou ainda cambaleando e agarrou o rabo do demônio novamente enquanto ele chicoteava. O monstro o arrastou até o outro lado da rua, derrubando inúmeros ex's ao tentar se libertar. Ele torceu a cauda e sentiu os ossos se partindo sob a couraça. Outro carro surgiu do nada, acertando suas costas.

O rabo cravejado de espinhos estalou feito um chicote e arremessou St. George de volta ao Monte. A turba de ex's o agarrou pelos braços, pernas, jaqueta e cabelos. Ele os sacudiu fora, lançando os corpos pelos ares e ficou de pé novamente.

O chão estremecia.

Cairax atravancou-se para frente, avultando-se sobre a horda. Outra pancada acertou St. George, fazendo-o voar para trás novamente. Ele tentou manter o foco, a calma, e se chocou contra o muro violentamente. Afundou-se no chão e os ex's o enxamearam.

Às suas costas, o demônio rugia de prazer.

X X X

— Jesus amado — Billie disse ao ver St. George sendo arremessado contra a muralha. Ela desviou o olhar em outra direção e congelou de medo. Um dos guardas, um sujeito com uma monocelha escura, também se virou, de queixo caído. Ilya deu uma espiada por cima do ombro.

Avultando-se sobre os prédios ao oeste, uma enorme esfera de escuridão se aproximava cada vez maior. Era tão escura que eles conseguiam ver toda sua circunferência em contraste com o céu da noite.

X X X

Stealth ouviu os gritos por entre os tiros, viu o vazio sombrio se

expandindo sobre o Portão Gower e soube na hora do que se tratava. A prioridade número um era fazer com que Rodney perdesse o controle sobre qualquer outro herói morto que ele tivesse levado até o Monte.

Ela sacou suas armas e saltou rumo à multidão, estendendo seu manto para suavizar a queda. As Glocks cuspiram duas, quatro, seis, oito balas cada uma antes que ela aterrissasse na clareira aberta no meio da turba. Um chute duplo veloz rachou as mandíbulas de dois ex's. Uma rasteira nocauteou mais quatro.

Com um único e suave movimento, ela guardou as duas pistolas, girou seu manto de lado e agarrou dois cassetetes retráteis de aço que estavam acomodados em suas costas. Uma ligeira torção de seus pulsos desencadeou quase um metro de cromo negro. O movimento desembocou em uma cassetada dupla que saiu destroçando cabeças de ambos os lados. Os bastões chicoteavam e provocavam uma orquestra de ossos se partindo, na certeza de que nenhum dos mortos derrubados jamais se levantaria de novo.

Ela rodopiou e acertou um dos cassetetes na testa de uma morena morta. O outro rachou a cabeça de um adolescente ao meio. Sua bota desferiu um coice para quebrar o pescoço de uma mulher com o cabelo rosa. Um idoso. Uma menina coberta de sangue. Um empresário. Um policial com um rombo no peito. Suas armas cortavam o vento enquanto ela seguia marchando e os ex's caíam a seu redor.

Uma gorducha asiática caiu, revelando um Seventeen com uma bandana verde na cabeça. Ele estava meio tonto, ainda tentando driblar o efeito do olhar de Gorgon. Encarou Stealth, piscou e tentou erguer seu rifle.

Um dos cassetetes acertou o cano da arma e a derrubou das mãos do Seventeen, enquanto o outro rachava mais uma cabeça zumbi. Seus braços se cruzaram e o primeiro cassetete foi do rifle rumo ao queixo do jovem de bandana verde. A mandíbula despencou. Ela levou o segundo bastão de encontro ao pulso do punk e arrematou a investida com um chute no peito. Ele se chocou contra o chão no exato momento em que a dor atingiu o cérebro, esboçando um grito através da mandíbula fraturada.

Quatro outros golpes lhe deram uma nova oportunidade. Ela já tinha passado pelos jardins que levavam até o portão. Os guardas na muralha

derrubavam ex atrás de ex. Mas era como jogar pedrinhas para desviar uma enchente. Os Seventeens continuavam disparando contra o Monte, sem mira alguma. Eram como crianças jogando videogame, não um exército.

Próximo ao centro do cruzamento, ela avistou Rodney Casares investindo seus punhos enormes em direção a Gorgon, que desviou a tempo com um pulo de lado. Ele, então, deu um soco que fez o ex monstruoso cambalear para trás. Se os Seventeens se recuperavam, o herói começava a perder suas forças.

Stealth saiu rodopiando através da multidão. Suas armas executaram sete ex's e três Seventeens. Um chute giratório estraçalhou outra cabeça, os bastões se cruzaram para deter um rifle em ascensão e uma testada fez um gângster sapatear.

Ela deu uma nova investida, golpeando os dois lados da cabeça de um ex, afundando o crânio do sujeito robusto e barbudo enquanto guardava de volta os cassetetes. Seus cotovelos lançaram dois mortos cambaleando para trás e suas mãos mergulharam para sacar as Glocks novamente.

Nove balas derrubaram cinco ex's, deixando dois Seventeens aos berros enquanto agarravam os joelhos recém-estourados e o caminho livre para que ela atirasse em Rodney Casares a menos de cinco metros de distância.

Ela meteu o dedo no gatilho, esvaziando o tambor de sua pistola direita na cabeça do gigante. Dezoito tiros cravejaram de bala o crucifixo tatuado. O ex gigante cambaleou para trás e caiu.

Um Seventeen gritou, brandindo sua Uzi. Ela deu um tiro certeiro em suas mãos e o tambor da arma que ele segurava explodiu. Uma das camionetes avançava cada vez mais, e dois tiros pelo para-brisa a fizeram brecar.

Gorgon se voltou a ela:

— Que porra é essa?

— Foi ele quem trouxe Midknight lá das montanhas.

— Merda.

— Ah, você ainda não viu nada, sua vagabunda — Rodney disse,

sibilando.

A mão gigantesca fez Stealth se estatelar ao longe. Seu corpo sumiu em meio à multidão de zumbis e gângsteres.

As balas tinham despelado metade de seu rosto até os ossos. Seu olho direito estava pendurado na altura de seu enorme dente. Um pedaço de pele do tamanho e da textura de um ovo frito estava penso de seu maxilar.

— Agora — a coisa morta vociferou para Gorgon. — Segundo *round.* Pronto pra acabar com isso?

N N N

Por baixo de um véu de sombras, os ex's sacudiam o Portão Gower. Eles puxavam. Eles empurravam. A grade metálica rangia para frente e para trás.

Lady Bee mandava bala no alvoroço de zumbis do alto de seu poleiro. O fogo lampejando do cano da arma estava turvo, e o som produzido, abafado.

— Não parem — ela gritou, trocando os pentes, e sua AK cuspiu mais algumas balas nos mortos.

Um punhado de guardas estava se tremendo de medo por causa da escuridão. Os demais continuavam a estocar suas lanças através das barras de ferro. Cerberus deu um passo vacilante em direção ao portão:

— Isso é coisa do Midknight e seu maldito campo eletromagnético — ela gritou com a voz tomada pela estática. — Esse esquisito voltou com toda a força.

Eu sei, Zzzap gritou de volta.

Um dos guardas partiu para o ataque com sua lança, mas acabou se precipitando demais escuridão adentro. Uma mão ressacada o agarrou pelo pulso e o puxou para perto o suficiente para que uma segunda mão se atracasse a seu antebraço. Ele foi arrastado contra o portão, onde dezenas de mãos e mandíbulas matracolejantes o destroçaram em segundos. Sua carne deixou manchas de sangue nas barras e ele logo desapareceu em meio à multidão.

Os olhos do traje de combate pestanejaram.

— Você consegue derrotá-lo?

Zzzap se atirou ao alto e sobrevoou a Gower. Não passava de uma mancha fria a seus olhos. Nada com vida. Nada quente. Apenas uma massa movediça e disforme.

Não consigo vê-lo, Zzzap gritou. *Ele é só mais outra coisa morta.*

Do portão que rangia estremecendo, outra pessoa gritava.

Mas apenas por um breve momento.



Milhares dos mortos se amontoavam no Portão Lemon Grove. Mãos acinzentadas corriam pelas grades e espancavam os tijolos.

De cima do trailer, Billie e os outros derrubavam os ex's. Sua M-16 grasnou e um tiro explodiu a cabeça de um sujeito morto em um macacão alaranjado. Ela baixou os olhos em direção aos vultos em massa contra a muralha.

— Onde ele está?

— Eles o pegaram — o outro homem se lamuriou. — Eles o pegaram.

— Ele é a porra do Dragon — ela gritou. — Eles não o pegaram.

No meio da estrada, Cairax emergiu sobre o mar de ex's e soltou um rugido. O demônio deslizou rumo ao portão. Esticava e flexionava de volta seus longos dedos.

Ilya tentou mirar em um alvo, mas um dos outros guardas, Perry, saltou sobre o trailer, desnivelando sua pontaria. O sujeito descarregou

um cartucho nos ex’s antes mesmo de se reestabelecer. Acabou tropeçando e sendo arremessado para fora do trailer rumo às pontas curvas no topo do portão farpado.

Uma das axilas de Perry foi perfurada, e ele engatou. Ficou pendurado, urrando, com quase meio metro de puro aço lhe trespassando o ombro e o resto do corpo balangando no alto da muralha. Seu rifle ainda disparou duas vezes antes que ele o soltasse para desaparecer em meio à multidão.

Os ex’s mudaram o foco. Levantaram as mãos ao alto e agarraram pés, pernas, quadris, e começaram a puxar. Afundaram seus dentes na carne de Perry e arrancaram alguns bocados de sua panturrilha até a coxa. Billie esvaziou seu rifle, mas havia centenas deles.

Perry berrava e eles puxavam cada vez mais forte. Houve um barulho como se uma revista encharcada tivesse sido rasgada e ele foi destroçado. Seu braço direito até o ombro permaneceu pendurado em cima do portão e ele foi impelido ao âmago da horda de ex’s. Desapareceu sob as mandíbulas matracolejantes e seus ganidos cessaram abruptamente. Alguns poucos ex’s restantes avançaram sobre o braço pendurado e conseguiram agarrar os dedos bambos.

Billie descarregou um cartucho fresquinho em um amontoado de pessoas mortas. Vários deles caíram, mas ela bem sabia que isso pouco importava.

— St. George — ela gritou. — Tira essa bunda do chão! A gente precisa de você!

Cairax agarrou o portão novamente e o empurrou com força. As grades rolantes se envergaram com um guincho agudo e voltaram ao lugar com um solavanco. Um guarda monocelha disparou uma rajada no rosto do monstro. Um dos homens na guarita passou a desferir investidas com sua lança improvisada e o demônio acabou agarrando a extremidade oposta. Impeliu o cabo para cima, arremessando o sujeito ao mar de mortos-vivos. Ele se estatelou no chão aos berros e foi engolido por uma onda de mãos e dentes.

Então St. George atirou os punhos ao alto e os ex’s se esparramaram.

O herói cambaleou um pouco até conseguir ficar de pé. Sua jaqueta estava coberta de marcas de mordidas, sua pele estava pálida, mas ele

ainda estava vivo. Tossiu um pouco de fogo e fumaça.

A metros de distância, o demônio o encarou e esboçou um sibilo.

St. George agarrou um Austin Metro azul estacionado perto da calçada, afundando seus dedos através da fuselagem e da moldura da porta. Suspendeu o carro e o rodopiou no ar assim que Cairax avançou. A cabeça do demônio se chocou contra o capô e ele cambaleou para trás. St. George arremessou o carro logo atrás e o monstro morto saiu rolando.

Os gritos de torcida vieram à tona quando o herói partiu aos trancos para lutar contra a aberração. Ele retribuiu o público com uma saudação arrastada, atravessou os dedos pela coluna de um ex e deu alguns passos vacilantes na direção do demônio.

— Se você precisa de um tempo pra tomar um fôlego — St. George gritou —, basta levantar a mão ou coisa assim.

Cairax se reergueu em meio à multidão de zumbis, suspendendo um poste telefônico caído. St. George se agachou e o poste saiu esmigalhando dezenas de ex's pelo caminho. Saltou sobre a investida seguinte e outro punhado de zumbis foi espremido contra a carcaça queimada de um Volkswagen. Deu um giro no ar e passou um braço em volta do pescoço do demônio, engalfinhando-se à espessa clavícula.

A criatura levou suas longas mãos às costas, agarrou o herói e o chocou contra o asfalto. Ele o pressionou de novo e mais uma outra vez antes de arremessá-lo contra um poste de luz. Seu corpo deu uma pirueta de encontro à multidão e os mortos desabaram com ele.

Cairax marchou em frente, erguendo os braços por cima do portão em direção aos atiradores. Billie e Monocelha mandaram bala em seu rosto. Ilya derrubou uns seis ex's perto dele.

— EI!

O demônio se virou e foi atingido pelo poste telefônico no canto de sua cabeça. O aríete o esmagou contra a muralha do Monte.

— Você deixou isso cair — St. George gritou.

A coisa morta sibilou e o poste o esmagou novamente contra a muralha. Blocos de concreto racharam por trás de suas costas estriadas.

X X X

Lady Bee disparava desenfreadamente contra os ex's que se amontoavam no portão. Mesmo a poucos metros de distância, eles não passavam de sombras. Ela descarregou sua AK e tratou de trocar os cartuchos.

— O que é que eu estou procurando? — ela gritou.

— Um ex vestindo uma fantasia — Cerberus berrou de volta — Uma fantasia azul e preta.

Ela lançou alguns sinalizadores em direção à interminável horda, mas a escuridão os engoliu antes mesmo que atingissem a multidão.

— Você tá de brincadeira comigo? No meio desse povo todo?

Procura onde está mais escuro, então, Zzzap disse. *Procura onde está tudo um breu*.

Cerberus deu mais um passo truncado e parou. A armadura de combate tentou virar a cabeça e estremeceu feito um drogado. Seus pés se deslocaram alguns centímetros e então paralisaram.

— Eu estou enfrentando um monte de falhas — ela gritou. — Os sensores piezoelétricos não estão funcionando. Estou travando.

Bee derrubou mais um punhado de ex's:

— Está escuro por toda parte — ela gritou.

A aparição se impulsionou mais ao alto, noite adentro. Ele se forçou a fulgurar ainda mais e impeliu sua radiação contra a escuridão. Novamente, as sombras resistiram.

E irromperam de volta ainda mais sombrias a noroeste.

Zzzap passou voando por Bee e pelo portão. Deu a volta no ar e descarregou outra explosão de luz. Abaixo de seus pés, a escuridão se abriu para revelar milhares de ex's tentando alcançá-lo. Eles cobriam toda a Gower como se fosse um show de música a céu aberto. A escuridão retornou e ele novamente tentou opor resistência.

Rumo ao oeste.

Outra explosão o guiou em direção ao beco do outro lado da rua. A noite parecia ser ainda mais intensa ali. E recaiu sobre ele, sufocando

sua luz como um oceano de tinta. Ele descarregou energia suficiente para derreter aço puro e as sombras se dispersaram por alguns instantes.

No âmago da escuridão havia um homem morto, meio escondido no beco por um poste telefônico espesso. Dezenas de outros ex's volteavam e cambaleavam em torno dele, espremidos na passagem estreita. O traje preto e azul estava dependurado no vulto desidratado e fazia com que seus ombros parecessem enormes. Cobrindo sua cabeça, havia uma pesada máscara projetada para se parecer com um capacete medieval, com uma pluma e uma viseira. As mangas estavam esfarrapadas e Zzzap pôde ver marcas antigas de mordidas por todo o cinza do corpo ressecado.

A coisa dentro de Midknight encarou o herói e deu sua investida final. As ondas de escuridão avançaram rumo a um último ataque.

A aparição incandescente as varreu de lado com um aceno de mão. As sombras se dissiparam enquanto o ar fervilhou. Zzzap levou as palmas de suas mãos ao alto e se concentrou.

Por baixo da viseira, os dentes do ex começaram a estalar.

O núcleo da explosão chegou a quase meio metro de diâmetro. Vaporizou o ex-herói do peito para cima, abriu um buraco através do complexo de apartamentos por trás dele e prosseguiu por mais dois quarteirões antes de se extinguir pelo asfalto derretido.

O que sobrou de Midknight irrompeu em chamas, junto com dezenas de outros ex's no beco. O herói morto se desfez em cinzas feito um tronco de madeira carbonizado. Um vento ribombante arrebatou Zzzap quando o ar trovejou, preenchendo o buraco que ele tinha queimado na atmosfera. A poeira dispersou e desapareceu.

O brilho da lua e das estrelas reluziu no asfalto molhado e Zzzap voltou a sentir o falatório de rádio congestionando os comprimentos de onda em torno dele. As luzes do portão se intumesceram para iluminar aquele canto do Monte.

Zzzap deixou que suas pernas pairassem baixo e foi queimando caminho através dos ex's, derrubando algumas centenas deles antes de se elevar sobre o Portão Gower. Os guardas davam gargalhadas e urravam.

— Puta merda, quentinho — Lady Bee berrou, escancarando um sorriso. — E aí, pegou o cara?

Destruí tudo ao redor, ele gritou. *Era a única maneira de ter certeza.*

Soltaram gritos de euforia e arremeteram as lanças ao alto. Os ex's no portão se contorceram e foram ao chão.

Ele pairou diante da armadura:

Como você está? Precisa de um backup aí?

Cerberus sacudiu a cabeça:

— Preciso de uns três minutos — ela disse. — Os protetores de sobretensão salvaram o sistema central, mas eu preciso fazer um reboot completo.

Algo que eu possa fazer pra ajudar?

A cabeça blindada sacudiu novamente e, em seguida, seus olhos escureceram.

Vou dar uma averiguada na Melrose, ele gritou para Bee. *Estarei de volta antes que você perceba.*

N N N

Gorgon podia sentir sua força se esvaindo. Tinha conseguido segurar as pontas até então, mas já não passava do nível três, no máximo. Os Seventeens, pelo menos, estavam se mantendo fora da luta.

Rodney girou o corpo e não o acertou por centímetros.

— Perdendo o ritmo — ele deu uma risada. — As baterias estão acabando, é?

O herói se esquivou de outro soco, deu um chute na coxa do gigante, seguido de três murros no plexo solar. Rodney o pegou pelo ombro e o rodopiou no ar. Dezenas de dedos mortos o agarraram, imobilizando-o enquanto o imenso ex se preparava para outro soco.

Gorgon se livrou dos ex's e se agachou bem na hora em que o punho maciço passou ventando por cima dele. Subiu de volta dando um gancho certeiro no meio da munheca encorpada e sentiu alguma coisa se partindo.

— Parece que não sou eu quem está perdendo o ritmo, hein, feioso? — Gorgon gritou. — Sua cabeça talvez esteja em outro lugar?

O ex monstruoso resmungou, recuando:

— Você se acha esperto, não é mesmo?

Todos os ex's também se afastaram, abrindo o cerco em torno de Gorgon.

— Mais esperto do que você, seja lá o que isso queira dizer.

Rodney avançou novamente. O herói saltou e deu de calcanhar no queixo do gigante. Foi um chute fraco. Nível três, sem dúvida. Ele acabou sendo impulsionado para trás mais até do que o próprio Rodney.

Gorgon pegou seu walkie-talkie e pressionou o botão "enviar" umas quatro ou cinco vezes. Então dedos imensos agarraram as costas de seu sobretudo e o chicotearam no ar. Ele saiu voando, deu um giro e se chocou contra a multidão de ex's, tendo sua queda amortecida pelos corpos sem vida. Os dentes já estavam roçando suas mangas e ele suspendeu rápido os braços para proteger o rosto. Desferiu alguns socos e pontapés, e todos eles se afastaram novamente.

— Beleza — Rodney berrou. — A brincadeira acabou.

Gorgon se levantou e escutou o estalido no exato momento em que um lado de suas costas ardeu feito fogo. Teve a impressão de que o gigante tinha quebrado uma de suas costelas. Então ele olhou para baixo, viu o rombo na lateral do sobretudo e sentiu o sangue se espalhando.

Outro tiro foi disparado e seu ombro explodiu de dor. Seus joelhos vacilaram por um instante e ele escutou os urros dos Seventeens. Pressionou o walkie-talkie de novo.

O vulto do gigante se avolumou sobre ele.

— Ainda se achando o durão? Ainda se achando melhor do que eu?

— Porra, não se trata do que eu acho — Gorgon disse. — Todo mundo aqui *sabe* que eu sou melhor do que você.

Rodney, a multidão de ex's e o céu giraram em torno dele e, uma pancada depois, ele sentiu suas costelas ruírem no exato lugar onde o chute tinha pegado. Foi de encontro ao chão e ouviu algo se partir dentro dos óculos de proteção. A peça de uma das lentes bateu contra seu

olho.

Rodney deu uma risada em tom de deboche:

— Esse é seu grande trunfo final, *esse*? É isso que você chama de heroísmo?

Gorgon cuspiu borbulhas de sangue:

— Não — ele disse. — Isso é o que eu chamo de terceiro round.

Ele voltou o sorriso escancarado no rosto ao céu iluminado quando a noite deu seu último suspiro e o sol despontou no horizonte, incinerando a multidão de ex's próxima ao portão e, em seguida, disparou de volta para pairar logo acima deles. *Para de apertar esse microfone, pelo amor de Deus*, disse Zzzap. *Tem certeza de que está pronto pra isso?*

— É o que vamos descobrir, eu acho.

Rodney franziu a testa sobre seu único olho:

— Mas que porr...

Gorgon tirou os óculos de proteção.

Por um instante, apenas um milésimo de segundo, a silhueta em forma de homem esmaeceu no ar. Os falsos raios matinais tremeluziram, tudo voltou a ficar cinza e Zzzap definhou. Logo depois, seu contorno fulgurou outra vez e ele desapareceu céu acima e através do Monte.

E Gorgon estava pegando fogo.

— AÍ SIM! — ele urrou. Não podia nem sequer imaginar que nível seria aquele. Cinquenta? Cem? Podia sentir a energia fulgurar de seus olhos, boca, cada poro de sua pele. — VOCÊ AINDA QUER CAIR DENTRO, SEU FRANKENSTEIN WANNABE DE MERDA?

O herói partiu para cima e seu punho atingiu Rodney com a força de um motor de trem. O enorme ex foi arremessado para trás, atravessando um portão de aço feito um míssil através de uma treliça de jardim. Saiu rasgando a capota de um carro esportivo empoeirado e se chocou contra uma minivan estacionada logo depois. Gorgon saltou atrás, cobrindo quase dez metros com cada impulso.

— Vamos lá — ele berrou. — Você e eu, garotão! É o que você sempre quis!

Ele arremessou o carro esportivo pelos ares e o gigante se

embaralhou todo para se esquivar. Um quarteto de ex’s apareceu do nada e agarrou os braços e o pescoço do herói, que esmagou suas cabeças como se fossem recortes de papel e lançou os corpos ao longe, arrastando tudo pelo caminho por uns cinco ou seis metros.

Rodney arrancou o eixo do carro esportivo e o girou feito um taco de baseball. Passou a investir de um lado para o outro e logo Gorgon agarrou o eixo pela ponta. Deu um ligeiro empurrão e a barra de aço foi com tudo de volta na cara do gigante. O herói, então, desferiu uma nova martelada e o enorme Seventeen se estatelou no chão.

N N N

Stealth lutava de sua posição no chão, enquanto recarregava as Glocks e tentava esvaziar a cabeça de maiores preocupações. Prosseguiu chutando e esperneando até que os pentes enfim escorregassem a seus devidos lugares. Àquela distância, os corpos foram caindo um após o outro a cada tiro, sem que ela ao menos parasse para ver se o sangue borrifado era negro ou vermelho, até que estivesse de volta a seus pés. Descarregou as pistolas, parou por um instante para respirar e carregou outro conjunto de pentes fresquinhos. Os últimos.

O golpe de Rodney tinha arremessado Stealth por uns quinze metros estrada abaixo. Havia centenas, provavelmente milhares de ex’s entre ela e o portão. Não conseguiria voltar a pé.

O portão continuou estremecendo até que uma brecha se abriu.

Centenas de ex’s escorados por centenas de outros empurraram o portão duplo ornamentado. Entre um tiro e outro, ela podia escutar o rangido terrível das grades se retorcendo com o peso. A brecha já tinha quase meio metro e o portão ficava cada vez mais escancarado. Derek, Katie e uns dez mais estavam na muralha mandando bala na horda, e Stealth pôde vislumbrar as lanças sendo desferidas.

Alguma coisa agarrou seu ombro. Ela girou e deu uma coronhada na mandíbula do ex. O movimento esmagou sua têmpora e a coisa morta desabou. Outros onze tiros abriram o cerco novamente e deixaram um Seventeen urrando com o braço todo estropiado até a altura do cotovelo.

A poucos metros de distância, uma camionete de cabine dupla acelerou o motor e partiu em direção ao portão. Deu um cavalo de pau no extenso cruzamento e seu para-choque saiu arrastando os ex's para fora do caminho. Os Seventeens na traseira urraram e passaram a espancar o teto da cabine quando o automóvel enfim pegou velocidade.

Suas Glocks cuspiram fogo e derrubaram uma dezena de ex's enquanto ela corria para tentar acertar a camionete. Os Seventeens a viram se aproximando e gritaram. Eles não tinham mira alguma e estavam nervosos, e ela sentiu três puxões sucessivos em sua capa.

O último ex foi derrubado e Stealth usou seu corpo como um trampolim. Embainhou as armas ainda no ar, e seu pontapé jogou o primeiro Seventeen para fora do caminhão e rumo à multidão de ex's. Suas botas ressoaram na caçamba da camionete e ela deu com o cutelo da mão bem no queixo de outro punk.

Eles se amontoavam todos, hesitantes, e ela tratou de separá-los.

Uma de suas mãos bloqueou um soco circular, torceu seu pulso, e um golpe certeiro na axila deslocou a clavícula do sujeito. Atirou sua perna para trás, enterrando o calcanhar no estômago de uma mulher. Agarrou um Seventeen pelos ombros e o mesmo joelho voou para frente, fazendo a cabeça ir à lona. Uma faca tentou apunhalá-la, e ela quebrou três dos dedos que a seguravam e o pulso por trás deles. Seu cassetete estilhaçou a janela do passageiro e ela arrastou o homem pelos cabelos para fora da cabine. O nariz do motorista se chocou contra o volante quatro vezes antes que a Glock fosse pressionada contra sua cabeça dele com força bastante para que o olho direito se fechasse.

— Você estava indo pro portão — Stealth disse. — É melhor continuar. E devagar.

N N N

St. George atirou o Chrysler na direção do demônio, achatando-o no chão. O herói saltou pelos ares e despencou pesado sobre o teto do carro. Todos os quatros pneus explodiram, e as duas janelas restantes estilhaçaram.

Embaixo do carro, Cairax parecia estupefato. A maior parte de sua

cabeça e um de seus braços estavam presos sob a porta do passageiro, cobertos por cacos de vidro. Suas pálpebras diagonais se fecharam algumas vezes. A coisa que, até então, enxergava através de seus olhos foi embora, e as mandíbulas do demônio se puseram a ranger.

— Já não era sem tempo — St. George disse.

Por toda a rua ele observou a mudança. Milhares de ex's se quedaram um pouco mais, mexendo-se um pouco menos, como uma perda de autoconfiança em massa. O monstro se remexia por baixo do carro e tentava alcançar o herói com um braço desengonçando. O Chrysler rangia conforme a coisa morta tentava tirá-lo de cima de si.

O herói se equilibrou no carro que não parava de balançar e lançou o olhar de volta ao portão.

— Acho que estamos bem agora — ele gritou.

A garra se prendeu a sua perna e o derrubou de cima do carro.

Cairax prensou St. George contra o asfalto e o girou. Sua cabeça se chocou contra dezenas de canelas murchas e logo ele estava outra vez no ar, ainda que por um breve momento, só até ser atirado de novo no meio da rua. Seus ouvidos zuniam.

O demônio jogou o carro de lado e encarou o herói. Um pé grosso e de dedos largos pisoteou seu braço ferido. Ainda mais pedaços de carne se soltaram do osso, e o sangue jorrou da pata cascuda do monstro.

Um batuque ressoou. St. George chacoalhou sua cabeça, chacoalhou mais uma vez e o som ficou ainda mais claro. As poucas pessoas que estavam do outro lado da muralha estavam entoando um hino de guerra.

Cantavam seu nome.

Até Cairax pareceu ter notado. Ele olhou para o portão meio retorcido e de volta ao herói.

St. George, o Poderoso Dragão, impulsionou-se contra a gravidade, subiu vertiginosamente e investiu toda sua força em um único soco. Dezenas de dentes foram cuspidos da boca estraçalhada até o outro lado da rua. Um segundo murro esmigalhou as costelas do monstro, e o herói sentiu o som de seus músculos se rasgando.

Ele deu um terceiro, um quarto e um quinto soco, nocauteando o demônio para trás a cada um deles. Esmurrou com ambos os punhos

cerrados e sentiu o esterno da criatura se partir ao meio. Outro impulso contra deu condições para que ele agarrasse a fronte encouraçada com uma das mãos e uma das presas com a outra. Firmou suas botas contra o peito do monstro e torceu a cabeça com toda sua força. O crânio girou abruptamente à esquerda...

E empacou.

Ele pôde sentir os músculos do pescoço palpitando sob a couraça espessa. Resistindo. Os olhos arredondados o encaravam.

O monstro agarrou o braço ferido do herói, espremeu a carne e o jogou contra o chão. Uma garra enorme o forçou a ficar de joelhos de forma bruta o suficiente para rachar o asfalto. Ex's o espalmavam, o agarravam e o imobilizavam enquanto mascavam sua pele.

Cairax envolveu os cabelos do herói com sua mão macabra, recurvou-se e soltou um rugido de regozijo. O toco da língua decepada tremulava bem na cara de St. George e ele sentiu alguma coisa batendo em seu queixo. Baixou os olhos e pôde ver de relance um borrão prateado balançando do pescoço do monstro.

O medalhão de Sativus.

A ideia cruzou seus pensamentos no mesmo instante. O herói se livrou dos ex's que o seguravam pelo braço e arrancou o medalhão. Faíscas pipocaram na couraça púrpura assim que os elos prateados arrebentaram.

Cairax Murrain se contorceu todo e apontou uma garra em direção ao herói. Logo então estremeceu, escancarou sua monstruosa bocarra e implodiu em um turbilhão de chamas negras e fumaça.

Sobre as pegadas do demônio, restou apenas um ex de cabelos negros e desgrenhados e uma coleção de tatuagens sobre a pele amarelada. Pentagramas, longas citações em latim e hieróglifos egípcios. Uma gargantilha pesada se dependurava feito um anel gigante no pescoço do morto. O ex pelado tropeçou e fechou a boca abruptamente, e então levou os olhos a seus membros minúsculos. Seu olhar parecia confuso.

— Eu poderia explicar o que acabou de acontecer — St. George disse —, mas ia detestar lhe revelar o truque.

O medalhão soltou algumas faíscas negras quando foi estraçalhado

entre os dedos do Dragão. Ele avançou e deu um murro no crânio do ex, que explodiu feito um vaso velho. O corpo sem cabeça de Maxwell Hale tombou no chão.

X X X

Gorgon agarrou o braço de Rodney no momento em que um soco ligeiro o tirava do chão. Um tapa com as costas da mão estatelou o ex de volta à terra firme.

— Não tem que ser assim — o herói gritou. Ele avançou, agarrou a imensa cabeça e a chocou contra o asfalto. — Ainda está em tempo de você desistir. Fugir. Levar seu pessoal embora daqui.

O ex monstruoso rosnou ao ver mais um de seus dentes, do tamanho de uma caixa de fósforos, cair.

— Você ia adorar isso, né, *pinche*? Me fazer de besta de novo na frente de todo mundo? — Ele saiu rolando, agarrou um Boxter desbotado e o atirou no herói.

Gorgon saltou por cima do carro e martelou suas mãos nos ombros de seu oponente, levando-o novamente à lona.

— Se continuar lutando, você vai acabar perdendo tudo, garotão.

Rodney se apoiou sobre os joelhos e soltou uma gargalhada:

— A luta acabou — ele retumbou. — Você é um homem morto.

O ex desferiu um gancho com força suficiente para esmigalhar um homem. Gorgon saltou, deu uma cambalhota no ar e pousou de cara com Banzai.

Seu rosto estava limpo e pálido. Alguns fios de cabelo se desgrenhavam de sua trança escura. A moça morta o encarou com olhos turvos e piscou duas vezes. Seus lábios se curvaram muito suavemente enquanto ela desviava seu olhar dele para o rombo em seu próprio ombro.

Ele travou. Só por um instante.

— Ah, baby — ele sussurrou.

E então ela desapareceu em uma bruma acinzentada. Dedos enormes

envolveram a cabeça de Gorgon e a apertaram. Rodney ergueu o herói se debatendo, e a outra mão massuda juntou as canelas que esperneavam.

— Seu trouxa! — ele urrou com um sorriso de satisfação. — Eu já peguei aquela vagabunda, cara. Ela é seca e apertada e eu adorei cada minuto.

Rodney retorceu o herói, espremendo os quadris feito plástico bolha, e deixou o corpo de Gorgon cair ao chão.

Soltaram gritos das muralhas. Brados de comemoração da SS. O tiroteio foi retomado por ambos os lados.

E então trovões retumbaram em seus ouvidos.

Umas dez janelas estilhaçaram nos prédios vizinhos. Um dos caminhões bloqueando o portão balançou três vezes antes de explodir. Um Seventeen suspendeu seu machado aos céus e se transformou em uma nuvem vermelha da cintura para cima, enquanto o ex logo atrás jorrava litros de sangue escuro e pedaços de carne por todos os lados.

Duas fileiras de fogo destruíram tudo e todos que estavam no caminho. Uma delas cruzou o torso de Rodney, passando por seu ombro após mastigar seu peito ao meio e, enfim, derrubá-lo.

— Ei, bafo podre!

O chão estremeceu quando Cerberus retumbou pelo portão com os canhões em seus braços soltando fumaça.

— Que tal enfrentar alguém do seu tamanho?

W W W

O trovão ecoou pelo terreno e o sujeito da monocelha desviou sua atenção do curativo que fazia no braço retalhado de St. George. O herói segurava firme a longa presa que eles tinham arrancado de seu bíceps.

— É... — Ilya disse antes de derrubar outro ex. — Definitivamente, parece o Juízo Final.

Do lado de fora do portão, uma onda de movimento tomou os zumbis. Eles cambalearam, equilibrando-se em uma das pernas. Os dentes

começaram a matraquear. St. George encolheu os ombros por dentro de sua jaqueta.

— Ahhhh, inferno.

— O que está acontecendo?

St. George olhou para os mortos. Eles se debatiam contra o portão, dando patadas ao léu.

— Acho que a gente conseguiu o que queria. Rodney está distraído e começando a perder o controle.

Billie voltou os olhos à horda matracolejante:

— Isso é bom?

— De certa forma, sim. Alguns minutos atrás, a gente estava cercado por cerca de sessenta mil ex's que o obedeciam.

— E agora?

— Agora, a gente só está cercado por sessenta mil ex's.

Seu walkie-talkie chiou e o semblante de Billie se fechou.

— Precisam de você na entrada principal — ela disse. — A coisa está feia. Derek falou que Stealth desapareceu. E Gorgon foi à lona.

A expressão do herói embruteceu:

— Vocês dão conta de tudo por aqui?

— A gente se garante com os ex's — ela disse com um aceno de cabeça. — Vai lá e acaba com eles.

St. George se atirou aos céus, deixando um rastro de fumaça em direção ao portão Melrose.

Só algumas horas depois é que Billie, Ilya e todo o resto se deram conta de que aquilo não tinha sido um mero salto.

X X X

Cerberus marchou adiante e o chão estremeceu a cada passo. Foi arremessando os ex's que tumultuavam a passagem. Ergueu os braços e sua armadura selecionou sete mil e trinta alvos viáveis. A primeira investida com a M-2s trucidou uma centena de ex's. Ela observou os

contadores de munição decaírem para três dígitos enquanto a segunda investida destruiu dois caminhões e liberou a passagem pelo cruzamento.

Rodney se arrastou em direção ao portão e os zumbis o seguiram. Eles marchavam em perfeita sincronia, com os calcanhares estapeando o asfalto. Os Seventeens avançavam em camionetes e a pé.

Como se fossem um só corpo, os mortos ergueram seus braços e apontaram para ela. Balas ricocheteavam na armadura, provocando faíscas.

— Vamos lá, garotona — o gigante urrou, esmurrando seu próprio peito destroçado, e milhares de ex's o imitaram. — Quer me dar uma última chance de fugir ou você quer lutar?

— Você já teve sua última chance — Cerberus vociferou. — E desperdiçou.

Os canhões trovoaram novamente. Entre as muralhas do Monte e os prédios comerciais ali próximos, o mero som emitido já era uma arma por si só. Os guardas do portão se retraíram. Outros dois caminhões sumiram em meio às nuvens de estilhaços e os Seventeens gritaram. Mais ex's desapareceram entre jatos de sangue escuro e carne apodrecida. Rodney cambaleou para trás e centenas de balas o atravessaram feito um enxame de marimbondos de alto calibre.

Os contadores de munição decaíram para dois dígitos, um dígito, e os canhões retiniram abertos. O silêncio foi ensurdecedor.

Rodney se levantou e montes de carne se desenrolaram de seu estômago. Os intestinos se esparramaram pelo chão e ele os arrancou fora de uma vez.

— Tem alguém que não está prestando muita atenção. — Ele riu. — Tiros e nada são a mesma coisa, e nós nunca ficamos cansados. Vinte minutos com seu herói de brinquedo e ainda estou fresco e pronto para outra.

Ele avançou em direção à armadura e eles ficaram frente a frente. Seus punhos enormes esmurraram o capacete blindado. Deu de joelho contra a virilha do traje de combate, suspendendo Cerberus a uns dez centímetros do chão.

Cerberus suspendeu seu próprio joelho e escutou a pélvis estalar. Ela

o empurrou e atirou sua manopla contra o rosto arrebentado do monstro.

Ele agarrou um dos canos das armas e o retorceu. O metal guinchou quando ele arrancou o canhão do braço da armadura. Dentro do capacete, vários alertas piscaram. Dois subsistemas se desligaram para prevenir um curto circuito.

O gigante ergueu o canhão sobre seu ombro feito um taco e abriu um sorriso. Com um balanço acertou o ombro do traje de combate. O golpe ecoou dentro da armadura, estremecendo os dentes dela. As telas de visão soltaram faíscas e chiaram com a estática.

— Eu sou a encarnação da morte! — ele gritou. — Eu matei Gorgon. Eu matei o mundo. E tudo isso só me deixou ainda mais forte!

— Tudo bem, você é grande e durão — Cerberus disse. — E sabe o que mais?

Ela jogou seu punho adiante com uma crepitação de eletricidade. Os arcos chicotearam Rodney, arremessado ao outro lado da rua com o impacto. A armadura abriu rachaduras no asfalto enquanto seguia em frente, correndo e derrubando ex's, e afundou seus dedos nas costelas do gigante. Ela o suspendeu e um bate estacas estraçalhou o rosto dele. Vários dentes se esparramaram pelo cruzamento.

— Você é de carne — ela gritou. — Eu sou de aço e você não é nada mais do que um pedaço de carne.

O segundo soco esmigalhou a bochecha do monstro e um dos lados do rosto vergou feito massinha de modelar. Ela levou ambos os punhos abaixo, destroçando os ombros de seu oponente.

Todo quebrado, o gigante ergueu os olhos em direção a ela.

— Ele era importante pra você, né?

— Era — a armadura grunhiu.

— Ahhh — o que restava do rosto de Rodney se transformou em um sorriso rachado e maligno. — Sua vida deve ser uma merda.

Cerberus agarrou o crânio dele com seus dedos de aço e o torceu. Escutou-se o barulho de um tronco de árvore se partindo, uma geleira trincando, e a armadura extirpou a cabeça do corpo do gigante. Ela arrancou o único olho bom que lhe restava, levou seu braço para trás e arremessou o imenso naco de osso e carne pelos ares.

O imenso corpo sem cabeça tombou no chão a uns quatro metros de Gorgon, mais ou menos.

E então…

X X X

Tudo ficou um caos.

Gritos ecoaram através do cruzamento e os mortos se voltaram contra seus aliados. Os ex’s atacaram os Seventeens e os marginais sumiram por baixo de mãos e dentes afoitos. Alguns foram pegos de surpresa. Outros morreram lutando.

A situação na entrada do Monte tinha passado de um mero ataque para uma carnificina. Os ex’s não estavam focados ou sendo guiados. Estavam apenas matando. Seus dentes matraqueavam como se em uma escola preparatória para loucos.

Uma camionete parou de repente na estrada de paralelepípedos e Stealth deu uma coronhada na cabeça do motorista. Ela o arrastou de dentro do carro e o jogou em frente ao portão. Os guardas agarraram o Seventeen desnorteado e o arrastaram pela brecha na entrada. Um homem morto de moicano agarrou as pernas da mulher encapuzada, mas ela logo estraçalhou o crânio do ex com um golpe de cassetete.

Uma das outras camionetes dos Seventeens roncou e saiu atravessando a multidão. Os membros da gangue pelo caminho tentavam subir na caçamba. Mais de um deles foram puxados de volta por dedos mortos. Um velho de cabelos brancos e dentes ensanguentados atacou uma mulher com dezenas de tranças. Uma latina de pele acinzentada afundou seus dentes em um sujeito tatuado.

Os guardas empurravam os mortos, tentando fechar o portão. Os corpos entupiam a entrada. Alguns estavam lutando para entrar, outros os puxavam de volta para trás.

Cerberus voltou os olhos ao corpo de Gorgon, retorcido e estirado no asfalto, e viu um Seventeen girando seu rifle feito um taco contra tudo que se mexesse. O garoto tinha dezesseis anos, no máximo, e estava à beira de um colapso nervoso. Estava cercado por coisas mortas e

famintas.

Outra camionete deu a volta e escapuliu. Estava tudo menos vazia. Pessoas gritavam e acenavam e eram ignoradas.

Cerberus esticou os braços e agarrou o garoto, suspendendo-o e o colocando sobre seus ombros. Ele ficou gritando e se debatendo até se dar conta de que estava a salvo. A armadura deu quatro passos em direção ao portão, golpeando os ex's de lado como se fossem moscas, e puxou outro Seventeen do alvoroço.

E então…



St. George despencou do céu, deixando um rastro de fogo por trás dele. Atravessou a rua correndo até chegar ao Portão Melrose. O herói empurrou, forçando a gravidade a ficar de joelhos e exigindo que ela o obedecesse.

E a força da gravidade, após um breve momento de resistência, reconheceu sua superioridade.

St. George, o Poderoso Dragão, pairava sobre o cruzamento, flutuando por cima da multidão. Os restos esfarrapados de seu casaco tremulavam por trás dele. Saía fumaça de sua boca e de seu nariz, rodeando sua cabeça feito uma auréola negra. Na extremidade de seu braço esticado estava o prêmio que ele tinha fisgado no ar.

A cabeça de Rodney.

— A GUERRA ACABOU!

Sua voz ecoou rua afora, sobressaindo-se ao matraquear dos dentes, e uma labareda foi cuspida de sua boca. Ele ergueu a cabeça decepada para que todos pudessem vê-la e depois a jogou em meio à multidão. Os ex's se aprumaram cambaleando atrás da bola de carne e osso.

— Qualquer um de vocês que não esteja usando uma bandana ou um lenço verde é bem-vindo a se refugiar no Monte — ele gritou. — Aos demais, desejo boa sorte no caminho de volta a seu complexo.

Abaixo dele, a multidão de mortos-vivos continuava a agarrar, rasgar e destroçar os Seventeens. O estampido dos dentes abafava a maioria

dos gritos. Alguns conseguiram desbravar caminho de volta às camionetes. Muitos outros foram arrastados e despedaçados.

Perto da muralha, um homem careca de bigode derrubou um ex com um taco de beisebol. Em seguida, rasgou o pano verde amarrado em seu braço e correu em direção ao portão. A mulher ao lado dele fez o mesmo com a bandana que prendia seus cabelos negros.

Os guardas na muralha atiravam para onde conseguiam. Dezenas de Seventeens abriam caminho aos murros rumo ao portão, arrancando os lenços de suas cabeças e rasgando os emblemas de suas roupas. Cerberus derrubava ex's por todos os lados enquanto seguia marchando em frente pela estrada de bloquetes.

St. George flutuou por cima da multidão até chegar ao portão. Assim que pousou no chão, saiu empurrando os mortos-vivos como se fossem bonecos. Treze Seventeens passaram cambaleando por ele em direção à entrada estreita.

O herói acertou um soco em um último ex, um sujeito esquálido vestido com uma roupa imunda de Papai Noel, que o lançou pelos ares. Deu três passos para trás e o portão se fechou com um baque agudo.

Cerberus escorou seu pé largo e sua mão de três dedos contra a barra de travamento e fez um sinal a Derek com a cabeça.

— Deixa comigo. Vá encontrar outro ferrolho pra você.

Stealth mantinha mais de cem Seventeens ajoelhados ao pés da guarita, com seus dedos entrelaçados atrás de suas cabeças. Dez ou vinte deles estavam chorando. Alguns dos guardas também.

Katie respirou fundo algumas vezes e olhou para St. George:

— É impressão minha — ela suspirou — ou a gente acabou de sobreviver a tudo isso?



A capa estava toda esfarrapada, mas eu já tinha me acostumado com isso. Com ela se desmanchando gradualmente daquele jeito, acabou sendo como andar de bicicleta com rodinhas. Ela estava aos frangalhos, mas eu podia voar melhor do que nunca. Da próxima vez que saísse, estava disposto a jogar tudo no lixo. Pra ser honesto, a maior parte da minha fantasia de dragão estava arruinada. Rasgões, buracos, umas manchas que nunca iriam sair.

Stealth pediu pra me encontrar ao pôr do sol no topo do Kodak Theatre em Hollywood e Highland. Era meio que um cartão postal. Realizavam lá a premiação do Oscar. Logo abaixo de mim, uma tela retrátil enorme que estava em branco fazia dois meses e meio. Empatando o caminho do outro lado da rua, um tiranossauro de fibra de vidro atravessava a fachada de um edifício com um relógio em sua boca. Eu guardava uma certa simpatia por aquele bicho, que já devia ter desistido e se extinguido de uma vez, mas continuava lutando.

Aquele cruzamento já tinha sido um dos mais movimentados da cidade. A versão de LA pra Times Square. Agora, era apenas um cenário composto por sete carros engavetados e os destroços carbonizados de dois Humvees da Guarda Nacional. Highland era um cemitério de automóveis até onde a vista podia alcançar em qualquer direção. Em pelo menos um terço dos carros, aquelas coisas estavam se debatendo sobre os para-brisas. Eu podia ver mais uns trezentos ex's vagando entre as carcaças de metal.

A gente tem que matar os ex's mais rápido do que eles estão matando a gente. Essa foi a lição aprendida, tarde demais. Todas as pessoas que eles matam retornam à vida do lado deles. Se eles matam um da gente e a gente mata um deles, a gente fica com um a menos e eles permanecem com o mesmo número. Zumbis são tipo as contas do cartão de crédito. Se você ficar pagando só o mínimo, nunca vai se dar bem.

E a gente não estava se dando bem. Não existia a menor possibilidade de encarar a situação de outra maneira. Eu estava dormindo três horas por noite e não conseguia nenhum progresso. Banzai estava morta. Blockbuster estava morto. Cairax estava morto. Regenerator estava aleijado e impotente. Apesar de dezenas de boletins de emergência e cursos de treinamento, o número de ex's só fazia crescer. Era quase inevitável.

O sol despontou no horizonte.

— Obrigada por me encontrar.

Stealth permaneceu a uns quatro metros de mim. Como de costume. Deus do céu, como ela era gostosa.

— Bem, era isso ou aproveitar o tempo pra comer alguma coisa — eu disse. Ela não riu, então eu tossi e tentei desconversar. — O que acontece?

— Você não está mais escondendo sua identidade?

Eu olhei pra máscara preta e verde na minha mão. A face do Mighty Dragon, o dragão todo poderoso.

— Bem, a meu ver, isso é indiferente. Tenho certeza de que você já sabe quem eu sou. Provavelmente onde moro e em quem votei nas últimas três eleições. Quanto a todos os outros... — Lancei outro olhar

em direção à metrópole escurecida e dei de ombros. — Não acho que tenha sobrado gente o bastante para que valha a pena o esforço de ficar mantendo uma identidade secreta.

Ela assentiu:

— Eu gostaria de discutir nossas opções, George.

— O que você quer dizer com isso?

Seus quadris pareceram mais um pêndulo maravilhoso por baixo do manto camuflado quando ela se aproximou caminhando pra se colocar ao meu lado. Ficamos observando a cidade moribunda.

— Los Angeles está perdida.

Até onde eu sabia, ninguém tinha dito isso ainda. A gente continuava lutando, continuava resguardando quarteirões e estações. Cerberus desbravou seu caminho sobre a colina com metade de um pelotão de fuzileiros navais e limpou uma boa extensão da Sunset Boulevard no processo. Gorgon estava protegendo a base na Hollywood com Cahuenga, usando os sobreviventes como baterias pra manter sua força carregada. Zzzap ainda tentava dividir seu tempo entre quatro cidades diferentes.

— É. Eu sei.

— Com isso entendido — ela disse —, acredito que nossas energias seriam mais bem aproveitadas agora se nos preparássemos pra um cerco prolongado. Eu tenho um lugar seguro onde podemos proteger um bom número de pessoas. Alguns preparativos já foram feitos.

— Não tem nenhum tipo de plano governamental que a gente deve seguir? Eles devem ter planejado alguma coisa.

Ela sacudiu a cabeça:

— O Estado da Califórnia e do CDC tinham, cada um, três possíveis planos de contingência no caso de um grande surto viral em Los Angeles. Todos os seis se mostraram impossíveis, quer por falta de recursos quer porque o surto se espalhou além dos parâmetros de contenção estabelecidos. Em circunstâncias ideais, a única opção deles neste momento seria a esterilização.

Demorou um pouco pra que isso entrasse na minha cabeça.

— Espera um pouco... Você está falando o quê, que eles vão jogar

uma bomba atômica na cidade ou coisa do tipo?

A mulher encapuzada deu um aceno de cabeça.

— Esse seria o plano B do CDC diante de uma epidemia tão virulenta e perigosa assim. No entanto, a doença já está difundida demais. Nem destruindo todas as cidades do país ela seria eliminada, e de qualquer forma não há pilotos suficientes pra realizar o número necessário de missões.

— Mas então... o que eles pretendem fazer?

— O CDC em Atlanta parou de responder aos chamados há dezessete horas. Zzzap investigou e não conseguiu ver sinal algum no prédio de comando deles. Ele acha que foi invadido ou abandonado.

— Abandonado?

— A Air Force One sumiu do rádio. O governador está desaparecido e sua mansão foi destruída pelos manifestantes. Estamos agindo por conta própria.

— Jesus amado.

Escutei um ruído no piso do telhado e me dei conta de que tinha deixado a máscara cair. Ela continuou falando com a mesma voz calma, como se o fim do mundo fosse algo com que ela lidasse o tempo todo.

— Ainda há milhares de sobreviventes espalhados por toda a cidade. Pessoas que conseguiram resistir em prédios fortificados ou conjuntos habitacionais. Indivíduos, famílias e, em alguns lugares, cheguei a ver até grupos de algumas dezenas de pessoas. Nossa prioridade máxima será chegar até esses sobreviventes e reuni-los em um único local seguro.

— No que você pensou?

Ela apontou em direção ao sudeste.

— Você conhece o Paramount Studios?

— Sim, é claro.

— Pouco menos de trinta hectares de área. Cinco entradas principais, duas menores, todas facilmente bloqueáveis. Dois túneis subterrâneos. Os muros têm mais de três metros no ponto mais baixo, mais ao nordeste, e são recobertos por estacas encurvadas de metal. É ideal pra uma fortaleza.

Eu tentei visualizar os grandes portões de ferro forjado.

— Não daria pra dizer o mesmo sobre a maioria dos estúdios? Acho que o Universal City é maior.

Ela discordou, sacudindo a cabeça:

— Eu venho fazendo várias observações e acredito que o Paramount tem a melhor combinação entre recursos já existentes, defensabilidade e potencial a longo prazo.

— E onde é que a gente entra nisso?

— Sempre haverá trapaceiros dentro e fora dos portões. Devemos servir como protetores e guardiões até que algum sistema de governo possa ser reintegrado.

— Você e eu?

— Todos nós que sobramos aqui em Los Angeles. Eu, você, Gorgon, Zzzap, Midknight, Cerber...

— Midknight está morto.

Ela se contraiu:

— O quê?

— Ontem. Você não sabia? Ele foi soterrado pelos ex's em um dos postos de controle perto do Hollywood Bowl. — Eu cocei minha nuca. — Mas ele já está andando de novo.

— Sei...

— Você pensou que não seria capaz de cometer erros?

— Todo mundo comete erros. Eu simplesmente cometo muito menos do que a maioria.

— Pra ser honesto, fiquei surpreso que ele tenha durado tanto. O poder dele era um tanto defensivo, sabe? Nada muito bom contra ex's.

— Você se livrou do corpo dele?

Dei de ombros e passei a mão por trás da cabeça. Meus cabelos estavam longos, passando a nuca. Do chão, minha máscara me encarou. Eu sabia que não ia pegá-la de volta. Mighty Dragon, o Poderoso Dragão, morto no telhado do Kodak Theatre. Mais outro ex-herói.

— Eu o levei até Griffith Park. É onde estou descarregando nosso pessoal, no caso de eles se transformarem.

— Ele pode ser perigoso se seus poderes ainda estiverem ativos.

— Eles estão. Ele provavelmente é.

Voltei o olhar novamente ao longo da metrópole sem vida e expeli um pequeno rastro de fumaça do meu nariz.

— George?

— Eu tive que acabar com o Blockbuster na semana passada, sabe. Eu era a única pessoa forte o suficiente pra quebrar o pescoço dele.

— Ele estava causando uma quantidade fenomenal de danos materiais como um ex. Foi andando em linha reta por sete quarteirões de Beverly Hills. Mais de quarenta e três estruturas foram destruídas.

O dia estava quase acabando. O céu ardia em tons alaranjados e as sombras se estendiam por toda a cidade. Eu não tinha visto um pôr do sol em mais de um ano.

— Tem sido um longo verão. Eu não estava com vontade de matar mais uma pessoa que conhecia. Se você quiser, posso te levar até onde o joguei e você pode matá-lo. Não vai ser difícil encontrá-lo.

Ela não respondeu e, por um breve momento, pensei que ela tivesse desaparecido de novo.

— Isso não será necessário.

— Que bom. — Eu a encarei nos olhos. — Então, qual é seu plano pra salvar Los Angeles?

— Você é um símbolo entre heróis e civis. Eles todos vão aceitar suas recomendações e seguir você para onde for. Nós podemos começar a entrar em contato com os sobreviventes e guiá-los até o Monte[2].

— O Monte?

— Uma abreviação simples. Transmite uma sensação de estabilidade e de defesa ao invés de lembrá-los das ilusões criadas pelos filmes.

— Bom ponto.

— Acredito que nós possamos levar pra lá a maioria dos sobreviventes da cidade em quatro a seis semanas. Com algumas perguntas e relatório simples, devemos ser capazes de reestruturar uma

população de forma ideal e equilibrada. Médicos, professores, engenheiros e outros mais que serão úteis a longo prazo. Acredito que poderemos, então, prepara...

— Não.

Ela se contraiu novamente.

— O quê?

— Não. — Foi um momento de clareza. Um dos primeiros que tinha tido em várias semanas de decisões difíceis e perdas consideráveis. — Se a gente fizer isso, se você quiser minha ajuda, não vai ser um processo de seleção estúpido onde algumas centenas de pessoas são escolhidas porque a gente decidiu que valem a pena. Vamos simplesmente salvar todos que pudermos.

— O terreno do estúdio não tem como suportar milhares de pessoas.

— Do jeito que está, não. Mas podemos adaptar os edifícios e transformá-los em moradias, o mesmo com os jardins, sair fazendo modificações que talvez funcionem. Eu não vou fazer parte de um plano que implica deixar a maioria das pessoas do lado de fora pra que se cuidem por conta própria.

— A seleção limitada é nossa melhor esperança de sobrevivência.

— Se essa é nossa melhor esperança, então não devemos sobreviver.

Sua cabeça inclinou levemente. Eu tinha amigas mulheres suficientes pra reconhecer aquele olhar.

— Olhe — eu disse —, isso vai soar muito estúpido, mas você tem que entender uma coisa. — Passei a mão por todo o traje de escamas vermelhas; estava manchado e puído, mas ainda brilhava à luz do sol se pondo. — Você me chamou de símbolo, e está certa. Esse traje significa alguma coisa. Não sou eu vivendo uma fantasia de infância ou qualquer coisa do tipo. Trata-se de esperança.

— Esperança?

Respirei fundo e a fumaça fez uma curva em torno de minha cabeça quando deixei o fôlego escapar por entre os dentes.

— Sabe qual era meu programa favorito na televisão quando criança?

Aquele mesmo olhar de novo.

— Eu não faço a menor ideia.

— *Doctor Who*. Uma série britânica de ficção científica.

— Eu sei qual é. Christopher Eccleston, David Tennante e Matt...

— Não. A nova série é ótima, mas cresci com a antiga. A que tinha aquele monstro de borracha de baixo orçamento, com Tom Baker e Peter Davison. Eu passava o dia assistindo àquilo na PBS quando era criança.

Levei os olhos às ruínas sombrias de Hollywood, aos vultos cambaleantes que pontilhavam as ruas até onde a vista conseguia alcançar. A única outra pessoa com vida no raio de um quilômetro estava de pé às minhas costas, perscrutando minha mente com os olhos.

— O Doctor não tinha superpoderes ou armas ou qualquer coisa do tipo. Ele era apenas um cara muito inteligente que sempre tentou fazer a coisa certa. Pra ajudar as pessoas, não importasse o quê. Isso me surpreendia quando criança. A ideia de que, não importasse o quanto o mundo parecia frio e insensível e cruel, tinha alguém lá que só queria tornar a vida um pouco melhor. E não era melhor pro mundo ou pra países, de alguma maneira assim tão vaga. Apenas melhor pras pessoas que tentavam viver suas vidas, mesmo que elas não soubessem nada sobre ele.

Eu me virei de frente pra ela e toquei meu peito.

— É isso que esse traje sempre significou. Não pra assustar as pessoas, como você ou Gorgon fazem. Não é algum tipo de dramatização fantasiosa pseudossexual ou sentimentos reprimidos. Eu uso essa coisa, todas essas cores brilhantes, porque quero que as pessoas saibam que alguém está tentando tornar suas vidas melhores. Quero dar esperança a essas pessoas.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo.

— Eu entendo.

— Que bom. Porque eu não vou deixar você fazer o que você está falando que vai fazer. Eu não vou escolher a dedo as pessoas que você considerar “úteis” e deixar todo o resto morrer.

Ela me encarou por um longo tempo. Podia sentir seu olhar mesmo por trás da máscara. Então ela enfim assentiu com a cabeça:

— Se você acha que esse é o caminho certo, vou confiar em seu julgamento.

Deixei escapar um suspiro que nem mesmo sabia estar prendendo e acenei de volta.

— Isso vai exigir mais esforço, mas devemos conseguir resgatar a maioria dos sobreviventes — ela disse.

— Obrigado.

— Como estava dizendo antes, com suas garantias, devemos ser capazes de levar a maioria dos sobreviventes ao Monte dentro de quatro a seis semanas. Essa estimativa deve se manter mesmo com o escopo ampliado da empreitada.

— Como podemos garantir-lhes que vai ser seguro?

— Você e Cerberus podem reforçar as entradas.

— Com o quê?

— Veículos de produção e caminhões. Qualquer um de vocês dois pode virá-los de cabeça pra baixo e posicioná-lo de maneira adequada, formando paredões firmes em todos os portões. Quando as instalações estiverem bem vedadas, Zzzap poderá vasculhar tudo aquilo em uma hora. Podemos ter o terreno limpo e seguro em dois dias.

— Mas como é que a gente vai mantê-lo limpo? Eu vi nos filmes. As pessoas podem entrar já estando infectadas.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não há evidências de que o vírus possa ser transmitido senão por meio do contato com sangue. Todos os sobreviventes serão revistados em busca de mordidas ou ferimentos antes de serem autorizados a entrar.

Pensei um pouco sobre a ideia.

— Isso não vai dar muito certo com esse tanto de gente.

— É necessário. Nossa principal preocupação deve ser no sentido de manter o Monte limpo e livre da infecção.

— E a gente? Me perdoe pela referência, mas... quem vigia os vigilantes?

— Você, Zzzap e Cerberus são efetivamente imunes, já que os ex’s

não são capazes de atingir suas respectivas correntes sanguíneas. Vocês três vão observar e analisar o resto de nós atrás de mordidas ou uma possível infecção.

— Você vai se submeter a uma revista? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.

Stealth inclinou a cabeça e pude sentir seu olhar congelante.

— Eu vou permitir que Cerberus examine meu corpo tanto quanto ela julgar necessário. No mais, não existe a menor possibilidade de que um ataque em minha cabeça ou em meu rosto possa ser escondido.

— Então tudo bem — eu disse, banindo aquele tipo de pensamento. — O que a gente vai fazer se eles não quiserem vir?

— Você acha que eles vão duvidar de nós?

Voltei os olhos à cidade.

— Acho que as pessoas estão duvidando de tudo agora. Depois de alguns meses de lei marcial e dos mortos-vivos, a gente vai ter uma batalha difícil pela frente pra fazer com que eles acreditem que alguma coisa possa estar bem.

— Não tenho dúvidas de que você pode convencê-los de que estarão completamente seguros dentro do Monte. Toda a população de Los Angeles o venera como se fosse um santo.

2. Em inglês, “mount”, de Paramount (N. T.).



St. George estava na torre da caixa-d’água, observando a cidade às escuras. O céu ficava cada vez mais claro, mas a noite ainda mantinha sua posição no horizonte. Alguns dos ex’s tinham partido, errantes, mas milhares ainda cercavam as muralhas do Monte. Ele podia ouvir o matraquear dos dentes ecoando no ar.

— Eu imagino que essa vista já tenha sido impressionante alguns anos atrás.

Stealth estava atrás dele, com uma das pernas apoiada no cone íngreme do topo da torre.

— E era. Cheguei a vir aqui uma ou duas vezes.

Ele deu um passo de lado no vazio, segurando a antena para manter o equilíbrio. Ela precipitou alguns passos para ficar ao seu lado e apontou para a tipoia que ele usava.

— Cheguei a pensar que você estaria confinado à cama.

— Uma das alegrias de se ter superpoderes. Você quase sempre pode ir a algum lugar onde o médico não possa alcançá-lo.

— Você vai se recuperar?

— Sim, sim. — Ele levantou o braço enfaixado. — As feridas não eram assim tão más. Bem, considerando todo o resto.

— E o vírus?

St. George sacudiu a cabeça.

— A doutora Connolly está admirada. Fazia mais de um ano que ela vinha pedindo uma amostra do meu sangue. Aparentemente meu sistema imunológico é tão poderoso que está matando tudo o que Cairax despejou em mim. Meus glóbulos brancos são a cura pra hepatite, malária, HIV, praticamente qualquer coisa que você puder imaginar.

— Isso não me surpreende.

O herói concordou.

— Só é uma merda o fato de ser totalmente impossível chegar ao meu sangue depois que me curar.

— Sempre o doador — ela disse. — Sempre o santo.

— Isso foi uma piada?

— Talvez.

— Eu acho que o dia de hoje é um milagre em vários aspectos, então.

As montanhas ao leste ardiam aos primeiros raios do sol. Eles assistiam às sombras recuando. Uma luz automática cintilou e despontou através do Monte, rumo ao Estúdio Quatro, onde Zzzap tratou de relaxar um pouco na cadeira elétrica.

— E então — o herói perguntou —, o que você vai fazer com Josh?

Stealth inclinou a cabeça para analisar os jardins sombrios abaixo da torre da caixa-d’água.

— Eu não sei — ela admitiu. — É certo que a população vai acabar ficando sabendo do que ele fez, mas já não estou mais assim tão confiante de que eu seja capaz de decidir a punição pra um crime dessa magnitude.

— E ele nem pode ser morto — St. George acrescentou.

— Pois é. O que limita nossas opções. Cerberus vem o mantendo

trancado em uma cela por ora. Acho que ela quer que ela morra de fome.

Ele suspendeu o queixo:

— A gente não devia estar fazendo isso.

— Eu concordo.

— Obrigado.

— Há questões maiores a se considerar — a mulher encapuzada disse. — Os Seventeens estão desmantelados. No momento, somos a única força significativa que sobrou em Los Angeles.

— Quantas pessoas restaram no pequeno reino deles?

— Quase dezenove mil. Agora com o mínimo de recursos e proteção.

— Sem chance de a gente acomodar todos eles no Monte.

— Chance nenhuma.

Os prédios mais altos da cidade já estavam resplandecendo. St. George observou o distante aglomerado em Century City e pensou nas equipes de trabalho que ele tinha visto.

— Zzzap e Cerberus podiam ir pra lá. Forneceriam energia por um tempo, fora o fato de que ela definitivamente impõe moral. A gente seria capaz de se virar com os geradores e os painéis solares.

— Uma solução temporária adequada. Vamos precisar de uma a longo prazo, no entanto.

Ele sorriu.

— Pra você dizer isso, significa que já existe uma.

— O Gower Street Studios fica a seis quarteirões ao norte de onde estamos. Ren-Mar fica a quatro quarteirões a oeste. Eles são substancialmente menores, mas seria possível adaptar os estúdios em moradias do mesmo jeito que fizemos aqui. Nós poderíamos fazer o mesmo com o Raleigh Studios.

— Você sempre disse que o Raleigh era muito difícil de ser defendido. E ainda não haveria espaço o bastante.

— É um começo.

Ele lançou o olhar rumo às estradas no entorno das muralhas do Monte.

— E quer saber? A gente poderia fazer o que eles fizeram. Usar os carros pra bloquear as ruas. Poderíamos ampliar nosso perímetro, colocar todos os quatro estúdios dentro de uma grande muralha. Uma zona de segurança. Daria um certo trabalho, mas poderíamos isolar da Sunset até a Beverly, e da Vine até a Western.

— Isso daria quase um quilômetro quadrado e meio. Difícil de se patrulhar.

— Não com outras dezenove mil pessoas.

— Levaria quase um ano.

— Provavelmente.

Stealth passou os olhos pelo terreno.

— Você acha que a população em geral estaria disposta a começar um projeto como esse?

— Pra se ter alguma esperança, um propósito real? Sim, acho que eles topariam isso. Acho que eles fariam praticamente qualquer coisa pra poder imaginar um futuro melhor.

Mais a oeste, a noite ainda concentrava sua escuridão para um último aceno. A leste, o negrume havia dado lugar a um azul escuro, e depois a um tom mais claro. Por todo o Monte, alguns pássaros chilreavam e cantarolavam.

— Será que vai ser?

— O quê?

— Eu sou pessimista por natureza, George. Será que o futuro vai ser melhor?

Ele baixou os olhos em direção a seus lares.

— Vai sim. O que eu quero dizer é que, no fim, tudo se resume a isso, não? Podemos ficar sentados aqui se preocupando com o que pode acontecer ou podemos pode sair por aí e não medir esforços pra fazer a diferença. — Ele deu de ombros. — Somos super-heróis. Vamos torná-lo melhor. É isso que a gente faz.

Ela acompanhou o olhar dele e assentiu.

— Karen.

— Hein?

A mulher encapuzada permaneceu mirando o horizonte através do Monte enquanto as sombras desapareciam.

— Meu nome é Karen.

St. George esboçou um comentário, mas pensou melhor. Ele lhe deu um aceno de cabeça enquanto o sol irrompia sobre as montanhas distantes.

— Tudo bem, então — ele disse, dando um passo solto no ar. — Temos trabalho a fazer.

AGRADECIMENTOS

Ainda me encanta o fato de como alguns diálogos aleatórios podem, de alguma forma, ser misturados a um punhado de super-heróis que eu inventei na escola de modo que um romance seja criado em apenas alguns meses. Mais ainda, um romance que alguém pudesse querer ler. E, é claro, as coisas não poderiam ter acontecido tão rápido sem a ajuda de algumas pessoas. Com isso em mente, permitam-me fazer alguns agradecimentos do fundo de meu coração...

Para Ilya, que imaginou a melhor maneira de se defender um estúdio de cinema dos mortos-vivos e que me forneceu mais informações sobre como fazê-lo do que eu poderia usar em um livro.

Para Doug, que me emprestou sua própria criação de infância, Awesome Ape.

Para os proprietários, funcionários e frequentadores de um pequeno mundo conhecido como M’Dhoria. Vocês não estariam lendo isso se

esse mundo ainda existisse, então tentei fazê-lo viver um pouco aqui.

Para Jen, Larry, Gillian e Marcus, que leram os primeiros rascunhos deste romance, fizeram algumas considerações e me convenceram de que eu não estava desperdiçando meu tempo de todo. Obrigado em dobro para David, que merece receber muito mais do que os poucos drinques com os quais eu o compro quando estamos na mesma cidade.

Para minha mãe, Sally, que leu inúmeras páginas mal escritas de ficção científica, literatura fantástica e fanfics de *Star Wars* (muito antes de existir esse termo), e ainda assim sempre me incentivou a continuar. Mesmo quando se horrorizava de todas as maneiras possíveis.

E, finalmente, para Colleen, o maravilhoso amor da minha vida, com quem eu sempre posso contar para ser minha interlocutora, minha crítica, minha editora, e para me tranquilizar ou me dar um chute de leve (dependendo do que um determinado dia pede).

P.C.

Los Angeles, 16 de janeiro de 2009.

SOBRE O AUTOR

Peter Clines cresceu em Rei Stephen, zona de precipitação de Maine, e começou a escrever ficção científica e histórias fantásticas aos oito anos, com seu primeiro “romance épico”, *Lizard Men from the Center of the Earth*. Aos dezessete, vendeu seu primeiro texto para um jornal local; desde então, trabalhou como *ghostwriter* em dois livros, publicou um punhado de contos, e o primeiro roteiro que escreveu acabou abrindo uma porta para sugerir suas ideias às histórias de *Star Trek: Deep Space Nine* e *Voyager*. Depois de trabalhar na indústria do cinema e da televisão por quase 15 anos, escreveu inúmeros artigos e resenhas para a *Creative Screenwriting Magazine* e para sua newsletter on-line gratuita, *CS Weekly*, em que entrevistou dezenas dos maiores roteiristas de Hollywood e estrelas em ascensão. Atualmente, vive e escreve em algum lugar de Los Angeles.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - www.novoseculo.com.br

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @NovoSeculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

